VIXI LIBER ET MORIAR
FAIRE SANS DIRE
Ruth and McKew
Parr
Their book
Lo que nos importa
Hostis Victus est.
SANS DIEU RIEN

G. F. Machado f.

No Frontispicio

DA ASIA
DE
JOÃO DE BARROS
E DE
DIOGO DE COUTO

NOVA EDIÇÃO

OFFERECIDA

A SUA MAGESTADE

D. MARIA I.

RAINHA FIDELISSIMA

&c. &c. &c.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVIII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

SENHORA

NO mesmo Real Decreto, por que o Senhor Rey D. José I. Augusto Pai de Vossa Magestade, foi servido

crear a Regia Officina Typografica, foi tambem ſabiamente ordenado, que nella ſe foſſem reimprimindo os Authores mais claſſicos, e mais bem reputados da Hiſtoria Portugueza. Porque ſendo toda a Hiſtoria, como obſervou Tullio, a directora da vida, e a meſtra dos coſtumes; na Portugueza, onde ſe acham tão heroicos exemplos de virtude, honra, e valor, teriam os Vaſſallos util inſtrucção, a Patria eſpecial gloria. Deo-ſe princípio ao Real Projecto pelos Commentarios do governo, e acções do grande Affonſo d' Alboquerque na India; pois que além de ſer eſta huma Obra mais pequena em volume, pareceo de mais a mais juſto, que ſe déſſe a primazia da Impreſsão a quem a tivera no me-

re-

recimento. Seguíram-ſe as Decadas do inſigne João de Barros, que agora tenho a honra de offerecer a VOSSA MAGESTADE; e ſeguir-ſe-hão brevemente as de Diogo de Couto, que são continuação humas das outras.

He João de Barros ſem controverſia o Eſcritor mais grave que tem a Hiſtoria Portugueza, ou ſe conſidere a grandeza da materia, ou a do eſtilo. A materia são os glorioſos deſcubrimentos de novas terras, e de novos climas, que os Capitães Portuguezes fizeram no eſpaço de cem annos, que decorrêram deſde o Senhor REY D. JOÃO I. Fundador ſempre memoravel da Sereniſſima Caſa de Bragança, até o Senhor REY D. MANOEL ſeu benefico Ampliador, e Exaltador. Deſcu-

cubrimentos tão ousados na empreza, tão vastos nos Dominios, tão felices no successo, que sem hyperbole se póde dizer, que á vista delles foi pouco quanto os antigos Gregos, e Romanos fizeram nas suas expedições militares do mar, e da terra. A grandeza do estilo he em tudo igual á dos feitos; de sorte que na narração das Conquistas Portuguezas he João de Barros justamente comparado com Tito Livio entre os Latinos; não só por dividir em Decadas toda a sua Obra, mas tambem pelo igualar no modo grave, e sizudo com que as escreveo.

Oh! se entre as urgentissimas, e continuas occupações, que he forçoso executem cada dia as attenções de huma RAYNHA

NHA HEREDITARIA, quizeſſe a boa ventura dar a VOSSA MAGESTADE alguns breves intervallos de ocio para paſſar pelos olhos algumas folhas das Decadas de João de Barros, aſſim como os teve o Senhor REY D. MANOEL para ouvir ler alguns cadernos do ſeu Clarimundo!

Primeiramente no anno de 1420, admiraria VOSSA MAGESTADE a hum João Gonçalves Zarco dando princípio, com o deſcubrimento das Ilhas do mar Atlantico, á navegação, e commercio da Ethiopia, deſde Guiné até os Abixins. Admiraria, no anno de 1423, a hum Bartholomeu Dias pondo varios Padrões do nome Portuguez no grande Cabo de Boa Eſperança em diſtancia de mil e quinhentas leguas do por-

to

to de Lisboa. Admiraria, no anno de 1497, a hum Vasco da Gama passando com huma Armada Real além do mesmo Cabo outras mil e quinhentas leguas, até ir arrostar a potencia, e soberba do Çamorim de Calecut; assentar Tratados de commercio com os Reys de Cochim, Cananor, e Coulão; voltar a Lisboa carregado das especiarias, e drogarias do rico Malabar. Admiraria, no anno de 1500, a hum Pedralvares Cabral descubrindo nas Terras de Santa Cruz, ou do Brasil hum novo Mundo, de cujo ouro, e diamantes abunda hoje toda Europa. Admiraria, no anno de 1505, a hum Dom Francisco d' Almeida mettendo debaixo do jugo Portuguez os Reynos de Quiloa, e Mombaça;

ça; a ſeu filho D. Lourenço deſbaratando as Armadas de Calecut; paſſando a Ceilão, e dando viſta ás Maldivas. Admiraria finalmente deſde o anno de 1508, até 1514, a hum Affonſo d'Alboquerque fazendo tributarios á Coroa de Portugal os Reynos de Ormuz, Goa, e Malaca, e obrigando todo o Oriente a pagar pareas em pérolas, e rubins ao Senhor REY D. MANOEL.

Pela meſma lição recordaria VOSSA MAGESTADE com que fundamento o Senhor REY D. JOÃO II. ajuntou aos antigos Titulos de REY de Portugal, e dos Algarves, o de *Senhor de Guiné*: Com que fundamento tambem o Senhor REY D. MANOEL accreſcentou ao Titulo de *Senhor de Guiné* o outro ainda mais pom-

po-

poſo, *da Conquiſta, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Perſia, e India.*

Pela meſma lição ſe faria preſente a VOSSA MAGESTADE qual foſſe o princípio, e motivo das muitas Doações, Honras, e Mercês, com que os ditos Senhores Reys agalardoáram os avultadiſſimos ſerviços daquelles Heroes, de que com razão ſe prezam de ſer Netos os que hoje fórmam a Corte a VOSSA MAGESTADE.

Eſte he em ſomma, AUGUSTA RAYNHA, o aſſumpto das Decadas de João de Barros, deſempenhado por elle com huma exacção, e pontualidade, que lhe conciliam fé, e credito de Author original. Por aqui comprehende já VOSSA MAGESTADE qual ſeja a importancia da Obra; qual

a

a utilidade, que ſe póde eſperar da ſua reimpreſsão. Póde-ſe dizer, que eſtas Decadas são para VOSSA MAGESTADE os Titulos dos ſeus Dominios Ultramarinos: são para os Grandes do Reyno as provas dos ſeus illuſtres Avoengos.

Entre tanto, por mais eſmerada que foſſe a diligencia que puz em que huma tal Obra, tanto no aſſeio do papel, como na elegancia dos caracteres: tanto no bem tirado das effigies, como na exacção dos mappas, ſahiſſe digna de apparecer na Real Preſença de VOSSA MAGESTADE, eu reconheço, e confeſſo, que não he outro o meu merecimento, que o de obedecer ao que ſe me mandou. Ainda aſſim as experiencias que tenho da innata

ta Clemencia, e Real Grandeza de Vossa Magestade me animam a confiar, que eſte meſmo deſempenho do que era eſtreita obrigação minha, mo reputará Vossa Magestade em ſerviço, para me continuar em todo o tempo os benignos effeitos da ſua Real beneficencia, e protecção.

DE VOSSA MAGESTADE

Lisboa 25 de Fevereiro de 1778.

Humiliſſimo ſervo
Nicoláo Pagliarini
Director geral da Regia Officina Typ.

DA ASIA

DE

JOÃO DE BARROS

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram na conquista, e descubrimento das terras, e mares do Oriente.

DECADA PRIMEIRA

PARTE PRIMEIRA.

AO MUITO PODEROSO,

E

CHRISTIANISSIMO PRINCIPE

ELREY DOM JOÃO

NOSSO SENHOR,

DESTE NOME

O TERCEIRO DE PORTUGAL.

PROLOGO

DE JOÃO DE BARROS

EM AS PRIMEIRAS QUATRO DECADAS

DA SUA ASIA

Dos feitos que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente.

TODALAS cousas, MUITO PODEROSO REY, E SENHOR NOSSO, tem tanto amor á conservação de seu proprio ser, que quanto lhe he possivel trabalham em seu modo por se fazerem perpétuas. As naturaes, em que sómente obra a Natureza, e não a industria humana, cada huma dellas em

si

ſi meſma tem huma virtude generativa, que quando Divinamente são diſpoſtas, ainda que periguem em ſua corrupção, eſſa meſma Natureza as torna renovar em novo ſer, com que ficam vivas, e conſervadas em ſua propria eſpecie. E as outras couſas, que não são obras da Natureza, mas feitos, e actos humanos, eſtas porque não tinham virtude animada de gerar outras ſemelhantes a ſi, e por a brevidade da vida do homem, acabavam com ſeu author: os meſmos homens por conſervar ſeu nome em a memoria dellas, buſcáram hum Divino artificio, que repreſentaſſe em futuro o que elles obravam em preſente. O qual artificio, pero que a invenção delle ſe dê a diverſos Authores, mais parece per Deos inſpirado, que inventado per algum humano entendimento. E que bem como lhe aprouve, que mediante o padar, lingua, dentes, e beiços, hum reſpiro de ar movido dos bofes, cauſado de huma potencia, a que os Latinos chamam *affatus*,

tus, ſe formaſſe em palavras ſignificativas, pera que os ouvidos, ſeu natural objecto, repreſentaſſem ao entendimento diverſos ſignificados, e conceptos ſegundo a diſpoſição dellas; aſſi quiz, que mediante os caracteres das letras, de que uſamos, diſpoſtas na ordem ſignificativa da valia, que cada Nação deo ao ſeu Alfabeto, a viſta, objecto receptivo deſtes caracteres, mediante elles, formaſſe a eſſencia das couſas, e os racionaes conceptos ao modo de como a falla em ſeu officio os denuncía. E ainda quiz, que eſte modo de elocução artificial de letras, per beneficio de perpetuidade, precedeſſe ao natural da falla; porque eſta, ſendo animada, não tem mais vida, que o inſtante de ſua pronunciação, e paſſa á ſemelhança do tempo, que não tem regreſſo; e as letras, ſendo huns caracteres mortos, e não animados, contém em ſi eſpirito de vida, pois a dam ácerca de nós a todalas couſas. Cá ellas são huns elementos, que lhe dam

affiftencia, e as fazem paffar em futuro com fua multiplicação de annos em annos per modo mais excellente do que faz a Natureza; pois vemos, que efta Natureza pera gerar alguma coufa, corrompe, e altera os elementos de que he compofta; e as letras, fendo elementos de que fe compõe, e fórma a fignificação das coufas, não corrompem as mefmas coufas, nem o entendimento, (pofto que feja paffivo na intelligencia dellas pelo modo de como vem a elle;) mas vam-fe multiplicando na parte memorativa per ufo de frequentação tão efpiritual em habito de perpetuidade, que per meio dellas no fim do Mundo tão prefentes ferão áquelles que então forem, noffas peffoas, feitos, e ditos, como hoje per efta cuftodia literal he vivo o que fizeram, e differam os primeiros, que foram no principio delle. E porque o fruto deftes actos humanos he mui differente do fruto natural, que fe produz da femente das coufas, por efte natural fenecer

no

no meſmo homem, pera cujo uſo todas foram creadas; e o fruto das obras delles he eterno, pois procede do entendimento, e vontade, onde ſe fabricam, e aceptam todas, que, por ſerem partes eſpirituaes, as fazem eternas: fica daqui a cada hum de nós huma natural, e juſta obrigação, que aſſi devemos ſer diligentes, e ſolícitos em guardar em futuro noſſas obras, pera com ellas aproveitarmos em bom exemplo, como promptos, e conſtantes na operação preſente dellas pera commum, e temporal proveito de noſſos naturaes. E vendo eu que neſta diligencia de encommendar ás couſas á cuſtodia das letras, (conſervadores de todalas obras,) a Nação Portuguez he tão deſcuidada de ſi, quão prompta, e diligente em os feitos, que lhe competem per milicia, e que mais ſe préza de fazer, que dizer; quiz neſta parte uſar ante do officio de eſtrangeiro, que da condição de natural: Deſpoendo-me a eſcrever o que elles fizeram no deſcubrimento, e

conquiſta do Oriente, por ſe não perderem da memoria dos homens, que vierem depois de nós, tão glorioſos feitos, como vemos ſerem perdidos de voſſos progenitores, maiores em louvor, do que lêmos em ſuas Chronicas, (ſegundo moſtram alguns fragmentos de particulares eſcrituras.) E na aceptação deſte trabalho, e perigo a que me diſpuz, antes quero ſer tido por tão ouſado, como foi o derradeiro dos trinta, e tantos Eſcritores, que eſcrevêram a paſſagem, e expedição, que Alexandre fez em Aſia, o qual temeo pouco o que delle podiam dizer, tendo tantos ante ſi; que imitar o deſcuido de muitos, a quem eſte meu trabalho per officio, e profiſsão competia. Pois havendo cento e vinte annos, (porque de tantos trata eſta eſcritura,) que voſſas armas, e padrões de victorias tem tomado poſſe não ſómente de toda a terra maritima de Africa, e Aſia, mas ainda de outros maiores Mundos, do que Alexandre lamentava, por não

ter

ter noticia delles, não houve alguem, que se antremettesse a ser primeiro nesste meu trabalho, sómente Gomes Eanes de Zurara Chronista mór destes Reinos em as cousas do tempo do Infante D. Henrique: (do qual nós confessamos tomar a maior parte dos seus fundamentos, por não roubar o seu a cujo he.) No commetter do qual trabalho, vendo eu a magestade, e grandeza da obra, não fui tão atrevido, que logo como isto desejei puzesse mãos a ella, antes tomei por cautela deste commettimento usar do modo, que tem os arquitectores, os quaes primeiro que ponham mão na obra, a traçam, e debuxam, e de si apresentam estes delineamentos de sua imaginação ao Senhor, de cujo ha de ser o edificio; porque como esta materia, de que eu queria tratar, era dos triunfos deste Reino, dos quaes não se podia fallar sem licença do Author delles, que naquelle tempo deste meu proposito era ElRey Vosso Padre, de gloriosa memoria: estando

Sua

Sua Alteza em Evora o anno de quinhentos e vinte, lhe aprefentei hum debuxo feito em nome de Voffa Alteza, porque com efte titulo ante Elle foffe acepto: o qual debuxo não era alguma Batrachomiomachia, guerra de rans, e ratos, como fez Homero por exercitar feu engenho ante que efcreveffe a guerra dos Gregos, e Troyanos; mas foi huma pintura metaforica de exercitos, e victorias humanas, nefta figura racional do Emperador Clarimundo, titulo da traça, (conforme a idade, que eu então tinha,) a fim de aparar o eftilo de minha poffibilidade pera efta Voffa Afia. A qual pintura, por fer em nome de Voffa Alteza, affi contentou a ElRey Voffo Padre, depois que foube fer imagem defta que ora trato, que logo me pagou meu trabalho, dizendo haver dias, que defejava eftas coufas das partes do Oriente ferem poftas em efcritura; mas que nunca achára peffoa de que o confiaffe: que fe me eu atrevia a efta Obra, (como

o de-

o debuxo moſtrava,) o meu trabalho não ſeria ante elle perdido. Por a qual confiança lhe beijei a mão per ante peſſoas, que hoje são vivas, por a prática ſer hum pouco alta, lendo-lhe eu hum, ou dous capitulos da moſtra, e debuxo. E eſtando pera abrir os alicerces deſte grande edificio, com o fervor da idade, e favor das palavras de confiança, que ſe de mim tinha, aprouve a Deos levar a ElRey Voſſo Padre áquelle celeſtial aſſento, que ſe dá aos Catholicos, e Chriſtianiſſimos Principes, com que fiquei ſuſpenſo deſta empreza. Succedendo tambem logo prover-me Voſſa Alteza dos officios de Theſoureiro da Caſa da India, e Mina, e depois de Feitor das meſmas Caſas; carregos, que com ſeu pezo fazem acurvar a vida, pois levam todolos dias della, e com a occupação, e negocio de ſuas Armadas, e Commercios afogam, e cativam todo liberal engenho. Mas parece que aſſi eſtava ordenado de ſima, que não ſómente me coubeſſe per

ſor-

ſorte da vida os trabalhos de feitorizar os Commercios de Africa, e Aſia; mas ainda eſcrever os feitos, que Voſſos vaſſallos na milicia, e conquiſta dellas fizeram; porque correndo o tempo, e achando eu antre algumas cartas, que ElRey Voſſo Padre ante da minha offerta tinha eſcrito a D. Franciſco d'Almeida, e a Affonſo d'Albuquerque, que conquiſtáram, e governáram a India, encommendando-lhe que miudamente lhe eſcreveſſem as couſas, e feitos daquellas partes com tenção de as mandar poer em eſcrito, e que Voſſa Alteza com a meſma tenção o anno de quinhentos trinta e hum tambem o eſcreveo a Nuno da Cunha, que naquelle tempo a governava, mandando-lhe ſobre iſto Regimentos feitos per Lourenço de Caceres, a quem tinha encommendado a eſcritura deſtas partes, o que não houve effeito, e ſeria per ventura por elle falecer: determinei, por ſe não dilatar eſte deſejo, que Voſſa Alteza tinha, e eu pagar a confiança,

que

que ElRey Vosso Padre de mim teve, repartir o tempo da vida, dando os dias ao officio, e parte das noites a esta escritura da Vossa Asia, e assi cumpri com o Regimento do officio, e com o desejo, que sempre tive desta empreza. E como os homens pela maior parte são mais promptos em dar de si frutos voluntarios, que os encommendados, imitando nisto a terra sua madre, a qual he mais viva em dar as sementes, que nella jazem per natureza, que as que lhe encommendamos per agricultura: parece que me obrigou ella a que patrizasse, e que per diligencia prevalecesse mais em mim a natureza, que della tenho, que quanto outros tem recebido per obrigação de officio, profissão de vida, e agricultura de beneficios; pois não tendo eu outra causa mais viva pera tomar esta empreza, que hum zelo da gloria, que se deve a Vossas armas, e fama a meus naturaes, que militando nellas vertêram seu sangue, e vida: fui o primeiro, que

que brotei eſte fruto de eſcritura deſta Voſſa Aſia, ſe he licito, por ſer de arvore agreſte, ruſtica, e não agricultada, poder merecer eſte nome de fruto ante Voſſa Real Mageſtade.

IN-

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE I. DA DECADA I.

LIVRO I.

LI-

LIVRO II.

LIVRO III.

LIVRO IV.

LIVRO V.

J. C. Silva f.

Barros Dec. I. p. I. Cap.

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO I.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram no deſcubrimento, e conquiſta dos mares, e terras do Oriente.

CAPITULO I.

Como os Mouros vieram tomar Heſpanha; e depois que Portugal foi intitulado em Reyno, os Reys delle os lançáram além mar, onde os foram conquiſtar, aſſi nas partes de Africa, como na de Aſia: e a cauſa do titulo deſta eſcritura.

LEVANTADO em a terra de Arabia aquelle grande Anti-chriſto Mafamede, quaſi nos annos de quinhentos noventa e tres de noſſa Redempção, aſſi lavrou a furia de ſeu ferro, e fogo de ſua infernal Secta per meio de ſeus Capitães, e Calyfas, que em eſpaço de cem annos conquiſtáram

em Aſia toda Arabia, e parte da Syria, e Perſia, e em Africa todo Egypto daquém, e dalém do Nilo. E ſegundo eſcrevem os Arabios no ſeu Larigh, que he hum Summario dos feitos, que fizeram os ſeus Calyfas na conquiſta daquellas partes do Oriente, neſte meſmo tempo de lá ſe levantáram, e vieram grandes exames delles povoar eſtas do Ponente, a que elles chamam Algarb, e nós corruptamente Algarve dalém mar; os quaes á força de armas devaſtando, e aſolando as terras, ſe fizeram ſenhores da maior parte da Mauritania, Tingitania, em que ſe comprendem os Reynos de Féz, e Marrocos, ſem até eſte tempo a noſſa Europa ſentir a perſeguição deſta praga. Peró vindo o tempo, té o qual Deos quiz diſſimular os peccados de Heſpanha, eſperando ſua penitencia ácerca das hereſias de Arrio, Elvidio, e Pelagio, de que ella andou mui iſcada, (poſto que já per Sanctos Concilios nella celebrados foſſem deſterradas,) em lugar de penitencia, accreſcentou outros mui graves, e pubricos peccados, e que mais acabáram de encher a medida de ſua condemnação, que a força feita á Cava filha do Conde Julião, (ainda que eſta foi a cauſa ultima, e accidental, ſegundo querem alguns Eſcritores.) Com as quaes couſas provocada a Juſtiça de Deos, uſou de ſeu Divino, e antigo juizo,
que

que ſempre foi caſtigar pubricos, e geraes peccados com pubricos, e notaveis peccadores; e permittir que hum hereje ſeja açoute d'outro, vingando-ſe per eſta maneira de ſeus imigos per outros maiores imigos. E como naquelle tempo eſtes Arabios eram os mais notaveis que elle tinha, infeſtando o Imperio Romano, e perſeguindo ſua Catholica Igreja, primeiro que per elles caſtigaſſe Heſpanha, os quiz caſtigar na ſua hereſia, accendendo antre elles hum fogo de competencia, ſobre quem ſe aſſentaria na cadeira do pontificado de ſua abominação, com eſte titulo de Calyfa, que naquelle tempo era a maior dignidade da ſua Secta. E depois de Arabia, Syria, e parte da Perſia arderem com guerras de confusão a quem pervaleceria neſte eſtado, em que morreo grande numero delles, tendo cada parentela enlegido Calyfa antre ſi, vieram alguns naquella parte interior de Arabia, onde eſtá ſituada a Cidade Cufa, per concordia de ſua ſciſma babylonica, enleger por Calyfa a hum Arabio chamado Çafa, dizendo, que a elle pertencia aquelle pontificado, por ſer o mais chegado parente de Mafamede: cá elle vinha per linha direita de Abaz ſeu tio, a linhagem do qual Abaz elles chamam Abazcion. E porque quando o alevantáram por ſeu Calyfa foi com lhe darem juramento, que havia

via de ir deſtruir o Calyfa, que então reſidia na Cidade Damaſco, que era da linhagem, a que elles chamam Maraunion, em a qual havia muitos annos que andava o Calyfado per modo de tyrannia mais que per eleição, e por iſſo era eſta geração mui favorecida antre a maior parte dos Arabios: ordenou logo eſte novo Calyfa hum ſeu parente per nome Abedelá ben Alle, que com grande numero de gente de cavallo foſſe ſobre o Calyfa de Damaſco; o qual Abedelá, ſendo com eſte exercito junto do rio Eufrates, topou o meſmo Calyfa, que hia buſcár, que vinha de dar huma batalha a outro Calyfa novamente alevantado nas partes da Meſopotamia; e rompendo ambos ſeus exercitos, houve antre elles huma mui crua batalha, em que o Calyfa de Damaſco foi vencido; e temendo elle a furia deſte ſeu imigo Abedelá, quiz-ſe recolher na Cidade Damaſco, de que tantos tempos fora ſenhor; mas os moradores della lhe fecháram as portas, ſem o quererem receber, com que lhe conveio fugir pera a Cidade do Cayro, onde achou peior gazalhado, dizendo todolos Cidadões, que Deos os tinha livrado de hum tão máo homem, como elle ſempre fora. Vendo-ſe elle em todalas partes tão mal recebido, já deſamparado dos ſeus, como homem deſeſperado do adjutorio delles, quiz-

ſe

ſe paſſar aos Gregos; e indo com hum eſcravo ſeu, foi ter a huma Ilha, onde, ſendo conhecido, o matáram, no qual acabáram todolos Calyfas de Damaſco. Abedelá ſeu imigo tanto que o venceo, e ſoube quão mal recebido era dos proprios ſeus, ſem o querer mais perſeguir, foi-ſe direitamente a Damaſco; e tomada poſſe da Cidade, a primeira couſa que fez, foi mandar deſenterrar o Calyfa Yázit, que era dos primeiros, que alli foram daquella linhagem Maraunion, havendo já muitos annos que era falecido, os oſſos do qual com hum aucto público mandou queimar; porque ſendo Dócem neto de Mafamede ſeu Legislador, filho de ſua filha Aixa, e de Alle ſeu ſobrinho, direitamente enlegido por Calyfa, como fora ſeu pai, elle Yázit não ſómente lhe não quizera obedecer, mas ainda teve modo como Dócem foſſe morto, tudo por elle Yázit ſe levantar com o Calyfado, o qual poſſuio tyrannicamente, e aſſi todolos de ſua linhagem per muitos tempos. E não contente eſte Abedelá com tomar tal vingança deſte Yázit, geralmente a toda ſua parentela mandava matar com mil generos de tormentos, e lançar ſeus corpos no campo ás feras, e aves delle, dizendo ſerem todos excommungados, e dignos de não ter ſepultura, pois eram do ſangue daquelle peſſimo homem,

que

que mandou derramar o do juſto Dócem, ungido naquella dignidade de Calyfa per o teſtamento de ſeu avô Mafamede; da furia, e fogo das quaes cruezas, que eſte Abedelá fazia, ſaltou huma faiſca, que veio abrazar toda Heſpanha; e o caſo procedeo per eſta maneira. Antre alguns deſta linhagem Maraunion, que eſte Capitão Abedelá perſeguia, havia hum homem poderoſo chamado Abed-Ramon, filho de Mauhyá, e neto de Doxon, e biſneto de Abbedelmalec, o qual avô, e biſavô em tempo paſſado foram tambem Calyfas daquella Cidade Damaſco. E vendo elle a perſeguição de ſua linhagem, e as cruezas, que Abedelá nella fazia, temendo receber outros taes em ſua peſſoa, recolheo pera ſi os mais parentes que pode, com outra gente ſolta, cuja vida era andar em guerras, e roubos, e feito hum grande exercito de gente por authorizar ſua peſſoa, meio fugindo veio ter a eſtas partes do Ponente. Onde, aſſi por ſer da linhagem dos Calyfas de Damaſco, como por ſer homem valeroſo, e cavalleiro de ſua peſſoa, foi mui bem recebido; e concorreo a elle tanta gente Arabia da que já cá andava neſtas partes dos Algarves dalém mar, que vendo-ſe tão poderoſo em gente, e opinião de Secta, tomou ouſadia a ſe intitular com novo nome, chamando-ſe Principe dos Crentes neſta pala-

la-

lavra Arabia Miralmuminim, a que nós corruptamente chamamos Miramulim, e isto quasi em opprobrio, e reprovação dos Calyfas da linhagem de Abaz, que novamente foram levantados na Arabia, por cuja causa elle se desterrou daquellas partes de Damasco. E não se contentando ainda com este novo, e soberbo nome, fundou a Cidade Marrocos pera cadeira de seu estado, e Metropoli daquella região, (posto que algumas Chronicas dos Arabios querem que a edificou José filho Jestim, e outros que outro Principe, como veremos em a nossa Geografia.) A causa da fundação da qual Cidade, dizem alguns delles, que não foi tanto por gloria, que este Abed-Ramon teve da memoria do seu nome, quanto em reprovação d'outra, que ouvio dizer que fundava o Calyfa Bujafar, irmão, e successor do Calyfa Çafa, que foi causa de se elle vir a estas partes. A qual Cidade, que este Bujafar fundou tambem, era pera cadeira, onde havia sempre de residir o seu pontificado de Calyfa: e he aquella, a que ora os Mouros chamam Bagodad, situada na Provincia de Babylonia nas correntes do rio Eufrates. E segundo escrevem os Parseos, e Arabios no seu Larigh, que allegamos, o qual temos em nosso poder em lingua Parsea, foi esta Cidade Bagodad fundada per conselho

de

de hum aſtrologo gentio per nome Nobach, e tem por aſcendente o Signo Sagittario, e acabou-ſe em quatro annos, e cuſtou dezoito contos d'ouro, da qual em a noſſa Geografia faremos maior relação. Pois eſtando eſte novo Miralmuminim com potencia em eſtado, e numero de gente, feito outro Nabuchodonoſor pera caſtigo do povo de Heſpanha, totalmente ſeu filho Ulid, que o ſuccedeo em nome, e poder, ſe fez ſenhor della per Muſſa, e per outros ſeus Capitães, em tempo delRey D. Rodrigo, o derradeiro dos Godos. Mas aprouve á Divina miſericordia, que eſte açoute de ſua juſtiça tornaſſe logo atrás daquelle impeto de vitorias, que per eſpaço de trinta mezes teve, dando animo, e favor áquelle bemaventurado Principe D. Pelayo, com que logo começou ganhar as terras, que já eſtavam ſubditas ao ferro, e cruezas deſtes Alarves. E procedendo eſtas vitorias em recobrar Heſpanha per diſcurſo de trezentos quarenta e tantos annos, vieram ter a ElRey D. Afonſo o ſexto deſte nome, dalcunha o Bravo, que tomou Toledo aos Mouros; o qual querendo ſatisfazer aos ſerviços, e ajudas, que lhe o Conde D. Henrique neſta guerra dos Mouros tinha feito, e dado, não achou couſa mais digna de ſua peſſoa, nem de maior galardão, que aceitallo por filho, dando-lhe por

mu-

mulher a ſua filha D. Tareija; e em dote, todalas terras, que naquelle tempo eram tomadas aos Mouros neſta parte da Luſitania, que ora he Reyno de Portugal, com todalas mais que elle pudeſſe conquiſtar delles; em que entravam algumas de Andaluzia, porque em todas eſtas elle, e ſeu filho El-Rey D. Afonſo Henriques vertêram ſeu ſangue por as ganhar das mãos, e poder dos Mouros, (como ſe verá em a outra parte da noſſa eſcritura chamada Europa;) o qual dote, e herança parece que foi dado com tal benção per eſte Catholico Rey D. Afonſo, que todolos ſeus deſcendentes, que a herdaſſem, ſempre tiveſſem contínua guerra com eſta perfida gente dos Arabios; porque começando deſte tempo té o preſente, que he diſcurſo de quatrocentos e tantos annos de idade deſte Reyno de Portugal, depois que apartado da Coroa de Heſpanha teve eſte nome, aſſi permaneceo em contínua guerra deſtes infieis, que com verdade ſe póde dizer por elle, ter veſtido mais armas que pelotes. Donde podemos affirmar, que eſta caſa da Coroa de Porugal eſtá fundada ſobre ſangue de Martyres, e que Martyres a dilatam, e eſtendem per todo o Univerſo: ſe eſte nome podem merecer aquelles, que militando pola Fé, offerecem ſuas vidas a Deos em ſacrificio, e dotam ſuas fazendas a ſumptuo-

ſos

ſos Templos, que fundáram: como vemos que fez ElRey D. Afonſo Henriques primeiro Fundador deſta Caſa Real, e o Conde D. Henrique ſeu Padre, e toda a Nobreza, e Fidalguia, que os ſeguia neſta confiſsão, e defensão da Fé, da qual verdade são teſtemunho mui dotados, e magníficos Templos deſte Reyno. E paſſados os primeiros annos da infancia delle, que foi todo o tempo, que eſteve no berço, em que naſceo, limitado na coſta do mar Oceano, (porque o mais do ſertão da terra ficou na Coroa de Caſtella, e a elle lhe não coube mais em ſorte neſta noſſa Europa:) todo o trabalho daquelles Principes, que então o governavam, foi alimpar a caſa deſta infiel gente dos Arabios, que lha tinham occupada do tempo da perdição de Heſpanha, té totalmente a poder de ferro os lançarem além mar, com que ſe intituláram Reys de Portugal, e do Algarve. E aſſi eſtava limpa delles no tempo delRey D. João o primeiro, que deſejando elle derramar ſeu ſangue na guerra dos infieis, por haver a benção de ſeus avôs, eſteve determinado de fazer guerra aos Mouros do Reyno de Grada: e por alguns inconvenientes de Caſtella, e aſſi por maior gloria ſua, paſſou além mar em as partes de Africa, onde tomou aquella Metropoli Cepta Cidade tão cruel competidor de Heſpanha,

nha, como Cartago foi de Italia; da qual Cidade se logo intitulou por senhor, como quem tomava posse daquella parte de Africa, e leixava porta aberta a seus filhos, e netos pera irem mais avante. O que elles mui bem cumprîram, porque não sómente tomáram Cidades, Villas, e Lugares nos principaes portos, e forças dos Reynos de Féz, e Marrocos, restituindo á Igreja Romana a jurisdicção, que naquellas partes tinha perdida depois da perdição de Hespanha, como obedientes filhos, e primeiros Capitães pola Fé nestas partes de Africa; mas ainda foram despregar aquella divina, e real bandeira da Milicia de Christo, que elles fundáram pera esta guerra dos infieis, nas partes Orientaes da Asia, em meio das infernaes mesquitas da Arabia, e Persia, e de todolos pagódes da gentilidade da India daquém, e dalém do Gange: partes, onde, segundo Escritores Gregos, e Latinos, excepto a illustre Semirames, Bacho, e o grande Alexandre, ninguem ousou commetter. Com as quaes vitorias, que os Reys deste Reyno houveram nestas tres partes da terra, Europa, Africa, e Asia, ganhando Reynos, e estados, accrescentáram sua Coroa com novos, e illustres titulos, que lhe deram, com mais justiça do que alguns Principes desta nossa Europa tem nos estados, de que se intitulam,

lam , dos quaes eſtá em poſſe eſta barbara gente de Mouros , ſem os poderem vindicar per lei de armas. E os Reys deſte Reyno , ſendo ſenhores do Reyno de Ormuz , cujo eſtado tem boa parte , e a melhor da terra maritima da Arabia , e da Perſia , e ſenhores do Reyno de Cambaya com lhe ter tomado o maritimo delle , e ſenhores do Reyno de Goa , com as terras , e Ilhas a ella adjacentes , e ſenhores da riquiſſima Maláca , ſituada na Aurea Cherſoneſo tão celebrada dos Geografos , e ſenhores das Ilhas Orientaes de Maluco , Banda , &c. ſómente ſe intitulam por Reys de Portugal , e dos Algarves daquém , e dalém mar , ſenhores de Guiné , e da Conquiſta , Navegação , e Commercio da Ethiopia , Arabia , Perſia , e India , como ſe eſtoutros Reynos , e ſenhorios nomeados não ſe governaſſem per ſuas Leys , e Ordenações , e lhe não pagaſſem tributos , e rendas , e elles lhe não tiveſſem o peſcoço debaixo do eſcabello de ſeus pés. Mas como de cada huma deſtas partes em ſeu lugar mais copioſamente fazemos relação , ao preſente , leixadas ellas , pera ſe melhor entender o fundamento deſta noſſa Aſia , convem que ſaibamos como no titulo da Real Coroa deſtes Reynos ſe comprendem tres couſas diſtinctas huma da outra , poſto que entre ſi ſejam tão correlativas , que huma não póde

ſer

ſer ſem adjutorio da outra, communicandoſe pera ſua conſervação. A primeira he Conquiſta, a qual trata de Milicia; a ſegunda Navegação, a que reſponde a Geografia; e a terceira Commercio, que convem á Mercadoria: das quaes partes querendo nós eſcrever ſucceſſivamente como ellas ſe foram adquirindo, e ajuntando á Coroa deſte Reyno, em lugar, e tempo, por não confundir os meritos de cada huma das materias, com adjutorio Divino, que pera iſſo imploramos, per eſte modo trataremos dellas. Quanto á parte da Conquiſta, que he propria da Milicia, eſta porque foi em todalas partes da terra, fazemos della quatro partes de eſcritura, (poſto que em ſeis em a noſſa Geografia dividamos todo o Univerſo.) Á primeira parte deſta Milicia chamamos Europa, começando do tempo, que os Romanos conquiſtáram Heſpanha, na qual guerra os Portuguezes per feitos illuſtres tiveram grão nome ácerca delles, e dahi viremos fazendo diſcurſo per os tempos té o Conde D. Henrique, e per ElRey D. Afonſo Henriques, e ſeus ſucceſſores. Á ſegunda parte chamamos Africa, cujo princípio he a tomada de Cepta. A terceira, que he eſta, que temos antre as mãos, o ſeu nome he Aſia, por tratar do deſcubrimento, e conquiſta das terras, e mares do Oriente, começando do tempo

po do Infante D. Henrique, que foi o primeiro inventor desta Milicia Austral, e Oriental. E á quarta, porque assi chamamos em a nossa Geografia á terra do Brasil, haverá nome Sancta Cruz, nome proprio posto per Pedrealvares Cabral, quando o anno de mil e quinhentos, indo pera a India, a descubrio, e aqui terá seu princípio. E de todas estas quatro partes da Milicia, esta Oriental fenece ao presente no anno de mil e quinhentos e trinta e nove, onde acabamos de cerrar numero de quarenta livros, que compõem quatro Decadas, que quizemos tirar á luz por mostra do nosso trabalho, té que venha outro curso de annos, que seguirá a estes na mesma ordem de Decadas, dando-nos Deos vida, e lugar pera o poder fazer. Quanto ao titulo da Navegação, a este respondemos com huma universal Geografia de todo o descuberto, assi em graduação de taboas, como de commentario sobrellas, applicando o moderno ao antigo, a qual não soffre compostura em linguagem, e por isso irá em Latim. A parte do Commercio, porque elle geralmente andava per todalas gentes, sem lei, nem regras de prudencia, sómente se governava, e regia pelo impeto da cubiça, que cada hum tinha, nós o reduzimos, e puzemos em arte com regras universaes, e particulares, como tem todalas sciencias, e

ar-

artes activas pera boa policia, onde particularmente se verão todalas cousas, de que os homens tem uso, ora sejam naturaes, ora artificiaes, com a natureza, e qualidade de cada huma dellas, (segundo o que podemos alcançar,) com as mais partes de pezos, medidas, *& cetera*, que a esta materia convem. E Deos he testemunha, que em cada huma destas tres partes, Conquista, Navegação, e Commercio fizemos a diligencia possivel a nós, e mais do que a occupação do officio, e profissão de vida nos tem dado lugar. E quando em alguma dellas desfalecermos na diligencia, e eloquencia, que convinha á verdade, e magestade da mesma cousa, esse Deos, onde estam todalas verdades, ordene que venha alguem menos occupado, e mais doucto do que eu sou, pera que emende meus defeitos, os quaes bem se podem recompensar com o zelo, e amor, que tenho á patria, por tirar a infamia d'algumas fabulas, e ignorancias, que andam na boca do vulgo, e per papeis escritos dignos de seus Auctores. Leixados meus defectos, e assi esta geral preparação de toda a obra quasi em modo de argumento, e divisão della, venhamos ás causas, que o Infante D. Henrique teve pera tomar tão illustre empreza, como foi o descubrimento, e conquista, que deo fundamento a esta nossa Asia,

dos

dos feitos, que os Portuguezes fizeram no deſcubrimento, e conquiſta das terras, e mares do Oriente, como diz o titulo deſta noſſa eſcritura.

CAPITULO II.

Das cauſas, que o Infante D. Henrique teve pera deſcubrir a coſta Occidental da terra de Africa: e como João Gonçalves, e Triſtão Vaz deſcubriram a Ilha do Porto Sancto, por razão de hum temporal, que os alli levou.

DEpois que ElRey D. João de glorioſa memoria, o primeiro deſte nome em Portugal, per força d' armas tomou a Cidade Cepta aos Mouros na paſſagem, que fez em Africa, ficou o Infante D. Henrique ſeu filho terceiro genito muito mais deſejoſo de fazer guerra aos infieis; porque ſe accreſcentou á natural inclinação, que ſempre teve de exercitar eſte officio de Milicia por exalçamento da Fé Catholica, não ſómente a glorioſa victoria, que ſeu Padre com tanto louvor de Deos, e gloria da Coroa deſte Reyno alcançou na tomada deſta Cidade Cepta, de que elle Infante foi parte mui principal, (ſegundo eſcrevemos em a outra noſſa parte intitulada Africa, de que neſte precedendente-

dente Capitulo fizemos menção;) mas ainda foi ácerca delle outra cauſa muito mais efficaz, que era a obrigação do cargo, e adminiſtração que tinha de Governador da Ordem da Cavalleria de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto, que ElRey D. Diniz ſeu treſavô pera eſta guerra dos infieis ordenou, e novamente conſtituio. E ſe antes da tomada de Cepta não poz em obra eſte ſeu natural deſejo, foi porque já em ſeu tempo neſte Reyno não havia Mouros, que conquiſtar; porque os Reys ſeus avôs, ſegundo diſſemos, a poder de ferro os tinham lançado além mar em as partes de Africa. E pera os elle lá ir buſcar a cumprir o que lhe ficára por avoengo, e convinha per officio, era neceſſario paſſar tão poderoſamente, como fez ſeu Padre na tomada de Cepta, pera que lhe conveo poer grande parte de ſeu eſtado, e ainda com tanto ſegredo, induſtria, e cautelas, como niſſo teve. Quanto mais, que a meſma paſſagem, que ſeu Padre per muito tempo trazia guardada no peito, lhe foi maior impedimento: cá nunca quiz que os Mouros foſſem encetados com entradas, e ſaltos, que os eſpertaſſem, e elle perdeſſe huma tão grande empreza, como foi o commettimento, e tomada daquella Cidade Cepta. E poſto que com a poſſe della parecia eſte negocio de con-

quiſtar os Mouros muito leve, por a entrada, e porta, que per aqui eſtava aberta, o Infante D. Henrique pera ſeu propoſito achava tudo ao contrario. Porque vendo elle como os Mouros do Reyno de Féz, e Marrocos ficavam per conquiſta mettidos na coroa deſtes Reynos, por o novo titulo que ſeu Pai tomou de Senhor de Cepta, e que per eſta poſſe Real a empreza daquella guerra era propria dos Reys deſte Reyno, e elle não podia entrevir niſſo, como Conquiſtador, mas como Capitão enviado, em o proceſſo da qual guerra elle havia de ſeguir a vontade delRey, e a diſpoſição do Reyno, e não a ſua, aſſentou em mudar eſta conquiſta pera outras partes mais remotas de Heſpanha, do que eram os Reynos de Féz, e Marrocos. Com que a deſpeza deſte caſo foſſe propria delle, e não taxada per outrem; e os meritos de ſeu trabalho ficaſſem mettidos na ordem da Cavalleria de Chriſto, que elle governava, de cujo theſouro podia diſpender; e tambem porque ácerca dos homens lhe ficaſſe nome de primeiro Conquiſtador, e deſcubridor da gente idólatra, empreza, que té o ſeu tempo nenhum Principe tentou. Com o qual fundamento, pera que eſte ſeu propoſito houveſſe effecto, era mui diligente, e curioſo na inquiſição das terras, e ſeus moradores,

e de

e de todalas cousas, que pertenciam á Geografia, dando-se muito a ella. Donde assi na tomada de Cepta, como as outras vezes que lá passou, sempre inquiria dos Mouros as cousas de dentro do sertão da terra, principalmente das partes remotas aos Reynos de Féz, e Marrocos. A qual diligencia lhe respondeo com o premio, que elle desejava, porque veio saber per elles não sómente das terras dos Alarves, que são vizinhos aos desertos de Africa, a que elles chamam Çahará, mas ainda das que habitam os póvos Azenegues, que confinam com os negros de Jalof, onde se começa a região de Guiné, a que os mesmos Mouros chamam Guinauhá, dos quaes recebemos esse nome. Pois tendo o Infante esta informação approvada per muitos, que concorriam em huma mesma cousa, começou a poer em execução esta obra, que tanto desejava, mandando cada anno dous, e tres navios, que lhe fossem descubrindo a costa além do Cabo de Nam, que he adiante do Cabo da Guillo obra de doze leguas. O qual Cabo de Nam era o termo da terra descuberta, que os navegantes de Hespanha tinham posto á navegação daquellas partes. E dado que por causa das diligencias, e modos, que nisto teve, ante que armasse os primeiros navios, elle estava bem informado das cou-

ſas de toda a coſta da terra, que os Mouros habitavam, per meio delles: alguns quizeram affirmar, que como era Principe Catholico, e de vida mui pura, e religioſa, eſta empreza mais lhe fora revelada, que per elle movida. Porque eſtando em huma Villa, que novamente fundava no Reyno do Algarve na angra de Sagres, a que poz nome *Terçanabal*, e ora ſe chama a Villa do Infante: hum dia em ſe levantando, ſem precederem mais couſas que as diligencias que fazia pera ter informação das terras, mandou com tanta diligencia armar dous navios, que foram os primeiros, como ſe naquella noite lhe fora dito, que ſem mais dilação, nem inquirição do que perguntava, mandaſſe deſcubrir. E não ſómente per conjectura deſta preſſa, mas ainda per outras, que os ſeus notáram, dizem ſer elle exhortado per Oraculo divino, que logo o fizeſſe. Mas os navios, que daquella vez, e d'outras foram, e vieram, não deſcubríram mais que té o Cabo Bojador, que ſerá davante de Cabo de Nam obra de ſeſſenta leguas, e alli paravam todos, ſem algum ouſar de commetter a paſſagem delle. Porque como eſte Cabo começa de incurvar a terra de mui longe, e ao reſpecto da coſta, que atrás tinham deſcuberta, lança, e boja pera Aloeſte perto de quarenta leguas,

(don-

(donde deſte muito bojar lhe chamáram bojador,) era pera elles couſa mui nova apartar-ſe do rumo, que levavam, e ſeguir outro pera Aloeſte de tantas leguas. Principalmente porque no roſto do Cabo achavam huma reſtinga, que lançava pera o meſmo rumo da Loeſte obra de ſeis leguas; onde por razão das aguas, que alli correm naquelle eſpaço, o baixo as move de maneira, que parecem ſaltar, e ferver: a viſta das quaes era a todos tão temeroſa, que não ouſavam de as commetter, e mais quando viam o baixo. O qual temor cegava a todos, pera não entenderem, que affaſtando-ſe do Cabo o eſpaço das ſeis leguas, que occupava o baixo, podiam paſſar além; porque como eram coſtumados ás navegações, que então faziam de Levante a Ponente, levando ſempre a coſta na mão por rumo d'agulha, não ſabiam cortar tão largo que ſalvaſſem o eſpaço da reſtinga, ſómente com a viſta do ferver deſtas aguas, e baixo que achavam, concebiam que o mar dalli por diante era todo aparcellado, e que não ſe podia navegar; e que eſta fora a cauſa, por que os povoadores deſta parte da Europa não ſe eſtendêram a navegar contra aquellas regiões. Alguns, que entendiam ácerca das couſas naturaes, queriam dar cauſa, porque o mar daquellas terras quentes não era tão

pro-

profundo, como o das terras frias, dizendo que o Sol queimava tanto as terras que jaziam debaixo do ſeu curſo, que com juſta cauſa eſtava aſſentado per todolos Filoſofos ſerem terras, onde ſe não podia habitar por razão do ardor delle; e que eſte ardor era o que conſumia as aguas doces, que geralmente ſe produzem do coração da terra, e as ſalgadas eram das que o mar frio eſpraiava naquellas praias quentes; de maneira, que a navegação das taes regiões eram mais praias cubertas de baixos, que mar navegavel. Os Capitães, que o Infante enviava a eſte deſcubrimento, quando ſe tornavam pera eſte Reyno, parecendo-lhes que o compraziam por ſaberem que ſua natureza, e inclinação era fazer guerra aos Mouros, vinham-ſe pela coſta da Berberia té o eſtreito, onde faziam algumas entradas, e ſaltos nas povoações delles, com que ſe apreſentavam antelle alegres de ſuas vitorias. Mas o deſejo do Infante com eſtas taes prezas não ficava ſatisfeito, porque todo eſtava poſto na eſperança que lhe o eſprito promettia, ſe proſeguiſſe naquella empreza, da qual algumas vezes deſiſtia, porque os negocios do Reyno, e as paſſagens, que fez aos lugares de Africa, o impediam a não levar o fio deſte deſcubrimento tão continuado, como elle deſejava. E vindo

do

do grande cerco de Cepta , (como ſe na parte de Africa contém ,) depois que eſtes negocios algum tanto lhe deram lugar , falláram-lhe dous Cavalleiros de ſua caſa , que naquellas idas dalém o tinham mui bem ſervido , pedindo-lhe muito , que pois Sua Mercê armava navios pera deſcubrir a coſta de Berberia , e Guiné , lhe aprouveſſe irem elles em algum navio a eſte deſcubrimento , cá ſentiam em ſi que nelle o poderiam bem ſervir. O Infante vendo ſuas boas vontades , e conhecendo delles ſerem homens pera qualquer honrado feito pela experiencia que tinha de ſeus ſerviços , mandou-lhes armar hum navio , a que chamavam Barcha naquelle tempo : e deo-lhes regimento , que correſſem a coſta de Berberia té paſſarem aquelle temeroſo Cabo Bojador , e d'hi foſſem deſcubrindo o que mais achaſſem ; a qual terra , ſegundo moſtravam as tavoas de Tholomeu , e aſſi pela informação , que tinha dos Alarves , ſabia ſer contínua huma a outra , té ſe metter debaixo da linha equinocial , peró que não teveſſe noticia da navegação da ſua coſta. Noſſo Senhor como por ſua miſericordia queria abrir as portas de tanta infidelidade , e idolatria pera ſalvação de tantas mil almas , que o Demonio no centro daquellas regiões , e provincias barbaras tinha cativas , ſem noticia dos meritos da noſ-

ſa

ſa Redempção: partidos eſtes dous Cavalleiros em ſua barca, começou neſta viagem obrar ſeus myſterios, demoſtrando-nos, e deſcubrindo a grandeza dos Mundos, e terras, que pera nós tinha creado, com tantos theſouros, e riquezas, como em ſi continham. As quaes terras havia tantos mil annos que por noſſos peccados, ou pelas enormes, e torpes idolatrias de ſeus moradores, ou per outro qualquer juizo occulto, eſtavam cerradas, e de nós bem eſquecidas, ſem haver Principe, ou Rey de quantos foram em Heſpanha, que eſte deſcubrimento commetteſſe, como lemos que tomáram outras emprezas, que não trouxeram tanto louvor á Igreja de Deos, nem á ſuas coroas tanta gloria, e accreſcentamento, como lhe eſta podia dar. Parece que aſſi como em o velho Teſtamento lemos, que Deos não conſentio que David, ſendo a elle tão acepto, lhe edificaſſe templo por ſer barão, que trazia as mãos tintas de ſangue humano das guerras, que teve, e quiz que eſte templo material lhe edificaſſe Salamão ſeu filho por ſer Rey pacífico, e limpo deſte ſangue: aſſi permittio eſtar eſta parte do Mundo tantas centenas de annos encuberta, e eſcondida. Porque tão grande couſa, como era a edificação da ſua Igreja neſtas partes da idolatria, convinha que foſſe per

hum

hum barão tão puro, tão limpo, e de coração tão virginal, como foi este Infante D. Henrique, que abrio os alicerces della, e per outro tão Christianissimo, e zelador da Fé, e honra de Deos, como foi ElRey D. Manuel seu sobrinho, e neto adoptivo: que depois, como adiante veremos, muito trabalhou na edificação desta Igreja Oriental, mettendo grande parte do povo idólatra em o curral do Senhor, e como hum novo Apostolo, levou o seu nome per todalas gentes. E assi permittio, que este descubrimento pela magestade delle passasse pela lei, que tem as grandes cousas, as quaes quando se querem mostrar a nós, tem huns principios trabalhosos, e casos não pensados, e de tanto perigo, como passáram estes dous Cavalleiros, que o Infante mandou descubrir. Porque antes que chegassem á costa de Africa, saltou com elles tamanho temporal com força de ventos contrarios á sua viagem, que perdêram a esperança das vidas, por o navio ser tão pequeno, e o mar tão grosso, que os comia, correndo a arvore secca á vontade delle. E como os marinheiros naquelle tempo não eram costumados a se engolfar tanto no pégo do mar, e toda sua navegação era per sangraduras sempre á vista de terra, e segundo lhes parecia eram mui affastados da costa

des-

defte Reyno, andavam todos tão torvados, e fóra do feu juizo pelo temor lhes ter tomado a maior parte delle, que não fabiam julgar em que paragem eram. Mas aprouve a piedade de Deos, que o tempo ceffou; e pofto que os ventos lhes fizeram perder a viagem que levavam, fegundo o regimento do Infante, não os defviou de fua boa fortuna: defcubrido a Ilha, a que agora chamamos Porto Santo, o qual nome lhe elles então puzeram, porque os fegurou do perigo, que nos dias da fortuna paffáram. E bem lhe pareceo que terra em parte não efperada, não fómente lha deparava Deos pera fua falvação, mas ainda pera bem, e proveito deftes Reynos, vendo a difpofição, e fitio della: e mais não fer povoada de tão féra gente, como naquelle tempo eram as Ilhas Canareas, de que já tinham noticia. Com a qual nova, fem ir mais avante, fe tornáram ao Reyno, de que o Infante recebeo o maior prazer, que té quelle tempo defta fua impreza tinha vifto, parecendo-lhe que era Deos fervido della, pois já começava ver o fruto de feus trabalhos. E accrefcentava mais a efte feu prazer, dizerem aquelles dous Cavalleiros, a hum dos quaes chamavam João Gonçalves Zarco dalcunha, e ao outro Triftão Vaz, que vinham tão contentes dos ares, fitio, e frefquidão

da

da terra, que ſe queriam lá tornar a povoalla, por verem que era mui groſſa, e azada pera frutificar todaslas ſementes, e plantas de proveito. E não ſómente elles, e os outros de ſua companhia que a víram, mas ainda muitos polo que della ouviam, e tambem por comprazer ao Infante, ſe offerecêram a elle com eſte propoſito de a povoar: antre os quaes foi huma peſſoa notavel chamado Bertolameu Pereſtrello, que era Fidalgo da caſa do Infante D. João ſeu irmão. Vendo elle Infante D. Henrique o alvoroço, com que ſe já os homens deſpunham a eſte negocio, convertia-ſe a Deos, dando-lhe muitas graças, pois lhe aprouvera ſer elle o primeiro que deſcubriſſe a eſte Reyno, principio de outros, em que o coração da gente Portuguez ſe eſtendeſſe pera ſeu ſerviço. Pera a qual ida logo com muita diligencia mandou armar tres navios, hum dos quaes deo a Bertolameu Pereſtrello, e os outros dous a João Gonçalves, e a Triſtão Vaz primeiros deſcubridores indo mui apercebidos de todalas ſementes, e plantas, e outras couſas, como quem eſperava de povoar, e aſſentar na terra. Antre as quaes era huma coelha, que Bertolameu Pereſtrello levava prenhe mettida em huma gaiola, que pelo mar acertou de parir, de que todos houveram muito prazer: e tiveram

por

por bom prognoſtico, pois já pelo caminho começavam dar fruto as ſementes que levavam, e aquella coelha lhes dava eſperança da grande multiplicação que haviam de ter na terra. E certo que eſta eſperança da multiplicação da coelha os não enganou, mas foi com mais pezar que prazer de todos; porque chegados á Ilha, e ſolta a coelha com ſeu fruto, em breve tempo multiplicou em tanta maneira, que não ſemeavam, ou plantavam couſa que logo não foſſe roida. O que foi em tanto creſcimento per eſpaço de dous annos que alli eſtiveram, que quaſi importunados daquella praga, começou de aborrecer a todos o trabalho, e modo de vida que alli tinham, donde Bertolameu Pereſtrello determinou de ſe vir pera o Reyno, ou per qualquer outra neceſſidade que pera iſſo teve.

CAPITULO III.

Como João Gonçalves, e Triſtão Vaz, partido Bertolameu Pereſtrello, deſcubríram a Ilha, a que ora chamam da Madeira, a qual o Infante D. Henrique repartio em duas Capitanias: huma chamada do Funchal, que deo a João Gonçalves; e a outra Machico, que houve Triſtão Vaz.

JOão Gonçalves, e Triſtão Vaz, como eram chamados pera melhor fortuna, e mais proſperidade, não ſe quizeram vir pera o Reyno, nem menos fazer aſſento naquella Ilha; mas partido Bertolameu Pereſtrello, determináram de ir ver ſe era terra huma grande ſombra que lhe fazia a Ilha, a que ora chamamos da Madeira, na qual havia muitos dias que ſe não determinavam, porque por razão da grande humidade que em ſi continha com a eſpeſſura do arvoredo, ſempre a viam afumada daquelles vapores, e parecia-lhes ſerem nuvens groſſas; e outras vezes affirmavam que era terra, porque demarcando aquelle lugar com a viſta, não o viam deſaſſombrado como as outras partes. Aſſi que movidos deſte deſejo, em dous barcos que fizeram da madeira da Ilha em que eſtavam, vendo o mar pera iſſo diſpoſto, paſſáram-ſe a ella, á qual chamáram da

Ma-

Madeira por causa do grande, e mui espesso arvoredo de que era cuberta. Nome já mui celebrado, e sabido per toda a nossa Europa, e assi em muitas partes de Africa, e Asia por os frutos da terra de que todas participam; e ella tão nobre, fertil, e generosa em seus moradores, que tirando Inglaterra mui antiquissima em povoação, e illustre com a magestade dos seus Reys, em todo o mar Oceano Occidental a esta nossa Europa ella se póde chamar princeza de todas. O que a fama tem da ida destes dous Capitães, e sua sahida em terra, e que João Gonçalves com o seu barco sahio onde ora chamam Camara de Lobos junto do Funchal, e Tristão Vaz sahio na ponta de Tristão, a que elle então deo nome; e que da sahida que cada hum fez nestes lugares lhe coube a sorte da terra, que lhe foi dada pelo Infante em capitanía. Os herdeiros de João Gonçalves tem escritura mui particular deste descubrimento, e querem que toda a honra, e trabalho delle lhe seja dada, dizendo, que Tristão Vaz não era homem de tanta idade, nem qualidade, como João Gonçalves, sómente que era chegado a elle per amizade, e companhia, e que como homem mancebo, e desta conta sempre era nomeado por Tristão, os quaes chegando ambos em hum bar-

barco do mesmo João Gonçalves, sahíram naquelle lugar chamado ora a ponta de Tristão, e alli o leixou João Gonçalves, dizendo, que em quanto elle hia no batel dar huma volta á Ilha buscar outro porto, que entrasse elle ver a terra per dentro. E que ficando alli Tristão, elle viera em seu barco ter á parte a que ora chamam o Funchal, do qual sitio, e disposição de terra, quanto de fóra se podia julgar, elle ficou contente; e tornando onde leixára Tristão, lhe deo toda aquella terra, que lhe depois foi dada em capitanía, isto em nome do Infante, por trazer regimento, e commissão sua pera o poder fazer. Gomezeanes de Zurara, que foi Chronista destes Reynos, de cuja escritura nós tomamos quasi todo o processo do descubrimento de Guiné, (como se adiante verá,) em soma diz, que ambos estes Cavalleiros descubríram esta Ilha; peró sempre nomea a Tristão Vaz por Tristão, como pessoa menos principal. Nós leixado o particular desta precedencia, basta pera nossa historia saber como ao tempo, que João Gonçalves sahio em terra, era ella tão cuberta de espesso, e forte arvoredo, que não havia outro lugar mais descuberto que huma grande lapa, ao modo de camara abobodada, que se fazia debaixo de huma terra soberba sobre o mar. O chão da qual

la-

lapa eſtava mui ſovado dos pés dos lobos marinhos, que alli vinham retouçar, ao qual lugar elle chamou Camara de Lobos; e tomou eſte appellido em memoria, que naquelle lugar foi a primeira entrada de ſua povoação. O qual appellido ficou a todolos ſeus herdeiros, e alguns ſe chamam da Camara ſómente: e perô todos trazem por armas, ſe são as que deram a João Gonçalves, hum eſcudo verde, e huma torre de menagem de prata cuberta, e dous lobos de ſua côr pegados nella, e na ponta do curucheo da torre huma cruz d'ouro. O Infante depois que eſtes Capitães vieram ao Reyno com a nova deſta Ilha, per conſentimento delRey D. João ſeu Padre, a repartio em duas capitanías: a João Gonçalves deo a que chamamos do Funchal, onde eſtá a Cidade nomeada deſte lugar com as demarcações que a ella pertencem, de que ora ſeus herdeiros são Capitães de juro, e herdade, ſegundo ſe contém em ſuas doações. E a Triſtão Vaz deo a outra, onde eſtá a povoação de Machico, cujos ſucceſſores a tiveram té o anno de quinhentos e quarenta, onde ſe quebrou ſeu legitimo herdeiro, ſegundo tinham per ſua doação, da qual ElRey D. João o terceiro Noſſo Senhor neſte meſmo tempo fez doação della de juro, e herdade a Antonio da Silveira

de

de Menezes, filho de Nuno Martins da Silveira Senhor de Goes em ſatisfação dos ſerviços, que fez na India em o cerco da Cidade de Diu do Reyno Guzarate, onde eſtava por Capitão, quando foi cercado per Soleimão Baſſá Capitão mór d'Armada do Turco, (como ſe verá em ſeu lugar.) E a fóra o merito, que eſtes Capitães tiveram naquelle deſcubrimento pera lhes ſer feita mercê daquellas capitanías, havia outros de ſuas peſſoas, e ſerviço, per que cabia nelles toda honra; porque em as idas dalém, principalmente em o cerco de Cepta, quando foi o desbarato dos Mouros no dia da chegada, onde ſe elles acháram, e aſſi no cerco de Tangere, ambos o fizeram honradamente, e o Infante os armou Cavalleiros. E que neſta parte os meritos dambos foſſem communs, em João Gonçalves particularmente havia os da nobreza do ſeu ſangue, o que parece reſponder a lhe ſer dada maior parte na repartição da Ilha, ſempre depois precedeo em honra aos Capitães de Machico. Porém quanto aos trabalhos, que cada hum teve em povoar o que lhe coube em ſorte, ambos são dignos de muito louvor; e começáram eſta obra da povoação no anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto de mil quatrocentos e vinte. No principio da qual povoação poendo

João Gonçalves fogo naquella parte, onde ſe ora chama o Funchal, em huma roça que fez pera deſcubrir a terra do arvoredo, e rama, que tinha per baixo, e nella lançar algumas ſementes, aſſi tomou o fogo poſſe da roça, e do mais arvoredo, que ſete annos andou vivo no bravio daquellas grandes matas, que a natureza tinha creado havia tantas centenas de annos. A qual deſtruição de madeira, poſto que foi proveitoſa pera os primeiros povoadores, logo em breve começáram lograr as novidades da terra: os preſentes ſentem bem eſte damno por a falta que tem de madeira, e lenha; porque mais queimou aquelle primeiro fogo, do que dentão té ora poderá decepar força de braço, e machado. Couſa que o Infante muito ſentio, e parece que como profecia vio eſta neceſſidade preſente que a Ilha tem de lenha; porque dizem que mandava que todos plantaſſem matas, polo negocio dos açucares, de que a Ilha logo deo moſtra gaſtar tanta, que era certo vir a eſta neceſſidade. E a primeira Igreja, que o Infante mandou fundar, foi Noſſa Senhora do Calhão; e depois que a Ilha começou a multiplicar em povoações, ſe fundou Noſſa Senhora da Aſſumpção, que ora he Sé Cathedral Arcebiſpado Primaz das Indias. Depois no anno de mil quatro-
cen-

centos trinta e tres em a Villa de Sintra a vinte e ſeis de Setembro ElRey D. Duarte irmão deſte Infante lhe fez doação della em dias de ſua vida, e no anno ſeguinte em a meſma Villa a vinte ſeis e Doctubro deo todo o eſpiritual della á Ordem de Chriſto: As quaes doações depois lhe foram confirmadas per ElRey D. Affonſo ſeu ſobrinho o anno de mil quatrocentos e trinta e nove. E por as couſas deſta Ilha ſerem a nós já mui manifeſtas, e ſabidas, leixamos de eſcrever da fertilidade della: ſómente ſe póde notar ſer couſa tão groſſa, que alguns annos rendeo o quinto dos açucares ao Meſtrado de Chriſto paſſante de ſeſſenta mil arrobas: e eſta novidade ſe havia em terra, que occupava pouco mais de tres leguas. A Ilha do Porto Santo deo o Infante a Bertolameu Pereſtrello que a povoaſſe, o que lhe foi mui trabalhoſa couſa por cauſa dos coelhos, que os moradores não podiam vencer, dos quaes ainda hoje em hum ilheo, que eſtá pegado a ella, he tanta a multidão que parecem bichos, e paſſou já de tres mil huma matança que ſe nelles fez. Tambem houve outra cauſa de ſe eſta Ilha não povoar como a da Madeira, e foi por não haver nella ribeiras de regadio pera as fazendas dos moradores, com que Bertolameu Pereſtrello ficou com menos ſorte que

os outros Capitães, cuidando o Infante naquelle tempo que lhe ficava a melhor.

CAPITULO IV.

Das murmurações, que o povo do Reyno fazia contra este descubrimento: e como havendo doze annos que nelle se proseguia, hum Gileanes passou o Cabo Bojador tão temeroso na opinião das gentes.

COm o descubrimento destas duas Ilhas começou o Infante a se esforçar mais em o seu principal intento, que era descubrir a terra de Guiné, por haver já doze annos que trabalhava nisso contra parecer de muitos, sem achar algum sinal pera satisfação daquelles, que haviam este negocio por cousa sem fruto, e mui perigosa a todolos, que andavam nesta carreira, por este commum proverbio, que traziam os mareantes: *Quem passar o Cabo de Nam, ou tornará, ou não.* E era tão assentado o temor desta passagem no coração de todos, por herdarem esta opinião de seus avós, que com muito trabalho achava o Infante quem nisso o quizesse servir, peró que já o descubrimento da Ilha da Madeira désse algum animo aos navegantes. Porque diziam muitos, que como se havia de passar hum cabo, que os mareantes de Hespanha puzeram

por

por termo, e fim da navegação daquellas partes, como homens que ſabiam não ſe poder navegar o mar, que eſtava além delle, aſſi por as grandes correntes, como por ſer mui aparcelado, e com tanto fervor das aguagens, que ſorvia os navios. E mais, que a terra que o Infante mandava buſcar não era terra, mas huns areaes, como os deſertos de Lybia, de que fallavam os Eſcritores, por ella ſer huma parte a mais Occidental della, de que já tinha experiencia em as ſeſſenta leguas de coſta, que eſtavam ante do Cabo Bojador. E não ſómente os mareantes, mas ainda outras peſſoas de mais qualidade, diziam: *Certamente nós não ſabemos que opinião foi eſta do Infante, nem que fruto elle eſpera deſte ſeu deſcubrimento, ſenão perdição de quanta gente vai em os navios, pera ficarem muitos orfãos, e viuvas no Reyno, além da deſpeza de ſuas fazendas, pois o perigo, e o gaſto ambos eſtam manifeſtos, e o proveito tão incerto, como todos ſabemos. Porque ſempre ahi houve Reys, e Principes em Heſpanha deſejoſos de grandes emprezas, e tão cubiçoſos de buſcar, e deſcubrir novos eſtados, como o Infante; e não vemos, nem lemos em ſuas Chronicas, que mandaſſem deſcubrir eſta terra, tendo-a por tão vizinha. Mas como couſa de que não eſperavam honra,*

ou

ou proveito algum, leixáram de a deſcubrir, contentando-ſe com a terra, que ora temos, a qual Deos deo por termo, e habitação dos homens; e ſe alguma houver, onde o Infante diz, devemos crer que elle a leixou pera paſto dos brutos. Cá, ſegundo os antigos eſcrevêram das partes do Mundo, todos affirmão que eſta, per que o Sol anda, a que elles chamam torrida Zona, não he habitada. Ora onde o Infante manda deſcubrir, he já tanto dentro no fervor do Sol, que de brancos que os homens são, ſe lá for algum de nós, ficará, (ſe eſcapar,) tão negro, como são os Guineos vizinhos a eſta quentura. Se ao Infante parece que como ora achou eſtas duas Ilhas, que o tem mais elevado neſte deſcubrimento, póde achar outras terras hermas, groſſas, e fertiles, como dizem que ellas são, terras, e maninhos ha no Reyno pera romper, e aproveitar ſem perigo de mar, nem deſpezas deſordenadas. E mais temos exemplos contrarios a eſta ſua opinião, porque os Reys paſſados deſte Reyno ſempre dos Reynos alheios pera o ſeu trouxeram gente a eſte a fazer novas povoações; e elle quer levar os naturaes Portuguezes a povoar terras hermas per tantos perigos de mar, de fome, e ſede, como vemos que paſſam os que lá vam. Certo que outro exemplo lhe

deo

deo ſeu Padre poucos dias ha , dando os maninhos de Lavra junto de Coruche a Lambert de Orches Alemão , que os rompeſſe , e povoaſſe , com obrigação de trazer a elle moradores eſtrangeiros d'Alemanha ; e não mandou ſeus vaſſallos paſſar além mar romper terras , que Deos deo por paſto dos brutos. E bem ſe vio quanto mais naturaes são pera elles , que pera nós , pois em tão poucos dias huma coelha multiplicou tanto , que os lançou fóra da primeira Ilha , quaſi como amoeſtação de Deos , que ha por bem ſer aquella terra paſtada de alimarias , e não habitada per nós. E quando quer que neſtas terras de Guiné ſe achaſſe tanta gente , como o Infante diz , não ſabemos que gente he , nem o modo de ſua peleja ; e quando foſſe tão barbara , como ſabemos que he a das Canareas , a qual anda de penedo em penedo , como cabras ás pedradas contra quem os quer offender , nós que proveito podemos ter de terra tão eſterele , e aſpera , e cativar gente tão meſquinha ? Certo nós não ſabemos outro , ſenão virem elles encarentar o mantimento da terra , e comerem noſſos trabalhos ; e por cobrarmos hum comedor deſtes , perdermos os amigos , e parentes. Eſtas , e outras couſas dizia a gente naquelle tempo , vendo com quanto fervor , e deſejo o Infante procedia neſte deſ-

cu-

cubrimento de Guiné, a qual conquiſta durou per eſpaço de doze annos, ſem neſte tempo algum, de quantos navios mandou, ouſar paſſar o Cabo Bojador. Porém quando os Capitães tornavam, faziam algumas entradas na coſta de Berberia, (como atrás diſſemos,) com que elles refaziam parte da deſpeza, o que o Infante paſſava com ſoffrimento, ſem por iſſo moſtrar aos homens deſcontentamento de ſeu ſerviço, dado que não cumpriſſem o principal a que eram enviados. Porque como era Principe Catholico, e todalas ſuas couſas punha em as mãos de Deos, parecia-lhe que não era merecedor que per elle foſſe deſcuberto, o que tanto tempo havia que eſtava eſcondido aos Principes paſſados de Heſpanha. Com tudo, porque ſentia em ſi hum eſtimulo de virtuoſa perfia, que o não leixava deſcançar em outra couſa, parecia-lhe que era ingratidão a Deos dar-lhe eſtes movimentos, que não deſiſtiſſe da obra, e elle ſer a iſſo negligente. As quaes inſpirações aſſi o incitavam, que mandou armar huma barca, a capitanía da qual deo a hum Gilianes ſeu criado natural da Villa de Lagos, que já o anno paſſado fora a eſte deſcubrimento; e por lhe os tempos não terçarem bem, ſe foi ás Canareas, e em alguns ſaltos que fez tomou certos cativos, com que ſe tornou pera

ra o Reyno. E porque o Infante ſe moſtrou mal ſervido delle por eſte feito, ficou tão deſcontente de ſi, que neſta ſegunda viagem determinou de offerecer a vida a todolos perigos, e não vir ante o Infante ſem mais certo recado do que trouxera o anno paſſado. E a eſte ſeu propoſito ſe ajuntou a boa fortuna, ou por melhor dizer, a hora, em que Deos tinha limitado o curſo de tanto receio, como todos tinham de paſſar aquelle Cabo Bojador, o qual nome lhe elle então poz pelas razões que atrás diſſemos, não tendo té aquelle tempo algum ácerca de nós; e ſegundo a ſua ſituação, podemos dizer ſer aquelle o Cabo, a que Ptholomeu chama Ganaria promontorio. E poſto que a obra deſta paſſagem não foi grande em ſi, quanto agora, então lhe foi contada por hum grande feito, e houveram que era igual a hum dos trabalhos de Hercules, porque com eſta paſſagem desfez a vã opinião, que toda Heſpanha tinha, e deo animo áquelles, que não ouſavam ſeguir eſte deſcubrimento. Tornado Gilianes ao Reyno com eſta nova, foi recebido do Infante com aquelle prazer, que ſe tem das couſas tão deſejadas, e per tanto tempo, e trabalho riqueridas, como eram aquellas, e agalardoou ſua peſſoa, e aſſi os da ſua companhia com honra, e mercê. E o que mais ani-

animou o Infante a efta empreza, foi contar-lhe Gilianes como fahíra em a terra fem achar gente, ou povoação alguma, e que lhe parecêra mui frefca, e graciofa; e que em final de não fer tão efterele, como as gentes diziam, trazia alli a Sua Mercê em hum barril cheio de terra humas hervas, que fe pareciam com outras, que cá no Reyno tem flores, a que chamam rofas de Santa Maria. As quaes fendo trazidas ante o Infante elle as cheirava, e tanto fe gloriava de as ver, como fe fora algum fruto, e moftra da terra de promifsão, dando muitos louvores a Deos: e pedia a Noffa Senhora, cujo nome aquellas hervas tinham, que encaminhaffe as coufas daquelle defcubrimento pera louvor, e gloria de Deos, e accrefcentamento de fua Santa Fé. E não fómente o Infante, cuja era efta empreza, mas ainda ElRey D. Duarte feu irmão, que então reinava, ficou mui contente defte feito, tanto pela honra do Infante, por faber as murmurações que andavam no Reyno defta fua empreza, como por o proveito, que elle, e os feus naturaes niffo podiam ter. O qual logo publicamente quiz moftrar efte contentamento, porque eftando em a Villa de Sintra, onde lhe foi dada pelo Infante efta nova, elle fez doação de todo o efpiritual das Ilhas da Madeira, Porto Santo,

to, e Deſerta ao Meſtrado de Chriſto, de que elle Infante era Governador, e diſſo lhe paſſou Carta a vinte e ſeis de Outubro da era de mil quatrocentos trinta e tres annos, pedindo nella ao Papa que o confirmaſſe. E no meſmo tempo lhe fez mercê a elle Infante das ditas Ilhas em dias de ſua vida, com toda juriſdicção de Civel, e Crime, ſegundo em a doação ſe contém.

CAPITULO V.

Como o Infante mandou Afonſo Gonçalves Baldaya ſeu Copeiro por Capitão de hum barinel, e Gilianes, o que paſſou o Cabo Bojador, em ſua barca: e como tornáram ſegunda vez no anno ſeguinte: e da peleja que houveram com huns Alarves dous moços, que ſahíram em terra.

O Anno ſeguinte de trinta e quatro, como o Infante eſtava informado per Gilianes da maneira da terra, e da navegação ſer menos perigoſa do que ſe dizia, mandou armar hum barinel, que foi o maior navio, que té então tinha enviado, por já eſtar fóra da ſuſpeita, que ſe tinha dos baixos, e parcel, que diziam haver além do Cabo. A capitanía do qual deo a Afonſo Gonçalves Baldaya ſeu Copeiro, e em ſua companhia foi Gilianes em ſua barca, os

quaes

quaes com bom tempo, além do Cabo já descuberto, corrêram obra de trinta leguas. E sahidos em terra, acháram rasto de homens, e camellos, como que passavam em cafila de huma parte á outra; e sem mais outra cousa, depois de notarem a maneira, e disposição da terra, ou porque assi lhe fora mandado, ou per qualquer outra necessidade, que a isso os obrigou, se tornáram pera o Reyno, e ficou nome áquelle lugar, onde chegáram, Angra dos Ruinos pola grande pescaria que alli fizeram delles. O Infante sabendo per elles o que acháram, no seguinte anno os tornou enviar, encommendando-lhes que trabalhassem por passar mais avante, té chegar á terra povoada, onde pudessem ver lingua pera se informar della. Nesta segunda viagem, como já navegavam com menos temor, em breve tempo passáram além do que tinham descuberto doze leguas, onde lhe a terra pareceo chã, e descuberta, lançáram fóra dous cavallos, que o Infante mandára levar pera aquelle mister, em os quaes Afonso Gonçalves mandou cavalgar dous moços, e por os não cansarem pera qualquer corrida, se lhe necessario fosse, não consentio que levassem armas defensivas. E tambem por lhes não dar nellas confiança pera poderem pelejar, sómente leváram lanças, e espadas, e re-

e recado que não fizessem mais que descubrir a terra, e isto sem se apartar hum do outro, nem menos se apeassem; e porém vendo alguma pessoa, que elles sem seu perigo pudessem prender, que o fizessem. Sería cada hum destes mancebos de quinze té dezesete annos, e bem mostráram no accommettimento deste feito quem depois haviam de ser, porque com tanto animo partíram ao que lhe Afonso Gonçalves mandava, como se foram passear a hum campo mui sabido, e seguro. E quiz Deos que a este seu esforço não desfaleceo bom acontecimento; porque sendo já passada a maior parte do dia da menhaã que partíram, acháram juntos dezenove homens cada hum com seu dardo na mão á maneira de azagaias. E como deram de subito sobre elles, sem ter lugar pera não serem vistos, e se tornar ao navio dar esta nova, peró que lhe era defezo commetterem tal cousa, houveram que caiam mais em culpa de suas honras, se lhe fugissem, que em desobediencia de seu Capitão, se os commettessem. Com o qual proposito remettêram a elles, cuidando que os pudessem alancear; mas os Mouros tiveram melhor cuidado de si, porque tanto que os víram, espantados de tamanha novidade, primeiro que se elles determinassem, se acolhêram a huma furna, que estava debaixo

de

de huns penedos. Os mancebos vendo que ſe não podiam ajudar delles á ſua vontade, depois que pelejáram hum bom pedaço, e feríram alguns, e hum delles tambem ficou ferido em hum pé de huma azagaia de remeſſo, leixáram-os de todo, e vieram em buſca do navio, que por ſerem mui apartado já delles, não puderam tomar ſenão ao outro dia pela menhaã. Onde foram recebidos com grande feſta, e honra, de que elles eram merecedores, cá não foi eſte ſeu caſo tão pequeno, que não poſſa ſer eſtimado por hum honrado feito. Porque quem conſiderar a idade delles, e a eſtranheza de terra, e quanta fabula a gente de Heſpanha della dizia, e os temores, que tinham concebido do que nella havia, averá que foi obra de generoſo, e esforçado animo entrar per ella tão longe, quanto mais commetter dezenove homens de figura tão disforme, que ſómente eſperar a viſta delles era aſſás ouſadia. Mas iſto he proprio da virtude, e nobreza do ſangue, em qualquer idade logo ſe moſtra, ainda que ſeja nos maiores perigos da vida. E por não ficarem ſem o merito, que ſe deve áquelles, que á cuſta do ſeu ſuor, e ſangue ſervem a Deos, e a ſeu Rey, e mais pois eſtes foram os primeiros, que por eſtas duas cauſas o derramáram naquellas partes, he bem que ſe

ſai-

ſaiba que a hum chamavam Hector Homem, e a outro Diogo Lopes Dalmeida, ambos homens Fidalgos, e eſpeciaes Cavalleiros creados na eſcola da nobreza, e virtude daquelle tempo, que foi a caſa deſte excellente Principe Infante D. Henrique. Afonſo Gonçalves informado per elles do lugar, onde ficavam os Mouros, determinou com gente de os ir buſcar: peró todo ſeu trabalho ſe converteo em trazer o deſpojo, que aquella gente barbara com temor leixou na furna da contenda, o qual deſpojo de pobreza foi mais por ſinal da vitoria daquelles novees Cavalleiros, que por ſua valia. Com o qual feito, além do nome que elles ganháram pera ſi, tambem o deram com a ſua ſahida áquelle lugar, que ora chama a Angra dos cavallos; que com mais razão ſe podia chamar dos primeiros Cavalleiros naquella parte de Lybia deſerta. Partido dalli Afonſo Gonçalves, obra de doze leguas foi dar em hum rio, a entrada do qual em huma coroa, que ſe fazia no meio, víram jazer tanta multidão de lobos marinhos, que foram aſſomados em numero de cinco mil, dos quaes matáram boa ſomma, de que trouxeram as pelles por naquelle tempo ſer couſa mui eſtimada. Mas como nenhuma deſtas couſas contentava a Afonſo Gonçalves, pois não levava ao Infante hum daquel-

quelles Mouros, com deſejo de achar outros paſſou mais adiante té huma ponta, a que ora chamam a Pedra de Galé, nome, que lhe elle então poz, por a ſemelhança que moſtra a quem a vê de longe, no qual lugar achou humas redes de peſcar, que parecia ſer feito o fiado dellas do entrecaſco d'algum páo, como ora vemos o fiado da palma, que ſe faz em Guiné. E porque aquelles eram ſinaes da terra povoada, fez pera aquella coſta algumas ſahidas, ſem achar povoação, nem poder haver o que deſejava levar ao Infante; e ſem mais outro feito, por ter os mantimentos gaſtados, ſe tornou pera o Reyno.

CAPITULO VI.

Como Antão Gonçalves foi fazer matança de lobos marinhos: e das ſahidas que fez em terra per ſi, e com Nuno Triſtão, que depois ſe ajuntou com elle, em que tomáram doze almas: e do mais que paſſòu Nuno Triſtão.

TÉ o anno de trinta e nove não achamos couſa notavel, que ſe fizeſſe neſte deſcubrimento, porque em eſte meio tempo faleceo ElRey D. Duarte irmão do Infante D. Henrique, e leixou o Principe Dom Afonſo ſeu filho, que reinou em idade de

ſeis

ſeis annos; e por cauſa das ſuas tutorias houve tantas diſſensões, e differenças no Reyno, que ceſſáram todalas couſas deſte deſcubrimento té o anno de quarenta, em que o Infante mandou duas caravelas, as quaes per tempos contrairos, e acontecimentos não muito proſperos ſe tornáram ao Reyno ſem couſa digna deſte lugar. E no ſeguinte anno, por as couſas do Reyno andarem já mais em algum aſſocego, e o Infante livre pera poder entender neſta ſua empreza, mandou armar hum navio pequeno, em que foi por Capitão Antão Gonçalves ſeu Guardaroupa, que ainda era homem mancebo: A fim que quando não pudeſſe haver alguma lingua da terra, carregaſſe o navio de courama das pelles dos lobos marinhos no lugar que diſſemos, que Afonſo Gonçalves fez a matança delles. Peró Antão Gonçalves como era homem, a quem a honra mais obrigava que a cubiça da courama, e azeite de lobos, dado que em breve tempo tanto que chegou fez ſua matança, com que ſe pudera tornar bem carregado, chamou a hum Afonſo Goterez, moço da Camara do Infante, que hia por Eſcrivão do navio, e aſſi toda a mais companhia delle, que ſeriam per todos vinte huma peſſoa, e diſſe-lhes: *Amigos, nós temos feito parte daquillo, a que ſomos*

inviados, que era carregar este navio; e dado que os servos muito mereçam em acabar os mandados de quem os invia, maior louvor será se fizermos o que o Infante mais deseja, que he levar-lhe alguma lingua desta terra; porque a sua tenção neste descubrimento não he a fim da mercadoria que levamos, mas buscar gente desta terra tão remota da Igreja, e a trazer ao Baptismo, e depois ter com elles communicação, e commercio pera honra, e proveito do Reyno. E pois isto a todos he mui notorio, justa cousa me parece trabalharmos por levar algum dos moradores desta terra; porque a meu ver se Afonso Gonçalves per esta Comarca, per onde este rio vem, achou gente, buscando-nos bem per força devemos achar alguma povoação. A'cerca do qual caso me parece que sería bem sahirmos esta noite dez, ou doze homens em terra daquelles, que mais dispostos se achassem pera isso; e espero em Nosso Senhor que com vossa ajuda nos iremos desta terra mais honrados, que quantos té ora vieram a ella. Afonso Goterez, e toda a companhia do navio louvou esta determinação de Antão Gonçalves, mas não approváram sahir elle em terra por ser Capitão, a quem convinha ficar em o navio pera o que succedesse; e depois que nisto altercáram, e debatê-

têram hum bom pedaço, por as muitas razões que Antão Gonçalves pera isso deo, foi hum dos nove, que aquella noite entráram pela terra. E sendo já bem tres leguas alongados do navio, víram atravessar hum homem nú com dous dardos na mão tangendo hum camello, que levava ante si. O qual tanto que ouvio o estrupido dos nossos, e os vio correr contra si, assi ficou cortado de medo sem se bulir, que ante de tomar outro animo, era já com elle Afonso Goterez por ser homem mancebo, ligeiro, e bem despachado nestes negocios. Feita esta preza, que foi pera todos de grande prazer, começáram caminhar contra o navio, porque entrelles não havia quem no entendesse pera tomarem informação da terra, e irem mais avante. E tendo andado hum bom pedaço, achâram a gente, cujo rasto elles traziam, que seriam té quarenta pessoas, da companhia dos quaes era este cativo, e assi huma Moura, que tambem tomáram á vista delles. Os quaes tanto que víram os nossos, sahíram-se do caminho pera hum tezo, e ali se apinhoáram todos a olhar tamanha novidade. Os mais dos nossos desejosos de se revolver com elles, foram em conselho que os commettessem no outeiro onde estavam; mas Antão Gonçalves peró que homem mancebo fosse cubiço-

 so

ſo de ganhar honra, e a iſſo era alli vindo, obedeceo mais ao officio de Capitão, que aos deſejos de ſua idade; e diſſe, que não lhe parecia bem commettellos por ſer já o Sol poſto, e mui grão pedaço do navio, e tão canſados, e ſequioſos de grande calma, que ſómente o caminho que tinham por andar baſtava por trabalho, que aſſás os commettiam, pois na face delles lhe tomáram aquella mulher, que podia ſer d'algum, que ſeu voto era fazer ſeu caminho pera o navio: E que quando os Mouros os vieſſem commetter, então ahi lhe ficava fazer cada hum ſeu officio de cavalleiros, e o mais lhe parecia liviandade, e não couſa de homens prudentes, e obrigados a dar conta a quem os enviava, cujo regimento tinham em contrario do que lhes parecia. Neſta detença, que Antão Gonçalves fez de palavras, os Mouros peró, que barbaros eram per natureza, o temor os fez prudentes pera entenderem que o apinhoar dos noſſos, e detença que fizeram ſem ſe mover, fora conſulta ácerca de os commetterem, ou não; e como gente que tinha mais conta com a vida que com a honra, viráram-lhes as coſtas, eſcoando-ſe contra a outra parte do tezo pera ſe encubrirem dos noſſos; aos quaes Antão Gonçalves não quiz ſeguir, porque houve que ſervia mais o Infante na preza

dos

dos cativos que levava, que aventurar a vida d'alguns da companhia por levar mais hum cativo. Tornado ao navio, e eſtando já pera ſe partir ao ſeguinte dia, chegou outro navio do Reyno, em que vinha por Capitão hum cavalleiro da caſa do Infante chamado Nuno Triſtão, que elle creára na ſua camara de moço pequeno, e era aſſi ardido, e tanto de ſua peſſoa, que o mandava o Infante, que lhe paſſaſſe a ponta da pedra da Galé, e trabalhaſſe por lhe haver alguma lingua da terra. O qual ſabendo o feito de Antão Gonçalves, e movido de huma virtuoſa inveja, trabalhou tanto com elle, que eſſa noite foſſem ambos em buſca dos Mouros que acháram, que concedeo Antão Gonçalves em ſeu requerimento, partindo logo tanto que anoiteceo, em cuja companhia hiam Diogo de Valladares, que depois foi Alcaide mór da Villa-Franca, e Gonçalo de Cintra, cujo esforço ſe verá neſta conquiſta. E foi tal ſua boa ventura, que foram dar com os Mouros, onde jaziam recolhidos, ora foſſem os que Antão Gonçalves achou, ou quaeſquer outros: chegando aos quaes começáram com grande grita dizer: *Portugal*, *Portugal*, *Sant-Iago*. Quando aquella barbara gente ouvio vozes não coſtumadas, como couſa tão nova, e eſpantoſa a elles, bem puderam tomar

mar eſtas vozes por ſonho, ſe juntamente com ellas naquella eſcuridade da noite não ſentíram que os noſſos lhe punham as mãos aſperamente pera os prender. E porém alguns delles, dado que o medo lhe quebraſſe a ouſadia, a dor do mal que recebiam lhe fazia acudir, defendendo-ſe com ſua coragem, a qual lhe manifeſtava as armas de páo, pedra, dentes, e unhas, porque tudo alli ſervia. E como o negocio era feito áquellas horas, niſto eram conhecidos huns dos outros, andarem elles nús, e os noſſos veſtidos; e que a batalha não foſſe crua, todavia foi perigoſa por ſer em tal tempo; e ſe os noſſos não falláram, e bradáram em ſinal de quem eram, ſempre huns dos outros recebêram damno. E prouve a Deos que todo perigo cahio ſobre os Mouros, porque ficáram logo alli eſtirados tres, e cativáram dez. E dos mortos hum delles matou Nuno Triſtão com grande perigo de ſua peſſoa, vindo a braços; porque como o Mouro era nervudo, e forçoſo, e tinha ventage na luta por andar nú, ſenão foram as armas, ſempre Nuno Triſtão padecêra mal. E outro, que tambem ſe houve esforçadamente neſte negocio, foi hum Gomes Vinagre moço da Camara do Infante, em que moſtrou quem depois havia de ſer, com a qual vitoria ſe tornáram pera os na-

vios

vios já algum tanto de dia. E ante que entrassem em os navios, pedíram todos a Antão Gonçalves, que em memoria daquelle feito, que se fizera com tanta honra sua, lhe approuvesse dar nome áquelle lugar com se armar alli Cavalleiros. Antão Gonçalves peró, que não quizera acceptar a tal honra de cavalleria, negando ser merecedor della, por comprazer a todos, foi armado Cavalleiro per mão de Nuno Tristão, com que o lugar, segundo lhe todos diziam, ficou com o nome, que hoje tem, que he Porto do Cavalleiro. Recolhidos os Capitães a seus navios, acertou que entre os cativos vinha hum da casta dos Alarves, que se entendeo com o Mouro lingua, que Nuno Tristão levava; e pela prática, que com elle tiveram, pareceo bem aos Capitães lançarem a Moura em terra, e com ella o Mouro lingua, para por meio delles virem alguns Mouros resgatar daquelles cativos. Como de feito aconteceo, porque d'hi a dous dias, que lançáram estes fóra, acudíram ao porto obra de cento e cincoenta homens antre de cavallo, e camellos, os quaes na primeira vista quizeram usar de huma sagacidade, mandando tres, ou quatro diante, que provocassem os nossos a sahir em terra, e os mais ficavam detrás de huns medãos em cilada. Peró vendo que os nossos

não

não ſahíram do batel tão preſtes, como elles cuidavam, parecendo-lhes ſerem entendidos, começáram a ſe deſcubrir, trazendo comſigo prezo o Mouro lingua, o qual logo aviſou os Capitães que em nenhuma maneira ſahiſſem fóra, porque aquella gente vinha mui indinada contra elles, como logo começáram moſtrar, tirando ás pedradas aos bateis, depois que foram deſenganados que os noſſos não queriam ſahir em terra. Os Capitães diſſimulando com a furia delles por cumprir com o regimento do Infante, tornáram-ſe aos navios ſem lhes fazer damno; e havido conſelho do que fariam, aſſentáram que Antão Gonçalves ſe tornaſſe pera o Reyno com os cativos, que lhe coubeſſem á ſua parte; e Nuno Triſtão, porque o Infante lhe mandava ir mais avante, deo quarena á caravela, e depois de eſpalmada, começou fazer ſeu caminho ſeguindo a coſta, té chegar a hum Cabo, que per a ſemelhança delle lhe poz nome Branco. E poſto que alli achou raſto de homens com redes de peſcar, e per muitas vezes fizeſſe entradas na terra, ſem poder haver á mão alguma lingua della, porque a coſta começava alli tomar outro rumo á maneira de enſeada pera onde as aguas corriam, temendo que na volta do Cabo por razão deſta corrente gaſtaſſe todo o mantimento por

já

já eſtar desfalecido delle, ſem ir mais avante, nem fazer couſa alguma digna deſte lugar, ſe tornou pera o Reyno, onde já achou Antão Gonçalves, a quem o Infante aſſi per outros ſerviços, como polos deſte deſcubrimento, deo a Alcaidaria mór de Thomar, e huma Commenda, e o fez Eſcrivão de ſua puridade.

CAPITULO VII.

Da ſupplicação, que o Infante fez ao Papa, e lhe concedeo: e da doação dos quintos, que lhe o Infante D. Pedro ſeu irmão regente deſte Reyno deo em nome delRey: e do que Antão Gonçalves, e Nuno Triſtão paſſáram em a viagem que cada hum fez.

O Infante como ſeu principal intento em deſcubrir eſtas terras era attrahir as barbaras nações ao jugo de Chriſto, e de ſi a gloria, e louvor deſtes Reynos, com accreſcentamento do patrimonio Real, ſabendo per os cativos que Antão Gonçalves, e Nuno Triſtão trouxeram as couſas dos moradores daquellas partes, quiz mandar eſta nova ao Papa Martinho V. que então preſidia na Igreja, como primicias que a elle eram devidas por ſerem obras feitas em louvor de Deos, e accreſcentamento da Fé de Chri-

Chriſto : Pedindo-lhe , que por quanto havia tantos annos que elle continuava eſte deſcubrimento , em que tinha feito grandes deſpezas de ſua fazenda , e aſſi os naturaes deſte Reyno que nelle andavam , lhe aprouveſſe conceder perpétua doação á Coroa deſtes Reynos de toda a terra , que ſe deſcubriſſe per eſte noſſo mar Oceano do Cabo Bojador té as Indias *incluſivè*. E pera aquelles , que na tal conquiſta pereceſſem , indulgencia plenaria pera ſuas almas ; pois Deos o puzera na Cadeira de S. Pedro , pera aſſi dos bens temporaes , que eſtavam em poder de injuſtos poſſuidores , como dos eſpirituaes do theſouro da Igreja pudeſſe repartir per ſeus fieis. Porque a gente Portugueza , aſſi nos feitos deſta parte da Europa , como depois que entráram na de Africa em a tomada de Cepta , e de ſi no deſcubrimento , e conquiſta da Ethiopia , tinham merecido o jornal diurno , que ſe dá áquelles obreiros , que bem trabalham neſta vinha militante do Senhor. Com o qual negocio por ſer de tanta importancia , mandou hum Cavalleiro da Ordem de Chriſto , per nome Fernão Lopes d'Azevedo , do Conſelho del-Rey , e homem de grande prudencia , e authoridade , que depois foi Commendador mór da dita Ordem. E neſta ida que fez , não ſómente foi concedida ao Infante eſta ſua pe-

petição, mas ainda Bulla pera Sancta Maria de Africa, que elle fundára em Cepta, e assi outras muitas graças, e privilegios, que a Ordem tem: tanto estimou o Papa, e o Collegio dos Cardeaes a nova deste descubrimento. Depois o Papa Eugenio IV. e o Papa Nicoláo V. té o Papa Sixto, á supplicação delRey D. Afonso, e delRey Dom João seu filho, concedêram a elles, e a seus successores per suas Bullas doação perpétua de tudo o que descubrissem per este mar Oceano, demarcando do Cabo Bojador té a Oriental plaga da India *inclusivè*, com todolos Reynos, senhorios, terras, conquistas, portos, ilhas, tratos, resgates, pescarias, sob innumeraveis, e graves excommunhões, defezas, e interdictos, que outros alguns Reys, Principes, Senhorios, ou Communidades não entrem, nem possam entrar em as taes partes, e mares adjacentes, segundo se mais largamente contém em suas Bullas. E onde este Papa Sixto IV. mais corroborou a doação geral deste descubrimento foi no fim das pazes, que houve entre ElRey D. Fernando de Castella, e ElRey D. Afonso de Portugal, em que foram apontadas por parte deste Reyno o descubrimento que ora temos, começando do Cabo de Nam té a India *inclusivè*, &c. como se contém na Chronica do mesmo Rey

D.

D. Afonſo, e mais copioſamente na propria confirmação, ratificação, e corroboração de pazes ſe póde ver per a Bulla do dito Papa Sixto dada *ad perpetuam rei memoriam.* Tambem em ſatisfação dos trabalhos, e deſpezas, que o Infante D. Henrique tinha feito neſte deſcubrimento, o Infante D. Pedro ſeu irmão, que então era regente deſtes Reynos por ElRey D. Afonſo ſeu ſobrinho, em ſeu nome lhe fez doação do quinto, que pertencia a ElRey deſta conquiſta; e mais lhe paſſou Carta, que nenhuma peſſoa pudeſſe lá ir ſem ſua eſpecial licença. Com as quaes graças, e doações, que ſeguráram ao Infante no premio de ſeus trabalhos, e tambem vendo que já na opinião da gente do Reyno eſtava julgada eſta empreza por couſa proveitoſa, e de maior louvor do que ſe dava a elle Infante no principio della, começou dobrar os navios, e deſpezas. E porque Antão Gonçalves lhe diſſe, que o Mouro principal, que tomára em companhia dos outros, dizia que ſe o tornaſſem á ſua terra daria por ſi ſeis, ou ſete eſcravos de Guiné, e tambem que na companhia daquelles cativos eſtavam dous moços filhos de dous homens principaes daquella terra, que dariam pola meſma maneira outro tal reſgate, ordenou o Infante de o deſpachar logo em hum navio,

vio, fazendo fundamento, que quando Antão Gonçalves não pudesse haver tantos negros a troco destes tres Mouros, já de quantos quer que fossem ganhava almas, porque se converteriam á Fé, o que elle não podia acabar com os Mouros; e tambem por serem do sertão daquellas terras, (dos ardores, das quaes a gente tanto fabulava,) podia per elles ter verdadeira informação. E aconteceo, que ao tempo que se fazia presstes este navio, em que havia de ir Antão Gonçalves, estava em casa do Infante hum gentil homem da casa do Emperador Federico III. a que chamavão Balthazar, o qual com desejo de ganhar honra viera dirigido pelo mesmo Emperador ao Infante, pera o mandar a Cepta fazer Cavalleiro, como de feito se fez pelos meritos de sua pessoa. E porque este Balthazar era homem curioso, e que desejava ver novas terras, e neste tempo per toda Europa se fallava neste descubrimento de Guiné, como na mais nova cousa que se podia dizer, e os homens que o seguiam eram estimados em preço de Cavalleiros, e de grande animo, pedio ao Infante que houvesse por bem ir elle em companhia de Antão Gonçalves, porque desejava de se ver em huma grande tormenta de mar, pera depois poder contar em sua terra: cá, segundo lhe diziam os mareantes

des-

deſta carreira, as tormentas, e mares daquellas partes eram mui differentes deſtes noſſos. O qual deſejo elle Balthazar cumprio, porque partido Antão Gançalves teve no caminho hum temporal tão grande, que dizia Balthazar que já víra o que deſejava, mas não ſabia ſe o poderia contar: tão incerta tinha a eſperança de ſua vida, de maneira que arribou Antão Gonçalves a eſte Reyno. E depois que ſe refez dos mantimentos, e couſas que alijou, feito bom tempo, tornou a ſua viagem, e Balthazar com elle, dizendo, que pois já tinha viſto as tormentas do mar, tambem queria levar nova da terra. Chegado Antão Gonçalves aonde os Mouros haviam de vir fazer o reſgate, porque aſſi lhe era mandado pelo Infante, lançou em terra o proprio Mouro que o alli fez vir, cuidando que pelo bom tratamento, que lhe o Infante mandára fazer, sería fiel em ſuas promeſſas; mas elle como ſe vio livre, lembrou-ſe mal da fé que leixava empenhada. Sómente parece que deo nova nas povoações da chegada do navio, e como trazia os moços pera reſgatar; porque ſendo já paſſados oito dias, vieram mais de cem peſſoas ao reſgate delles, por ſerem filhos dos mais nobres daquelles Alarves. A troco dos quaes deram dez negros de terras differentes, e huma boa quantida-

de

de d'ouro em pó, que foi o primeiro, que ſe neſtas partes reſgatou, donde ficou a eſte lugar por nome Rio do Ouro, ſendo ſómente hum eſteiro d'agua ſalgada, que entra pela terra obra de ſeis leguas. Ouvè-ſe mais em eſte reſgate huma adarga de couro danta crú, e muitos ovos de hema, os quaes tornado Antão Gonçalves a eſte Reyno, ſem fazer mais outra couſa foram apreſentados á meza do Infante tão freſcos, que os eſtimou elle por a melhor iguaria do Mundo. E pelas novas que lhe Antão Gonçalves deo das couſas da terra, ſegundo o tinha ſabido dos Alarves, e principalmente pela quantidade d'ouro que ouve, que era ſinal de muito que ao diante ſe podia deſcubrir, deſpachou logo a Nuno Triſtão, que, como atrás fica, foi o que chegou ao Cabo Branco. O qual Nuno Triſtão deſta viagem paſſou avante té huma Ilha, cujo nome per os da terra ſe chama Adeger, que he huma das a que nós ora chamamos de Arguim. Sendo a viſta da qual, vio que da terra firme parella, por lhe ſer mui vizinha, atraveſſavam obra de vinte cinco almadias, e ſobre cada huma dellas hiam tres, e quatro homens nús eſcanchados de maneira, que as pernas lhes ficavam em lugar de remos, que pera os noſſos foi couſa de admiração; e ante que houveſſem conhe-

nhecimento do que era, pareceo-lhes ſerem aves marinhas. Peró depois que víram o que era, como levavam batel fóra, ſaltáram nelle ſete homens, e deſpacháram-ſe tambem, que houveram á mão quatorze, com que enchêram o batel; e os outros, poſto que eſcapáram no mar, foram tomados no ilheo, porque o batel leixando eſtes no navio, foi buſcar os outros, que ſe acolhêram a elle. Feita eſta preza, com que o ilheo ficou deſpejado, paſſáram-ſe a outra Ilha junto deſta, a que puzeram nome das Garças, por as muitas que alli acháram: e aſſi outras aves, que ſe parecem com ellas, as quaes ſe ajuntavam alli por ſer tempo da ſua creação; e como não eram traquejadas de gente, ás mãos tomáram tanta quantidade dellas, que ficou por refreſco ao navio. E nos dias que Nuno Triſtão alli eſteve, fez algumas entradas na terra firme, mas não pode haver mais preza que aquella primeira do mar; e por a terra já andar mui alvoroçada, ſe tornou pera o Reyno o anno de quatrocentos e quarenta e tres.

CAPITULO VIII.

Dos louvores, que o povo do Reyno dava ao Infante por este descubrimento: e como por sua licença os moradores de Lagos armáram seis caravelas: e do que passáram nesta ida.

CHegado Nuno Tristão com tão honrada preza, sem fazer a demora, que os outros navios faziam, e passar vinte e tantas leguas além donde os outros chegáram, e achar ilhas, e todalas cousas mui differentes da opinião que a gente tinha quando o Infante começou este descubrimento, trocáram as murmurações, e juizos, que lançáram sobreste negocio: E já não diziam por elle que mandára descubrir terras hermas, e desertas com perdição dos naturaes do Reyno, mas louvavam seus feitos, dizendo, que elle fora o primeiro, que abríra novos caminhos aos Portuguezes de ganhar muita honra, e thesouros, que nunca foram descubertos depois da creação do Mundo, e que por isto merecia terem-lhe as gentes mais amor que a nenhum dos Principes passados, pois com tanta de sua despeza, sem oppressão dos naturaes, lhe buscára novo modo de vida. Porque das guerras passadas entre este Reyno, e o de Cas-

tella, e aſſi idas de Cepta, Tangere, e outras deſpezas, e lançamentos de fintas, eſtava a gente tão neceſſitada, que com grande trabalho ſe podia manter. Accreſcentava tambem neſte louvor verem que aquelles, que ſeguiam eſta carreira, ſe engroſſavam em ſubſtancia com os retornos, e eſcravos, que traziam daquellas partes; de maneira, que o geral do Reyno eſtava movido com nova cubiça pera ſeguir eſte caminho de Guiné. O Infante a eſte tempo eſtava no Algarve em a Villa de Terçanabal, que novamente fundava, como já diſſemos; e eſta vivenda aſſentou alli depois da vinda de Tangere, o qual caſo foi azo de alguns dias ſe apartar da Corte, e negocios della. E porque todolos navios, que vinham de Guiné por eſta cauſa deſcarregavam em Lagos, os primeiros que movêram partido ao Infante pera ir lá á ſua propria cuſta, foram os moradores deſta Villa, com partido de pagarem hum tanto do que trouxeſſem a elle Infante; ſegundo o tinha per doação delRey. O principal dos quaes, que moveo eſta ida, foi hum eſcudeiro, que ſe chama Lançarote, que fora moço da camara do meſmo Infante, ao qual elle dera o Almoxarifado de Lagos, e alli eſtava caſado; e os outros eram Gilianes, que foi o primeiro, que paſſou o Cabo Bojador, e hum Eſte-

tevão Afonſo, que depois morreo em as Canareas na conquiſta dellas, e Rodrigalvares, e João Dias, todos homens honrados, com que fizeram numero de ſeis caravelas, de que elle Lançarote per ordenação do Infante foi por Capitão mór. A frota partida de Lagos o anno de quatrocentos e quarenta e quatro chegou á Ilha das Garças veſpera de Corpo de Deos, onde os Capitães fizeram grão matança, por ſer no tempo da creação dellas: e aſſi tiveram conſelho ſobre o modo de darem primeiro em a Ilha Nar, porque era mui perto dalli: cá, ſegundo os Mouros, que Nuno Triſtão levou, informáram o Infante, haveria nella mais de duzentas almas. E foi aſſentado per o Capitão Lançarote, que por quanto podiam ſer viſtos deſtes Mouros, indo todolos navios á viſta da Ilha, Martim Vicente, e Gil Vaſques, que alli eſtavam, por ſerem homens, que já foram junto dellas, deviam ir em os bateis, ſómente com gente que os remaſſe, a eſpiar os Mouros; e depois que lá foſſem, enviaſſem hum delles com recado, e os outros ſe metteſſem entre a Ilha, e a terra firme, porque querendo os Mouros paſſar a ella, achaſſem o caminho tomado, té elles chegarem com os navios, e darem juntamente nelles. Approvado eſte conſelho, partíram Martim Vicente,

te , e Gil Vaſques , aos quaes ſuccedeo o negocio mui differente do que cuidáram , porque não puderam chegar á Ilha ſenão a tempo que o Sol rompia ; e parecendolhes que podiam ſer viſtos de huma povoação , que eſtava junto da praia , e que o tempo , e diſpoſição do lugar dava azo a fazerem hum honrado feito , o qual podiam perder , tornando com recado aos navios , deram de ſubito ſobre a povoação , onde tomáram cento e ſincoenta e ſinco almas , e outras perecêram em ſe defender. E como elles eram ſómente trinta homens , de que os mais vinham pera remar , e os cativos eram tantos , que os não podiam todos recolher nos bateis , ficáram delles em terra com alguns , e os outros leváram aos navios , onde foram recebidos com muita feſta , poſto que antre todos havia huma triſteza por ſe não acharem em aquelle feito. O Capitão Lançarote com deſejo d'empregar ſua peſſoa em as taes emprezas , mandou logo a grão preſſa concertar os bateis , porque ſoube daquelles cativos que na outra Ilha , que ahi eſtava perto , a que chamavam Tider , podia fazer outra tal preza ; mas neſta ida não fez couſa alguma por achar a Ilha deſpejada. E porque hum daquelles Mouros , ſegundo ſeu parecer , o fez lá ir maliciosamente , o metteo a tor-

men-

mento, té que lhe prometteo de o levar a outra Ilha, onde emendaſſe o erro que fizera; mas quando lá chegáram houve tanta detença por dúvidas ſe era engano, ou verdade, não ſe fiando do Mouro, que tiveram os da Ilha tempo de ſe paſſarem á terra firme, e com tudo ainda preáram alguns. E em dous dias, que per alli andáram de Ilha em Ilha, e aſſi em alguns ſaltos, que fizeram na terra firme, tomáram quarenta e ſinco almas, com que ſe tornáram aos navios, que ficavam atrás ſinco leguas. Parece que a ventura de Lançarote, e dos outros eſteve por aquella vez no mar, porque em muitas entradas, que depois fizeram na terra firme, andavam já os Mouros tão traquejados, que ſómente houveram em huma aldea huma moça, que ficou dormindo; e no Cabo Branco, fazendo ſua volta pera o Reyno, tomáram quinze peſcadores. E porque os mantimentos com os muitos cativos lhe começáram desfalecer, tornáram-ſe pera o Reyno, onde o Capitão Lançarote foi recebido com tanta honra do Infante, que per ſua peſſoa o armou Cavalleiro com accreſcentamento de mais nobreza, e aſſi gratificou os outros, que o bem ſerviam naquella jornada. Porque huma das couſas, que o Infante naquelle tempo trazia ante os olhos, e em que o mais po-

podiam comprazer, e ſervir, era em aquelle deſcubrimento, por ſer couſa, que elle plantára, e creára com tanta induſtria, e deſpeza.

CAPITULO IX.

Como Gonçalo de Sintra com outros foi morto na Angra, que ſe ora chama do ſeu nome: e da ida, que Antão Gonçalves fez ao rio do Ouro, e depois Nuno Triſtão, onde tomou huma aldea de Mouros: e como Diniz Fernandes paſſou a terra dos Negros, e deſcubrio o Cabo, a que agora chamamos Verde.

ESte anno de quatrocentos quarenta e ſinco mandou o Infante armar hum navio, a capitanía do qual deo a hum Gonçalo de Sintra eſcudeiro de ſua caſa, que ſegundo diziam já o ſervíra de moço deſpóras; mas por ſer homem pera muito, e cavalleiro de ſua peſſoa, ſempre o trouxe em cargos honrados. Eſte Gonçalo de Sintra com deſejo de ſe aventajar dos outros, que lá eram idos, partido do Reyno, per conſelho de hum Mouro Azenegue, que levava comſigo pera lhe ſervir de lingua, ſe foi á Ilha de Arguim, que eſtá avante do Cabo Branco obra de doze leguas, promettendo-lhe o Mouro grandes prezas em terra.

ra. Mas iſto ſuccedeo bem ao contrario do que elle eſperava, porque ante que chegaſſem ao Cabo Branco em huma angra, a que elle deo nome, como veremos, fugio-lhe eſta lingua, e aſſi lhe fugio hum Mouro velho, que ſe veio lançar com elle, dizendo, que pelos navios paſſados foram alli cativos certos Mouros ſeus parentes, e por o amor que lhes tinha, ante com elles queria morrer em cativeiro, que ſem elles na liberdade de ſua propria terra. O que era grande falſidade, cá ſua tenção era ſómente vir ver as couſas do navio a que era enviado; e com eſtas palavras ſegurou tanto Gonçalo de Sintra, que ſe tornou pera terra. E vendo elle que eſtes deſcuidos o culpavam, deſejoſo de os emendar com algum honrado feito, metteo-ſe aquella noite em hum batel com doze homens pera paſſar a terra firme, e dar em alguma aldea. Mas quiz ſua má fortuna que ſe foi metter em hum eſteiro, que quando a maré vaſou ficou em ſecco; e vinda a menhaã, em que o batel foi viſto pelos Mouros, acudíram obra de duzentos, onde Gonçalo de Sintra por ſe defender, naquella vaſa pereceo com eſtes ſete homens, Lopo Caldeira, Lopo Dalvellos, ambos moços da camara do Infante, Jorge moço deſpóras, e Alvaro Gonçalves Piloto com tres

ma-

marinheiros , e os mais, que hiam no batel por ſaberem nadar, ſe ſalváram. E como na caravela não havia peſſoa, que governaſſe a outra gente , e todos eram homens do mar , tornáram-ſe pera o Reyno com duas Mouras, que tinham tomado naquella coſta, que cuſtáram a vida deſtes homens , os primeiros, que naquella terra morrêram a ferro, e deram nome ao lugar de ſua ſepultura, cá ſe chama ora a Angra de Gonçalo de Sintra , que ſerá além do rio do Ouro quatorze leguas. O Infante poſto que iſto muito ſentio por ſer a primeira perda de homens , que naquellas partes houve , não leixou logo no ſeguinte anno de mandar tres caravelas, cujos Capitães eram Antão Gonçalves , de que já fallámos , e Diogo Afonſo, e Gomes Pires patrão del-Rey; o qual mandava o Infante D. Pedro, que então era regente deſtes Reynos, levando todos por regimento que entraſſem no rio do Ouro, e trabalhaſſem por converter á Fé de Chriſto aquella barbara gente , e quando não recebeſſem o baptiſmo, aſſentaſſem com elles paz, e trato, das quaes couſas não aceptáram alguma. Vendo os Capitães que ſeu trabalho neſte negocio era perdido, ou porque lhes aſſi foi mandado, ou por qualquer outra cauſa , ſe tornáram ao Reyno, ſómente com hum negro, que alli hou-

houveram per resgate, e hum Mouro velho, que por sua propria vontade quiz vir ver o Infante, o qual depois o mandou tornar a sua terra. E assi como este Mouro desejou vir ao Reyno por ver as cousas delle, o mesmo desejo teve hum escudeiro, a que chamam João Fernandes, pera particularmente ver as cousas daquelle sertão, que habitavam os Azenegues, e dellas dar razão ao Infante, confiado na lingua delles que sabia, o qual depois tornou ao Reyno, como veremos. E neste mesmo tempo fez Nuno Tristão outra viagem, e em huma aldea, que entrou além deste rio do Ouro, tomou vinte almas, com que em breve tempo se tornou ao Reyno. Tambem neste anno Diniz Fernandes morador em Lisboa escudeiro delRey D. João, movido per os favores, e mercês, que lhe o Infante fez, por ser homem abastado, e de honrados feitos, armou hum navio pera ir a este descubrimento, propondo de passar o termo aonde os outros Capitães tinham chegado, como de feito fez; porque passado o rio, que se ora chama Sanagá, o qual divide a terra dos Mouros Azenegues dos primeiros negros de Guiné chamados Jalofos, houve vista de humas almadias, em que andavam a pescar huns negros, das quaes com o batel, que levava per popa, al-

alcançou huma com quatro delles, que foram os primeiros que a efte Reyno vieram. E pofto que Diniz Fernandes achaffe alli muitos finaes de povoação, como feu propofito mais era defcubrir terra por fervir o Infante, que trazer cativos pera feu proprio proveito, não fe quiz alli deter em faltos, e tomadias defcravos, mas paffou avante té chegar a hum notavel Cabo, que a terra lança contra o Ponente, ao qual elle chamou Cabo Verde por caufa da moftra, e parecer, com que então fe moftrou; o qual Cabo, e nome he ao prefente dos mais notaveis, e celebrados, que temos nefte grande Oceano Occidental, e de que em a noffa Geografia copiofamente tratamos. E como efte grande Cabo já fazia outros temporaes na volta delle, os quaes empedíram a Diniz Fernandes não profeguir mais adiante, como elle defejava, contentou-fe por então de fahir em huma ilheta, que eftá pegada nelle, onde fizeram grão matança em muitas cabras, que alli acháram, que lhe foi mui bom refrefco, e fem mais outra coufa fe tornou ao Reyno, onde foi recebido pelo Infante com muita honra, e mercê que lhe fez; porque a novidade da terra que defcubrio, e a gente que trouxe não refgatada das mãos dos Mouros, como eram os outros negros vindos ao Reyno, mas toma-

mados em ſuas proprias terras, aſſi contentáram ao Infante, que ſempre lhe parecia pouco o que fazia aquelles, que lhe vinham com eſtas moſtras, e ſinaes d'outra maior eſperança que elle tinha.

CAPITULO X.

Como Antão Gonçalves per mandado do Infante tornou a buſcar João Fernandes, que ficou per ſua vontade entre os Mouros: e do que paſſou neſta viagem, e aſſi os navios que com elle foram.

A Eſte tempo eram já paſſados ſete mezes que Antão Gonçalves viera do rio do Ouro, onde leixára João Fernandes, que, como diſſemos, per ſua propria vontade quiz ficar entre os Mouros pera ſaber as couſas do ſertão. E parecendo ao Infante que já teria ſabido muitas, porque o eſpirito o não leixava aſſocegar neſtas, que deſejava ſaber daquellas partes, tornou a mandar o meſmo Antão Gonçalves em buſca delle, e em ſua companhia foram Garcia Mendes, e Diogo Afonſo cada hum em ſua caravela, dos quaes com hum temporal que tiveram, o primeiro que chegou ao Cabo Branco, que foi Diogo Afonſo, por dar ſinal aos companheiros, mandou arvorar huma grande Cruz de páo, que depois du-

durou naquelle lugar muitos annos, e passou adiante aos ilheos de Arguim, porque naquelle tempo pera fazer algum proveito todos os hiam demandar; e tinha por certo que haviam elles de ir dar com elle, por ser aquella costa, e os ilheos a mais povoada parte de quantas té então tinham descuberto. E a causa de ser mais povoada, era por razão da pescaria, de que aquella misera gente de Mouros Azenegues se mantinha, porque em toda aquella costa não havia lugar mais abrigado do impetõ dos grandes mares, que quebram nas suas praias, senão na paragem daquellas Ilhas de Arguim, onde o pescado tinha alguma acolheita, e lambugem da povoação dos Mouros, posto que as Ilhas em si não são mais que huns ilheos escaldados dos ventos, e rocio da agua das ondas do mar. Os quaes ilheos seis, ou sete que elles são, cada hum per si tinha o nome proprio per que nesta escritura os nomeamos, posto que ao presente todos se chamam per nome commum os Ilheos de Arguim, por causa de huma fortaleza, que ElRey D. Afonso, como adiante veremos, mandou fundar em hum delles chamado Arguim. Diogo Afonso, em quanto os companheiros não vinham, posto que fez algumas entradas na terra firme, logo como dobrou o Cabo Branco,

não

não preou couſa alguma ; ſómente com a vinda delles na Ilha de Arguim, por os Mouros terem já ſentido os navios , houveram hum moço, e hum velho ; e per induſtria delle, vendo que aldea era dalli levantada, em bateis ſe paſſáram a terra firme pera darem em outra aldea. E porque ſuſpeitavam que o Mouro ſe leixára alli ficar com tenção de os levar a eſta aldea, onde os metteria em alguma cilada , detiveram-ſe tanto em determinar ſe iriam, ou não, que quando já chegáram á aldea era alto dia, e os Mouros poſtos em ſalvo. Com tudo houveram á mão huns vinte e ſinco quaſi tomados acoſo, dos que ſe eſcondêram nas fraldas da aldea; porque andavam elles já tão eſcozidos das armas dos noſſos, que a ſua guerra, (ſe o podiam fazer,) era pôrem-ſe em fugida , ſem eſperar dar, e tomar , o qual modo de vitoria foi aos noſſos mui trabalhoſo por irem já mui canſados do caminho. E quem ſe melhor houve neſta corrida, e caſo, foi hum Lourenço Dias morador em Setubal , porque elle ſó tomou ſete Mouros por ſer mui ligeiro. No fim do qual trabalho por a vitoria ſer de maior prazer, e feſta, quando tornáram acháram João Fernandes, que elles vinham buſcar, o qual havia dias que acudia á praia per aquella coſta que tinha dito , eſperando ſe

via

via algum navio que o tomasse, e trouxesse daquelle desterro voluntario, em que se elle poz. Em o qual desterro elle se houve tão sezudamente com aquelles barbaros que tratou, que quando se delles partio mostráram ter sentimento de sua partida, e vieram alguns com elle por o segurar dos pescadores, e tambem a resgatar com os navios, dos quaes Antão Gonçalves houve nove negros, e assi hum pouco d'ouro em pó; e por causa deste resgate, que se então alli fez, tem aquelle lugar por nome o Cabo do Resgate. E como a principal cousa, que os alli trouxe, era virem buscar João Fernandes, que já tinham achado com o mais que dissemos, de que não estavam pouco contentes, por celebrar mais esta festa, foi alli armado Cavalleiro hum Fernão Tavares, homem nobre, e de idade, o qual se tinha visto em honrados feitos de armas, e em nenhuma parte quiz acceitar esta honra senão nesta terra novamente descuberta, (tão gloriosa cousa era poer os pés nella,) o qual acabou depois em Religião catholicamente. Antão Gonçalves, tornando-se pera este Reyno, veio pelo Cabo Branco, onde em huma entrada que fez em huma aldea tomou sincoenta e sinco almas, a fóra outras, que perecêram em seu defendimento, com a qual preza rota batida se fez via do

Rey-

Reyno, aonde chegou a ſalvamento. O Infante poſto que eſtas noventa almas, e ouro, que Antão Gonçalves trazia, era couſa de preço, e muito pera eſtimar, tudo havia que era pouco em comparação de ver ante ſi João Fernandes são, e ſalvo, e cheio de tanta novidade, e eſtranheza da terra como elle contava, d'algumas das quaes couſas faremos relação por memoria dos trabalhos de João Fernandes, porque em a noſſa Geografia, por ſer mais proprio lugar, tratamos deſta terra, e dos ſeus moradores mais copioſamente, do que então alcançou João Fernandes. Segundo elle diſſe, os Mouros, em cuja companhia ficou, eram paſtores, e parentes do Mouro, que veio pera o Reyno com Antão Gonçalves. Eſtes, depois que o leváram pela terra dentro, a primeira honra, e gazalhado que lhe fizeram, foi esbulharem-no de quanto levava, aſſi de veſtido, e roupa, como de hum pouco de biſcouto, trigo, e legumes de ſeu comer; e em ſatisfação diſto lhe deram hum alquicé roto pera cubrir ſuas carnes, que foi differente entrada da que o Infante fez ao ſeu parente, quando chegou ao Reyno; e tal, que ainda ſe não quiz vir com Antão Gonçalves, quando tornou buſcar João Fernandes, porque em caſa do Infante ſe achava livre, e na ſua patria cativo deſtas mi-

miſerias, que ora diremos. Mas como João Fernandes hia offerecido a todolos trabalhos, em quanto lhe não tocavam na vida, peró que per força lhe apanháram tudo, não reſiſtio muito em o defender, nem menos que ficava por iſſo eſcandalizado, e dalli em diante ficou naquella triſte vida, que todos tem; porque o ſeu comer era huma pouca de ſemente, que o campo per ſi dá, que ſe parece com Painço de Heſpanha, e aſſi raizes, e gomos d'algumas poucas de hervas, e não ainda em abaſtança; e toda maneira de immundicia de lagartixas, e gafanhotos torrados áquella fervura do Sol, que ſempre reina naquelle Solſticio do Tropico de Cancro, que paſſa per cima daquella região. E os mais mezes do anno ſeu certo comer, (porque eſtoutro ás vezes lhe falece com os temporaes,) he leite do gado que paſtoram, que tambem lhes ſerve de beber, por a terra ſer tão eſterele, que não tem mais aguas, que em certos lugares alguns poços meios ſalobros, dos quaes, quando ſe apartam por levar o gado a outro paſto, o leite lhes fica em lugar de agua, das quaes couſas ainda não são muito abaſtados. Carne, ſe alguma comem, he de galezas, e muitas veações, e aves que matam, e no gado não tocam ſenão por feſta no macho, e nunca no outro, por lhes dar leite, que he toda

ſua

ſua vida, e eſtes são os de dentro do ſertão, porque os da coſta do mar peſcado he o ſeu geral comer ſecco ſem ſal, e o freſco muitas vezes por ſer mais humido, e lhes fazer menos ſede. Ainda que agora com a noſſa fortaleza de Arguim são já mais mimoſos por viverem della, e do trigo, que lhes mandamos; e em tudo todos quando per caſo lhes vai ter á mão hum pouco, aſſi o comem á mão, como nós comemos os confeitos. A terra em ſi he meio areal, a mais viçoſa he como a mais pobre, e raſa charneca, que cá temos, onde ha algumas palmeiras, e arvores, que querem parecer ás figueiras, que cá chamamos do Inferno; e deſtas ainda tão poucas, ſegundo o grande eſpaço de terra, porque eſtam derramadas, que parecem poſtas á mão pera dar ſombra, o que éllas não fazem por a pouca rama que tem, (tão pobremente cria as arvores.) O ſitio deſta terra todo he chão, e tão máo de conhecer, por não ſer notavel per montes, arvoredos, e outras differenças que a boa terra tem, que poucos em caminho de muito eſpaço de terra podem atinar o lugar aonde vam. Sómente per eſtas couſas ſeguiam no caminhar pelos ventos, per eſtrella, e pelas aves, que andam no ar, principalmente corvos, abuteres, e outras, que ſeguem as immundicias do po-

voado, porque eſtas demoſtram as povoações, (ou por melhor dizer o lugar, onde andam aquellas cabildas,) por ſer a terra tal, que como paſtam hum dia huma folha, ao outro ſe mudam a outra, e aſſás de boa he a terra que os detem oito dias em a paſtar. Suas caſas são tendilhões, e o trajo commum couros do gado que guardam, e os mais honrados Alquicés: e os principaes de todos, pannos de melhor ſorte; e aſſi nos cavallos, como concertos delles tem a meſma ventage. O geral officio de todos he paſtorar o ſeu gado, porque nelle eſtá toda ſua fazenda, e ſubſtancia da vida. A ſua lingua, e eſcritura não he commum com os Alarves da Berberia; e peró em tudo quaſi tem huma conveniencia, como nós temos com os Caſtelhanos. Antrelles não ha Rey, ou Principe, tudo são cabildas de parentelas, e aſſi andam apartados; e o de maior poder he o maioral que os governa; e muitas vezes entre ſi eſtas cabildas humas com as outras tem guerra, e contenda ſobre o paſtar deſta triſte terra, e beber dos poços. E quando eſta não he a cauſa, a natureza humana dá outras pera ſempre contender com os vizinhos; e quando os não tem, toma aſſi meſma por contenda. Eſta vida, e policia vio João Fernandes hum pouco de tempo entre aquelles paſtores, e depois, an-

dan-

dando em hum aduar de hum principal Mouro daquelles Azenegues, a que chamavam Huáde Meimon, homem, que se tratava de sua pessoa mui bem, e que tratou a João Fernandes com tanta verdade, que o leixou vir buscar os nossos navios, mandando com elle alguns homens, o qual quando chegou a elles, como já dissemos, peró que vinha Azenegue no trajo, e no carão dos couros, parece que a natureza se contentou com comer, e beber leite, porque elle veio bem pensado, e gordo.

CAPITULO XI.

Da viagem, que fez Diniseanes com as caravelas, que de Lisboa foram em sua companhia: e do que fez o Capitão Lançarote com as quatorze caravelas de Lagos de sua capitanía, em a qual viagem matáram, e cativáram muitos Mouros á custa da vida d'alguns nossos: e como Soeiro da Costa, tendo-se visto nos mais illustres feitos de Hespanha, nesta ida se fez Cavalleiro.

HAvia em Lisboa, ao tempo que estas cousas procediam em bem, hum homem honrado, que fora criado do Infante D. Henrique já aposentado, com officio de Thesoureiro mór da Casa de Cepta, a que

chamavam Gonçalo Pacheco, o qual como era homem de groſſa fazenda, e que armava navios pera algumas partes, houve licença do Infante pera mandar hum navio a eſte deſcubrimento. A capitanía do qual deo a hum Dinizeanes da Grãa eſcudeiro do Infante D. Pedro, e ſobrinho no primeiro gráo da mulher delle Gonçalo Pacheco; em companhia do qual foram Alvaro Gil Enſaiador da Moeda de Lisboa, e Mafaldo morador em Setubal, cada hum em ſua caravela. E porque naquelle tempo todos hiam demandar o Cabo Branco, chegados a elle, acháram hum eſcrito de Antão Gonçalves poſto em hum ſinal notavel, em que amoeſtava a todos, que não tomaſſem trabalho por ſahir em terra em buſca da aldea que alli eſtava, por quanto elle a tinha deſtruido pela maneira que atrás fica. Com o qual aviſo, per conſelho de hum João Gonçalves gallego Piloto, ſe foram á Ilha de Arguim, onde tomáram ſete almas, e per ardil de hum daquelles Mouros cativos deo o Capitão Mafaldo em huma aldea na terra firme, de cujo conſelho pendeo todo aquelle feito, em que tomáram quarenta e ſete almas. Depois ſahíram algumas vezes ſem poder haver mais que hum Mouro velho, o qual trouxeram mais por elle receber ſalvação mediante o Baptiſmo, que eſpe-

perarem de ſuas forças algum ſerviço. E porque os Mouros per ſuas atalaias andavam já com o olho nelles, foram-ſe pela coſta adiante obra de oitenta leguas; e na ida, e vinda té tornar á Ilha das Garças fazer carnagem, per vezes que ſahíram na terra firme tomáram ſincoenta almas, que cuſtáram huma batelada de ſete homens dos noſſos, que per deſaſtre de ficarem em ſecco morrêram ás mãos dos Mouros. E neſta Ilha das Garças acháram hum Lourenço Dias com hum navio, o qual vinha em companhia d'outros, que ainda não eram chegados, a cauſa da vinda dos quaes era eſta. Os moradores da Villa de Lagos, porque o Infante fazia alli todas ſuas armações, e niſto, e em outras couſas recebia delles ſerviço, houveram licença ſua, que armaſſem pera eſtas partes de Guiné, pera o qual negocio ſe fizeram preſtes com quatorze caravelas em hum corpo. A capitanía mór das quaes deo o Infante a Lançarote, de que atrás fallámos, por ſer homem mui experimentado neſta viagem, e bem affortunado nella: peró que em ſua companhia hiam homens Fidalgos por Capitães dos navios, e alguns delles mui approvados em feitos d'armas. Aſſi como Soeiro da Coſta, ſogro do meſmo Lançarote, o qual em ſua mocidade fora moço da camara delRey Dom

Du-

Duarte, e depois indo fóra deste Reyno se achou na batalha de Monuedro com ElRey D. Fernando de Aragão contra os de Valença, e no cerco de Balanguer, onde se fizeram honrados feitos, e andou com El-Rey Luiz de Proença em toda a sua guerra, e assi se achou na batalha de Ajancurt, que foi entre os Reys de França, e Inglaterra, e foi na batalha de Valamont, e na de Montseguro, e na tomada de Sansões, e no cerco de Ras, e além no de Cepta, em as quaes cousas sempre se mostrou valente homem d'armas. E assi hia em outro navio Alvaro de Freitas Commendador de Aljazur, homem bem Fidalgo, e que nos Mouros de Grada, e Ballamarim tinha feito grandes prezas. Os outros Capitães eram Rodrigueanes Travaços criado do Infante D. Pedro, e Palaçano, que na guerra dos Mouros tinha empregado o mais de sua vida, e Gomes Pires patrão delRey, e assi outras pessoas honradas de Lagos. E além destes quatorze navios foram da Ilha da Madeira, Tristão Vaz Capitão de Machico, e Alvaro Dornelas, cada hum em sua caravela; mas estes antes de chegar ao Cabo Branco se tornáram com tempo. O que não fez Alvaro Fernandes com outra caravela de seu tio João Gonçalves Capitão do Funchal na mesma Ilha da Madeira; antes nes-

neſta viagem, como veremos, foi avante de todos. E os outros Capitães eram Diniz Fernandes, o primeiro que paſſou á terra dos negros em huma caravela de D. Alvaro de Caſtro Camareiro mór delRey D. Afonſo, que depois foi Conde de Monſanto; e João de Caſtilha em outra caravela de Alvaro Gonçalves de Taíde Aio delRey, que tambem foi Conde da Touguia, e outras caravelas, que per todas fizeram numero de vinte e ſeis, a fóra a fuſta, em que hia Palaçano, e cada huma partio do porto onde ſe armou. As quatorze, que eram de Lagos, partíram juntas a dez de Agoſto de quatrocentos quarenta e ſinco annos; mas em ſahindo da coſta do Algarve hum temporal, que deo nellas, as apàrtou. O Capitão Lançarote como tinha provído, que acontecendo tal caſo, todos fizeſſem ſua via á Ilha das Garças, onde ſe haviam de juntar, o primeiro que tomou eſta Ilha foi hum Lourenço Dias, de que atrás fizemos menção, o qual alli eſtava fazendo aguada, quando Dinizeanes da Grãa chegou com as tres caravelas; o qual Dinizeanes ſabendo per elle da grão frota que vinha atrás com tenção de deſtruir aquellas Ilhas de Arguim, onde lhe a elle matáram os ſete homens, determinou eſperar a vinda das caravelas pera vingar a morte dos que perdêra. E

quiz

quiz sua dita que dahi a dous dias chegou
o Capitão Lançarote, e em sua companhia
Soeiro da Costa, Alvaro de Freitas, Ro-
drigueanes, Gomes Pires o Picanço, e ou-
tros, com que fizeram numero de nove ca-
ravelas. Assentado o que haviam de fazer
logo, ante que a terra houvesse vista de tan-
to navio, segundo a informação que Dini-
zeanes deo do estado da terra, per muita
cautela que nisso tiveram, os Mouros se
passáram todos á terra firme, e elles achá-
ram na Ilha de Arguim doze almas sómen-
te, quatro que tomáram, e oito que mor-
rêram por se não quererem render, do qual
feito hum dos nossos ficou tão mal ferido,
que a poucos dias morreo. E posto que o
feito não foi igual aos em que Soeiro da
Costa se tinha achado, como ora dissemos,
achou elle em sua consciencia, que não me-
recia honra de cavalleria em guerra contra
Christãos, e que no cerco de Cepta não
fizera cousa, per que lha dessem; e que nes-
ta parte, assi por ser com Mouros, como
polo que aqui fez, e principalmente em ter-
ra tão estranha, era merecedor que Alvaro
de Freitas Commendador de Aljezur, o ar-
masse Cavalleiro, como armou, com gran-
de prazer, e solemnidade de todos, vendo
que engeitára aquella honra entre tão pode-
rosos Principes, e aqui se havia por mais
hon-

honrado della. Em companhia do qual foi tambem armado Cavalleiro Dinizeanes de Grãa, com que ficou algum tanto ſatisfeito do deſaſtre, que lhe alli acontecêra. E porque depois que eſte caſo foi feito, chegáram as outras caravelas da companhia de Lançarote, e elle Dinizeanes tinha já deſpezo quaſi todolos mantimentos, tornou-ſe pera o Reyno com as ſuas tres caravelas, com que partíra. Lançarote com os outros Capitães, que ficáram em ſua companhia, poz logo em conſelho tornar a entrar a Ilha Tider, e ordenou, que tres caravelas ſe metteſſem entre ella, e a terra firme, em hum paſo, per que ſe os Mouros baldeavam de huma parte a outra. Mas elles andavam tão eſcoſidos das armas dos noſſos, que de noite ſe paſſáram todos a terra firme ſem o elles ſentirem, de maneira, que quando veio pela menhã, vendo elles que ſe tornáram os noſſos como quem não achára a preza, que hiam buſcar á Ilha, começáram na praia á viſta delles dar huma grande grita em modo de zombaria. Havia neſte paſſo antre a Ilha, e terra firme, obra de hum tiro de pedra, que ſe não podia paſſar a váo; e outro tanto eſpaço, que de baixamar dava a agua per o giolho, onde eſtavam as tres caravelas, que Lançarote alli mandou pera tolher a paſſagem, em huma

ma das quaes eſtava hum moço da camarâ do Infante, a que chamavam Diogo Gonçalves, que com huma ardideza de eſpirito, que lhe moveo a ir contra os Mouros, polas algazaras, e deſprezos, que lhes faziam, diſſe a hum Pedro Alemão natural de Lagos, que ſe queria ſaltar com elle em terra vingar aquellas injurias, que lhe os Mouros eſtavam fazendo? Ao que Pedro Alemão reſpondeo, que de mui boa vontade; e ſem o mais praticar com alguma peſſoa, tomando as armas, que lhe eram neceſſarias pera offender, lançáram-ſe a nado. Os Mouros, quando os víram vir, viéram-ſe a elles com huma grita, que fez eſpertar aos outros da caravela que ſabiam nadar, porque movidos de huma virtuoſa inveja, começáram de os ſeguir; os primeiros dos quaes foram Gil Gonçalves eſcudeiro do Infante, e Lionel Gil filho do Alferes da bandeira da Cruzada; os quaes juntos em hum corpo com os primeiros, elles por tomarem a terra, e os Mouros por lha defender, (como quem tinha comſigo mulheres, e filhos,) foi antre todos huma tão travada peleja, que no meio daquella vaſa ficáram doze Mouros enterrados, e depois em terra outros, e cativos foram ſincoenta e ſete. E com tudo eſte trabalho do dia, ainda alguns deſtes com outros, que eſta-

tavam folgados, aquella noite foram dar em huma aldea, que eſtava dalli ſete leguas ao longo da coſta, parecendo-lhes que ſe acolheriam a ella os que eſcapáram das mãos dos nadadores, ſegundo alguns dos cativos affirmavam. Peró elles hiam de maneira, que não ſómente ſe affaſtáram da coſta do mar, mas ainda foram dar aviſo aos outros, que viviam na aldea, com que os noſſos trabalháram de balde naquella ida; poſto que quando tornáram ao outro dia, acháram huns ſinco Mouros, que do dia paſſado, quando hiam fugindo, ſe embrenháram. E como o negocio a que eram idos áquella Ilha era já acabado, ao ſeguinte dia ajuntou o Capitão Lançarote todolos Capitães, e peſſoas principaes d'Armada, e propoz-lhes eſtas palavras: *Bem ſabeis, Senhores, e Amigos, que a principal tenção, por que aprouve ao Senhor Infante virmos todos em hum corpo, e eu por Capitão deſta frota, foi, pera que levemente pudeſſemos deſtruir eſta Ilha de Arguim, de que os noſſos quando aqui vinham recebiam damno. Ora Deos ſeja louvado, vós o tendes feito tão honradamente, e tanto a ſeu ſerviço, e prazer do Infante, que vos he elle por iſſo em obrigação de honra, e mercê, o que todos deveis eſperar cada hum em ſeu grão, porque eſta lei tem os ſervi-*

ços

ços acabados á vontade de quem os manda, principalmente quando o Senhor he grato, e liberal. Eſtas couſas por parte de voſſos meritos eſtam ganhadas, e por parte da real condição do Infante concedidas; o que nos agora fica por fazer, he cumprir o que mais manda em ſeu Regimento: que feito eſte negocio, que temos acabado, cada hum ſe póde partir a fazer ſeu reſgate, e proveito, onde lhe Deos miniſtrar. Eu d'hoje avante fico ſem aquella ſuperioridade, que o Senhor Infante me tinha dada ácerca da governança deſte negocio, a que principalmente viemos. E de mi lhe ſei dizer, não por parte da honra, porque a Deos mercês com voſſa ajuda, eu a tenho ganhada neſta terra pera poder ir contente pera o Reyno, mas por parte da pouca preza que levamos, ſegundo as caravelas são muitas, e os cativos poucos, minha tenção he não ir de cá tão boiante, ſe alguem quizer ir fazer ſeu proveito mais avante pela coſta, eu lhe manterei companhia. Soeiro da Coſta ſogro delle Lançarote, Vicente Dias, Rodrigueanes, Martim Vicente, e o Picanço, por terem as caravelas mais pequenas de toda a frota, reſpondêram, que elles não podiam eſperar o inverno, que já lá começava; e que quanto o deſejo os obrigava ir em ſua companhia,

nhia, tanto a neceſſidade os conſtrangia a ſe tornar ao Reyno. Gomes Pirez Capitão da caravela delRey, e Alvaro de Freitas, Rodrigueanes Travaços, Lourenço Dias mercador foram todos em hum propoſito de ſeguir o Capitão Lançarote, com deſejo de paſſar á terra Çahara dos Azenegues, e ver a de Guiné dos negros, por lhe dizerem ſer mais freſca, e groſſa em todalas couſas. Partidos per eſta maneira, huns pera o Reyno, e outros pera Guiné, de que eram eſtas duas cabeças, Soeiro da Coſta, e Lançarote, tomou cada hum ſua derrota. Soeiro da Coſta como era Alcaide mór de Lagos, a quem todos obedeciam na terra, por os mais delles ſerem daquella Villa, aſſi no mar lhe quizeram obedecer, cá os obrigou a que paſſaſſem pelo Cabo Branco; em o qual entrando per hum eſtreito em bateis obra de quatro leguas, deram em huma aldea, de que ſómente houveram nove Mouros, porque os mais ſe puzeram em ſalvo, por lhes ſer dado aviſo primeiro que chegaſſem á aldea. E porque eſta preza o não ſatisfez, (peró que foſſe aconſelhado que o não fizeſſe,) diſſe aos outros Capitães, que a elle lhe convinha muito tornar á Ilha Tider, porque entre aquelles cativos que levava, era huma Moura, e hum moço filho de hum homem principal, os quaes pro-

promettiam por ſi grande reſgate. Soeiro da Coſta eſpedido dos outros Capitães com eſte propoſito, chegou á Ilha, onde logo acudíram alguns Mouros a eſte negocio do reſgate; e por ſegurança d'ambas as partes, os Mouros entregáram por refens hum homem dos principaes delles, e Soeiro da Coſta entregou o Meſtre do ſeu navio, e hum Judeo, que do Reyno fora em ſua companhia. E ſendo já o moço do reſgate poſto entre os ſeus, vendo a Moura azo pera iſſo, confiada mais em nadar, que ella mui bem ſabia, que na poſſibilidade dos ſeus, de quem eſperava o grande reſgate, que promettia por ſi, lançou-ſe ao mar, e pozſe em ſalvo. Os Mouros como lá tiveram a eſta Moura, e o moço, não quizeram dar o Meſtre, e o Judeo, que já tinham em poder, a troco do Mouro honrado, ſenão com mais outros tres. Soeiro da Coſta, poſto que lhe foi grave couſa, todavia o fez por ſalvar o Meſtre; e ſem mais ganhar couſa que lhes fizeſſe perder o nojo deſte aquecimento, ſe tornou a eſte Reyno. E vindo com propoſito de caminho fazerem hum ſalto nas Canareas, topáram com a caravela de Alvaro Gonçalves de Taíde, de que era Capitão João de Caſtilha; e quando ſouberam delle a via que levava, diſſeram que lhe parecia ſua ida de balde, por

quan-

quanto o feito de Arguim era acabado, e o inverno começava naquellas partes, com que corria risco de se perder: que elles levavam proposito de passar pelas Ilhas Canareas, e fazer hum salto na Ilha da Palma, onde esperavam fazer alguma preza de proveito, que elle devia tomar sua companhia, pois vinha tão tarde pera ir ás partes de Guiné. João de Castilha forçado das razões destes Capitães das caravelas, seguio seu conselho, e o primeiro porto que tomáram, foi da Ilha Gomeira, onde logo os vieram receber dous Capitães, que governavam a terra, fazendo offertas aos nossos do que houvessem mister, dizendo serem devedores ao Infante D. Henrique de tudo o que por seu serviço fizessem; porque elles estiveram em casa delRey de Castella, e delRey de Portugal, e de nenhum delles recebêram tanto favor, e mercê, como delle Infante. Os Capitães das caravelas vendo que nestas offertas tinham ajuda, por saber serem os desta Ilha grandes imigos dos da Ilha de Palma, que elles hiam buscar, descubríram-lhes seu proposito, pedindo-lhes que houvessem por bem de irem com alguma gente sobre aquelles seus imigos, de quem o Infante estava mui escandalizado por ser má, e revel, e que elles iriam em sua companhia. Estes dous Capi-

tães

tães Canareos, cujos nomes eram Piſte, e Brucho, por moſtrar o deſejo que tinham de ſervir ao Infante, ſem mais demora mettêram-ſe em os navios com bom golpe de gente; e feita véla, ſurgíram em rompendo o dia no porto da Palma; e per conſelho delles, os noſſos ante de ſerem viſtos ſahíram em terra, e o primeiro encontro que acháram, foram huns poucos de paſtores, que traziam grande facto de ovelhas; os quaes tanto que houveram viſta dos noſſos, aſſi tinham coſtumado eſte gado, que a hum certo ſinal de apupos que deram, começou todo correr pera hum valle, que eſtava antre duas ſerras de aſperos rochedos, como ſe lhes diſſeram, aqui são os imigos. Os noſſos, quando víram que os Canareos começavam trepar com ſeus Capitães per aquellas rochas trás os paſtores, que fugiam, ſegüíram o ſeu modo; mas como não eram coſtumados áquelles ſaltos, cahíram alguns per lugares de perigo, entre os quaes foi hum mancebo, que quando chegou abaixo da altura, donde cahio, veio feito em pedaços; e per eſte modo tambem perecêram alguns Canareos; porque como eram confiados no uſo daquelles lugares, corriam mais ſem tento; e dos noſſos o que melhor ſe havia neſte modo de prear acoſſo, foi Diogo Gonçalves moço da Camara do Infan-

fante, aquelle, que se lançou ao mar em Arguim contra os Mouros, que estavam fazendo algazarras na praia. Os Canareos, cujas eram as creações, tanto que sentíram a entrada de seus imigos, acudíram com muita gente; peró como sentíram as armas dos nossos, não ousavam de os esperar de perto, e embarravam-se em as penedias, donde faziam seus arremessos; e se lhe os nossos tiravam a si, eram leves em furtar o corpo, que de maravilha os podiam offender. Com tudo entre os tomados a cosso, e outros, que houveram, depois que se ajuntou a gente, foram dezesete almas, entre as quaes vinha huma mulher de espantosa grandeza, a qual quizeram dizer ser Rainha de huma parte daquella Ilha. Tornados os nossos á Ilha Gomeira, leixáram os Capitães Canareos em o lugar, onde os tomáram, e o que chamavam Piste faleceo depois neste Reyno, andando em negocios da Ilha, ao qual o Infante sempre fez gazalhado, e mercê. João de Castilha, porque não vinha contente da pequena preza, que lhe coube em repartição, e tambem por se refazer da perda, que houve em não se achar no feito de Arguim, donde estoutros vinham, fez com elles que na mesma Gomeira, onde estavam, fizessem alguma preza; e posto que a todos pareceo malda-

de cativar aquelles, de quem recebêram amizade, pode mais nelles a cubiça que esta lembrança; e como que per esta maneira ficavam menos culpados, passáram-se deste porto a outro da mesma Ilha, onde preáram vinte e huma almas, com que se fizeram á véla caminho deste Reyno; o qual engano sabido pelo Infante, ficou mui indignado contra os Capitães, e vestidos á sua custa, mandou depois, como se adiante verá, tornar todolos cativos onde os tomáram; porque como o Infante por esta gente das Canareas tinha feito grandes cousas, segundo veremos neste seguinte Capitulo, sentia muito qualquer offensa que lhe faziam.

CAPITULO XII.

Como as Ilhas, a que ora chamam Canareas, foram descubertas per hum Fidalgo Francez, chamado Mosior João de Betancor: e depois o Infante D. Henrique teve o senhorio dellas, e converteo á Fé a maior parte dos seus povoadores, e d'alguns costumes delles.

EM tempo delRey D. Henrique o Terceiro de Castella, filho delRey Dom João o Primeiro, veio de França a estas partes de Hespanha hum Francez por nome Mosior João de Betancor homem nobre, com

com tenção de conquiſtar as Ilhas das Canareas, por ter ſabido ſerem povoadas de gente pagã; e ſegundo fama, a noticia dellas ſoube per huma náo Ingleza, ou Franceza, que lá eſgarrou com tempo, vindo daquellas partes a eſtas de Heſpanha; e poſto que elle trouxe navios, gente, e munições pera eſta conquiſta, em Caſtella, onde primeiro veio ter, ſe reformou de mais gente, com que ſobjugou eſtas tres Ilhas, Lançarote, Forte ventura, e a Ferro, e iſto com tanto trabalho, e cuſto, que de cançado, e ter deſpezo todo o cabedal que trouxe, tornou a França a ſe reformar, leixando alli hum ſeu ſobrinho chamado Maciot Betancor; mas elle não tornou mais: diziam alguns que por graves doenças que teve; e outros, que ElRey de França o impedio por cauſa da guerra, que então tinha com Inglaterra. Moſior Maciot Betancor, vendo que paſſavam tempos ſem acudir ſeu tio a tão grande empreza como lhe leixára, a qual não podia ſuſtentar, poſto que em auſencia ſua com ajuda d'alguns Caſtelhanos conquiſtára a Gomeira, concertou-ſe com o Infante D. Henrique ſobre o que nellas tinha, e elle paſſou-ſe á Ilha da Madeira, onde aſſentou ſua vivenda, porque começavam naquelle tempo florecer as couſas della; e os homens, que ſe lá paſſa-

vam a viver, engroſſavam muito em fazenda, como tambem aconteceo a eſte Maciot, o qual com o que houve do Infante, que foram as ſaboarias, e outras rendas na Ilha, e depois com ſua induſtria ganhou tanto, que caſou huma ſó filha que teve, chamada Dona Maria Betancor, com Ruy Gonçalves da Camara Capitão da Ilha S. Miguel, filho de João Gonçalves, primeiro Capitão da Ilha da Madeira da parte do Funchal; e porque não houve filhos della, herdáram Henrique de Betancor, e Gaſpar de Betancor ſobrinho deſte Maciot de Betancor a ſua herança delle, da qual hoje poſſuem ſeus herdeiros boa parte, os quaes são Fidalgos mui honrados, e tem o ſeu appellido de Betancor. E porque de doze Ilhas que ellas são, ainda ficavam por conquiſtar eſtas, grão Canarea, Palma, Gracioſa, Inferno, Alegrança, Santa Clara, Roche, e a dos Lobos, determinou o Infante D. Henrique, por louvor de Deos, de as mandar conquiſtar, e trazer ao Baptiſmo os ſeus moradores, pera a qual obra ſe fez huma Armada o anno de quatrocentos e vinte e quatro, em que foram dous mil e quinhentos homens de pé, e cento e vinte de cavallo; e por Capitão mór D. Fernando de Caſtro Governador de ſua caſa, Padre de D. Alvaro de Caſtro Conde de Mon-

Monſanto, e Camareiro mór delRey Dom Afonſo o Quinto deſte nome. E porque a gente era muita, e a terra desfalecida de mantimentos, deteve-ſe D. Fernando mui pouco tempo neſta conquiſta, porque tambem era cuſtoſa ao Reyno; e ſómente a paſſagem da gente, que foi a ella, ſegundo vimos nos livros das contas do Reyno, cuſtou trinta e nove mil dobras; e neſſe pouco tempo que eſteve grande numero daquelle povo pagão recebeo o Baptiſmo. Depois pera favorecer eſtes Chriſtãos contra aquelles, que não queriam vir á Fé, mandou o Infante alguma gente, e por Capitão della Antão Gonçalves ſeu guardaroupa. E paſſados alguns annos, que eſtas Ilhas per cauſa do deſcubrimento da Ilha da Madeira, e aſſi de Guiné, começáram ter nome, e ſabor na opinião da gente de Heſpanha, deſiſtio o Infante dellas, porque ſe intrometteo niſſo ElRey de Caſtella, dizendo, que lhe pertenciam; por quanto Moſior João Betancor, que primeiro conquiſtára as tres, no Reyno de Caſtella ſe armára, e alli recebêra todalas ajudas de gente, mantimentos, e munições pera as conquiſtar, e, depois de ſua partida, Maciot ſeu ſobrinho ſempre recebêra as meſmas ajudas de Caſtella, e a Gomeira, que elle tinha conquiſtado com a gente de Caſtella fóra,

e aos

e aos Reys della dava obediencia, e reconhecia por Senhores; e que se elle Maciot vendêra a fazenda, e terras, que tinha aproveitado, não podia vender o senhorio, e jurisdicção, que era da Coroa de Castella. O Infante, como sua tenção em conquistar estas Ilhas mais era por salvar as almas dos seus moradores pagãos, que por algum proveito que dellas tivesse, antes lhe tinham feito muita despeza em as conquistar, e suster, não proseguio mais em o que tinha começado. Depois em tempo delRey D. Henrique o Quarto deste nome em Castella, quando casou com a Rainha Dona Joanna filha delRey D. Duarte de Portugal, Dom Martinho de Taíde Conde da Touguia, que a levou a Castella, houve delRey Dom Henrique estas Ilhas das Canareas per doação que lhe dellas fez, e elle as vendeo depois ao Marquez D. Pedro de Menezes o primeiro deste nome, e o Marquez as vendeo ao Infante D. Fernando irmão del-Rey D. Afonso; o qual Infante folgou de as comprar, porque como era filho adoptivo do Infante D. Henrique seu tio, que já tivera o senhorio destas Ilhas, parecia-lhe que as não comprava, mas que as herdava delle. E tanto que as houve, mandou tomar posse dellas, e a conquistar alguns reveis, ao qual negocio enviou Diogo da Silva,
que

que depois foi Conde de Portalegre. Em meio do qual tempo veio a estes Reynos hum Cavalleiro Castelhano per nome Fernão Peraça, pedindo a ElRey D. Afonso, e ao Infante, que houvessem por bem de o restituir em posse das ditas Ilhas, por quanto elle as tinha comprado a hum Guilhem delas Casas, o qual as comprára a Dom Henrique Conde de Nebla, em quem Maciot Betancor as traspassára per via de doação com procuração que tinha de seu tio João de Betancor, de que apresentava Escrituras, e Provisões dos Reys de Castella em confirmação das taes compras. E porque per ellas, e per outras razões ElRey, e o Infante víram a justiça delle Fernão Peraça, desistíram dellas; per morte do qual Fernão Peraça herdou esta herança huma sua filha per nome Dona Ignez de Peraça, com quem casou hum Fidalgo Castelhano chamado Diogo Garcia de Herrera. E entre os filhos que houve della, foi Dona Maria Dayala, com quem casou Diogo da Silva, estando ainda lá por parte do Infante na conquista, e governança dellas. E porque as Ilhas da Gomeira, e Ferro eram feitas em morgado, de que hoje he intitulado Conde D. Guilhem de Peraça seu filho, ficáram partiveis as Ilhas de Lançarote, e Forte ventura, em que D. João da Sil-

Silva. ſegundo Conde de Portalegre por parte de ſua madre a Condeſſa tem herança, que ao preſente lhe renderá té trezentos mil reaes. Parece que permittio Deos que ficaſſe eſta memoria em Portugal por os trabalhos, que o Infante D. Henrique levou na conversão, e conquiſta dos póvos deſtas Ilhas, poſto que o ſenhorio, e juriſdicção dellas foſſe traſpaſſado em Caſtella na maneira que diſſemos. E por razão deſta acção, que eſte Reyno tinha neſtas Ilhas Canareas pola deſpeza que era feita na conquiſta, e conversão de ſeus póvos, quando ſe fizeram as pazes entre Portugal, e Caſtella por cauſa das guerras, que houve entre ElRey D. Afonſo o Quinto deſte Reyno, e ElRey D. Fernando de Caſtella, nomeadamente em os capitulos das pazes ficou com Caſtella a conquiſta, e ſenhorio deſtas Ilhas, e a conquiſta do Reyno de Grada, como com Portugal a do Reyno de Féz, e de Guiné, *& cetera*, (ſegundo ſe contém na Chronica deſte Rey D. Afonſo.) Eſte foi o fundamento da conquiſta, e conversão deſtas Ilhas, poſto que em a Chronica delRey D. João o Segundo de Caſtella o Chroniſta, por dar poſſe a ſua coroa, leve outro caminho na relação do deſcubrimento dellas; e tambem póde ſer que não teria noticia de todas eſtas couſas. E por louvor deſ-

deste Infante D. Henrique, trataremos dos ritos, e costumes que o povo pagão destas Ilhas naquelle tempo tinha, quando per industria sua foram trazidos ao Baptismo. Haveria naquelle tempo em todas estas Ilhas treze, ou quatorze mil homens de peleja; e posto que todos fossem pagãos, não convinham em huns ritos, e costumes, sómente em conhecimento de hum Creador de todalas cousas, o qual dava galardão aos bons, e pena aos máos. Os moradores da grão Canaria tinham dous homens principaes, que os governavam, a hum chamavam Rey, e a outro Duque; e porém o regimento da justiça, e governo da terra era feito per numero de cento e noventa homens, sem poderem ser mais, ou menos. E como algum morria, logo era enlegido outro da linhagem daquelles que governavam, e estes tinham a sciencia, e os preceptos daquillo, que cada hum devia crer, e elles os davam ao povo; de maneira, que não sabiam mais dizer do que criam, e adoravam, sómente que naquillo que criam os seus cavalleiros, que eram estes cento e noventa homens. As mulheres não podiam casar sem primeiro as corromper hum destes cavalleiros; e quando lhas apresentavam, haviam de vir bem gordas de leite, que era a ceva, com que as cevavam pera isso;

e se

e ſe eram magras, diziam que ainda não eſtavam em diſpoſição pera caſar, por quanto tinha o ventre pequeno, e eſtreito pera crear nelle grandes filhos, de maneira, que não haviam por aptas pera caſamento ſenão as de grande barriga. A peleja delles era ás pedradas, e com páos curtos á maneira de regeitos de remeſſo, e ao tempo do pelejar era bem ardida, e esforçada. Seu veſtido era os couros da carne ſómente, e em os lugares deshoneſtos traziam huma maneira de bragas de folhas de palma tintas de cores. Entrelles não havia ferro, e a mingua delle rapavam as barbas com pedras agudas: ſe haviam algum á mão era mui eſtimado, e faziam anzolos delle. Ouro, prata, nem outro metal não o queriam, antes haviam que era ſandice deſejar alguem o que lhe não ſervia de inſtrumento mecanico pera ſuas neceſſidades. Trigo, e cevada tinham em grande copia, e desfalecia-lhes engenho pera o amaſſar em pão, ſómente comiam a farinha cozida com carne, e manteiga. Haviam por couſa mui torpe esfolar alguem gado, e neſte miſter de magarefes lhes ſerviam os cativos que tomavam; e quando lhe eſtes faleciam, buſcavam homens dos mais baixos do povo pera eſte officio, os quaes viviam apartados da outra gente, e não os communicavam em aquelle miſter.

As madres não creavam de boa vontade ſeus filhos ao peito; e quaſi todos eram creados ás tetas das cabras. Os moradores da Gomeira em alguns ritos, e coſtumes ſe conformavam com eſtes; peró ſeu comer geralmente era leite, hervas, e raizes de juncos, e toda a immundicia, aſſi como cobras, lagartos, ratos, e outras couſas deſta qualidade. As mulheres eram quaſi commuas, e quando ſe viſitavam huns a outros, davam as mulheres por gazalhado, e boa hoſpedagem, donde ſe cauſava que não herdavam os filhos, ſenão os ſobrinhos da irmã. O mais do tempo deſpediam em cantar, bailar, e uſo de mulheres, que entrelles era eſtimado por o maior bem da vida. Os da Ilha Tanariſe eram mais abaſtados de mantimentos, cá entrelles havia trigo, cevada, legumes de toda ſorte, e grandes fatos de gado miudo, de cujas pelles ſe veſtiam; e todos eram repartidos em oito, ou nove bandos de gerações, cada hum dos quaes tinha proprio Rey, e ſempre havia de trazer comſigo dous, hum morto, e outro vivo; e morto eſte, elegiam outro. E o primeiro defunto ao tempo que o queriam enterrar, havia de ſer per o mais honrado homem, o qual o levava ás coſtas; e quando o punham na ſepultura, todos a huma voz diziam: *Vai-te á ſalvação.* Tinham mulheres

res proprias, todo ſeu exercicio eram bandos; e iſto os fazia ſer gente mais guerreira que os das outras Ilhas, e tambem viviam com mais razão em todas ſuas couſas. Os da Ilha da Palma ſeriam até quinhentos homens, os quaes ácerca do juizo, e uſo das couſas eram mais beſtiaes que os das outras Ilhas; tendo tambem muita parte dos ſeus coſtumes, ſeu mantimento era hervas, leite, e mel. E porque ao preſente toda eſta gentilidade barbara ſe perdeo, e em ſeu lugar he recebida a Fé, e policia Heſpanhol, e as outras couſas dos frutos, e diſpoſição da terra são já mui notorias a nós, baſta o que diſſemos por gloria de Deos, e louvor do Infante D. Henrique, que plantou eſte fruto na ſua Igreja.

CAPITULO XIII.

Como o Capitão Lançarote, depois que leixou eſtas caravelas de ſua conſerva, que ſe vieram pera o Reyno, com as outras que o ſeguíram, deſcubrio o grande rio, a que ora chamamos Çanagá, e dahi foi ter a huma ilheta pegada com o Cabo Verde.

O Capitão Lançarote, depois que Soeiro da Coſta ſeu ſogro ſe eſpedio delle, começou de ſeguir ſua viagem ſempre ao longo da coſta, té paſſar a terra, a que os Mou-

Mouros chamam Çahará, e os noſſos corruptamente Zára, que he parte dos deſertos de Libya, e veio ter as duas palmeiras, que Diniz Fernandes, quando alli foi, demarcou como couſa notavel, onde os da terra dizem, que ſe apartam os Azenegues Mouros dos Negros idólatras, peró que neſtes noſſos tempos aqui já ſejam todos da ſecta de Mafamede. E ſeguindo mais avante obra de vinte leguas, achâram hum rio mui notavel, a que nós ao preſente chamamos Çanagá, por razão que o principal reſgate, que pelo tempo em diante ſe alli começou fazer, foi com hum negro dos principaes da terra, chamado per eſte nome Çanagá; porque o verdadeiro nome do rio, logo alli na entrada he Ovedech, (ſegundo a lingua dos Negros, que habitam naquella ſua foz;) e quanto mais ſe penetra o ſertão per onde elle vem, tantos nomes lhe dam os póvos, que bebem as ſuas aguas, dos quaes nomes, curſo, e naſcimento delle ſe verá adiante. E não ſómente pelo que os noſſos então ſouberam delle, mas pela informação, que os Mouros Azenegues deram ao Infante de como vinha das partes Orientaes, correndo per grandes Reynos, e Provincias, houveram que era hum braço do rio Nilo. O Capitão Lançarote, depois que entrou a barra deſte rio, lançando hum

ba-

batel fóra, metteo-se nelle Estevão Afonso pera sahir em terrra, e descubrir o que alcançasse com a vista; e na primeira que tomou, onde se fazia hum medão de arêa, vio estar huma cabana, que lhe pareceo ser de algum pescador, na qual foram tomados hum moço, e huma moça, ambos irmãos, mais pera sua salvação, que pera receber cativeiro; porque vindos a este Reyno o moço, mandou o Infante crear, e doctrinar em letras pera poder receber Ordem Sacerdotal, e tornar a esta parte a prégar o Baptismo, e Fé de Christo, e ante de chegar a madura idade faleceo; e a irmã já polos meritos de seu irmão teve creação, e vida mais de livre que cativa. E posto que alli não houvesse lingua, que entendesse estes dous irmãos pera delles tomar alguma informação, na idade delles entendêram que o pai, ou mãi não deviam ser mui longe; e começando descubrir derredor da casa contra onde se fazia hum arvoredo, ouvíram pancadas, como que cortavam alguma cousa. E porque indo juntos podiam fazer rebuliço, disse Estevão Afonso, que o leixassem ir só pera mansamente espreitar quem era o que dava aquellas pancadas; e indo assi ao tom dellas, foi dar com hum negro, o qual estava tão attento no cortar de hum páo, que o não sentio, senão quan-
do

do lançou mão delle. O qual atrevimento lhe houvera de custar a vida, porque como o negro era grande, e forçoso, e andava nú, e Estevão Afonso homem pequeno, e roupado do vestido, no primeiro bracejar, (peró que o negro ficou cortado com aquelle novo temor,) levou Estevão Afonso debaixo de si; e ainda que a peleja era a punho, e a dentes, elle passára mal, senão sobrevieram seus companheiros, com a vista dos quaes o negro escapulio, e fugio pera dentro do arvoredo. Estevão Afonso quando se vio desapressado com o favor dos companheiros, que corriam trás elle contra a mata, começou de o seguir, dizendo, que rodeassem o arvoredo té que viessem alguns cães do navio, que o lançassem fóra. Mas o negro como levava o cuidado nos filhos, ainda não entrou per huma parte, quando sahio pela outra; e não os achando na cabana, começou de seguir o rastro, que os nossos levavam com elles contra a praia, onde Vicente Dias mercador senhorio do navio, cujo era aquelle batel, andava passeando tão seguro, como se estivera em Tavilla, donde elle vivia, tendo sómente por arma hum bicheiro, que tomou no batel por ajuda de bordão. O negro tanto que o vio, sem temor algum, com a furia do amor que trazia dos filhos,

lan-

lançou-se a elle, depois que lhe rompeo huma queixada com huma azagaia de remesso; e porém primeiro que viessem a braços, tambem levou huma boa ferida com o bicheiro per sima da cabeça. E andando Vicente Dias em este perigo, (peró que trouxesse seu imigo debaixo) sobreveio outro negro filho deste já homem valente, e assi se ajudáram ambos, que o traziam mui maltratado, se a vinda de Estevão Afonso, e de seus companheiros o não salvára; porque os negros tanto que os víram correr contra si, como eram ligeiros, desapressáram a elle, e puzeram-se em salvo. Chegados aonde estava Vicente Dias, como já na companhia havia dous injuriados do negro, antre risco, e pezar de lhe assi escapulir das mãos, se tornáram á caravela, onde Vicente Dias foi curado; e assi elle, como Estevão Afonso eram visitados da gente das outras caravelas, gracejando todos como o negro era melhor luctador que quantos havia no batel. Passado aquelle dia, tendo o Capitão Lançarote assentado com os outros Capitães pera irem per o rio assima descubrir, por ser a cousa que o Infante mais desejava, levantou-se hum tempo de maneira, que os fez a todos sahir donde estavam, com o qual tempo se apartáram da companhia de Lançarote, Rodri-

guea-

gueanes Travaços, e Dinis Dias, que ſe vieram na volta do Reyno, onde chegáram a ſalvamento. Lançarote com ſinco caravelas, correndo contra o Cabo Verde, foi ſurgir em huma ilheta pegada com a terra firme, em que acháram muitas cabras, que lhe foi mui bom refreſco, e aſſi acháram pelles freſcas d'outras, como que havia poucos dias que ſe fizera alli alguma matança dellas; e o que lhe certificou ſer aquella obra dos noſſos, foi acharem eſcrito em a caſca de humas grandes arvores: *Eſte motto da diviſa do Infante, Talent de Bien faire*, o qual ſinal leixou Alvaro Fernandes ſobrinho de João Gonçalves, Capitão da parte do Funchal na Ilha da Madeira, que veio alli ter, e pelejou com ſeis almadias de negros, que o vieram commetter, de que ſómente tomou huma com dous delles, porque os mais ſe ſalváram a nado. E deſta viagem paſſou ainda té onde ora chamam o Cabo dos Maſtos, nome, que lhe elle então poz por razão de humas palmeiras ſeccas, que á viſta repreſentavam maſtos arvorados, e daqui ſe tornou pera o Reyno. O Capitão Lançarote em dous dias, que eſteve com as ſinco caravelas neſta Ilha, onde Alvaro Fernandes poz o motto, fez ſua aguada, e matança de cabras, e de ſi paſſou-ſe á terra firme, com a viſta do qual

acudíram á praia muitos negros. Gomes Pires, a quem o Capitão Lançarote mandou em hum batel, que fosse a elles, parecendo-lhe que os provocava mais a paz, que lhe o Infante muito encommendava em seu Regimento, lançou-lhes em terra hum bollo, hum espelho, e huma folha de papel, em que hia debuxada huma cruz. Mas elles estavam tão çafaros da cubiça daquellas cousas, e tão escandalizados do que lhe Alvaro Fernandes fez, que não sómente as não quizeram, mas ainda as quebráram, e rompêram tudo, como se nellas fora alguma peçonha, ou peste, que lhes podia empecer, e sobre isso começáram de tirar ás frechadas ao batel. Vendo Gomes Pires que com elles não havia algum modo de paz, mandou a huns bésteiros, que comsigo tinha, que lhe respondessem com o seu almazem, dando-lhes esta espedida. Os Capitães com esta mostra, que os negros deram de si, assentáram de ao outro dia darem nelles da maneira que costumavam dar nas aldeas dos Mouros; mas sobreveio supitamente hum temporal, que os fez correr como cada hum pode marear seu navio. Lourenço Dias escudeiro do Infante foi ter ao lugar, onde o negro luctou com Vicente Dias; e vendo-se mal apercebido de mantimentos, armas, e outras cousas, que

lhe

lhe convinham pera defcubrimento do rio, não oufou de o commetter, e veio-fe na volta do Reyno. Gomes Pires Patrão que era outro defta conferva de Lançarote, veio-fe per o rio do Ouro, e alli tratou com os Mouros, dos quaes houve per refgate hum Negro, promettendo-lhe que ao feguinte anno fe alli tornaffe os acharia apercebidos de ouro, e efcravos, com que pudeffe carregar o navio, porque começavam já de goftar do proveito, que lhe os noffos davam com as coufas que haviam delles, de maneira, que os dias, que Gomes Pires alli efteve, vinham ao navio feguramente; e mais por amizade que per refgate, elles lhe deram huma boa fomma de pelles de lobos marinhos, com que fe veio pera o Reyno. Lançarote, Alvaro de Freitas, e Vicente Dias, affi como todos tres naquella tormenta, que lhe deo no Cabo Verde, mantiveram conferva, affi foram todos em confelho, que de caminho deffem na Ilha Tider, onde tomáram fincoenta e nove almas, com que fe vieram ao Reyno com mais proveito que os outros. Diniz Fernandes Capitão da caravela de D. Alvaro de Caftro, e Palaçano Capitão da fufta, como ambos mantivéram companhia na ida das quatorze caravelas, que efte anno partíram defte Reyno, quando chegáram a Arguim, e achá-

ram nova em as outras caravelas, que foram no feito da Ilha Tider, como as Ilhas eram já despejadas, determináram de passar adiante té o rio Çanagá, e entrar dentro na fusta, por Diniz Fernandes saber já aquella costa quando alli veio ter; e tendo passado a ponta chamada de Sancta Anna, que he áquem do rio Çanagá obra de sincoenta leguas, por levarem calmarias, quizeram lançar hum homem fóra, que descubrisse se havia alguma povoação junto da praia; mas como o mar com a calmaria andava banzeiro, eram tão grandes as vagas, que não ousava algum dos mareantes de se lançar a nado: com tudo movidos d'algumas palavras, com que Palaçano quiz envergonhar doze homens mancebos, que sabiam nadar, levando sómente armas offensivas, puzeram o peito á agua. Tomada a praia per caminho, começáram de a seguir té irem dar com doze Mouros, que caminhavam per ella, dos quaes tomáram nove, com que se tornáram recolher ao navio. E parece que o tempo os estava esperando que se recolhessem, porque sobre aquelle grande prazer da preza que trouxeram, sobreveio tanto tempo supitamente, que abrio a fusta de Palaçano, e a grande dita se salvou toda a gente em o navio de Diniz Fernandes, o qual com a furia do temporal correo ao

Ca-

Cabo Verde, onde não fez mais que haver vista dos negros, que defendiam a praia com frechas d'herva; e com outra mudança que fez o tempo tornou ao lugar onde perdeo a fusta, de que ainda achåram o casco, que os Mouros não quizeram desfazer com proposito que sería anagaça aos nossos, quando alli tornassem: como houvera de ser, senão sahíram com boa vigia, porque detrás de huns medãos estavam lançados obra de setenta Mouros em silada, os quaes não fizeram mais que receberem damno, perecendo a maior parte delles, e os outros que se salváram haviam de ter que curar. Acabado este feito, com que Diniz Fernandes, e Palaçano na honra delle recobráram a perda da fusta que lhe alli ficou, e da pouca fazenda que tinham havido per toda aquella costa, fizeram-se á véla, passando pela ponta de Lyra, onde sómente tomáram dous Mouros a cosso, por andarem já tão temerosos do ferro dos nossos, que tomavam os pés por armas de sua salvação: e daqui se fizeram na volta deste Reyno, onde chegáram a salvamento, e nelles se acabáram de recolher todalas caravelas, que aquelle anno partíram deste Reyno, de que sómente se perdeo a fusta de Palaçano, como dissemos.

CAPITULO XIV.

Como Nuno Triſtão, e dezoito homens foram mortos com herva das frechadas, que houveram em huma peleja com os negros em hum rio de Guiné, em que entráram: e como paſſou Alvaro Fernandes além do Cabo Verde cem leguas: e do que tambem aconteceo a ſinco caravelas, que foram a eſte deſcubrimento.

O Anno de quatrocentos e quarenta e ſeis tornou Nuno Triſtão em huma caravela per mandado do Infante a deſcubrir mais coſta, além do que Alvaro Fernandes leixava deſcuberto, que foi té o Cabo dos Maſtos; e como era diligente neſtas couſas, paſſou além do Cabo Verde obra de ſeſſenta e tantas leguas, té chegar onde ora chamam o rio Grande; e ſurto o navio na boca delle, metteo-ſe no batel com vinte e dous homens, com tenção de entrar pelo rio aſſima deſcubrir alguma povoação, por ter huma grande entrada; a qual entrada fez a tempo que a maré ſubia tão teza pera dentro, que em breve eſpaço os affaſtou da barra hum bom pedaço, té irem dar em meio de treze almadias, em que haveria té oitenta negros, homens valentes, e que ſe eſcolhêram pera aquelle feito, como quem ti-

tinha primeiro viſto o pouſo do noſſo navio, e depois á entrada do batel pelo rio. Nuno Triſtão quando vio as almadias juntas, e com ſua chegada ſe apartarem humas pera huma parte, e outras pera outra, pareceo-lhe que de gente barbara, e não coſtumada a ver aquella maneira de homens fugiam pera terra, porque os negros moſtravam que ſe queriam acolher a ella. Peró como víram o noſſo batel em meio delles, de maneira que huns ficavam abaixo, e outros aſſima, remettêram á força de remo todos com huma grande grita, e lançáram ſobre elle huma chuva de frechas, aſſi repartidos, e adeſtrados pera eſte modo de peleja, que quando o noſſo batel remava contra huns, acudiam da outra parte outros, andando ás voltas com elle da maneira que ſe hão os genetes com a gente d'armas. E como as frechas eram hervadas, e a furia da peleja lhes accendia mais o ſangue, começáram alguns dos noſſos embarbaſcar, e cahir, que cauſou tornar-ſe Nuno Triſtão ao navio a tempo que deſcia a maré. Mas pouco lhe aproveitou eſta ajuda della, porque aſſi tinha lavrado a herva, que primeiro que chegaſſem ao navio, hiam a maior parte delles mortos, o que Nuno Triſtão ſentio tanto, que entre dor, e peçonha tambem os acompanhou na morte;

os

os quaes mortos foram João Correa, Duarte d'Olanda, Eſtevão d'Almeida, Diogo Machado, todos homens de ſangue, e que de moços ſe creáram na camara do Infante, e aſſi outros eſcudeiros, e homens de pé de ſua creação, que com os mareantes podiam ſer dezenove peſſoas. E ainda pera maior deſaventura, de ſete que ficavam, dous entrando em o navio per cajão huma ancora os ferio de maneira, que acompanháram na morte aos outros. Alguns dizem, que eſte caſo aconteceo em o rio, a que ora chamamos de Nuno, que he além do rio Grande vinte leguas, e que deſta morte de Nuno Triſtão lhe ficou o nome, que ora tem de Nuno. E o que neſte caſo ſe póde haver por mais maravilhoſo, he, que cortadas as amarras, por não haver quem as levaſſe, não ficando em o navio mais que hum moço da camara do Infante, chamado Aires Tinoco natural de Olivença, que viera por Eſcrivão com quatro moços, per eſpaço de dous mezes, aſſi os ajudou Deos em governar o navio, que o trouxeram a Lagos; não tendo nenhum delles ſaber pera iſſo. O Infante, porque a eſte tempo eſtava naquella Villa, quando ſoube parte de tão deſaventurado caſo, ficou mui triſte, porque a maior parte dos mortos creára de pequenos, e era Principe mui mavic-

violo pera os criados. Mas como em outra coufa lhes não podia aproveitar, moftrou o amor que lhes tinha em o amparo dos filhos, e mulheres daquelles que as tinham. E de quão defaftrado aquecimento foi efte de Nuno Triftão, tão profpero aconteceo a Alvaro Fernandes, fobrinho de João Gonçalves Capitão da Ilha da Madeira, o qual nefte mefmo anno tornou outra vez a Guiné, paffando defta viagem mais de cem leguas além do Cabo Verde. E a primeira coufa que fez, foi dar em huma aldea, o fenhor da qual matou per fuas proprias mãos, por elle como homem animofo vir ante os feus commetter os noffos, cuja morte affi os efpantou, que tomáram por falvação os pés; os quaes como eram ligeiros, e defpejados de roupa, não houve algum dos noffos, que fe atreveffe aos alcançar, nem menos fe quizeram metter no mato, onde fe embrenháram, e tornando-fe ao navio, tomáram duas negras, que andavam marifcando. Alvaro Fernandes como fe queria aventajar dos outros defcubridores, paffou mais avante, té chegar á boca de hum rio, a que ora chamam Tabite, que ferá além do rio do Nuno trinta e duas leguas, onde o logo finco almadias vieram receber. E porque o cafo de Nuno Triftão os fazia temer eftas entradas dos rios,

não

não ſe quiz metter em lugar eſtreito; e com tudo não ſe pode livrar de perigo, porque huma das almadias confiada em ſua ligeireza tanto ſe chegou ao batel, té que fizeram ſeu emprego de ſetas em a propria peſſoa de Alvaro Fernandes; o qual como já de cá hia provído pera eſta herva, de que os negros alli uſavam, a poder de triaga, e d'outras mezinhas eſcapou da morte, e aſſi maltratado, como era homem de animo, paſſou mais avante té huma ponta de arêa, onde quizera ſahir, vendo a terra eſcampada, e deſcuberta pera iſſo; mas obra de cento e vinte negros, que lhe ſahíram ao encontro, lha defendêram com muita frechada toda com herva. E porque o Infante encommendava muito aos Capitães, que não rompeſſem guerra com os moradores da terra que deſcubriſſem, ſenão mui forçados, e iſto depois de lhes fazer ſuas amoeſtações, e requerimentos da fé, paz, e amizade; vendo Alvaro Fernandes que a ſua ſahida, ſegundo ſe os negros diſpunham, e davam pouco pelos ſinaes de paz, não podia ſer ſem cuſtar a vida d'algum dos noſſos, não os quiz aventurar á peçonha, de que elle já tinha experiencia, e contentou-ſe com ter deſcuberto mais terra, que quantos Capitães té então tinham ido áquellas partes; com a qual determinação partio pera eſte Reyno,

on-

onde foi recebido do Infante D. Henrique com muita honra, e aſſi do Infante D. Pedro ſeu irmão, que então era Regente, cada hum dos quaes lhe fez mercê de cem cruzados. Eſtas mercês, e honras animavam mais aos homens a ſeguir eſte deſcubrimento, do que os mettia em temor o caſo de Nuno Triſtão, de maneira, que neſte meſmo anno ſe armáram dez caravelas, de que eſtes eram os Capitães, Gilianes cavalleiro morador em Lagos, Fernão Valarinho homem mui experimentado nas couſas da guerra, principalmente em Cepta, onde elle fez honrados feitos; Eſtevão Afonſo, Lourenço Dias, e João Fernandes Piloto, todos homens mui honrados, e os mais delles criados do Infante, com os quaes hia tambem huma caravela do Biſpo do Algarve, e outras tres dos moradores de Lagos; os quaes juntos em huma conſerva per mandado do Infante paſſáram pela Ilha da Madeira pera tomar algum mantimento, e tambem porque com elles ſe haviam d'ajuntar duas caravelas mais, huma de Triſtão Vaz Capitão de Machico, e outra de Garcia Homem genro de João Gonçalves Capitão do Funchal. E daqui da Ilha foram todos á Gomeira a levar os Canareos, que atrás diſſemos, que João de Caſtilha, e os outros Capitães ſalteáram, os quaes hiam em

em os navios de Lagos per mandado do Infante mui contentes, e ſatisfeitos das mercês, e dadivas que lhe deo. Com ajuda dos quaes quizeram os noſſos fazer huma entrada na Ilha da Palma, e por ſerem ſentidos não lhes ſuccedeo a ſahida como cuidáram, que foi cauſa de os Capitães das caravelas da Ilha da Madeira ſe tornarem dalli, porque parece ſerem ſómente vindos a eſte feito da Ilha da Palma, e os outros fizeram ſua derrota caminho do Cabo Verde. Na qual parte por razão da terra ſer mui apaulada, e cheia de arvoredo no modo de peleja, ajudavam-ſe dos negros tão mal, que ſempre recebiam mais damno delles do que lhe faziam, como lhes aconteceo eſta vez, perdendo ſinco homens, que morrêram ás frechadas por cauſa da herva de que uſavam, e aſſi perdêram em hum banco d'arêa a caravela do Biſpo do Algarve. E porque ſempre dos Mouros levavam mais vitoria que deſtes negros, tornáram-ſe a Arguim, e no cabo do reſgate em huma aldea tomáram quarenta e oito almas; e como de caminho, (vindo-ſe os outros pera o Reyno,) paſſou Eſtevão Afonſo pela Ilha da Palma, onde tomou duas mulheres, que houveram de cuſtar a vida de quantos ſahíram em terra, ſenão fora pelo esforço de Diogo Gonçalves; o qual vendo que hum ho-

homem de pé se embarcava com huma besta que tinha, tomou-lha das mãos, e assi se ajudou della, que derribou sete Canareos, entre os quaes foi hum Rey, que por insignias de seu estado real trazia hum ramo de palma na mão. E aprouve a Deos que desta feita, ficando elle morto com sua palma, os nossos leváram a vitoria, porque com a morte delle todolos seus se puzeram em fugida, e os nossos em salvo em Portugal.

CAPITULO XV.

Como o Infante mandou Gomes Pires ao rio do Ouro, onde cativou oitenta almas: e assi mandou a Diogo Gil assentar trato em Meça, e Antão Gonçalves ao mesmo rio do Ouro: e como veio a este Reyno hum gentil-homem da Casa delRey de Dinamarca, com desejo de ver as cousas de Guiné, e o Infante o mandou em hum navio, e lá pereceo.

COmo vimos atrás, os Mouros, que no rio do Ouro deram as pelles dos lobos marinhos a Gomes Pires, promettêramlhe de fazer com elle resgate de ouro, e escravos, se lá tornasse. O Infante, porque o tempo desta promessa era chegado, mandou-lhe armar dous navios, com os quaes chegando ao rio, achou que a verdade dos

Mou-

Mouros era conforme a ſua Secta, porque em lugar de paz, e reſgate que tinham promettido, armavam muitas traições, que cauſou tomar Gomes Pires emenda delles, per oitenta almas que cativou, com que ſe veio pera o Reyno no meſmo anno de quatrocentos e quarenta e ſete, em que delle partio; e no ſeguinte mandou o Infante a hum Diogo Gil, homem de mui bom ſaber, que foſſe aſſentar trato com os Mouros de Meça, que he doze leguas além do Cabo de Gue, e ſeis áquem do Cabo de Nam, tão pouco tempo havia tão temeroſo na opinião dos mareantes, e iſto porque os Mouros do rio do Ouro eram alevantados, e tinha por informação que eſtes de Meça deſejavam noſſa paz, e commercio; e pera ſe iſto melhor fazer, dos Mouros que eram vindos daquellas partes, houve alguns da Comarca de Meça, que promettiam por ſi huma boa ſomma de negros; em companhia do qual foi João Fernandes, o que ficou entre os Mouros na terra de Arguim, per meio do qual, tendo já Diogo Gil reſgatados ſincoenta negros per dezoito Mouros que levou, de ſubito ſobreveio tamanho vento traveſsão na coſta, que ſe fez á véla, ficando João Fernandes em terra, e trouxeram hum Lião ao Infante, o qual elle mandou a hum Fidalgo Inglez grande

ſeu

ſeu ſervidor, que vivia em Galveu. Como a fama deſtes navios, que deſcubríram novas regiões, e póvos, corria per toda a Chriſtandade, foi ter á Corte delRey de Dinamarca, em caſa do qual andava hum homem Fidalgo per nome Balarte, mui curioſo de couſas novas; e deſejando de ſe experimentar em as deſte deſcubrimento, havendo licença delRey de Dinamarca, veio ter a eſte Reyno encommendado ao Infante D. Henrique. A requerimento do qual Balarte o Infante lhe mandou armar hum navio, e pelo mais honrar, mandou com elle hum Cavalleiro da Ordem de Chriſto, a que chamavam Fernão d'Afonſo, o qual hia em modo de Embaixador ao Rey do Cabo Verde, levando dous negros por lingua, per meio dos quaes o Infante lhe mandava que trabalhaſſe por converter aquella gente pagã. Balarte, como era deſejoſo de ver a coſta que os noſſos tinham deſcuberta por ſer povoada de Mouros, e negros, pedio a Fernão d'Afonſo que fizeſſem ſua viagem ao longo della; e aſſi a eſta cauſa, como pelos tempos lhes ſerem contrarios, do dia que partíram té chegar ao Cabo Verde puzeram ſeis mezes. Os negros da terra por já ſerem coſtumados ver os noſſos navios, tinham olho no mar, como quem ſe vigiava; e havendo viſta deſte, vieram a el-

elle em ſuas almadias com mão armada, e tenção de fazer algum damno ſe pudeſſem. Mas quando acháram as linguas que lhes falláram, per as quaes ſouberam o fundamento a que o Infante mandava o navio, e que vinha nelle Embaixador, e algumas couſas pera o ſeu Rey, ficáram com animo menos indignado, reſpondendo a propoſito, de maneira que foram levar recado ao Regedor da terra, por o Rey ſer dentro oito jornadas em huma guerra que tinha. Sabido eſte recado por o Governador da terra, a que elles chamam Farim, veio á praia mui acompanhado, onde Fernão d'Afonſo, e Balarte aſſentáram paz, e ſe deram refens, em quanto elle enviava recado a ElRey da chegada dos noſſos. Da ſua parte ſe deo hum dos honrados da terra, e da noſſa hum dos linguas, com que entre todos começou haver commercio; e entre as couſas, que ſe houveram dos negros, foram huns dentes de elefante, que alvoroçáram tanto a Balarte, que tratou com os negros ſe podia ver hum elefante vivo, e quando não, que lhe trouxeſſe a pelle, ou oſſada d'algum, promettendo por iſſo grande premio. Os negros, como lhe promettêram preço, diſſeram, que logo lhe trariam hum elefante ao lugar onde o viſſe, e tornados dahi a tres dias, vieram chamar Balar-

larte, dizendo trazerem o que lhe tinham promettido. Balarte entrado no batel do navio sómente com os marinheiros que o remavam, chegou á terra; e sobre tomar huma cabaça de vinho de palma, que hum Negro dava a hum marinheiro, debruçou-se tanto no bordo do batel, que cahio o marinheiro ao mar; e na pressa de recolher o marinheiro, descuidáram-se do batel de maneira, que deram as ondas com elle em terra por o mar andar hum pouco empolado. Os Negros vendo que os nossos não podiam ser soccorridos do navio, deram sobrelles, dos quaes não escapou mais que hum que sabia nadar, o qual deo razão deste caso, e que vindo nadando olhára pera trás, e víra estar Balarte em a popa do batel pelejando como homem esforçado. Per esta maneira acabou este gentil homem com desejo de ganhar honra fóra de sua patria: tão remontado anda o desejo dos homens, que sendo este Balarte nascido em Dinamarca, veio buscar per propria vontade sua sepultura em Guiné, terra a ella tão contraria em todalas cousas. Com a morte do qual, (que todos muito sentíram, assi por sua pessoa, que o merecia, como por ir acompanhada de tantos), Fernão d'Afonso se tornou pera o Reyno, ficando os Negros no proprio estado em que d'ante estavam,

ſem os noſſos com elles poderem ter alguma prática, porque pela maldade que tinham feito nunca mais vieram almadias ao navio, nem os noſſos puderam ir a terra por cauſa do batel que tinham perdido. E porque neſte anno ElRey D. Afonſo, ſobrinho deſte Infante, ſahio da tutoria do Infante D. Pedro ſeu tio, e houve inteiramente poſſe do governo de ſeus Reynos em idade de dezeſete annos, poſto que o Infante viveo té o anno de quatrocentos ſeſſenta e tres, ſempre proſeguindo neſte deſcubrimento, entraremos com o novo Rey em os feitos, que em ſeu tempo paſſáram, pois já em ſeu nome o meſmo negocio procedia. Peró ante que ſaiamos deſtes fundamentos da noſſa Aſia, aos quaes podemos chamar trabalhos, e induſtrias deſte Infante, e poſto que em as Chronicas do Reyno ſe póde ver parte dos ſeus feitos, aqui, como em lugar mais proprio, trataremos particularmente delle.

CA-

CAPITULO XVI.

Das feições da pessoa do Infante D. Henrique: e dos costumes, que teve em todo o decurso de sua vida.

ESte excellente Principe foi filho terceiro delRey D. João o primeiro de gloriosa memoria, e da Raynha Dona Filippa sua mulher, filha do Duque João d'Alem Castro, e irmã delRey D. Henrique o Quarto de Inglaterra. E como da excellencia do sangue pela maior parte procedem todalas inclinações da pessoa, podemos crer que sobre este fundamento Deos edificou nelle as outras da alma, que em quanto viveo mostrou em suas obras. Dizem que a estatura de seu corpo era de compassada medida, e de largos, e fortes membros, acompanhados de carne, a côr do qual era branca, e córada, em que bem mostrava a boa compleição dos humores. Tinha os cabellos algum tanto alevantados, e o acatamento, á primeira vista, (por a gravidade de sua pessoa,) hum pouco temeroso a quem delle não tinha conhecimento; e quando era provocado a ira, mostrava huma vista esquiva, e isto poucas vezes, porque na maior força de qualquer desprazer que lhe fizessem, estas eram as mais escandalosas palavras que di-

dizia: *Dou-vos a Deos, ſejais de boa ventura.* A continencia do ſeu vulto era aſſocegada, a palavra mança, e conſtante no que dizia, e ſempre eram caſtas, e honeſtas; e eſta religião de honeſtidade guardou não ſómente em as obras, mas ainda nos veſtidos, trajos de ſua peſſoa, e ſerviço de caſa. Todas eſtas couſas procediam da limpeza de ſua alma, porque ſe crê que foi virgem. Em ſeus trabalhos, e paixões era mui ſoffrido, e ſenhor de ſi, e em ambas as fortunas humildoſo, e tão benigno em perdoar erros, que lhe foi tachado. Teve grande memoria, e conſelho ácerca dos negocios, e muita authoridade pera os graves, e de muito pezo. Foi magnífico em deſpender, e edificar, e folgava de provar novas experiencias em proveito commum, ainda que foſſe com propria deſpeza de ſua fazenda. Foi mui amador da creação dos Fidalgos por os doctrinar em bons coſtumes; e tanto zelou eſta creação, que ſe póde dizer ſua caſa ſer huma eſcola de virtuoſa nobreza, onde a maior parte da Fidalguia deſte Reyno ſe creou, aos quaes elle liberalmente mantinha, e ſatisfazia de ſeus ſerviços. E era aſſi confiado da creação, e peſſoa de cada hum delles, que em ſeu teſtamento, encommendando elle a ElRey D. Afonſo, e ao Infante D. Fernando, que

el-

elle adoptou per filho, que lhes aprouvesse que seus criados houvessem as tenças, e contias, que tinham delle, disse, que lhes pedia que recebessem seu serviço como de criados, porque a Deos louvores taes eram elles, que haveriam por bem empregada toda a mercê que lhes fizessem. E dado que em a honestidade de seu trajo, palavras, jejuns, rezar de Officio Divino, e institutos de sua Capella toda a sua vida pareceo huma perfecta religião, não lhe falecêram pensamentos de altas emprezas, e obras de generoso animo, quaes convem aos de Real sangue. Parte das quaes se víram, quando se achou em Africa, principalmente na tomada de Cepta, de que já tratámos na parte de Africa; e assi nesta empreza tão nova de descubrir o que té o seu tempo estava encuberto. Em que não sómente encommendou as cousas ao bom succedimento dellas, mas ainda teve nelle muita industria, e prudencia pera conseguirem prospero fim; porque pera este descubrimento mandou vir da Ilha de Malhorca hum Mestre Jacome, homem mui docto na arte de navegar, que fazia cartas, e instrumentos, o qual lhe custou muito pelo trazer a este Reyno pera ensinar sua sciencia aos officiaes Portuguezes daquelle mester. E tambem pera a Ilha da Madeira mandou vir de Cicilia canas d'açu-

çu-

çucar, que se nella plantassem, e mestres deste lavor, mostrando em estas, e outras cousas, que commetteo de bem commum, ter no coração plantada a vontade de bem fazer, como elle trazia per motto de sua divisa nestas palavras Francezas: *Talent de Bien faire*; pois ácerca das letras, não tratando das sagradas, que elle per devoção, e veneração muito amava, ácerca das humanas era mui estudioso, principalmente na sciencia da Cosmografia, de cujo fructo tem ora este Reyno o senhorio de Guiné, com todolos mais titulos, que depois se accrescentáram á sua Coroa. E não sómente aqui leixou este testemunho do amor, e inclinação, que tinha ás letras, mas ainda na liberalidade, de que usou com os estudos de Lisboa, dando suas proprias casas pera elles, com outras cousas, cuja memoria sempre nelles he celebrada em o princípio de cada hum anno, passadas as vacações delle. Leixou em sua vida descuberto do Cabo Bojador, que está em trinta e sete gráos d'altura da parte do Norte, té a serra Lioa, que está em sete, e dous terços, que fazem de costa trezentas e setenta leguas, da qual serra o derradeiro descubridor foi hum Pedro de Cintra Cavalleiro de sua casa. E posto que nos principios deste descubrimento houve grandes difficuldades, e foi mui

mur-

murmurado, como atrás dissemos, teve tanta constancia, e fé na esperança, que lhe o seu espirito favorecido de Deos promettia; que nunca desistio deste descubrimento, (em quanto pode,) per espaço de quarenta annos. Começando em o de quatrocentos e vinte, (não contando os atrás, que foram sem fructo,) em que a Ilha da Madeira foi descuberta, té treze de Novembro de quatrocentos sessenta e tres, que em Ságres faleceo, sendo de sessenta e sete de sua idade. E foi sepultado em a Villa de Lagos, e dahi passado ao Mosteiro de Sancta Maria da Victoria, a que chamam a Batalha, na Capella delRey seu Padre; o qual Infante, e Principe de grandes emprezas, segundo suas obras, e vida, devemos crer que está em o Paraiso entre os eleitos de Deos.

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO II.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram no defcubrimento, e conquifta dos mares, e terras do Oriente: em que fe contém o que fe acha fer feito em tempo delRey Dom Afonfo o Quinto defte nome em Portugal.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Afonfo o Quinto defte nome houve poffe da governança defte Reyno, por fahir da tutoria em que eftava; peró que o Infante D. Henrique em quanto viveo profeguio nefte defcubrimento, continuamos a hiftoria com ElRey, e não com elle: e das caufas que houve, porque não efcrevemos mais feitos do tempo defte Rey.

COMO ElRey D. Afonfo fahio da tutoria em que eftava por fua tenra idade, e começou governar, fendo de dezefete annos, logo mandou alguns navios a efte defcubrimento. Pofto que o Infante per fua parte tambem nelle profeguiffe, e ElRey em Santarem a dous de Setembro

de

de quatrocentos quarenta e oito lhe paſſaſ-
ſe Carta, que nenhuma peſſoa pudeſſe deſ-
cubrir do Cabo Bojador em diante : e aſſi
houveſſe, em quanto foſſe ſua mercê, o
quinto, e dizimo de tudo o que as partes
de lá trouxeſſem, da qual doação o Infan-
te uſou em quanto viveo. Mas como logo
no princípio que ElRey começou gover-
nar, antrelle, e o Infante D. Pedro ſeu tio,
que fora Regente deſtes Reynos, houve a
differença, que na parte de Europa relata-
mos, e aſſi idas de Africa, e Caſtella, que
quaſi occupáram a vida delRey, cauſou
não levar o fio deſte deſcubrimento tão con-
tinuado, como no tempo do Infante D. Hen-
rique foi; de eſcrever os quaes feitos teve
cuidado Gomezeanes de Zurárai Chroniſta
deſtes Reynos, homem neſte mſter da hiſ-
toria aſſás diligente, e que bem mereceo o
nome do officio que teve; porque ſe algu-
ma couſa ha bem eſcrita das Chronicas deſ-
te Reyno he da ſua mão, aſſi dos tempos,
em que elle concorreo, como d'alguns atrás,
de couſas de que não havia eſcritura : e eſtas
que elle eſcreveo deſte deſcubrimento do
tempo do Infante D. Henrique, (ſegundo el-
le diz,) já as recebeo de hum Afonſo Cer-
veira, que foi o primeiro que as poz em
ordem, do qual Afonſo Cerveira nós achá-
mos algumas cartas eſcritas em Beny, eſtan-
do

do elle alli feiturizando por parte delRey D. Afonſo. E poſto que tudo, ou a maior parte do que té qui eſcrevemos, ſeja tirado da eſcritura de Gomezeanes, e aſſi deſte Afonſo Cerveira, não foi pequeno o trabalho que tivemos em ajuntar couſas derramadas, e per papeis rotos, e fóra da ordem, que elle Gomezeanes levou no proceſſo deſte deſcubrimento. As couſas do tempo delRey D. Afonſo, como elle prometteo, não as achámos, parece que teria a vontade, e não o tempo; ou ſe as eſcreveo, ſerão perdidas, como outras eſcrituras, que o tempo conſumio. Por tanto o que eſcrevemos do tempo delRey D. Afonſo não são mais que algumas lembranças, que achámos no Tombo, e nos livros da ſua fazenda, ſem aquella ordem de annos que ſeguimos atrás, ſómente huns fragmentos deſte deſcubrimento. Nas quaes lembranças achámos, que no anno de quatrocentos quarenta e nove deo ElRey licença ao Infante D. Henrique, que pudeſſe mandar povoar as ſete Ilhas dos Açores, as quaes já naquelle tempo eram deſcubertas, e nellas lançado algum gado per mandado do meſmo Infante, per hum Gonçalo velho Commendador de Almourol junto da Villa de Tancos. E no anno de quatrocentos ſincoenta e ſete fez ElRey mercê ao Infante D.

D. Fernando ſeu irmão de todalas Ilhas, que té então eram deſcubertas, com juriſdicção de Civel, e Crime, e com certas limitações. E no de quatrocentos e ſeſſenta fez o Infante D. Henrique doação ao Infante D. Fernando ſeu ſobrinho, e filho adoptivo deſtas duas Ilhas, Jeſus, e Gracioſa, reſervando ſómente pera ſi a eſpiritualidade, que era da Ordem de Chriſto, que elle governava, a qual doação confirmou ElRey em Lisboa a dous de Setembro do meſmo anno. E em o ſeguinte de quatrocentos ſeſſenta e hum, porque ás Ilhas de Arguim concorria reſgate de ouro, e negros de Guiné, mandou ElRey fazer o Caſtello de Arguim, que hoje eſtá em pé, per Soeiro Mendes Fidalgo de ſua Caſa, morador em Evora, ao qual deo a Alcaidaria mór pera ſi, e pera ſeus filhos. Neſte meſmo tempo achámos tambem que ſe deſcubríram as Ilhas, a que ora chamamos do Cabo Verde, per hum Antonio de Nólle Genovez de nação, e homem nobre, que per alguns deſgoſtos da patria veio a eſte Reyno com duas náos, e hum berinel, em companhia do qual vinha hum Bartholomeu de Nólle ſeu irmão, e Rafael de Nólle ſeu ſobrinho, aos quaes o Infante deo licença que foſſem deſcubrir; e do dia que partíram da Cidade de Lisboa a dezeſeis dias foram ter á Ilha de

Maio,

Maio, á qual puzeram efte nome, porque a víram em tal dia; e no feguinte, que era de Sant-Iago, e S. Filippe, defcubríram duas, que tem ora o nome deftes Sanctos, no qual tempo eram tambem idos ao defcubrimento dellas huns criados do Infante D. Fernando, os quaes defcubríram as outras, que per todas são dez, chamadas per commum nome Ilhas do Cabo Verde, por eftarem ao Ponente delle per diftancia de cem leguas, e per os antigos Geografos as Fortunadas, de que em a noffa Geografia fallamos largamente, das quaes ElRey fez doação ao Infante D. Fernando feu irmão em dezenove de Setembro do anno de mil e quatrocentos feffenta e dous; e a primeira que fe povoou foi a chamada Sant-Iago per o mefmo Infante D. Fernando, a quem ElRey deo as liberdades, que ora tem, per Carta feita a doze de Junho de quatrocentos feffenta e feis. Mas depois, porque os moradores ufavam deftas primeiras liberdades, ácerca de tratar em Guiné, com mais licença do que a vontade delRey queria, per outra Carta lhe deo a limitação dellas, conforme a tenção que teve quando lhe fez a primeira mercê.

CA-

CAPITULO II.

Como ElRey arrendou o reſgate de Guiné a Fernão Gomes per tempo de ſinco annos, com obrigação que neſte tempo havia de deſcubrir quinhentas leguas de coſta: e porque deſcubrio o reſgate do ouro da Mina, foi dado a Fernão Gomes appellido da Mina com Armas deſta nobreza.

A Eſte tempo o negocio de Guiné andava já mui corrente entre os noſſos, e os moradores daquellas partes, e huns com os outros ſe communicavam em as couſas do commercio com paz, e amor, ſem aquellas entradas, e ſaltos de roubos de guerra, que no princípio houve. O que não pode ſer d'outra maneira, principalmente ácerca de gente tão agreſte, e barbara, aſſi em lei, e coſtumes, como no uſo das couſas deſta noſſa Europa; a qual gente em quanto não goſtou dellas, ſempre ſe moſtrou mui eſquiva. Peró depois que tiveram alguma noticia da verdade pelos beneficios, que recebiam, aſſi na alma, como no entendimento, e couſas pera ſeus uſos, ficáram tão domeſticos, que não havia mais que partirem os navios deſte Reyno, e chegados a ſeus portos, concorriam muitos póvos do ſertão ao commercio de noſſas mercado-

rias,

rias, que lhes davam a troco d'almas, as quaes mais vinham receber ſalvação que cativeiro. E andando aſſi eſtas couſas tão correntes, e ordinarias em as partes de coſta já deſcuberta, como ElRey pelos negocios do Reyno andava occupado, e não havia por ſeu ſerviço per ſi mandar grangear eſta propriedade do commercio, nem menos leixallo correr no modo que andava ácerca do que as partes pagavam, por lhe ſer commettido em Novembro do anno de mil e quatrocentos e ſeſſenta e nove, o arrendou por tempo de ſinco annos a Fernão Gomes, hum Cidadão honrado de Lisboa, por duzentos mil reis cada anno. Com condição, que em cada hum deſtes ſinco annos foſſe obrigado deſcubrir pela coſta em diante cem leguas de maneira, que no cabo de ſeu arrendamento déſſe quinhentas leguas deſcubertas; o qual deſcubrimento havia de começar na ſerra Lioa, onde acabáram Pero de Cintra, e Soeiro da Coſta, que foram ante deſte arrendamento os derradeiros deſcubridores, porque depois eſte Soeiro da Coſta deſcubrio o Rio, a que ora chamamos o de Soeiro, que eſtá entre o Cabo das Palmas, e as tres pontas, vizinho á caſa de Axem, onde ſe faz a feitoria do reſgate do ouro. E entre outras condições, que ſe continham neſte contrato, era, que todo

o mar-

o marfim havia de ſer delRey a preço de mil e quinhentos reaes por quintal, e ElRey o dava a outro maior preço a hum Martimannes Boaviage, por lhe ſer obrigado per outro contrato feito ante deſte, a todo o marfim que ſe reſgataſſe em Guiné. E por couſa mui eſtimada naquelle tempo tinha Fernão Gomes licença pera poder reſgatar em cada hum dos ditos ſinco annos hum gato d'algalea, o qual contrato foi feito no anno de quatrocentos ſeſſenta e nove, com limitação que não reſgataſſe em a terra firme defronte das Ilhas do Cabo Verde por ficar pera os moradores dellas por ſerem do Infante D. Fernando. Nem menos lhe foi concedido o reſgate do Caſtello de Arguim, por ElRey o ter dado ao Principe D. João ſeu filho em parte do aſſentamento que delle tinha; peró depois houve o meſmo Fernão Gomes do Principe eſte reſgate de Arguim por certos annos, por preço de cem mil reaes em cada hum delles. E foi Fernão Gomes tão diligente, e ditoſo em eſte deſcubrimento, e reſgate delle, que logo no Janeiro de quatrocentos ſetenta e hum deſcubrio o reſgate do ouro, onde ora chamamos a Mina, per João de Santarem, e Pero Eſcovar, ambos Cavalleiros da Caſa delRey: e eram Pilotos Martim Fernandes morador em Lisboa, e Al-

va-

varo Eſteves morador em Lagos, o qual Alvaro Eſteves naquelle tempo foi o mais eſtremado homem, que havia em Heſpanha do ſeu officio. O primeiro reſgate do ouro, que ſe fez neſta terra, foi em huma aldea chamada Sammá, que naquelle tempo ſería de quinhentos vizinhos; e depois ſe fez mais abaixo contra, onde ora eſtá a fortaleza, que ElRey D. João mandou fazer, (como veremos em ſeu lugar,) o qual lugar ſe chama pelos noſſos Aldea das duas partes. E não ſómente deſcubrio Fernão Gomes eſte reſgate do ouro, mas chegáram os ſeus deſcubridores pela obrigação do ſeu contrato té o Cabo de Santa Catharina, que he além do Cabo de Lopo Gonçalves trinta e ſete leguas, e em dous gráos e meio d'altura da parte do Sul, no qual tempo ganhou Fernão Gomes mui groſſa fazenda, com que depois ſervio ElRey, aſſi em Cepta, como na tomada de Alcacer, Arzila, e Tangere, onde ElRey o fez Cavalleiro. E no anno de quatrocentos ſetenta e quatro, que foi o derradeiro de ſeu arrendamento, lhe deo nobreza de novas Armas, hum eſcudo timbrado com o campo de prata, e tres cabeças de negros, cada hum com tres arrieis d'ouro nas orelhas, e narizes, e hum collar d'ouro ao collo, e por appellido da Mina, em memoria do deſcubrimen-

mento della, e disso lhe passou Carta a vinte e nove de Agosto do dito anno. Depois passados quatro annos o fez do seu Conselho, porque já neste tempo era o commercio de Guiné, e resgate da Mina de tanto proveito, e ajudava tanto em substancia ao estado do Reyno, pola boa industria de Fernão Gomes, que assi por este serviço, como por outros particulares de sua pessoa, merecia toda a honra, e mercê que lhe fosse feita. Neste tempo se descubrio tambem a Ilha Formosa per hum Fernão do Pó, a qual tem ora o nome de seu descubridor, e perdeo o que lhe elle então poz. E o derradeiro descubridor em vida deste Rey Dom Afonso, foi hum de Sequeira Cavalleiro de sua Casa, o qual descubrio o Cabo, a que chamamos de Catharina, nome, que lhe elle então poz polo descubrir em o dia desta Santa. E não sómente neste tempo por mandado delRey, depois que começou governar, mas ainda per o mesmo Infante D. Henrique, que, como atrás vimos, viveo té o anno de quatrocentos sessenta e tres, sempre houve conquistas, e descubrimentos, assi como da costa, donde veio a primeira malagueta, que se fez per o Infante D. Henrique; da qual alguma que em Italia se havia, antes deste descubrimento, era per mãos dos Mouros destas partes de

Guiné, que atravessavam a grande região de Mandinga, e os desertos da Libya, a que elles chamam Çahará, té aportarem em o mar Mediterraneo em hum porto per elles chamado Mundi barca, e corruptamente Monte da Barca. E de lhe os Italianos não saberem o lugar de seu nascimento, por ser especiaria tão preciosa, lhe chamárão Grána paradisi, que he nome, que tem entrelles. Tambem se descubrio a Ilha de S. Thomé, Anno bom, e a do Principe per mandado delRey D. Afonso, e outros resgates, e Ilhas, das quaes não tratamos em particular por não termos quando, e perque Capitães foram descubertas; porém sabemos na voz commum serem mais cousas passadas, e descubertas no tempo deste Rey do que temos escrito: assi como huma Ilha, que ainda hoje per nós não he sabida, e foi achada no anno de quatrocentos trinta e oito annos; e por não parecer estranho o que digo, trarei hum testemunho, em que entram muitas testemunhas desta verdade. Atravessando o anno de quinhentos e vinte e sinco huma Armada de Castella, da costa de Guiné pera a costa do Brasil, a qual hia pera as nossas Ilhas de Maluco, de que era Capitão mór Fr. Garcia de Loais, Commendador da Ordem de S. João, da qual viagem nós houvemos hum roteiro, conta

o Au-

o Author delle humas razões, que nesta paragem houveram hum D. Rodrigo da Cunha, Fidalgo Andaluz, Capitão da náo Sant-Iago daquella Armada, e Sant-Iago Guevara Biscainho, Capitão de huma patara chamada tambem Sant-Iago. Isto sobre competencia de quem levaria ante o Capitão mór hum navio Portuguez, a que ambos arribáram, o qual vinha da Ilha de S. Thomé carregado de negros; e de palavras vieram estes Capitães ás bombardadas, e com tudo a caravela foi levada ante o Capitão mór, o qual teve prática com o Piloto pera o levar comsigo; mas leixou de o fazer por estar o navio em paragem, que carregaria sobre elle a morte de tantas almas, como nella vinham, por lhe não ficar pessoa que as soubesse navegar pera este Reyno, na qual determinação o trouxe hum dia comsigo em perguntas das cousas do mar, té que o espedio sem lhe fazer damno algum: do qual Piloto, (segundo conta o Author do roteiro,) souberam como os Portuguezes estavam em Maluco, onde tinham feito huma fortaleza; e que seguindo elles sua viagem, sendo dous gráos da parte do Sul, acháram huma Ilha despovoada de gente, chamada S. Mattheus, em que havia duas aguadas, huma muito boa, e outra não tal: e em duas arvores estava escrito, que havia

oitenta e ſete annos que nella eſtiveram Portuguezes, e tinha maneira de ſer já aproveitada por haver nella muita fruta, eſpecialmente laranjas doces, palmeiras, e gallinhas, como as deſtas partes de Heſpanha, de que matáram muitas á béſta, que andavam per ſima do arvoredo. Conta mais outras couſas que achàram nella, de que ſómente tomei eſtas por teſtemunho do que aſſima diſſemos, terem os noſſos mais terras deſcubertas naquelle tempo, do que achamos na eſcritura de Gomezeanes de Zurara. E não he novidade achar-ſe eſta memoria de eſcritura em as arvores, porque os noſſos naquelle tempo o coſtumavam muito: e alguns por louvor do Infante Dom Henrique eſcreviam o motto de ſua diviſa, que como vimos atrás era *Talent de Bien faire*; porque ſómente eſta memoria eſcrita na caſca dos dragoeiros haviam que baſtava por poſſe do que deſcubríram, e algumas cruzes de páo. Depois, (como adiante veremos,) ElRey D. João o Segundo em ſeu tempo mandou poer Padrões de pedra com letreiro, em que diz o tempo, e per quem aquella terra foi deſcuberta, e iſto baſtava por poſſe real, e ao preſente ainda as fortalezas feitas na propria terra não baſtam, porque veio a cubiça dos homens a inventar leis conformes a ella. E como todo-

dolos principaes a maior parte da vida gaſtáram nas obras de ſua inclinação, veio ElRey D. Afonſo a ſe deſcuidar das couſas deſte deſcubrimento, e celebrar muito as da guerra de Africa com a tomada das Villas de Alcacer, e Arzilla, e Cidade de Tangere, (ſegundo contamos em a noſſa Africa,) as vezes que lá paſſou em peſſoa: na qual guerra de Africa teve tanto contentamento, por as boas venturas que nelle houve, que emprendeo, (ſe lhe os negocios do governo do Reyno deram lugar,) ir tomar per ſua peſſoa a Cidade de Féz, e todo ſeu Reyno, pera que tinha ordenado huma Ordem chamada da Eſpada. E aſſi mandou a Gomezeanes de Zurara ſeu Chroniſta mór á Villa de Alcacer Ceguer em Africa, pera que com fé de viſta pudeſſe eſcrever os feitos daquella guerra; ao qual eſcreveo huma Carta de ſua propria mão em louvor do trabalho que lá tinha por razão da obra que fazia: e iſto não com palavras taxadas, e avaras, ſegundo o uſo dos Principes, mas em modo eloquente, e de prodigo Orador, como quem ſe prezava diſſo; o qual Gomezeanes vendo a deleitação, que ElRey tinha nas couſas deſta milicia, eſcreveo a Chronica da tomada de Cepta, e outra Chronica dos feitos do Conde D. Pedro de Menezes, e do Conde D. Duarte ſeu filho,

re-

relatando os feitos daquella guerra mui particularmente, e per estylo claro, e tal que bem mereceo o nome do officio que teve. E porque cada hum não perca seu trabalho, tambem escreveo a Chronica deste Rey D. Afonso, té a morte do Infante D. Pedro, e a Chronica delRey D. Duarte seu Padre, as quaes Ruy de Pina, que o succedeo no officio, fez suas, pelo que emendou, e accrescentou nellas, principalmente na delRey D. Afonso, ácerca das cousas, que passáram depois da morte do Infante D. Pedro. Fez ainda Gomezeanes outra obra no Tombo deste Reyno, que alumeou muito as cousas delle, que foram os livros dos registros, recopilando em certos volumes as forças de muita escritura que andava solta, começando em ElRey D. Pedro té ElRey D. João de gloriosa memoria: isto por razão de ser Guarda mór do mesmo Tombo, officio mui proprio dos Chronistas, por ser huma custodia de toda a escritura do Reyno, a qual convem ser passada pelos olhos do Chronista delle, pera com mais verdade, e cópia de cousas poder escrever todo o discurso dos feitos do Rey, de que he official, porque aqui se acham Ordenações, Cortes, Casamentos, Contratos, Armadas, Festas, Obras, Doações, Mercês, assi per registro da Chancellaria, e Fazenda,

ce-

como per contas de todo o Reyno, ſe elle quizer, e ſouber uſar da cópia de tanta eſcritura. E verdadeiramente, (tornando a Gomezeanes, em quem concorreo Chroniſta, e Guarda mór da Torre do Tombo,) eu não ſei quanto elle viveo, nem o tempo que teve eſtes officios; mas ſei, ſegundo o que leixou feito per ſua mão, que não foi ſervo ſem proveito, mas digno dos cargos que teve, aſſi pelo eſtylo, como diligencia das couſas que tratou.

DE-

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO III.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram no deſcubrimento, e conquiſta dos mares, e terras do Oriente: em que ſe contém o que ſe acha ſer feito em tempo delRey D. João o ſegundo.

CAPITULO I.

Como ElRey D. João, ſuccedendo no Reyno per falecimento delRey D. Afonſo ſeu Pai, mandou logo huma grande Armada ás partes de Guiné a fazer o Caſtello, que agora chamamos de S. Jorge da Mina, da qual Armada foi Capitão mór Diogo d'Azambuja: e como ſe vio com Caramança Senhor daquelle lugar.

ELREY D. João como já em vida delRey D. Afonſo ſeu Pai tinha o negocio de Guiné em parte do aſſentamento da ſua caſa, e per experiencia delle ſabia reſponder com ouro, marfim, eſcravos, e outras couſas, que enriqueciam o ſeu Reyno, e cada anno ſe deſcubriam novas terras, e póvos, com que a eſperança do deſcubrimento da India per eſtes ſeus ma-

mares ſe accendia mais nelle : com fundamentos de Chriſtianiſſimo Principe , e Barão de grande prudencia , ordenou de mandar fazer huma fortaleza , como primeira pedra da Igreja Oriental , que elle em louvor , e gloria de Deos deſejava edificar per meio deſta poſſe real , que tomava de todo o deſcuberto , e por deſcubrir ſegundo tinha per doações dos Summos Pontifices , como atrás diſſemos. E ſabendo que na terra , onde acudia o reſgate do ouro , folgavam os Negros com pannos de ſeda , de lã , linho , e outras couſas do ſerviço , e policia de caſa , e que em ſeu trato tinham mais claro entendimento , que os outros daquella coſta , e que no modo de ſeu negociar , e communicar com os noſſos davam de ſi ſinaes pera facilmente receberem o Baptiſmo , ordenou que eſta fortaleza ſe fizeſſe em aquella parte , onde os noſſos ordinariamente faziam o reſgate do ouro , porque com eſta iſca de bens temporaes , que ſempre alli haviam de achar , recebeſſem os da Fé , mediante a doctrina dos noſſos , o qual effecto era o ſeu principal intento. E dado que pera eſta obra da fortaleza houveſſe em ſeu Conſelho contrarias opiniões , repreſentando a diſtancia do caminho , e os ares da terra ſerem peſtiferos á ſaude dos homens que lá eſtiveſſem , e aſſi os mantimentos da terra ,

e o

e o trabalho de navegar, houve ElRey por maior bem huma ſó alma, que por cauſa da fortaleza podia vir á Fé per Baptiſmo, que todolos outros inconvenientes, dizendo que Deos proveria nelles, pois aquella obra ſe fazia em ſeu louvor, e a fim pera que ſeus vaſſallos pudeſſem fazer algum proveito, e tambem o patrimonio deſte Reyno foſſe accreſcentado. Aſſentado que ſe fizeſſe eſta fortaleza, mandou aperceber huma Armada de dez caravelas, e duas urcas, em que foſſe pedra lavrada, telha, madeira, e aſſi todalas outras munições, e mantimentos pera ſeiscentos homens, de que os cento eram officiaes pera eſta obra, e os quinhentos de peleja; dos quaes navios era Capitão mór Diogo d'Azambuja peſſoa mui experimentada nas couſas da guerra; e os outros Capitães eram Gonçalo da Fonſeca, Ruy de Oliveira, João Rodrigues Gante, João Afonſo, que depois matáram em Arguim, ſendo Capitão daquella fortaleza João de Moura, Diogo Rodrigues Inglez, Bartholomeu Dias, Pero d'Evora, e Gomes Aires eſcudeiro delRey D. Pedro d'Aragão, o qual entrou em lugar de Pero d'Azambuja, irmão delle Diogo d'Azambuja, por morrer de peſte primeiro que partiſſem de Lisboa, que a eſte tempo andava nella, todos homens nobres, e criados delRey. E

os

os Capitães das urcas eram Pero de Cintra, e Fernão d'Afonſo; por levarem toda a munição deſta fortaleza partíram diante alguns dias, e em ſua companhia Pero d'Evora em hum navio pequeno, pera que ſe as urcas não pudeſſem chegar a fazer a peſcaria no porto de Bezeguiche, onde haviam de eſperar que eſte navio a fizeſſe, o qual negocio Pero d'Evora fez com muita diligencia, e outro mais principal, que foi fazer paz com Bezeguiche Senhor daquella coſta, donde ficou o nome, que hoje tem aquelle porto. Diogo d'Azambuja acabando de confirmar eſta paz, depois que alli chegou, que foi veſpera de Natal do anno de quatrocentos oitenta e hum, havendo doze dias que partíra de Lisboa, tornou a ſua derrota; e deo-lhe Deos tão boa viagem, poſto que teve algum trabalho com huma urca, que fazia muita agua, que a dezenove de Janeiro d'aquelle anno ſeguinte chegou ao lugar, onde ſe havia de fazer o Caſtello, que naquelle tempo ſe chamava Aldea das duas partes; no qual lugar achou João Bernardes com hum navio delRey fazendo reſgate d'ouro com Caramança Senhor daquella aldea; e per elle lhe mandou dizer, que era alli vindo com aquella grande frota, que ElRey de Portugal ſeu Senhor mandava, em a qual vinha muita gente nobre pe-

ra

ra bem, e honra de ſua peſſoa, como depois per elle meſmo ſaberia; que lhe rogava houveſſe por bem de ſe verem ambos ao outro dia, em que elle eſperava de ſer em terra. Vinda a reſpoſta de Caramança, moſtrando contentamento de ſua chegada, ſahio Diogo d'Azambuja em terra com toda ſua gente veſtida de louçainha, e ſuas armas ſecretas, ſe o tempo as pediſſe. E da primeira couſa que tomou poſſe foi de huma grande arvore, que eſtava em hum teſo, affaſtada algum tanto da aldea, lugar mui diſpoſto pera ſe fazer a fortaleza; em a qual arvore mandou arvorar huma bandeira das Quinas Reaes, e ao pé della armar hum Altar, onde ſe celebrou a primeira Miſſa dita naquellas partes da Ethiopia, a qual foi ouvida dos noſſos com muitas lagrimas de devoção, dando muitos louvores a Deos em os fazer dignos, que na força de tanta idolatria o pudeſſem louvar, e glorificar em ſacrificio de louvor; pedindolhe pois lhe aprouvera ſerem elles os primeiros, que levantaſſem Altar de tão alto Sacrificio, que lhes déſſe ſaber, e graça pera attrahir aquelle povo idólatra á ſua Fé, com que a Igreja que alli fundaſſem foſſe duravel té fim do Mundo. Acabada eſta Miſſa, que foi em dia de S. Sebaſtião, (em memoria do qual ficou eſte nome a hum valle,

le, per que corre hum eſteiro, onde primeiro ſahíram,) porque Diogo d'Azambuja eſperava por Caramança, o qual abalava já de ſua aldea, poz em ordem a toda ſua gente. Elle aſſentado em huma cadeira alta veſtido em hum pelote de brocado, e com hum colar d'ouro, e pedraria, e os outros Capitães todos veſtidos de feſta; e aſſi ordenada a outra gente, que faziam huma comprida, e larga rua, pera que quando Caramança, como tambem era homem, que queria moſtrar ſeu eſtado, veio com muita gente poſta em ordenança de guerra, com grande matinada de atabaques, bozinas, chocalhos, e outras couſas, que mais eſtrugiam que deleitavam os ouvidos. Os trajos de ſuas peſſoas eram os naturaes de ſua propria carne, untados, e mui luzidos, que davam mais pretidão aos couros, couſa que elles coſtumavam por louçainha. Sómente as partes vergonhoſas eram cubertas delles com pelles de bugios, outros com pannos de palma, e os mais principaes com alguns pintados, que per reſgate houveram dos noſſos navios, que alli hiam reſgatar ouro. Porém geralmente em ſeu modo todos vinham armados, huns com azagaias, e eſcudos, outros com arcos, e coldres de frechas; e muitos, em lugar de arma da cabeça, huma pelle de bogio, o caſco da qual to-

todo era encravado de dentes d'alimarias, todos tão disformes com ſuas invenções por moſtrar ferocidade de homens de guerra, que mais moviam a riſo que a temor. Os que entre elles eram eſtimados por nobres, como inſignias de ſua nobreza, traziam dous pages trás ſi; hum lhe trazia hum aſſento redondo de páo pera ſe aſſentar a tomar repouſo onde quizeſſe; e outro o eſcudo da peleja, e eſtes nobres pela cabeça, e barba traziam alguns arrieis, e joias d'ouro. O ſeu Rey Caramança em meio de todos vinha cuberto pernas, e braços de barceletes, e argolas d'ouro, e ao peſcoço hum colar, do qual dependiam humas campainhas miudas, e pela barba retorcidas humas vergas d'ouro, que aſſi lhe chumbavam os cabellos della, que de retorcidos os faziam corridos. A continencia de ſua peſſoa era vir com huns paſſos mui vagaroſos pé ante pé ſem mover o roſto a parte alguma. Diogo d'Azambuja, em quanto elle vinha com eſta gravidade, eſteve quedo em ſeu eſtrado, té que ſendo já mettido entre a noſſa gente abalou a elle, e ajuntando-ſe ambos, tomou Caramança a mão a Diogo d'Azambuja, e tornando-a a recolher deo hum trinco com os dedos, dizendo eſta palavra, *bere*, *bere*, que quer dizer paz, paz, o qual trinco entre elles he o ſinal da maior corte-

tezia, que ſe podia fazer. Affaſtado ElRey a huma parte, deo lugar que chegaſſem os ſeus fazer outro tanto a Diogo d'Azambuja; mas no modo de tocar os dedos fizeram eſta differença delRey: molhado o dedo na boca, e de ſi limpo no peito, o tocáram, couſa, que ſe faz do menor ao maior em ſinal de ſalva, que ſe cá toma aos principaes; porque dizem elles, que póde levar peçonha neſte dedo, ſe ante o não alimparem per eſte modo. Acabadas eſtas ceremonias de cortezia, que duráram hum bom pedaço, por ſer muita a gente que Caramança trazia, e feito ſilencio, começou Diogo d'Azambuja per meio de huma lingua a lhe propoer a cauſa de ſua ida, a qual era ter ElRey ſeu Senhor ſabido a vontade, e deſejo delle Caramança ácerca das couſas de ſeu ſerviço, e quanto trabalhava de o moſtrar no bom, e breve aviamento que dava aos ſeus navios que áquelle porto chegavam; e que por eſtas couſas procederem de amor, ElRey lhas queria pagar com amor, que tinha mais vantaje que o ſeu, que era amor da ſalvação de ſua alma, couſa mais precioſa que os homens tinham, por ella ſer a que lhe dava vida, entendimento pera conhecer, e entender todalas couſas, e per a qual o homem era differente dos brutos. E aquelle, que a quizeſſe conhe-

nhecer , era neceſſario ter primeiro conhecimento do Senhor que a fizera, o qual era Deos, que fizera o Ceo, Sol, Lua, e Terra, com todalas couſas que nella ha: aquelle, que fazia o dia, e noite, chuvas, trovões, relampagos, e creava todalas novidades, de que ſe os homens mantinham, ao qual Deos, ElRey de Portugal ſeu Senhor, e todos os outros Principaes da Chriſtandade, (que era huma grande parte da terra do Mundo,) reconheciam por Creador, e Senhor, e a elle adoravam, e nelle criam, como aquelle de quem tinham recebido todalas couſas, e a quem a ſua alma havia de ir dar conta depois da morte do bem, e mal que neſta vida fizera. Por ſer hum Senhor tão juſto, que aos bons levava ao Ceo, onde elle eſtava, e aos máos lançava no abyſmo da terra, lugar chamado Inferno, habitação dos diabos, atormentadores deſtas almas; as quaes couſas pera elle Caramança poder entender, era neceſſario ſer lavado em huma agua ſancta, a que os Chriſtãos chamam Baptiſmo da Fé; porque bem como as aguas do rio lavam os olhos pera melhor verem quando eſtam pejados d'algum pó, ou couſa que os cega, aſſi eſta agua baptiſmal lavava os olhos d'alma pera poderem ver, e entender as couſas, que tratam da meſma alma; e eſte Deos era o

que

que ElRey D. João ſeu Senhor lhe mandava pedir que reconheceſſe por ſeu Creador pera o adorar, proteſtando de viver, e morrer em ſua Fé, e acceitando o Baptiſmo em teſtemunho della; o qual Baptiſmo, ſe elle Caramança aceptaſſe, e recebeſſe, elle Diogo d'Azambuja em nome delRey ſeu Senhor lhe promettia dalli em diante de o haver por amigo, e irmão neſta Fé de Chriſto, que profeſſava, e de o ajudar em todalas couſas, que delle tiveſſe neceſſidade: e que em ſinal deſte promettimento elle era alli vindo com toda aquella gente pera o que cumpriſſe a ſua honra, e bem de ſeu eſtado; e não ſómenre per aquella vez acharia aquella ajuda, mas em todo o tempo, que elle permaneceſſe naquella Fé de Chriſto, Deos, e Senhor noſſo, que lhe elle amoeſtava. E porque ao preſente elle vinha bem provído de mercadorias, e couſas mui ricas, que ainda alli não foram viſtas, pera guarda das quaes lhe era neceſſario fazer huma caſa forte, em que eſtiveſſem recolhidas, e aſſi alguns apoſentos, onde ſe pudeſſe agazalhar aquella gente honrada, que com elle vinha, lhe pedia que houveſſe por bem que elle fizeſſe eſte recolhimento, o qual elle eſperava em Deos que ſería penhor pera ElRey ordinariamente mandar fazer alli reſgate, com que elle Caramança

ſería poderoſo em terras, e Senhor dos comarcãos, ſem alguem o poder anojar, porque a meſma caſa, e o poder delRey que nella eſtaria o defenderiam. E dado que Bayo Rey de Sâma, e outros Principes ſeus vizinhos houveſſe por grande honra ſer eſta fortaleza feita em ſuas terras, e ainda por iſſo faziam hum grande ſerviço a ElRey, elle houve por bem ſer eſta obra feita ante em ſua terra, que pelo amor, e amizade, que elle Caramança tratava as couſas de ſeu ſerviço.

CAPITULO II.

Do que reſpondeo o Principe Caramança ás palavras de Diogo d'Azambuja: e do conſentimento que deo a ſe fazer a fortaleza, com a qual ficou a troco do Commercio aſſentado em paz té hoje.

CAramança peró que foſſe homem barbaro, aſſi per ſua natureza, como pela communicação que tinha com a gente dos navios, que vinham ao reſgate, era de bom entendimento, e tinha o juizo claro pera receber qualquer couſa, que eſtiveſſe em boa razão. E como quem deſejava entender as couſas que lhe eram propoſtas, não ſómente eſteve prompto a ouvir quanto lhas a lingua reſumia, mas ainda eſguardava todalas con-

continencias que Diogo d'Azambuja fazia; e em todo o tempo que isto passou, assi elle, como os seus estiveram em hum perpétuo silencio, sem haver quem sómente escarrasse; tão obedientes, e ensinados os trazia. E como homem, que queria recorrer pela memoria o que ouvíra, e considerar o que havia de responder, acabada a falla, pregou os olhos no chão per hum pequeno espaço, e de si disse: *Que elle tinha em mercê a ElRey seu Senhor a vontade que lhe mostrava, assi na salvação de sua alma, como em as outras cousas de sua honra; e que certo elle lho merecia em o bom despacho dos seus navios, que áquelle porto vinham resgatar, sendo mui bem tratados com toda a fé, e verdade em seus commercios, e resgates, em o qual tempo nunca em a gente delles víra cousa, de que se pudesse tanto espantar, como daquella sua vinda; porque em os navios passados via homens rotos, e mal roupados, os quaes se contentavam com qualquer cousa que lhes davam a troco de suas mercadorias, e este era o fim de sua vinda áquellas partes, e todo seu requerimento era que os despachassem logo, como quem fazia mais fundamento da sua patria, que da habitação das terras alheias; mas nelle Capitão via outra cousa, que era muita gente, e muito*

mais ouro, e joias, do que havia naquellas partes, onde elle naſcia, e com iſto novo requerimento de querer fazer caſa de vivenda em terra, donde conjecturava duas couſas: a primeira, que elle não podia ſer ſenão mui chegado parente delRey de Portugal; e a ſegunda, que hum homem tão principal como elle era, não podia vir ſenão a grandes couſas, e taes como eram as que elle dizia do Deos, que fazia o dia, e noite, e de quem tantas couſas diſſera, cujo ſervidor era o ſeu Rey. Porém querendo eſguardar a natureza de hum homem tão principal, como elle Capitão era, e aſſi daquella luzida gente, que o acompanhava, via que homens de tal qualidade ſempre haviam de querer couſas conformes a elles; e porque o animo de tão generoſa gente, como era a ſua, mal ſe poderia conformar com a pobreza, e ſimplicidade daquella barbara terra de Guiné, donde ás vezes podiam recreſcer contendas, e paixões entre todos, lhe pedia houveſſe por bem que os navios foſſem, e vieſſem como ſohiam, cá per eſta maneira ſempre eſtariam em paz, e concordia; porque os amigos, que ſe viam de tarde em tarde, com mais amor ſe tratavam, que quando ſe vizinham: e iſto cauſava o coração do homem, por ſer como as ondas do mar, que batiam

na-

naquelle recife de pedras, que alli eſtava; o qual mar pela vizinhança que tinha com elle, e lhe empedir eſtender-ſe pela terra á ſua vontade, quebrava tão fortemente no vizinho, que de bravo, e ſoberbo levantava ſuas ondas té o Ceo, e com eſta furia fazia dous damnos, hum a ſi meſmo açanhando-ſe, e outro ao vizinho em o ferir. Que iſto não dizia por ſe eſcuſar de obedecer aos mandados delRey de Portugal, mas por aconſelhar ao bem da paz, e á muita preſtança, que elle deſejava ter com todolos naturaes do ſeu Reyno, que áquelle porto vieſſem: e tambem porque havendo eſta paz entre ambos, todo aquelle ſeu povo com mais amor folgaria de ouvir as couſas do ſeu Deos, que lhe elle vinha dar a conhecer; por iſſo em quanto o tempo moſtrava a experiencia deſtes inconvenientes, lhe pedia que os evitaſſem, leixando correr o reſgate no modo em que eſtava. A eſtas palavras, e dúvidas, que pareciam impedir fazer-ſe a fortaleza, reſpondeo Diogo d'Azambuja: *Que a cauſa delRey ſeu Senhor o enviar com tão grande apparato áquella terra, fora deſejar paz, e mais eſtreita amizade com elle, do que té então tiveram; e como penhor deſte deſejo queria alli fazer caſa, em que ſe puzeſſe ſua fazenda, em a qual obra Sua Alteza moſtra-*

va

va a muita confiança que tinha nelle Caramança, e em seus vassallos, porque ninguem punha sua fazenda em lugar suspeitoso de enganos: Que quando ahi houvesse alguma cousa que temer, a elle Diogo d'Azambuja, e a toda aquella gente que o acompanhava convinha este temor, pois confiavam suas vidas, e fazendas da terra estranha, e mais tão alongada do adjutorio da sua; e posto que o coração do homem, como elle dizia, era per sua natureza livre, estes eram aquelles, que não tinham Rey tão amigo da justiça, como era ElRey seu Senhor, donde os seus vassallos assi eram obedientes a seus mandados, que mais temiam desobedecer-lhe que a mesma morte: Que elle não era filho, nem irmão delRey, como elle cuidava, mas hum dos mais pequenos vassallos de seu Reyno; e tão obrigado a cumprir o que lhe mandava ácerca da paz, e concordia em a obra daquella casa, que antes perderia a vida, que traspassar seu mandado. Da qual palavra os Negros vendo que ElRey se espantava de tanta obédiencia, e que segundo seu costume dava com huma mão na outra, elles por sinal de obedientes deram tambem outras palmadas, com que rompêram a palavra de Diogo d'Azambuja; e ante que mais procedesse, acabado o rumor, Caramança lhe

ata-

atalhou, tomando por conclusão que era contente fazer-ſe a caſa que pedia, admoeſtando-lhe a paz, e verdade, porque fazendo os ſeus o contrario, mais enganavam, e danavam a ſi que a elle, porque a terra era grande, e onde quer que chegaſſem elle, e os ſeus, não lhe faleceriam huns poucos de páos, e rama, com que fizeſſem outra morada. Acabando ElRey ſua concluſão ſobre o fazer da caſa, ſem reſponder ao mais do Baptiſmo, que lhe foi amoeſtado, eſpedio-ſe do Capitão, tornando na ordem em que veio, e elle ficou com os meſtres da obra, entendendo no eleger donde ſe fundaria a fortaleza. Ao ſeguinte dia começando os pedreiros quebrar huns penedos, que eſtavam ſobre o mar junto, onde tinham elegido os alicerces da fortaleza, não podendo os negros ſoffrer tamanha injúria, como ſe fazia áquella ſanctidade que elles adoravam por Deos, accendidos em furia, que lhe o demonio atiçava pera todos alli perecerem ante do Baptiſmo, que depois alguns delles recebêram, tomáram ſuas armas, e com aquelle primeiro impeto deram rijo em os officiaes, que andavam neſta obra. Diogo d'Azambuja como a eſte tempo eſtava com os Capitães fazendo tirar as munições dos navios, tanto que vio correr a gente contra a praia, acudio rijo; e porque ſoube

be da Lingua dos Negros, que a causa principal do alvoroço delles fora por ainda não terem recebido o presente que esperavam, e que maior mágoa tinham por a tardança, que por a injúria dos seus deoses, entreteve a gente o melhor que pode, de maneira que não houvesse sangue, e mandou a grão pressa ao Feitor, que trouxesse dobrados lambeis, manilhas, bacias, e outras cousas, que tinha mandado que levasse a ElRey, e a seus Cavalleiros, por assi estar em costume; e ainda por mais comprazer aos Negros, publicamente entre elles bradou com elle, com o qual presente, depois que o recebêram, assi ficáram contentes, e brandos da furia, que entregáram os filhos, quanto mais os penedos; tanto poder tem o dar, que, como dizem, quebrantou Diogo d'Azambuja as pedras, que eram os corações daquelles Negros em sua indignação, e mais quebrou os penedos que elles defendiam. Porém em quanto a obra durou, sempre se teve grande vigia, e tento nelles, não se lhe antolhasse outra vaidade alguma, em fazer a qual obra se deo tal despacho, que em vinte dias puzeram a cerca do castello em boa altura, e a torre da menagem em o primeiro sobrado. E por a singular devoção que ElRey tinha neste Sancto, foi chamada esta fortaleza S. Jorge, a qual depois

em

em o anno de quatrocentos oitenta e ſeis, a quinze de Março em Santarem ElRey a fez Cidade, dando-lhe per ſua Carta Patente todalas liberdades, privilegios, e preeminencias de Cidade. Poſto que por parte dos noſſos, em quanto durou eſta obra, ſe trabalhava não haver com os Negros rompimento, fizeram elles tantos furtos, e maldades, que conveio a Diogo d'Azambuja queimar-lhe a aldea, com que entre eſte caſtigo, e beneficios, que mais parte tinham nelles, ficáram em ſegura paz. Acabada a obra, e a terra corrente em reſgate, eſpedio Diogo d'Azambuja os navios, e a gente ſobreſelente, que ſe veio pera o Reyno com boa cópia d'ouro, que reſgatáram, e elle ficou com ſeſſenta homens ordenados á fortaleza, ſegundo hia per regimento del-Rey; e outros ficáram enterrados ao pé da arvore, onde ſe diſſe a primeira Miſſa, que ficou em adro da Igreja de vocação de São Jorge, em que hoje Deos he louvado, e glorificado, não ſómente dos noſſos, que vão áquella Cidade, mas ainda dos Ethiopas da ſua Comarca, que per Baptiſmo são contados em o numero dos fieis. Na qual Igreja em memoria dos trabalhos do Infante D. Henrique, por ſer auctor deſte deſcubrimento, ſe diz huma Miſſa quotidiana por ſua alma com proprio Capellão a ella or-

ordenado. Em dous annos, e ſete mezes, que Diogo d'Azambuja alli eſteve, aprouve a Deos que na terra não houve tanta enfermidade como ſe receava; e aſſentou com tanta prudencia os preços, e modo do reſgate das couſas, que ainda hoje dura a maior parte deſte ſeu bom regimento, por onde quando veio ElRey o galardoou com accreſcentamento de honra.

CAPITULO III.

Como foi deſcuberto o Reyno de Congo por Diogo Cam Cavalleiro da caſa delRey: e além delle deſcubrio duzentas, e tantas leguas, em o qual deſcubrimento aſſentou tres Padrões, que foram os primeiros de pedra, das quaes terras trouxe algumas peſſoas, que foram baptizadas por ElRey: e tambem foi deſcuberto o Reyno de Benij.

AO tempo que ElRey mandou fazer eſta fortaleza de S. Jorge da Mina, já foi com propoſito que per ella tomava poſſe de toda aquella terra, que habitavam os Negros, com a qual poſſe eſperava de accreſcentar á ſua Coroa novo titulo de eſtado por haver a benção de ſeus avós, cujos titulos elles ſempre conquiſtáram da mão dos infieis. E tambem por haverem effecto ás doações, que os Summos Pontifices tinham con-

concedidas ao Infante D. Henrique ſeu tio, e a ElRey D. Afonſo ſeu Padre, e a elle de todo o que deſcubriſſem do cabo Bojador té as Indias *incluſivè*, (como atrás fica.) Peró não quiz notificar eſte titulo de Senhor de Guiné em ſuas Cartas, e doações, ſenão dahi a tres annos, que eſte Caſtello de S. Jorge era fundado, que foi depois que Diogo d'Azambuja veio a eſte Reyno. Nem dahi por diante conſentio que os Capitães, que mandava a deſcubrir eſta coſta, puzeſſem cruzes de páo per os lugares notaveis delle, como ſe fazia em tempo de Fernão Gomes, quando deſcubria as quinhentas leguas de coſta per condição do contracto que fez com ElRey D. Afonſo; mas ordenou que levaſſem hum Padrão de pedra d'altura de dous eſtados de homem com o eſcudo das Armas Reaes deſte Reyno, e nas coſtas delle hum letreiro em Latim, e outro em Portuguez, os quaes diziam, que Rey mandára deſcubrir aquella terra, e em que tempo, e per que Capitão fora aquelle Padrão alli poſto, e em ſima no topo huma cruz de pedra embutida com chumbo. E o primeiro deſcubridor, que levou eſte Padrão, foi Diogo Cam Cavalleiro de ſua caſa, o anno de quatrocentos e oitenta e quatro, indo já pela Mina, como lugar, onde ſe podia prover d'alguma neceſſidade,

e da-

e dahi foi demandar o Cabo de Lopo Gonçalves, que eſtá hum gráo da banda do Sul. Paſſado o qual Cabo, e aſſi o de Catharina, que foi a derradeira terra, que ſe deſcubrio em tempo delRey D. Afonſo, chegou a hum notavel rio, na boca do qual da parte do Sul metteo eſte Padrão, como quem tomava poſſe por parte delRey de toda a coſta que leixava atrás. Por cauſa do qual Padrão, peró que elle ſe chamava São Jorge, por a ſingular devoção que ElRey tinha neſte Sancto, muito tempo foi nomeado eſte rio do Padrão, e ora lhe chamavam de Congo por correr per hum Reyno aſſi chamado, que Diogo Cam eſta viagem deſcubrio, poſto que o ſeu proprio nome do rio entre os naturaes he Zaire, mais notavel, e illuſtre per aguas que per nome; porque o tempo que naquellas partes he o inverno, entra tão ſoberbo pelo mar, que a vinte leguas da coſta ſe acham as ſuas aguas doces. Diogo Cam, depois que aſſentou o Padrão, por ver a grandeza que o rio moſtrava em boca, e em cópia de aguas, bem lhe pareceo que tão grande rio havia de ſer mui habitado de póvos; e entrando per elle aſſima hum pequeno eſpaço, vio que pela margem delle apparecia muita gente, da que era coſtumado ver pela coſta atrás, toda mui negra com ſeu cabello revolto: e poſ-

posto que levava algumas Linguas da gente que tinham descuberta, em nenhuma cousa se puderam entender com esta, de maneira, que se converteo aos acenos, per os quaes entendeo terem Rey mui poderoso, o qual estava dentro pela terra tantos dias de andadura. Vendo elle o modo da gente, e a segurança com que o esperavam, ordenou de enviar com alguns delles certos dos nossos com hum presente ao Rey da terra, dando por isso alguma cousa, como aquelles, que os haviam de encaminhar, com promessa que dahi a tantos dias sería sua tornada. Mas o termo do tempo, que elles tomáram, passou dobrado, sem Diogo Cam ver recado algum; e em todo elle os que alli ficavam, e outros muitos, que concorrêram aos pannos, e cousas, que lhe elle mandava dar, assi entravam, e sahiam em o navio tão seguramente, como se houvera muito tempo que se conheciam. Diogo Cam vendo quanto os outros tardavam, determinou de acolher alguns daquelles negros, que entravam em o navio, e vir-se com elles pera este Reyno, com fundamento que entretanto os nossos lá onde eram podiam aprenhender a lingua, e ver as cousas da terra, e os Negros que elle trouxesse tambem aprenderiam a nossa, com que ElRey poderia ser informado do que havia entre elles. E porque

que partindo-ſe elle ſem leixar algum recado poderia danar aos noſſos que ficavam, tanto que recolheo em o navio quatro homens delles, diſſe aos outros per ſeus acenos, que elle ſe partia pera levar a moſtrar ao ſeu Rey aquelles homens, porque os deſejava ver, e que dahi a quinze luas elle os tornaria, e que pera mais ſegurança elle leixava entre elles os homens, que tinha enviado ao ſeu Rey. Chegado Diogo Cam a eſte Reyno, folgou ElRey D. João muito em ver gente de tão bom entendimento, porque como eram homens nobres, aſſi aprendêram o que lhe Diogo Cam enſinou pelo caminho, que quando chegáram a eſte Reyno davam já razão das couſas que lhe perguntavam. ElRey por cauſa do tempo, em que Diogo Cam limitou ſua tornada, por os noſſos não padecerem algum mal, mandou que tornaſſe logo, levando muitas couſas a ElRey de Congo, e com ellas lhe encommendava que ſe quizeſſe converter á Fé de Chriſto. Chegado Diogo Cam á barra do rio do Padrão, foi recebido pelos da terra com muito prazer, vendo os ſeus naturaes que elle trouxera vivos, e tambem tratados como hiam. E pelo regimento que elle levava delRey D. João, mandou hum dos quatro negros com alguns da terra, que elle conhecia, com recado a El-

ElRey de Congo, fazendo-lhe ſaber como era chegado, e trazia os ſeus vaſſallos, que dalli levava, ſegundo lhe aquelle diria. Pedindo que por quanto lhe ElRey ſeu Senhor mandava que paſſaſſe mais avante per aquella coſta a fazer algumas couſas de ſeu ſerviço, lhe enviaſſe os Portuguezes, que tinha per algum ſeu Capitão, ao qual elle entregaria os outros tres vaſſallos que trazia, e que da tornada que em boa hora vieſſe, elle lhe iria fallar algumas couſas, que ElRey ſeu Senhor mandava que com elle praticaſſe, e aſſi apreſentar outras que lhe enviava. Vindo os noſſos em poder de hum Capitão, que ElRey de Congo enviou, ao qual Diogo Cam entregou os ſeus com algumas dadivas pera ElRey, eſpediſſe delles, entrando em ſeu deſcubrimento pela coſta adiante, na qual viagem paſſou elle Diogo Cam além deſte Reyno de Congo obra de duzentas leguas, onde poz dous Padrões, hum chamado Sancto Agoſtinho, que deo o nome do Padrão ao meſmo lugar, o qual eſtá em treze gráos d'altura da parte do Sul, e outro junto da manga das arèas, por razão do qual ſe chama o lugar o Cabo do Padrão, em altura de vinte e dous gráos. E neſte caminho fez alguns ſaltos na terra, nos quaes tomou algumas almas pera linguas do que deſcubriſſe, como le-

levava per regimento ; e depois de enſinados , os tornáram alli , como veremos. Tornado Diogo Cam deſte deſcubrimento ao rio do Padrão do Reyno de Congo , foi-ſe ver com ElRey , o qual pola informação que já tinha dos ſeus , que ſe conformavam com os noſſos do que lhe tinham dito das couſas deſte Reyno , quando vio Diogo Cam , aſſi polo que lhe diſſe , e deo da parte delRey D. João , não ſabia que honra lhe fizeſſe , e era tão cioſo delle , que o não fiava de ninguem. E no tempo que Diogo Cam eſteve com elle , como já o Eſpirito Sancto começava obrar ſeus myſterios n'alma daquelle Rey pagão , aſſi andava namorado do que lhe Diogo Cam dizia das couſas de noſſa Fé , que nunca o leixava , perguntando-lhe algumas de eſpirito já alumiado. O que logo começou moſtrar , mandando com Diogo Cam a eſte Reyno hum dos Fidalgos , que já cá viera , chamado Caçuta , e aſſi alguns moços em modo de embaixada , pedindo a ElRey que lhe aprouveſſe de lhe enviar Sacerdótes pera o baptizar , e a todo ſeu Reyno , e lhe darem doctrina de ſua ſalvação. Que aquelles moços por ſerem filhos dos principaes do ſeu Reyno lhe pedia que os mandaſſe baptizar , e doctrinar em as couſas da Fé , pera per elles poder ſer multiplicada entre os ſeus na-

naturaes, quando embora tornassem; e com este requerimento mandou a ElRey hum presente de marfim, e pannos de palma por em sua terra não haver outras policias. ElRey D. João vindo Diogo Cam com este requerimento de conversão de hum Principe senhor de tão grande povo, como este era o mais principal intento que tinha nestes descubrimentos, por mostrar o contentamento desta obra, e louvar a Deos nella, estando em Béja, levou o Embaixador Caçuta á pia ao fazer Christão, e assi aos moços, que com elle vieram, e a Rainha foi a Madrinha, vestindo-se ella, e ElRey de festa por mais solemnizar este acto: o qual Caçuta houve nome D. João por amor delRey, com appellido da Silva, do outro Padrinho, que foi Aires da Silva Camareiro mór delRey, e os moços tomáram os nomes, e appellidos dos Padrinhos que os apresentáram. E quanto fructificou em louvor de Deos a Christandade destes homens de Congo, pela conversão do seu Rey, (como adiante veremos,) tão pouco aproveitou o que ElRey fez em o requerimento delRey de Benij, cujo Reyno jaz entre o Reyno de Congo, e o Castello de S. Jorge da Mina; porque neste tempo em que Diogo Cam veio da primeira vez de Congo, que foi no anno de quatrocentos oiten-

ta e ſeis: tambem eſte Rey de Benij mandou pedir a ElRey, que lhe mandaſſe lá Sacerdotes pera o doctrinarem em Fé. Sendo já vindo o anno paſſado hum Fernão do Pó, que tambem com eſta coſta deſcubrio a Ilha, que ſe ora chama do ſeu nome, que eſtá vizinha á terra firme, a qual por ſua grandeza elle chamou a Ilha Fermoſa, e ella perdeo eſte, e ficou com o nome do ſeu deſcubridor. Eſte Embaixador delRey de Benij trouxe-o João Affonſo d'Aveiro, que era ido a deſcubrir eſta coſta per mandado delRey; e aſſi trouxe a primeira pimenta que veio daquellas partes de Guiné a eſte Reyno, a que nós ora chamamos de Rabo, pola differença que tem da outra da India, por nella vir pegado o pé em que naſce, a qual ElRey mandou a Frandes, mas não foi tida em tanta eſtima como a da India. E porque eſte Reyno de Benij era perto do Caſtello de S. Jorge da Mina, e os Negros, que traziam ouro ao reſgate della, folgavam de comprar eſcravos pera levar ſuas mercadorias, mandou El-Rey aſſentar feitoria em hum porto de Benij, a que chamam Gató, onde ſe reſgatavam grande numero delles, de que na Mina ſe fazia muito proveito, porque os mercadores do ouro os compravam por dobrado preço do que valiam cá no Reyno. Mas

co-

como ElRey de Benij era mui ſubjecto a ſuas idolatrias, e mais pedia aos Sacerdotes por ſe fazer poderoſo contra ſeus vizinhos com favor noſſo, que com deſejo de Baptiſmo, aproveitáram mui pouco os Miniſtros delle, que lhe ElRey lá mandou. Donde ſe cauſou mandallos vir, e aſſi aos Officiaes da Feitoria, por o lugar ſer mui doentio; e entre as peſſoas de nome, que nella falecêram, foi o meſmo João Afonſo d'Aveiro que a primeiro aſſentou. Porém depois per muito tempo, aſſi em vida delRey Dom João, como delRey D. Manuel, correo eſte reſgate de eſcravos de Benij pera a Mina: cá ordinariamente os navios, que partíram deſte Reyno, os hiam lá reſgatar, e dahi os levavam á Mina, té que eſte negocio ſe mudou por grandes inconvenientes que niſſo havia. Ordenando-ſe andar hum caravelão da Ilha de S. Thomé, onde concorriam aſſi os eſcravos da coſta de Benij, como os do Reyno de Congo, por aqui virem ter todalas armações, que ſe faziam pera eſtas partes, e deſta Ilha os levava eſta caravela á Mina. E vendo ElRey D. João o Terceiro Noſſo Senhor, que ora reina, como eſta gente pagã, que já eſtava em noſſo poder, tornava outra vez ás mãos dos infieis, com que perdiam o merito do Baptiſmo, e ſuas almas ficavam eternalmente

 per-

perdidas, peró que lhe foi dito que nisto perdia muito, como Principe Christianissimo, mais lembrado da salvação destas almas, que do proveito de sua fazenda, mandou que cessasse este trato delles. E per este modo ficáram mettidos em o conto dos fieis da Igreja mais de mil almas, que cada hum anno ante deste sancto precepto eram postas em perpétua servidão do demonio, ficando gentios como eram, ou se faziam Mouros, quando per via do resgate, que os Mouros fazem com os Negros da provincia de Mandiga, os haviam a seu poder. A qual obra por ser em seu louvor, Deos deo logo o galardão a ElRey; porque como elle antepoz a salvação das almas destes pagãos ao muito ouro, que lhe diziam perder no resgate destes escravos, abriolhe outra mina abaixo da Cidade S. Jorge, donde começou a correr té hoje grande cópia d'ouro, o somma do qual importa mais do que se havia por venda dos escravos.

CAPITULO IV.

Como ElRey, pelo que ſoube de João Afonſo d'Aveiro, e aſſi dos Embaixadores, que elle trouxe do Reyno de Benij, mandou Bartholomeu Dias, e João Infante a deſcubrir; na qual viagem deſcubríram o grande Cabo de Boa Eſperança.

ENtre muitas couſas, que ElRey D. João ſoube do Embaixador delRey de Benij, e aſſi de João Afonſo d'Aveiro, das que lhe contáram os moradores daquellas partes, foi, que ao Oriente delRey de Benij per vinte Luas de andadura, que ſegundo a conta delles, e do pouco caminho que andam, podiam ſer até duzentas e ſincoenta leguas das noſſas, havia hum Rey o mais poderoſo daquellas partes, a que elles chamavam Ogané, que entre os Principes pagãos das Comarcas de Benij era havido em tanta veneração, como ácerca de nós os Summos Pontifices. Ao qual per coſtume antiquiſſimo os Reys de Benij, quando novamente reinavam, enviavam ſeus Embaixadores com grão preſente, notificando-lhe como per falecimento de Foão ſuccedêram naquelle Reyno de Benij, no qual lhe pediam que os houveſſe por confirmados. Em ſinal da qual confirmação eſte Principe Oga-

né

né lhes mandava hum bordão, e huma cubertura da cabeça da feição dos capacetes de Hespanha, tudo de latão luzente, em lugar de sceptro, e coroa: e assi lhe enviava huma Cruz do mesmo latão pera trazer ao pescoço, como cousa religiosa, e sancta, da feição das que trazem os Commendadores da Ordem S. João, sem as quaes peças o povo havia que não regnavam justamente, nem se podiam chamar verdadeiros Reys. E em todo o tempo que este Embaixador andava na Corte deste Ogané, como cousa religiosa, nunca era visto delle, sómente via humas cortinas de seda, em que elle andava mettido: e ao tempo que despachavam o Embaixador, de dentro das cortinas lhe mostravam hum pé, em sinal que estava alli dentro, e concedia nas peças que levava, ao qual pé faziam reverencia como a cousa sancta. E tambem em modo de premio do trabalho de tanto caminho, era dada ao Embaixador huma Cruz pequena da feição da que levava pera ElRey, que lhe lançavam ao collo, com a qual elle ficava livre, e izento de toda servidão, e privilegiado na terra donde era natural, ao modo que entre nós são os Commendadores. Sabendo eu isto, pera com mais verdade o poder escrever, (peró que ElRey D. João em seu tempo o tinha bem enquirido,) o an-

no de quinhentos e quarenta, vindo a este Reyno certos Embaixadores delRey de Benij, trazia hum delles, que sería homem de setenta annos, huma Cruz destas; e perguntando-lhe eu por a causa della, respondeo conforme ao assima escrito. E porque neste tempo delRey D. João, quando fallavam na India, sempre era nomeado hum Rey mui poderoso, a que chamavam Preste João das Indias, o qual diziam ser Christão, parecia a ElRey que per via deste podia ter alguma entrada na India. Porque per os Abexijs Religiosos, que vem a estas partes de Hespanha, e assi per alguns Frades, que de cá foram a Jerusalem, a que elle encommendou que se informassem deste Principe, tinha sabido, que seu estado era a terra, que estava sobre Egypto, a qual se estendia té o mar do Sul. Donde tomando ElRey com os Cosmografos deste Reyno a taboa geral de Ptholomeu da descripção de toda Africa, e os Padrões da costa della, segundo per os seus descubridores estavam arrumados, e assi a distancia de duzentas e sincoenta leguas pera Leste, onde estes de Benij diziam ser o estado do Principe Ogané, achavam, que elle devia ser o Preste João, por ambos andarem mettidos em cortinas de seda, e trazerem o final da Cruz em grande veneração. E tambem lhe parecia que pro-

se-

ſeguindo os ſeus navios a coſta que hiam deſcubrindo, não podiam leixar de dar na terra, onde eſtava o Praſo promontorio, fim daquella terra. Aſſi que conferindo todas eſtas couſas, que o mais aſcendiam em deſejo do deſcubrimento da India, determinou de enviar logo neſte anno de quatrocentos e oitenta e ſeis dobrados navios per mar, e homens per terra, pera ver o fim deſtas couſas, que lhe tanta eſperança davam. Armados dous navios de té ſincoenta toneis cada hum, e huma naveta pera levar mantimentos ſobreſelentes por cauſa de muitas vezes desfalecerem aos navios deſte deſcubrimento, com que ſe tornavam pera o Reyno, partíram no fim de Agoſto do dito anno. A capitanía da qual viagem deo a Bartholomeu Dias Cavalleiro de ſua caſa, que era hum dos deſcubridores deſta coſta, o qual hia em hum navio, de que era Piloto Pero d'Alanquer, e Meſtre o Leitão, e João Infante outro Cavalleiro era Capitão do ſegundo navio, Piloto Alvaro Martins, e Meſtre João Grego. E em a náo, que levava os mantimentos, hia por Capitão Pero Dias irmão de Bartholomeu Dias, de que era Piloto João de Sant-Iago, e Meſtre João Alves, todos cada hum em ſeu miſter mui eſpertos. E poſto que Diogo Cam tinha deſcuberto per duas vezes trezentas e

ſe-

ſetenta e ſinco leguas de coſta, começando do Cabo de Catharina té o Cabo chamado do Padrão, todavia paſſado o rio de Congo começou Bartholomeu Dias ſeguir a coſta té chegar onde ora ſe chama a Angra do ſalto, por razão de dous Negros, que Diogo Cam alli ſalteou. Os quaes ElRey per elle Bartholomeu Dias já enſinados do que haviam de fazer, mandava tornar áquelle lugar, e aſſi levava quatro Negras d'eſtoutra coſta de Guiné. A primeira das quaes leixou na Angra dos Ilheos, onde aſſentou o primeiro Padrão, e a ſegunda na Angra das voltas, e a terceira morreo, e a quarta ficou na Angra dos Ilheos de Sancta Cruz com duas, que alli tomáram, que andavam mariſcando; e não as quizeram trazer, porque mandava ElRey que não fizeſſem força, nem eſcandalo aos moradores das terras que deſcubriſſem. A cauſa de ElRey mandar lançar eſta gente per toda aquella coſta veſtidos, e bem tratados com moſtra de prata, ouro, e eſpeçarias, era porque indo ter a povoado pudeſſem notificar de huns em outros a grandeza do ſeu Reyno, e as couſas que nelle havia, e como per toda aquella coſta andavam os ſeus navios, e que mandava deſcubrir a India, e principalmente hum Principe, que ſe chamava Preſte João, o qual lhe diziam que habitava naquel-

quella terra, tudo a fim que pudeſſe ir ter
eſta fama ao Preſte, e foſſe azo pera elle
mandar de lá de dentro donde habitaſſe a
eſta coſta do mar, porque pera todas eſtas
couſas os Negros, e Negras hiam enſinados,
e principalmente as Negras, que como não
eram naturaes da terra, ficavam com eſpe-
rança de tornarem aos navios per alli, e as
trazerem a eſte Reyno. Que entre tanto el-
las entraſſem pelo ſertão, e aos moradores
notificaſſem eſtas couſas, e aprendeſſem mui-
to bem as que pudeſſem ſaber das que lhes
eram encommendadas, e que podiam ficar
ſeguras, porque como eram mulheres, com
quem os homens não tem guerra, não lhes
haviam de fazer mal algum. Além de aſſen-
tarem os Padrões, que levavam nas diſtan-
cias do comprimento da coſta que lhe bem
parecia, eram poſtos em lugares notaveis,
aſſi como o primeiro Padrão chamado Sant-
Iago, no lugar a que puzeram nome Serra
parda, que eſtá em altura de vinte e quatro
gráos, cento e vinte leguas além do derra-
deiro que poz Diogo Cam. Punham tam-
bem os nomes aos cabos Angras, e moſtras
da terra que deſcubríram, ou por razão do
dia que alli chegavam, ou por qualquer ou-
tra cauſa, como a Angra a que ora chama-
mos das voltas, que por as muitas em que
então alli andáram lhe deram eſte nome An-
gra

gra das voltas, onde ſe Bartholomeu Dias deteve ſinco dias com tempos que lhe não leixavam fazer caminho, a qual Angra eſtá em vinte e nove gráos da parte do Sul. Partidos daqui na volta do mar, o meſmo tempo os fez correr treze dias com as vélas a meio maſtro; e como os navios eram pequenos, e os mares já mais frios, e não taes como os da terra de Guiné, poſto que os da coſta de Heſpanha em tempo de tormenta eram mui feios, eſtes houveram por mortaes; mas ceſſando o tempo que fazia aquella furia do mar, vieram demandar a terra pelo rumo de Leſte, cuidando que corria ainda a coſta Norte-ſul em geral, como té alli a trouxeram. Porém vendo que por alguns dias cortavam ſem dar com ella, carregáram ſobre o rumo do Norte, com que vieram ter a huma angra, a que chamáram dos Vaqueiros, por as muitas vacas que víram andar na terra guardadas per ſeus paſtores. E como não levavam lingua que os entendeſſe, não puderam haver falla delles; antes como gente eſpantada de tal novidade, careáram ſeu gado pera dentro da terra, com que os noſſos não puderam ſaber mais delles, que verem ſer Negros de cabello revolto, como os de Guiné. Correndo mais avante a coſta já per novo rumo, de que os Capitães hiam mui contentes, chegáram a

hum

hum ilheo, que eſtá em trinta e tres gráos, e tres quartos da parte do Sul, onde puzeram o Padrão chamado da Cruz, que deo nome ao ilheo, que eſtá da terra firme pouco mais de meia legua; e porque neſte eſtavam duas fontes, muitos lhe chamavam o Penedo das Fontes. Aqui como a gente vinha canſada, e mui temeroſa dos grandes mares que paſſáram, toda a huma voz começou de ſe queixar, e requerer que não foſſem mais avante, dizendo como os mantimentos ſe gaſtavam pera tornar a buſcar a náo, que leixáram atrás com os ſobreſelentes, a qual ficava já tão longe, que quando a ella chegaſſem ſeriam todos mortos á fome, quanto mais paſſar avante. Que aſſás era de huma viagem deſcubrirem tanta coſta, e que já levavam a maior novidade que ſe daquelle deſcubrimento levou: acharem que a terra ſe corria quaſi em geral pera Leſte, donde parecia que atrás ficava algum grande cabo, o qual ſería melhor conſelho tornarem de caminho a deſcubrir. Bartholomeu Dias por ſatisfazer aos queixumes de tanta gente, ſahio em terra com os Capitães, e Officiaes, e alguns Marinheiros principaes; dando-lhes juramento, mandou-lhes que diſſeſſem a verdade do que lhes parecia que deviam fazer por ſerviço delRey; e todos aſſentáram que ſe tornaſſem pera o Reyno,

no, dando as razões de ſima, e outras de tanta neceſſidade, do qual parecer mandou fazer hum acto, em que todos aſſináram. Peró como ſeu deſejo era ir avante, e ſómente quiz fazer eſte cumprimento com a obrigação de ſeu officio, e regimento del-Rey, perque lhe mandava que as couſas de importancia foſſem conſultadas com as principaes peſſoas que levava, pedio a todos, quando veio ao aſſinar da determinação em que aſſentáram, que houveſſem por bem correrem mais dous, ou tres dias a coſta; e quando não achaſſem couſa que os obrigaſſe proſeguir mais avante, que então fariam a volta; o que lhes foi concedido. Mas no fim deſtes dias que pedio, não fizeram mais que chegar a hum rio, que eſtá vinte e ſinco leguas avante do ilheo da Cruz em altura de trinta e dous gráos, e dous terços. E porque João Infante Capitão do navio S. Panteleão, foi o primeiro que ſahio em terra, houve o rio o nome que ora tem do Infante, donde ſe tornáram por a gente tornar repetir ſeus queixumes. Chegados ao ilheo da Cruz, quando Bartholomeu Dias ſe apartou do Padrão que alli aſſentou, foi com tanta dor, e ſentimento, como ſe leixára hum filho deſterrado pera ſempre, lembrando-lhe com quanto perigo de ſua peſſoa, e de toda aquella gente, de tão

lon-

longe, vieram sómente áquelle effecto, pois lhe Deos não concedêra o principal. Partidos dalli, houveram vista daquelle grande, e notavel Cabo, encuberto per tantas centenas de annos, como aquelle, que quando se mostrasse não descubria sómente assi, mas a outro novo Mundo de terras. Ao qual Bartholomeu Dias, e os de sua companhia per causa dos perigos, e tormentas, que em o dobrar delle passáram, lhe puzeram nome Tormentoso; mas ElRey D. João, vindo elles ao Reyno, lhe deo outro nome mais illustre, chamando-lhe Cabo de Boa Esperança, pola que elle promettia deste descubrimento da India tão esperada, e per tantos annos requerida. O qual nome como foi dado per Rey, e tal que Hespanha se gloría delle, permanecerá com louvor de quem o mandou descubrir, em quanto esta nossa lembrança durar: a descripção, e figura do qual descrevemos em a nossa Geografia por ser lugar mais proprio, peró que aqui se espere. Bartholomeu Dias depois que notou delle o que convinha á navegação, e assentou hum Padrão chamado S. Filippe, porque o tempo lhe não deo lugar a sahir em terra, tornou a seguir sua costa em busca da náo dos mantimentos, á qual chegáram, havendo nove mezes justos que della eram partidos. E de nove homens que alli ficáram,

ram, eram vivos tres ſómente, hum dos quaes a que chamavam Fernão Colaço, natural do Lumiar, termo de Lisboa, que era Eſcrivão, aſſi paſmou de prazer em ver os companheiros que morreo logo, andando bem fraco de enfermidade. E a razão que deram dos mortos, foi fiarem-ſe dos Negros da terra, com quem vieram ter communicação, os quaes ſobre cubiça d'algumas couſas que reſgatavam, os matáram. Tomados muitos mantimentos que acháram, e poſto fogo á naveta, que já eſtava bem comeſto do guſano, por não haver quem a pudeſſe marear, vieram ter á Ilha do Principe, onde acháram Duarte Pacheco Cavalleiro da caſa delRey mui doente, o qual por não eſtar em diſpoſição pera per ſi ir deſcubrir os rios da coſta, a que o ElRey mandava, enviou o navio a fazer algum reſgate, onde ſe perdeo, ſalvando-ſe parte da gente, que com elle ſe veio em eſtes navios de Bartholomeu Dias. E porque já a eſte tempo era ſabido hum rio, que ſe chama do Reſgate, polo que ſe alli fazia de Negros, por não virem com as mãos vaſias, paſſáram per elle, e aſſi pelo Caſtello de S. Jorge da Mina, eſtando nelle João Fogaça por Capitão, o qual lhe entregou o ouro que tinha reſgatado, com que ſe vieram pera o Reyno, onde chegáram em Dezembro do

an-

anno de quatrocentos e oitenta e ſete, havendo dezeſeis mezes, e dezeſete dias que eram partidos delle. Leixando Bartholomeu Dias deſcuberto neſta viagem trezentas e ſincoenta leguas per coſta, que he outro tanto como Diogo Cam deſcubrio per duas vezes. Em o qual eſpaço de ſetecentas e ſincoenta leguas, que eſtes dous principaes Capitães deſcubríram, eſtam ſeis Padrões: o primeiro chamado S. Jorge em o rio Zaire, que he do Reyno de Congo; o ſegundo Sancto Agoſtinho eſtá em hum cabo do nome do meſmo Padrão; o terceiro, que he o derradeiro de Diogo Cam, na Manga das arêas; o quarto em ordem, e primeiro de Bartholomeu Dias, na Serra parda; o quinto S. Filippe no grande, e notavel Cabo de Boa Eſperança; e o ſexto Sancta Cruz no ilheo deſte nome, onde ſe acabáram os Padrões, que poz Bartholomeu Dias, e acabou o derradeiro deſcubrimento que ſe fez em tempo delRey D. João.

CA-

CAPITULO V.

Como ElRey mandou per terra dous criados ſeus, hum a deſcubrir os portos, e navegação da India, e outro com cartas ao Preſte João: e como de Roma foi enviado a ElRey hum Abexij Religioſo daquellas partes, por meio do qual elle tambem enviou algumas cartas ao Preſte.

POr cauſa das couſas, que atrás eſcrevemos, e da informação que ElRey Dom João tinha da Provincia em que o Preſte João habitava, antes que Bartholomeu Dias vieſſe deſte deſcubrimento, determinou de o mandar deſcubrir per terra. Tendo já a iſſo enviado duas peſſoas per via de Jeruſalem, por ſaber que vinham áquella ſancta Caſa em romaria muitos Religioſos do ſeu Reyno; mas não houve effecto eſta ida como ElRey deſejava. Porque hum Fr. Antonio de Lisboa, e hum Pero de Montaroyo, que elle mandou a iſſo, por não ſaberem o Arabigo, não ſe atrevêram irem em companhia deſtes Religioſos, que acháram em Jeruſalem. E vendo ElRey quão neceſſaria couſa pera fazer eſte caminho era a lingua Arabia, mandou a eſte negocio hum Pero de Covilhã Cavalleiro de ſua caſa, que era homem que a ſabia mui bem, e em ſua

companhia outro per nome Afonſo de Paiva, os quaes foram deſpachados em Santarem a ſete de Maio do anno de quatrocentos oitenta e ſete, ſendo preſente ao ſeu deſpacho o Duque de Béja D. Manuel. E deſpedidos ambos delRey, foram ter á Cidade de Napoles, onde embarcáram pera a Ilha de Rodes; e chegando a ella, pouſáram em caſa de Fr. Gonçalo, e Fr. Fernando, dous Cavalleiros da Religião, que eram Portuguezes, os quaes lhe deram todo aviamento, com que ſe paſſáram a Alexandria, onde ſe detiveram algum tempo por adoecerem de febres á morte. Tanto que eſtiveram pera poder caminhar, paſſáram-ſe ao Cairo, e dahi foram ter ao Toro em companhia de Mouros de Tremecem, e de Féz, que paſſavam a Adem; e por ſer tempo da navegação daquellas partes, apartáram-ſe hum do outro, Afonſo de Paiva pera a terra de Ethiopia, e Pero de Covilhã pera a India, concertando ambos que a hum certo tempo ſe ajuntaſſem na Cidade do Cairo. Embarcado Pero de Covilhã em huma náo, que partia de Adem, foi ter a Cananor, e dahi a Calecut, e a Goa, Cidades principaes da coſta da India, e aqui embarcou pera a Mina de Çofala, que he na Ethiopia ſobre Egypto. Tornado outra vez á Cidade Adem, que eſtá ſituada na boca do
eſ-

estreito do mar Roxo, na parte de Arabia Felix, embarcou-se pera o Cairo, onde achou nova que seu companheiro Afonso de Paiva na propria Cidade havia pouco que era falecido de doença. E estando pera se vir a este Reyno com recado destas cousas que tinha sabido, soube que andavam alli dous Judeos de Hespanha em sua busca, com os quaes se vio mui secretamente, a hum chamavam Rabi Habrão natural de Béja, e a outro Josepe çapateiro de Lamego; o qual Josepe havia pouco tempo que viera daquellas partes; e como soube cá no Reyno o grande desejo que ElRey tinha da informação das cousas da India, foi-lhe dar conta como estivera em a Cidade de Babylonia, a que ora chamam Bagodad, situada no rio Eufrates, e que alli ouvíra fallar do trato da Ilha chamada Ormuz, que estava na boca do mar da Persia, em a qual havia huma Cidade a mais célebre de todas aquellas partes, por a ella concorrerem todalas especiarias, e riquezas da India, as quaes per cafilas de camelos vinham ter ás Cidades de Aleppo, e Damasco. ElRey, porque ao tempo que soube estas, e outras cousas deste Judeo, era já Pero de Covilhã partido, ordenou de o mandar em busca delle, e assi o outro chamado Rabi Habrão: o Josepe pera lhe trazer re-

 ca-

cado das cartas, que per elles mandava a Pero de Covilhã; e Habrão pera ir com elle ver a Ilha de Ormuz, e dahi ſe informar das couſas da India. Em as quaes cartas ElRey encommendava muito a Pero de Covilhã, que ſe ainda não tinha achado o Preſte João, que não receaſſe o trabalho té ſe ver com elle, e lhe dar ſua carta, e recado; e que em quanto a iſto foſſe, per aquelle Judeo Joſepe lhe eſcreveſſe tudo o que tinha viſto, e ſabido, porque a eſte effecto ſómente o enviava a elle. Pero de Covilhã ainda que andava canſado de tanta navegação, e caminhos, como tinha viſto, e ſabido, além de eſcrever a ElRey, enformou miudamente a Joſepe. Eſpedindo-ſe do qual foi com o outro Judeo Habrão á Cidade Adem, onde ambos embarcáram pera Ormuz; e notadas todalas couſas della, leixou alli o Judeo Habrão pera vir per via das cafilas de Aleppo, e elle Pero de Covilhã tornou-ſe ao mar Roxo, e dahi foi ter á Corte do Preſte per nome Alexandre, a que elles chamam Eſcander, o qual o recebeo com honra, e gazalhado, eſtimando em muito Principe da Chriſtandade das partes da Europa mandar a elle Embaixador, o que deo eſperança a Pero de Covilhã poder ſer bem deſpachado. Porém como eſte Alexandre depois de ſua chegada a

pou-

poucos dias faleceo, e em ſeu lugar reinou Naut ſeu irmão, que fez mui pouca conta delle, e ſobre iſſo ainda lhe não quiz dar licença que ſahiſſe do ſeu Reyno, por terem coſtume, que ſe lá acolhem hum homem deſtas partes não o leixão mais tornar, perdeo Pero de Covilhã toda a eſperança de mais tornar a eſte Reyno. Depois paſſados muitos annos, em o de quinhentos e quinze, reinando David filho deſte Naut, requerendo-lhe por eſte Pero de Covilhã D. Rodrigo de Lima, que lá eſtava por Embaixador delRey D. Manuel, ainda lhe negou a vinda, dizendo, que ſeus anteceſſores lhe deram terras, e heranças, que as comeſſe, e lograſſe com ſua mulher, e filhos que tinha. E per via deſta embaixada, que levou D. Rodrigo, (da qual em ſeu lugar faremos relação,) viemos a ſaber todo o diſcurſo deſta viagem de Pero de Covilhã. Porque entre os Portuguezes que foram com elle, era hum Franciſco Alvres Clerigo de Miſſa, a quem elle Pero de Covilhã deo conta de ſua vida, e ſe confeſſou a elle; do qual Franciſco Alvres, e aſſi de hum tratado, que elle fez da viagem deſta embaixada, que levou D. Rodrigo, ſoubemos eſtas, e outras couſas daquellas partes. E logo no anno ſeguinte, havendo pouco mais de nove mezes que Pero de Covilhã era parti-

tido, por ElRey ter em todalas partes de Levante intelligencias pera este negocio, enviáram-lhe de Roma hum Sacerdote da terra do Preste, o qual havia nome Lucas Marcos, homem de que ElRey ficou mui satisfeito na prática que teve com elle por dar boa razão das cousas. E ordenou logo que da sua parte fosse ao Preste com cartas, cá por elle ser natural da terra, e conversado naquellas partes com os barbaros, podia fazer este caminho mais certo do que o faria hum seu mensajeiro, que o anno passado enviára a elle. Ordenou mais ElRey com o mesmo Marcos que trasladasse huma carta per tres, ou quatro vias, a qual mostrava ser delle Marcos enviada ao Preste, dando-lhe conta como era vindo a este Reyno á instancia delRey, e o desejo que tinha de sua amizade, e modo de sua navegação per toda a costa de Africa, e Ethiopia. E os Reys, e póvos que tinha descuberto, e os sinaes das cousas que naquellas partes havia, e costumes que as gentes entre si tinham, e muitos vocabulos que usavam nas cousas geraes em sua linguagem, assi como Deos, Ceo, Sol, Lua, Fogo, Ar, Agua, Terra; porque per noticia dos taes vocabulos veria em conhecimento se estava perto da gente que os usava, a qual toda habitava na fralda da terra, que cérca o mar

O cea-

Oceano, per o qual navegavam os navios delRey. Na qual carta tambem particularizava todalas informações, que ElRey tinha da grandeza das terras de ſeu imperio; e pera que o Preſte lhe déſſe credito, ſe ante elle foſſe a carta, nomeava-ſe Marcos por ſeu nome, e cujo filho era, e de que comarca, povoação, e freguezia. Feitas eſtas cartas, mandou ElRey a Levante, que as entregaſſem aos Religioſos da ſua nação Abexij, as quaes peró que não foſſem per peſſoas mui certas, alguma podia ir ter á mão do Preſte, com que acreditaſſe a Pero de Covilhã, ſe lá foſſe ter, quando d'outra couſa não ſerviſſem. E per elle Lucas Marcos tambem eſcreveo ElRey ao Preſte per o eſtylo das couſas que hiam nas cartas de Marcos, dando-lhe conta como mandára a Roma buſcar eſte ſeu natural, a fim de lhe poder eſcrever per elle Lucas, ao qual podia dar fé como a vaſſallo. Pedindo-lhe que houveſſe por bem enviar-lhe hum menſajeiro pera em ſua companhia lhe poder enviar outro; porque alguns, que lá eram, e aſſi cartas derramadas per mãos de homens ſeus naturaes, não ſabia ſe poderiam paſſar per as terras dos infieis, que ſe mettiam entre elle, e a Chriſtandade da Europa. E como elle por cauſa da vizinhança que tinha com o Soldão do Cairo ſeguramente lhe mandava

va ſeus Embaixadores, e dahi vinham a Jeruſalem, e a Roma, ſegundo eſte ſeu vaſſallo Lucas contava, podia ſer eſte hum caminho pera per cartas, e embaixadas ſe conhecerem, e depois Noſſo Senhor moſtraria outro, com que ſem impedimento dos Mouros imigos do nome Chriſtão ſe podiam preſtar com obras de irmãos, pois que o eram em Fé.

CAPITULO VI.

Como hum Principe das partes de Guiné chamado Bemoij veio a eſte Reyno, por cauſa de huma guerra que teve, em que perdeo ſeu eſtado: e como ElRey por o grande conhecimento que tinha delle, o recebeo, fazendo-lhe muita honra.

SObre a vinda deſte Lucas Marcos, ſendo já a eſte tempo deſpachado delRey, e mui ſatisfeito das mercês que lhe fez, ſuccedeo outra de outro Ethiopia de não menos contentamento delRey; porque eſtando em Setubal lhe veio nova como a Lisboa era chegado hum navio do Caſtello de Arguim, em o qual vinha hum Principe da terra de Jalof chamado Bemoij, acompanhado de parentes, e homens nobres daquella Provincia. ElRey como per as razões que abaixo diremos tinha muito conhecimento

del-

delle, mandou a Lisboa a que o agazalhafsem bem, e dahi o paſſaſſem honradamente ao Caſtello da Villa de Palmela, em o qual eſteve alguns dias, em quanto elle, e os ſeus foſſem veſtidos, e encavalgados pera poderem ir antelle; ſendo ſempre ſervido em todalas couſas, não como Principe barbaro, e fóra da lei, mas como podia ſer hum dos Senhores da Europa coſtumado ás policias, e ſerviços della. E outro tanto lhe foi feito em o dia da ſua entrada na Corte, vindo por elle D. Franciſco Coutinho Conde de Marialva, acompanhado de muita Fidalguia. Pera o qual dia ElRey, e a Rainha ſe apercebêram com apparato de caſas armadas cada hum em a ſua: ElRey na ſala em eſtrado alto com hum docel de brocado rico, acompanhado do Duque de Béja D. Manuel, irmão da Rainha, e aſſi de Condes, Biſpos, e outras peſſoas notaveis; e com a Rainha eſtava o Principe Dom Afonſo ſeu Filho, e muitos dos Nobres da Corte, com todalas Damas veſtidas de feſta. E porque na falla, que Bemoij fez neſta primeira chegada, e viſta delRey, ſegundo anda eſcrita per Ruy de Pina, Chroniſta mór que foi deſte Reyno, aſſi na Chronica, que deſte Rey compoz, a relação da fortuna deſte Principe Bemoij eſtá tão curta, quanto he copioſa em os louvores del-

Rey,

Rey, e admirações, que elle Bemoij fazia de ver ſeu eſtado, leixaremos a eloquencia della neſta parte, e tomaremos o noſſo intento, que he contar os fundamentos do ſeu deſterro, e o que ſuccedeo deſta ſua vinda, por iſto ſer proprio da hiſtoria. No princípio, quando o commercio de Guiné começou correr entre os noſſos, e os póvos da região de Jalof, a qual jaz entre eſtes dous notaveis rios Çanagá, e Gambea, havia hum Rey mui poderoſo naquellas partes chamado Bór Byrão, o qual poſto que foſſe do ſangue gentio dos Principes de Guiné, era já feito Mouro pela communicação que tinha com os Mouros chamados Azenegues. E entre os filhos, que leixou per ſua morte de mulheres differentes, (ſegundo ſeu uſo,) foram Cybitah, e Cambá, que eram de huma mulher, e Byrão de outra, que já fora caſada com outro marido, do qual marido ella tinha havido eſte Bemoij de que fallamos. E porque naquella terra as mais vezes, morto ElRey, o povo toma hum dos filhos que o governe, qual lhe mais apraz, elegêram por ſeu Rey a Byrão; o qual mettido em poſſe de governo da terra, fez mui pouca conta deſtes dous irmãos Cybitah, e Cambá, por ſerem ſeus competidores no Reyno por parte do pai, e muita eſtima de Bemoij ſeu irmão

da

da parte da mãi, com quem não tinha competencia desta herança; ao qual em odio dos outros não sómente deo o regimento de todo seu estado per officio, segundo seu costume, mas ainda se descuidou tanto do governo, e occupou em cousas de seu prazer, que o povo não conhecia, nem obedecia já senão á pessoa de Bemoij. E como elle era homem prudente, vendo que com os nossos navios, que andavam no resgate daquella costa, a terra engrossava com cavallos, e outras mercadorias, de que ella carecia, as quaes cousas se lhe viessem á mão o podiam fazer mais poderoso, leixou as terras do sertão, e veio buscar os portos do mar, onde nossos navios hiam fazer resgate. Na maneira de contratar com os quaes usava desta prudencia, mandar pagar qualquer cavallo que morria em o navio, e bastava por testemunho mostrarem-lhe o cabo delle; porque dizia que quando o tal cavallo se embarcára, já fora em seu nome, e que não era razão que os homens perdessem o seu, pois hiam tão longe a lhe levar o que elle havia mister. E não sómente tinha este modo de contentar as partes, mas ainda em as cousas do serviço delRey Dom João, em cujo tempo elle concorreo, como homem que esperava de se aproveitar de sua amizade, tanto que os seus navios

vi-

vinham ao porto, logo eram com diligencia despachados; e sobre isso mandava-lhe alguns presentes das cousas da terra. Com que ElRey, além do desejo geral que tinha de trazer á Fé todos aquelles Principes de Guiné, a este mais particularmente tinha affeição, por lhe tambem dizerem ter pessoa, engenho, e hum claro juizo pera receber a doctrina Evangelica. E a esta causa sempre encommendava aos Capitães, que hiam ao resgate daquelles seus portos, que tivessem prática com elle sobre as cousas da Fé; e per algumas vezes lhe mandou mensajeiros com este requerimento, levando-lhe dadivas, e presentes, e muitas offertas da crescentamento de seu estado por o mais animar. Mas elle, ou porque no tal tempo não merecia a Deos tamanha mercê, ou porque lhe estava promettida per outros meios de mais sua honra, com que a sua memoria andasse em as Chronicas dos Reys deste Reyno, por então não acceptou o Baptismo, dando sempre de si muita esperança no contentamento que tinha em folgar de ouvir a quem lhe fallava nestas cousas da Fé. E esta prosperidade sua causou a morte a seu irmão, que lhe deo o governo do Reyno, e a elle ser desterrado; porque os dous irmãos Lybitab, e Cámba á traição matáram a ElRey Bór Birão, intitulando-se

por

por Rey Cybitah, que era mais velho, o qual cruamente começou fazer guerra a Bemoij. E como a guerra necessita os homens, principalmente se he comprida, polo trabalho que Bemoij nesta teve, perdendo algumas batalhas, começou descahir do poder que tinha; mas confiado nos serviços que fazia a ElRey D. João, em hum navio do resgate mandou a elle hum seu sobrinho, pedindo-lhe ajuda de cavallos, armas, e gente. Ao qual requerimento ElRey respondeo, que se elle algum adjutorio delle queria, recebesse o Baptismo, e então que o ajudaria como irmão per lei, e Fé, e como amigo por as obras que delle tinha recebido; porém polo consolar em sua necessidade, e animar a se converter, mandou-lhe sinco cavallos ajaezados pera sua pessoa, e o Duque de Béja D. Manuel lhe mandou hum, e arreios pera outros. As quaes cousas levou Gonçalo Coelho, que depois foi Escrivão da Fazenda dos Contos da Cidade de Lisboa, de quem nós soubemos a maior parte destas cousas; e em sua companhia foi o mensajeiro, que veio de Bemoij, e assi alguns Clerigos pera praticarem com elle em as cousas da Fé. Com a qual ida de Gonçalo Coelho, alguma gente da que hia em os navios do resgate, tomou ousadia de entrar pela terra firme em sua companhia

pe-

pera poderem melhor vender ſuas mercadorias, porque já por razão da guerra não corria reſgate coſtumado aos portos de mar. E foi eſte negocio de os noſſos irem, e virem ao arraial de Bemoij em tanto creſcimento, e elle por cauſa da guerra, pera a qual os havia miſter, tomava tantos cavallos ſem os poder pagar, que andava lá muita gente, huns por arrecadar o que lhe deviam, e outros por desbaratar o que não podiam vender em os portos de mar. Bemoij, como era homem ſagaz, vendo que em a detença do deſpacho, aſſi Gonçalo Coelho, como as partes, que alli andavam, o favoreciam em os ſeus negocios da guerra, trouxe-o lá em eſperança de ſua conversão perto de hum anno. Gonçalo Coelho ſentindo eſta ſua tenção, e mais vendo como ſe os homens perdiam em as mercadorias fiadas a Bemoij, eſcreveo a ElRey o pouco fruto que fazia, e o damno que cauſava a ſua eſtada lá. ElRey viſta a carta de Gonçalo Coelho, mandou que logo ſe vieſſe, eſpedindo-ſe de Bemoij ſem eſcandalo; e que notificaſſe as partes que lá andavam, que ſe vieſſem em ſua companhia, ſob graves penas não o querendo fazer. Bemoij quando lhe Gonçalo Coelho diſſe de ſua vinda, ficou mui triſte, porque via chegar-ſe ſua perdição, por o grande favor que com elle

le recebia pera as cousas da guerra, e tambem porque lhe convinha, por não perder o credito, pagar o que devia ás partes. Porém vendo elle que não podia deter Gonçalo Coelho, com ajuda dos seus pagou o que devia, e mandou o mesmo sobrinho, que do Reyno viera com Gonçalo Coelho, que tornasse em sua companhia, enviando per elle a ElRey cem peças d'escravos bem dispostos dos que havia na guerra, e assi huma grossa manilha d'ouro, como carta de crença, segundo seu costume. E entre algumas causas, per que se mandou desculpar a ElRey de não acceptar o Baptismo, foi, que o povo que o seguia andava alevantado com a guerra, e que mudar elle lei, e modo de vida era necessario obrigar a todos que fizessem outro tanto. E como he cousa dura em breve tempo a gente barbara leixar os ritos, e usos, em que se creáram, sería causa que per este modo primeiro leixariam a elle que a elles, donde se perderia azo de em outro tempo per elle todos poderem receber Baptismo, o qual tempo elle esperava em Deos que o daria com assocego daquelles trabalhos, em que andava com seus imigos. Finalmente parece que assi o queria Deos, que per esta fortuna, e trabalho viesse este Principe Bemoij ao Baptismo, porque assi ficou desbaratado,

e de-

e deſemparado dos ſeus em huma batalha que lhe deram: que tomou por emparo de ſua vida vir ao longo do mar per eſpaço de mais de ſetenta leguas buſcar a noſſa fortaleza de Arguim, onde embarcou com aquelles poucos que o ſeguíram, poſto na eſperança da grandeza, e liberalidade delRey, de quem tanta offerta em palavras, e tanta honra, e mercê em obras tinha recebido. A qual confiança o não enganou; porque lembrando a ElRey quanta verdade ſempre achou em Bemoij em tempo de ſua proſperidade, e tambem com deſejo de o trazer per taes beneficios ao Baptiſmo, cauſou recebello com tanta honra, e apparato; porque tambem grande conſolação he aos triſtes a facilidade, com que os recebem na primeira entrada de ſeu requerimento. E ſendo elle já dentro na ſala, onde ElRey o eſtava eſperando, como diſſemos, ſahio dous, ou tres paſſos do eſtrado com o barrete hum pouco fóra. Bemoij, ſegundo ſeu coſtume, tanto que ſe vio ante ElRey com todolos ſeus, ſe debruçou aos ſeus pés, moſtrando que tomava a terra debaixo delles, e a lançava ſobre ſua cabeça em ſinal de humildade, e obediencia, o qual ElRey fez alevantar; e tornando-ſe ao eſtrado, encoſtou-ſe em pé a huma cadeira, mandando ao interprete que lhe diſſeſſe que fal-
laſ-

laſſe. Bemoij como era homem grande de corpo, bem diſpoſto, e de bom aſpecto, e eſtava em idade de quarenta annos, com huma barba creſcida, e bem poſta, repreſentava não homem de ſuas cores, mas hum Principe, a quem ſe devia todo acatamento; com a qual mageſtade de peſſoa começou, e acabou ſua oração com tantos affectos de provocar a ſe condoerem do caſo miſeravel de ſeu deſterro, que ſómente vendo eſtas noticias naturaes, ellas per ſi moſtravam o que o interprete depois dizia. E acabando de relatar ſeu caſo, como podia fazer hum natural Orador, pondo todo o remedio delle na grandeza delRey, em que ſe deteve hum bom pedaço, reſpondeo-lhe em poucas palavras tanto a ſeu contentamento, que logo eſte prazer deo a elle Bemoij outro roſtro, outro animo, outro ar, e graça; e eſpedindo-ſe delRey, foi beijar a mão á Rainha, e ao Principe, a quem diſſe poucas palavras, no fim das quaes pedio que foſſem ſeus interceſſores ante El-Rey, e dahi foi levado a ſeu apouſentamento per toda aquella Fidalguia que o acompanhava.

CAPITULO VII.

Como o Principe Bemoij recebeo agua de Baptiſmo, e houve nome D. João Bemoij: e das feſtas, que ElRey por ſua cauſa mandou fazer: e aſſi foram feitos Chriſtãos todolos outros que vieram em ſua companhia.

PAſſado eſte dia da chegada de Bemoij, depois per muitas vezes eſteve ElRey com elle em prática particular, da qual ficou tão contente como da peſſoa; porque aſſi no que dizia, e perguntava, como no que reſpondia ao que era perguntado, moſtrava ſer dotado de mui claro entendimento. Entre as quaes couſas, as de que ElRey muito lançou mão, foram as que contava d'alguns Reys, e Principes daquellas partes, principalmente de hum, que elle chamava Rey dos póvos Moſes, cujo eſtado começava além de Tungubutu, e ſe eſtendia contra o Oriente, o qual não era Mouro, nem Gentio, e que em muitas couſas ſe conformava em coſtumes com o povo Chriſtão: donde ElRey vinha a conjecturar, que o dizia por o Preſte João, que elle tanto deſejava deſcubrir, as quaes couſas muito aproveitáram pera o bom deſpacho de Bemoij polos fundamentos que ſobre ellas fazia. E a pri-

a primeira, em que ElRey entendeo de ſeus negocios, foi entregallo a Theologos, que lhe praticaſſem as couſas da Fé pera eſtar mais diſpoſto pera receber o Baptiſmo; o qual Sacramento recebeo a tres de Novembro deſte anno de quatrocentos oitenta e nove huma noite em caſa da Rainha, ſendo ElRey, e Ella, o Principe, o Duque de Béja, hum Commiſſario do Papa, o Biſpo de Tanger, e o de Cepta, que fez o officio, padrinhos delle, e d'outros dous Fidalgos dos principaes de ſua companhia, e houve nome D. João por amor delRey. Ao outro dia ſobre eſta honra d'alma, que he eterna, houve outra temporal, fazendo-o ElRey Cavalleiro, e dando-lhe armas de nobreza: huma cruz d'ouro em campo vermelho, e as quinas de Portugal por orla: e elle em retorno deſta honra fez omenage a ElRey de todo o eſtado que ganhaſſe, e tiveſſe; e per o Commiſſario do Papa lhe mandou ſua obediencia em fórma, como qualquer Principe Chriſtão. Depois delle recebêram Baptiſmo vinte e quatro homens Fidalgos dos ſeus, pera o qual aucto ſe armou de tapeceria a caſa dos Contos da dita Villa; e em quanto duráram eſtas honras do Baptiſmo de D. João Bemoij, e dos ſeus, ſempre houve feſtas de canas, touros, mommos, e grandes ſerões polo contenta-

mento que ElRey tinha de ſua conversão. Elle D. João Bemoij, tambem a ſeu modo, quiz fazer as ſuas; porque como trazia alguns homens grandes cavalgadores, diante delRey corriam a carreira em pé, virando-ſe, e aſſentando-ſe, e tornando-ſe levantar, tudo em huma corrida: e com a mão no arção da ſella ſaltavam no chão, correndo a toda força do cavallo; e tornavam-ſe á ſella tão ſoltos, como o podiam fazer a pé quedo. E da meſma ſella a grão correr apanhavam quantas pedras lhes punham ao longo da carreira, e outras muitas deſenvolturas mui apraziveis de ver, em que moſtravam ſerem mais ſoltos a cavallo, e a pé, do que eram os Alarves de Africa, que ſe prezam muito deſtas ſolturas. Paſſados eſtes dias de feſta, começou ElRey entender em o deſpacho pera o tornar a reſtituir em ſeu eſtado, ſobre que houve alguns conſelhos, em que ſe aſſentou mandar ElRey com elle vinte caravelas armadas de gente, e munições, aſſi pera ſua reſtituição, como pera huma fortaleza, que ſe havia de fazer á borda do rio Çanagá. E porque a cauſa de ElRey mandar fazer eſta fortaleza não foi por ſer tão neceſſaria á reſtituição deſte Principe, quanto por outro fundamento que fez; depois que delle ſoube o eſtado da terra, e o curſo do rio, que

té

té aquelle tempo foi havido por hum braço do Nilo : primeiro que mais procedamos na armada, convem tratarmos delle, e assi desta Provincia de Jalof, porque se saiba com quanto fundamento de prudencia ElRey fez tão grande apparato, e despeza.

CAPITULO VIII.

Em que se descreve a terra, que jaz entre os dous rios Çanagá, e Gambea, e do curso delles: e como Pero Vaz Bisagudo, que levou o Principe D. João Bemoij, o matou mal, dizendo que armava traição, a qual morte ElRey muito sentio.

ESta terra, que per commum vocabulo dos naturaes he chamada Jalof, jaz entre estes dous notaveis rios Çanagá, e Gambea, os quaes pelo comprido curso que trazem, recebem diversos nomes, segundo os póvos que os vizinham. Porque onde o chamado Çanagá per nós, se mette no mar Oceano Occidental, os póvos Jalofos lhe chamam Dengueh, e os Tucurões mais assima Maio, e os Caragoles Cólle; e quando corre per huma Comarca chamada Bagano, que he mais Oriental, chamam-lhe Zimbalá, donde ás vezes por causa delle á Comarca dam este mesmo nome, e no Reyno de Tungubutu lhe chamam Içа. E pos-

to

to que corre per muita diſtancia de terras, vindo das fontes Orientaes dos lagos, a que Ptholomeu chama Chelonides, Nuba, e rio Gir, quaſi per direito curſo té ſe metter no Oceano, em altura de quinze gráos e meio, não lhe ſabemos o nome que lhe os outros póvos dam. Acerca de nós geralmente he chamado Çanagá, do nome de hum Senhor da terra, com quem os noſſos no princípio do deſcubrimento delle tiveram commercio, cá lhe não ſabiam chamar ſenão o rio de Çanagá. E ſendo rio, que vem de tão longe, não traz tanto pezo d'agua, nem a maré ſóbe tanto per elle, como o rio Gambea de Cantor. Faz algumas Ilhas, as mais dellas povoadas de animaes, e immundicias por ſua aſpereza; e em certos lugares ſe não leixa navegar com penedias que o atraveſſava, principalmente obra de cento e ſincoenta leguas da barra, onde ſe elle chama Colle, porque alli faz quaſi outras catarractas, como as do Nilo. Ao qual lugar os moradores chamam Huaba, e per ellas corre tão tezo, e aſſi eſtá cortada a pique a penedia ſobre a terra, onde elle cahe com aquella furia, que podem paſſar per baixo a pé enxuto ao longo deſta agrura da penedia: iſto porém (ſegundo dizem os da terra) ſe póde fazer, quando venta de ſima, e de baixo não, porque então o vento reba-

bate as aguas contra a penedia de maneira, que impedem eſta paſſagem, e a eſte lugar chamam os negros Burto, que quer dizer arco, polo que faz o jorro d'agua no ar, em quanto não cahe no chão. Mettem-ſe neſte rio outros mui cabedaes em agua, que por virem per deſpovoado de gente, e multidão de animaes, entre os póvos, com que temos commercio, não tem nome, nem menos ácerca dos noſſos: peró que em as tavoas da noſſa Geografia ſituemos ſeu curſo em graduação. Entre alguns rios, que nelle entram, he hum, que vem da parte do Sul das terras, a que os Negros propriamente chamam Guiné, ou Gennij, (como abaixo veremos,) o qual por vir per lugares barrentos traz ſuas aguas hum pouco vermelhas, e elle Çanagá tem as ſuas dalli pera ſima brancas; e ao lugar, onde ſe ambos ajuntam, chamam-lhe os póvos Çaragolees Guſitembó, que quer dizer branco, e vermelho. Dizem elles que são ambos competidores, e contrarios; porque bebendo das aguas de hum, e logo do outro, fazem arravezar: o que cada hum per ſi ſó não faz, nem menos depois que ſe ajuntam, e correm. O outro rio Gambea do reſgate de Cantor não tem tanta variação em nome, porque quaſi todo elle té o reſgate do ouro, onde vam os noſſos navios, que ſerá

da

da barra, por razão das ſuas voltas, cento e oitenta leguas, e per linha direita oitenta, chamam-lhe os Negros da terra Gambu, e nós Gambea. A maior parte do qual corre tortuoſo em voltas miudas, principalmente do reſgate pera baixo, té ſe metter no mar em altura de treze gráos e meio ao Sueſte do Cabo, a que chamamos Verde. Traz maior pezo d'agua que Çanagá, e muito mais profunda, porque ſe mettem nelle alguns rios barbaros mui cabedaes, que tem ſeu naſcimento no ſertão da terra chamada Mandinga, e as principaes fontes ſuas são as do rio, a que Ptholomeu chama Niguer, e a lagoa Libya. Em vir tortuoſo quebram as aguas de maneira, que não vem com impeto contra os noſſos navios, quando ſobem per elle; e quaſi meio caminho, ante que cheguem ao reſgate, faz huma ilheta, a que os noſſos pelos muitos Elefantes que alli havia, lhe chamam dos Elefantes. Aſſima do reſgate do ouro tem huma pedra, que por totalmente impedir a paſſagem, eſte Rey D. João de que fallamos, mandou lá officiaes pera a quebrarem, o que ſe não fez por ſer couſa mui cuſtoſa, e de grande trabalho. Ambos eſtes rios Gambea, e Çanagá, geralmente criam grão variedade de peſcado, e animaes aquaticos, aſſi como cavallos, a que chamamos marinhos, e mui grandes lagar-

gartos, que em figura, e natureza são os crocodilos do Nilo celebrados per tantos Escritores; e tambem serpentes, que tem as pequenas, e não tão monstruosas como pintam, e fabulam as gentes. Animaes terrestes, que bebem as suas aguas, he cousa sem numero a multidão, e variedade dellas, porque assi andam os Elefantes em manadas, como cá vemos os gados. Gazellas, porcos, onças, e todo genero de veação sem nome entre nós aqui se mostrou a natureza fecunda, e prodiga em a multidão, e variação della. A terra, que jaz entre estes dous rios, faz hum notavel cabo, a que os nossos chamam Verde, e Ptholomeu Arsinario promontorio; e posto que elle o situe em largura de dez gráos, e dous terços, e per nós seja verificado em quatorze e hum terço, segundo a figura delle, e as Ilhas, que ao Occidente lhe estam oppositas, (a que nós por razão delle per nome geral chamamos do Cabo Verde, e elle Hespiradas,) não póde ser outro. E tambem por ficar entre dous notaveis rios, a que elle chama Darago, que he Çanagá, e Stachires Gambea, os quaes na entrada do mar quasi imitam a verdade que nós ora temos: peró no curso de cada hum desfaleceo, pois lhe dá o nascimento mui curto, e elles vem das fontes que assima dissemos, aos quaes Ptholomeu

nã o

não dá ſahida , como moſtra a ſua taboa. Geralmente a terra , que jaz entre elles , eſtendendo-ſe contra o Oriente até cento e ſetenta leguas , ſe chama Jalof , e os ſeus pόvos Jalofos , poſto que em ſi comprehendem muito mais gerações das que Ptholomeu terminou dentro nas correntes de Darado , e Stachio. A terra em ſi he groſſa , e mui fertil na creação de todalas couſas , e aſſi forte , principalmente a que leixam regada eſtes dous rios no tempo de ſuas cheias , que quando vem no verão , com a força do Sol faz greta , que podem nella enterrar hum cavallo. E pera dar os milhos de maçaroca , a que chamamos zaburro , que he o commum mantimento daquelles pόvos , porque lhes poſſa naſcer , depois de limpo , o ciſco que leixou o enxurro , lançam a ſemente ſem mais lavras , e com huma tona de arêa per ſima o cobrem ; porque ficando enterrada com terra , faz huma códea per ſima tão dura , que a quentura do Sol aperta com a muita humidade debaixo , que não leixa ſahir a ſemente aſſima , o qual impedimento lhe não faz a arêa ; e baſta pera a corrupção , e creação da ſemente o laſtro da terra , que tem debaixo mui humido das aguas paſſadas , e os grandes orvalhos da noite , que traſpaſſam a arêa. Trigo , e outras ſementes , que temos neſtas partes , não

uſam

usam dellas, nem parece que o clima as consentiria que viessem a madurecer, por serem terras mui humidas, principalmente as vizinhas a Gambea. Sómente em as terras, que habitam os póvos Çaragolees, em algumas vargias já vizinhas aos desertos, colhem algum trigo mais hortado á enxada que lavrado com arado, muito mais grosso, e formoso que o de Hespanha, (segundo elles dizem.) E este rio Çanagá per a divisão nossa he o que aparta a terra dos Mouros dos Negros, posto que ao longo de suas aguas todos são mesticos, em côr, vida, e costumes, per razão da cópula, que segundo costume dos Mouros toda mulher acceptão. Peró quanto á qualidade da terra, parece que a natureza lançou aquelle rio entre ambas, como marco, e divisão; porque a que jaz da parte do Norte, que propriamente os Mouros habitam, começando no mar Oceano Occidental em largura de cem leguas, e ás vezes mais, e menos, á maneira de huma faixa, de que o rio Çanagá he a ourella, se vai extendendo contra o Oriente té ir beber nas aguas do Nilo; e tomando alli alguma humidade da corrente dellas, torna com aquella seccura, e esterilidade, que leva té dar comsigo em as aguas salgadas do mar Roxo. O qual deserto não he assi tão esteril per todo, que alguma

par-

parte não ſeja povoado em empolas, que ſão os Abeſes de que eſcreve Eſtrabo, e o mais he paſtado de muitos Alarves, que per elle andam em cabildas; e por razão das qualidades que tem, lhe dam differentes nomes. Porque a terra, que he toda arêa miuda, ſem couſa verde, a eſta chamam elles Çahel; e á que he cuberta de alguma herva, ou mata, como de charneca pobre, que he a parte que elles paſtam, chamam Azagar; e á que he de pedregulho miudo em modo de groſſa arêa, Çahará; e a eſta cauſa os mais dos moradores deſta triſte terra ſe achegam a eſte rio Çanagá, e outros andam buſcando as empolas que diſſemos, que lhes ficam em lugar de pomares. Por razão do qual rio a terra mais povoada he a que jaz ao longo delle, onde ha algumas Cidades, a principal das quaes he Tungubutu, que eſtá tres leguas affaſtada delle da banda do Norte, onde por cauſa do ouro, que vem ter a ella da grande Provincia de Mandinga, concorrem muitos Mercadores do Cairo, de Tunes, de Ourão, Tremecem, Féz, Marrocos, e de outros Reynos, e Senhorios de Mouros. E aſſi concorriam á outra Cidade, que eſtá nas correntes deſte rio chamada Genná, a qual em outro tempo era mais célebre que Tungubutu; e ou que ella déſſe nome ao Reyno,

ou

ou que o Reyno o désse a ella, daqui se chama ácerca de nós toda aquella região de Çanagá por diante Guiné, posto que entre os Negros huns lhe chamam Genná, outros Jannij, e outros Gennij. E como está mais Occidental que Tungubutu, geralmente concorriam a ella os póvos, que lhe são mais vizinhos: assi com os Çaragolees, Fulles, Jalofos, Azaneges, Brabaxijs, Tigurarijs, Luddayas, da mão dos quaes per via do Castello de Arguim, e de toda aquella costa vinha o ouro a nossas mãos, e outros póvos do interior de Mandinga acudiam ao resgate de Cantor, a que vam os nossos navios per o rio Gambea. E não trazendo as arêas destes dous notaveis rios Çanagá, e Gambea tanto ouro, como as do nosso Téjo, e Mondego, está tão trocada a opinião dos homens, que menos estimam o que tem ácerca de si, que o que esperam per tantos perigos, e trabalhos, como passam em o ir buscar a estes dous rios barbaros. E porque destas, e d'outras cousas, de que copiosamente tratamos em a nossa Geografia, El-Rey D. João, de que fallamos, era já informado ante da vinda de Bemoij, e elle o confirmou mais nellas, pareceo-lhe cousa mui proveitosa a seu estado, e a bem de seus naturaes fazer fortaleza neste rio Çanagá, como porta, per que com ajuda destes póvos

Ja-

Jalofos , que elle eſperava em Deos , que per meio deſte Principe D. João Bemoij ſe converteriam á Fé , (como ſe converteo o Reyno de Congo,) podia entrar ao interior daquella grão terra té chegar ao Preſte , de quem elle tanto fundamento fazia pera as couſas da India. Tambem como per o Caſtello de Arguim , reſgate de Cantor , Serra Lioa , e fortaleza da Mina , grande parte da terra de Guiné era ſangrada do ouro , que em ſi continha : com eſta fortaleza do rio Çanagá ficava ſangrada do outro ouro , que corria as duas feiras que diſſemos , por ambas eſtarem ſituadas ao longo das aguas delle , com que não iria ter ás mãos dos Mouros , os quaes o vinham buſcar per tantos deſertos em cafila de camelos , que muitas vezes ficavam enterrados em os areaes da Libya , per que caminhavam. Aſſi que com eſtes fundamentos , e outros de muita prudencia , mandou ElRey fazer a Armada de vinte caravelas que diſſemos , a capitanía da qual deo a Pero Vaz da Cunha , d'alcunha Biſagudo , em que foi muita , e luzida gente , aſſi d'armas , como officiaes pera a obra da fortaleza , e pera a conversão dos barbaros alguns Religioſos , o maioral dos quaes era Meſtre Alvaro Frade da Ordem de S. Domingos , e ſeu Confeſſor , peſſoa mui notavel em vida , e letras. Mas pare-

re-

rece que ainda aquelles póvos não tinham merecido a Deos o merito do Baptiſmo; porque entrando Pero Vaz em o rio Çanagá com aquelle grão poder, que eſpantou a todolos barbaros da terra, eſtando já na obra da fortaleza, (a qual ſegundo dizem foi elegida em máo lugar por razão das cheias do rio,) dentro em o ſeu navio matou Bemoij ás punhaladas, dizendo que lhe ordenava traição. Alguns affirmam que Pero Vaz neſte caſo foi enganado, e que mais condemnou á morte D. João Bemoij começar alguma gente adoecer, por ſer lugar doentio, que elle Pero Vaz mais temeo que a traição, como quem havia de ficar na fortaleza, depois que foſſe feita. Com morte do qual Principe Pero Vaz ſe tornou a eſte Reyno, do qual caſo ElRey ficou mui deſcontente, e per aquella vez ceſſáram os ſeus fundamentos da fortaleza, que mandava fazer naquelle rio Çanagá, de que hoje (ſegundo alguns dos noſſos dizem) ainda ſe moſtra parte das ſuas paredes.

CA-

CAPITULO IX.

Como ElRey mandou o Embaixador, e moços, que vieram de Congo em tres navios, de que era Capitão Gonçalo de Sousa Fidalgo de sua casa; em companhia do qual hiam Religiosos, e Sacerdotes pera a conversão da gente daquella parte, da obra que fizeram té a tornada dos navios.

NEste tempo passava de dous annos, que era feito Christão o Embaixador delRey de Congo, e os moços que com elle vieram; e porque já entendiam bem a lingua, de que elles principalmente haviam de servir na conversão delRey, e de todo o Reyno de Congo, e tambem em as cousas da Fé estavam doctrinados, segundo a capacidade de seu entendimento, mandou ElRey que pera esta passagem delles, e dos Religiosos, que haviam de ministrar as cousas desta conversão, se fizessem prestes tres navios já no fim do anno de quatrocentos e noventa. A capitanía mór da qual viagem cadeo a Gonçalo de Sousa Fidalgo da sua Casa, e dos outros dous navios eram Capitães Fernão do Avellar, e Afonso de Moura tambem Cavalleiro da sua Casa. Os quaes, porque ao tempo que partíram de Lisboa, faleciam nella de peste, que havia annos

que

que andava, não ſe puderam tanto reſguardar, que não foſſem iſcados della, de maneira, que no Cabo Verde faleceo Gonçalo de Souſa, e D. João de Souſa Embaixador, e o Eſcrivão da Armada, e outras peſſoas, que fez grande confusão em todos; temendo que poucos, e poucos foſſem morrendo todos por eſſe mar, e tambem pola differença que entre elles houve, qual dos Capitães ſuccederia naquelle cargo. E como os Pilotos eram Pero de Alenquer, e Pero Eſcovar, peſſoas mui eſtimadas por razão de ſeu cargo, e cada hum favorecia ſeu Capitão, e com elles ſe hia toda a gente do mar, veio o caſo a ſe poer em juizo diante de Fernão de Goes Capitão da Ilha Sant-Iago polo Duque D. Diogo. Finalmente per favor delle, e por tirar eſcandalo entre os outros, vieram a fazer Capitão mór a Ruy de Souſa ſobrinho de Gonçalo de Souſa defunto, poſto que foſſe naquella Armada ſem cargo algum, ſómente em companhia de ſeu tio. Com a qual eleição todalas differenças ſe acabáram; e tornando a ſua derrota caminho de Congo, a primeira terra que tomáram delle, foi de hum ſenhorio, a que chamavam Sono, de que era Senhor hum tio delRey. O qual como ſoube da chegada dos noſſos, e do que traziam, movido do eſpirito de Deos, acompanhado

com grande numero de vaſſallos, eſtrondo de bozinas, atabaques, e outros tangeres a ſeu modo por feſta, veio receber Ruy de Souſa, moſtrando o contentamento de ſua vinda, e do que trazia a ElRey ſeu Sobrinho. E per meio de hum dos moços doctrinados, pedio logo que lhe mandaſſe dar o Baptiſmo; porque como era homem velho, e que na tardança de irem a ElRey tornarem a elle, podia correr riſco de morte, não queria perder aquella mercê de Deos, que tinha em caſa. Ruy de Souſa vendo a inſtancia do ſeu requerimento, deo logo ordem com que os Religioſos em meio de hum campo mandáram fazer huma grande caſa de rama, que os meſmos criados de Mani Sono cortáram, onde ſe armáram tres Altares com ricos ornamentos, que levavam pera eſte ſancto acto, ſendo a elle preſente todolos filhos que Mani Sono tinha, e os principaes da terra. Aos quaes ante que o baptizaſſem elle Mani Sono fez hum arrezoamento, não de homem barbaro, mas daquelle, a quem o eſpirito de Deos movia os beiços, repreſentando o error em que té li eſtiveram, e a mercê, e piedade, que Deos com elle obrava em lhe mandar a ſua caſa doctrina de ſalvação; e que ſe elle tomava a ſalva della a ElRey ſeu ſobrinho, era por ſer tão velho, com

que

que ficava desculpado ante elle; e que tambem em sua companhia havia de receber Baptismo aquelle filho, que tinha pela mão, por ter tão pouca idade, que per si o não podia pedir. Ouvindo isto seu filho maior, que tambem na vontade estava disposto pera receber o Baptismo, começou de se queixar com seu pai, dizendo, que não lhe negasse aquella mercê de o acompanhar naquella honra que recebia de Deos, pois da herança que tinha na terra o leixava por seu herdeiro, e não quizesse antepoer a elle aquelle menino em outros maiores bens. Finalmente passadas muitas razões entre o filho, e o pai, elle o satisfez, dizendo, que assi convinha por então, pola obediencia que deviam a ElRey seu Sobrinho, a cuja instancia, e requerimento ElRey de Portugal mandava aquellas cousas que viam. Acabando suas razões, que em seu modo eram de homem alumiado, se entregou em mãos dos Sacerdotes que o baptizáram, e houve nome Manuel, por lhe dizerem que assi se chamava o maior Senhor do Reyno, que era Irmão da Rainha, e Primo com irmão delRey, e o filho houve nome Antonio. Os quaes depois pola nobreza do seu sangue tiveram o Dom, que responde em significado a este vocabulo, que anda entre elles, Mani, que quer dizer Senhor; e junto a

Sono, nome daquella Comarca de terra, quando dizem Mani Sono, ſe entende o Senhor de Sono, porque todalas nações tem ſeus termos de nobreza, e honra, cauſa dos maiores trabalhos da vida. O qual Baptiſmo foi o primeiro, que naquellas partes da idolatria ſe fez, dia de Paſcoa a tres do mez de Abril do anno de quatrocentos noventa e hum, ſendo a elle preſentes paſſante de vinte e ſinco mil homens vaſſallos deſte Principe de Sono D. Manuel, que com elle eſtavam offerecidos a receber o Baptiſmo, ſe o elle não impedíra por as cauſas que deo a ſeu filho. E como a nova deſte Baptiſmo chegou a ElRey de Congo, que eſtava dalli ſincoenta leguas, foi tão grande o contentamento que teve deſta obra, que pera exemplo de todos, logo com as graças que mandou a ſeu Tio, tambem ſegundo ſeu uſo lhe mandou huma doação de mais trinta leguas de coſta, e dez pelo ſertão em accreſcentamento de ſeu eſtado. Com o qual ſinal de contentamento, que ElRey moſtrou polo que elle fez, ſe atreveo ao que lhe aconſelhavam os Religioſos, que era queimar quantos idolos havia em ſua terra, com acto ſolemne. E os dias que os noſſos alli eſtiveram, em quanto não vinha recado delRey pera partirem, ouvia D. Manuel Miſſa, e Officio, que os Sacerdotes di-

diziam naquella Igreja de rama, moſtrando elle em o modo de ſua adoração ſinaes da obra, que nelle tinha feito o Sacramento do Baptiſmo. Porque como homem que deſejava ſua ſalvação, ſempre perguntava das couſas de Deos; e como lhe poderia ſer accepto naquelles derradeiros dias de ſua vida em que eſtava, pois o principal de ſua idade gaſtára em ſerviço do demonio. E trazia tanto o tento na doctrina que lhe davam, e na veneração das couſas de Deos, que acertando huns ſeus criados fazer á porta da Igreja hum arroido, os mandava matar, por o pouco acatamento que lhe tiveram, ſe os Religioſos o não impedíram, por não dar cauſa a que a gente ſe eſcandalizaſſe, por eſtes culpados ſerem dos principaes da terra. Vindo o recado delRey pera irem a elle, leixou Ruy de Souſa a gente neceſſaria pera guarda dos navios, e com a outra ſe partio pera a Cidade, onde elle eſtava, indo em ſua companhia hum Capitão do Principe D. Manuel com duzentos homens de ſua guarda, e outros, que ſerviam de levar á cabeça toda a fardagem dos noſſos, entre os quaes havia competencia a quem levaria as couſas que ſerviam no Altar, a que elles chamavam Sanctas. Sendo Ruy de Souſa em meio caminho da Cidade de Ambaſſe Congo, onde eſtava El-

Rey,

Rey, veio ter com elle hum Capitão ſeu acompanhado de muita gente, e mais adiante outro; e no dia de ſua entrada, duas leguas da Cidade, vieram outros tres já em mais ordenança. Cá eſtes vinham em tres batalhas armados a ſeu modo, com grande eſtrondo de atabaques, bozinas, e outros barbaros inſtrumentos, aſſi ordenados em fieiras, e em modo de cantar, que pareciam virem na ordem das procißões da invocação, e preças dos Sanctos, cantando tres, ou quatro hum verſo, e o corpo de toda a outra gente lhes reſpondia, aſſi entoadamente, que ſe deleitavam os noſſos em os ouvir. E de quando em quando davam huma grita, que parecia romperem os ares: as palavras do qual canto eram louvores delRey de Portugal por as couſas que mandava ao ſeu Rey. Tornando eſtes Capitães na ordem que vinham, e em meio de ſi aos noſſos, foram levados ante ElRey, que os eſtava eſperando em hum grande terreiro dos ſeus Paços, tão cuberto de povo, que com grande trabalho a gente dos Capitães podia fazer lugar pera que os noſſos chegaſſem a ElRey. O qual em hum cadafalſo de madeira tão alto, que podia ſer viſto de todalas partes, eſtava aſſentado em huma cadeira de marfim com algumas peças de páo lavradas ao ſeu modo mui

bem:

bem: os veſtidos do qual da cinta pera ſima eram os couros da ſua carne mui pretos, e luzidios, e per baixo ſe cubria com hum panno de damaſco, que lhe dera Diogo Cam; e no braço eſquerdo hum bracelete de latão, e neſte hombro hum rabo de cavallo guarnecido, couſa tida entre elles por inſignia real; e na cabeça hum barrete alto como mitra, feita de panno de palma muito fino, e delgado, com lavores altos, e baixos, a maneira que ácerca de nós he a tecedura de cetim avelutado. Ruy de Souſa chegado a elle fez-ſe a cortezia ao modo deſte noſſo Reyno, e ElRey tambem a ſua, ſegundo o ſeu, pondo a mão direita no chão, como que tomava pó delle, e correo eſta mão pelos peitos de Ruy de Souſa, e depois pelos ſeus, que era a maior cortezia que entre elles ſe podia fazer. Acabado eſte acto da chegada de Ruy de Souſa, com algumas palavras que diſſe a ElRey, como elle eſtava deſejoſo de ver as couſas ſanctas, que lhe traziam pera o acto do ſeu Baptiſmo, quiz logo que diante daquelle povo lhe foſſem moſtradas, pera que todos tomaſſem ſabor, e goſto na viſta dellas, e o ſeguiſſem em ſeu propoſito. A qual demonſtração ſe fez per mãos dos Religioſos, tirando peça a peça com grande reverencia, e acatamento. E porque quando vieram a moſ-

moſtrar huma Cruz, todolos noſſos fizeram aquella adoração de latria, que ſe lhe deve por ſeu ſignificado, que he Chriſto Jeſus, eſtava ElRey com tão bom tento em quantas continencias via fazer aos noſſos, e os ſeus no que elle fazia, que quaſi juntamente Chriſtãos, e Pagãos ao levantar della ſe puzeram em giolhos. Finalmente acabando de apreſentar todas eſtas peças, ſobre as quaes elle fez muitas perguntas, e aſſi ſobre as que lhe ElRey mandava pera ſua peſſoa, recolheo-ſe da viſta daquella multidão de povo pera os ſeus Paços, que eram de madeira lavrada no cabo daquelle grão terreiro, onde outra vez com ſua mulher, filhos, e alguns Fidalgos mais acceptos, quiz muito de vagar ver eſtas peças. E já quando lhas moſtráram eſta ſegunda vez, aſſi lhe ficou na memoria o que os Religioſos diziam de cada huma, que elle meſmo declarou á Rainha muitas couſas da ſignificação dellas, e ambos recebêram as que vinham pera ſuas peſſoas. Na entrega das quaes, e declaração das outras da Igreja, porque elle perguntava mui particularmente, ſe paſſou todo o dia, e bom pedaço da noite, em que eſpedio os noſſos, os quaes foram levados per hum ſeu Capitão ao lugar onde os tinham apouſentados. Ruy de Souſa com os Sacerdotes, e Religioſos,

de

de que o maioral delles era Fr. João da Ordem de S. Domingos, (paſſados os primeiros dias de ſua chegada,) ordenáram que ſe fizeſſe huma Igreja de pedra, e cal, ſegundo lhe per ElRey D. João era mandado, pera a qual obra traziam ſeus officiaes. E ainda que no ſitio da Cidade não havia pedra, deo ElRey cuidado a hum ſeu Capitão, que com toda ſua gente, donde quer que achaſſe, trouxeſſe a neceſſaria; e a outro deo da madeira, repartindo o trabalho per todos pera ſe fazer com mais brevidade. De maneira, que chegando os noſſos á Cidade Ambaſſe Congo a vinte e nove dias de Abril, a tres de Maio foi poſta a primeira pedra, e acabou-ſe o primeiro de Junho, cujo Orago he de Sancta Cruz, em memoria da feſta da Invenção da Cruz, que a Igreja ſolemniza neſte dia, em que eſta ſe começou a fundar, a qual depois foi Sé Cathedral com Biſpo da meſma gente. E porque quaſi em chegando os noſſos veio nova a ElRey, que os póvos Mundequetes, que habitam certas Ilhas, que eſtam em hum grande lago, donde ſahe o rio Zaire, que corre per eſte Reyno de Congo, eram rebelados, e faziam muito damno em as terras a elles comarcans, a que cumpria acudir ElRey em peſſoa, foi cauſa que ſe baptizaſſe ElRey, não com aquella ſolemnida-

dade que elle tinha ordenado depois que a Igreja fosse feita. O qual Sacramento pera sua salvação recebeo no proprio dia, que se poz a primeira pedra della; e por ElRey D. João ser auctor desta obra, quiz elle que lhe fosse posto o seu nome Joanne, sendo com elle baptizados seis principaes Fidalgos dos que haviam de ir áquella guerra, e juntas mais de cem mil almas que eram vindos, assi por causa della, como da chegada dos nossos. Pera a qual guerra levou huma bandeira com huma Cruz, que lhe Ruy de Sousa entregou, em virtude do qual sinal lhe prometteo que havia de vencer seus imigos, a qual bandeira lhe mandava ElRey, que era da Sancta Cruzada, que lhe concedêra o Papa Innocencio Octavo pera a guerra dos infieis. A Rainha vendo que ElRey se partia, e que Fr. João o principal dos Religiosos era falecido, e outros estavam doentes por logo os apalpar a terra, começou de se queixar a ElRey, pedindo-lhe que houvesse por bem ante de sua partida ella ser baptizada; porque esperar que viesse o Principe, que estava na frontaria dos imigos, como elle leixava ordenado, dizendo que a este tempo sería já a Igreja acabada, era este termo mui comprido, e temia falecerem os Ministros deste Sacramento, segundo já começavam. ElRey

ven-

vendo quanta razão ella tinha deste requerimento, houve por bem que fosse baptizada, e puzeram-lhe nome Lionor, como a Rainha de Portugal, mulher delRey Dom João, com que ambos marido, e mulher, ficando Christãos, ficáram com o mesmo nome que tinham estes dous Christianissimos Principes conjuntos per matrimonio, e sangue, como netos que eram delRey Dom Duarte, e autores desta Christandade. Partido ElRey pera aquella guerra, que o apressava, em a qual segundo diziam alguns dos nossos que lá foram, seríam juntos passante de oitenta mil homens, mais levemente houve victoria com a fé, e sinal que levava, do que foi o apercebimento de sua ida. E tornando á Cidade, espedio-se Ruy de Sousa pera este Reyno, leixando-lhe pera a conversão dos póvos Fr. Antonio, que era a segunda pessoa depois de Fr. João, e outros quatro Frades, e assi alguns homens leigos pera os acompanharem, e outros pera entrarem o sertão da terra com alguns naturaes, como ElRey D. João mandava pera descubrir o interior daquelle grão Reyno, e passarem além do grão lago que dissemos.

CA-

CAPITULO X.

Como entre ElRey D. João de Congo, e ſeu filho o Principe D. Afonſo houve algumas differenças, que ſe acabáram per falecimento do dito Rey: e ficou por herdeiro pacífico do Reyno eſte Principe Dom Afonſo, o qual té fim de ſeus dias fez obras de Chriſtianiſſimo Principe.

PArtido Ruy de Souſa pera eſte Reyno, e o Principe filho delRey D. João de Congo vindo da frontaria dos imigos onde eſtava, ſendo já a Igreja acabada, foi elle baptizado com muitos Fidalgos, aſſi dos que andavam com elle, como outros que a eſte acto eram vindos; e por amor do Principe D. Afonſo, filho delRey Dom João de Portugal, houve elle o meſmo nome. Mas como o demonio com eſtas obras de ſe baptizar cada dia muita gente, elle perdia grande juriſdicção, trabalhou por lhe ficar em penhor alguma peſſoa Real, per a qual pudeſſe cobrar o perdido, e foi hum filho delRey chamado Panſo Aquitimo, o qual não queria receber agua de Baptiſmo, affaſtando-ſe da converſação de ſeu pai, e recolhendo pera ſi alguns daquelles, que eram conformes a ſeu propoſito. Accreſcentou mais o demonio a eſta dureza do filho hum

hum novo eſtimulo a ElRey, polo quererem obrigar os Religioſos que ſe apartaſſe das muitas mulheres que tinha, e ficaſſe com huma ſó, como mandava a Igreja, as quaes porque com eſte precepto dos Religioſos perdiam o eſtado de mulheres de Rey, tinham ſeus meios com outras mulheres dos privados delRey, que tambem polo que lhes tocava trabalhavam com ſeus maridos que aconſelhaſſem a ElRey que tal não conſentiſſe. ElRey como era homem velho, entregue a conſelho dos ſeus, e muito mais inclinado á vida paſſada, começou de ſe esfriar daquelle primeiro fervor que moſtrou, tornando a ſeus ritos, e coſtumes. O Principe D. Afonſo, em quem as couſas da Fé eſtavam mais firmes, como não era contente deſta mudança, e a todo ſeu poder defendia o que confeſſava, começáram aquelles a quem elle reprehendia de indignar ElRey contra elle, té que o lançáram de ſua graça, e mettêram nella o filho pagão Panſo Aquitimo, com fundamento que ficando eſte por Rey, viviriam em ſeus coſtumes paſſados. E como toda a gente deſta Ethiopia he mui dada a feitiços, e nelles eſtá toda ſua crença, e fé, diſſeram a ElRey os miniſtros do demonio que teciam eſtas obras, que ſoubeſſe certo que ſeu filho Dom Afonſo do Cabo do Reyno onde eſtava,

que

que eram oitenta leguas, todalas noites per artes, que lhe os Chriſtãos enſináram vinha avoando, e entrava com ſuas mulheres, aquellas que lhe a elle tolhiam, com as quaes tinha ajuntamento, e logo á meſma noite ſe tornava. E que além deſta injúria que lhe fazia, ſabia tanto que ſeccava os rios, e tolhia as novidades não ſerem boas, tudo a fim d'elle não haver tanto tributo do Reyno como ſoia, pera não ter que dar áquelles, que o ſerviam fielmente, e elle ſe levantar com o Reyno. ElRey com eſtas, e outras fabulas indignado contra o filho, tirou-lhe as rendas que lhe dava pera ſe manter; e como diſſo foſſe reprehendido per alguns Fidalgos amigos do Principe, dizendo ſerem aquellas couſas engano, por quanto ſeu filho de dia, e de noite era viſto nas terras onde eſtava; por ſe mais certificar na verdade ácerca do filho, ordenou ElRey hum feitiço que ſe uſava antre elles. Atado o qual feitiço em hum panno, o mandou per hum moço a huma das ſuas mulheres, em que elle tinha ſuſpeita, chamada Cufua Coanfulo, dizendo da parte do Principe D. Afonſo, que elle lhe mandava aquelle feitiço pera ſe livrar da morte que lhe El-Rey ordenava, e aſſi a todalas outras ſuas mulheres. Mas ella como eſtava innocente da cauſa, porque lhe era aquelle preſente
man-

mandado, disse ao moço que puzesse o panno no chão, e foi-se a ElRey, notificando-lhe a offerta de seu filho, e outras palavras, com que ElRey vio sua innocencia, e assentou que quanto lhe diziam do filho era maldade. E dahi a poucos dias, não dando conta do caso a alguem, mandou vir o Principe, e o restituio em suas rendas com mais accrescentamento de terras: e sobre isso lhe fez huma fala pública, sendo presente os movedores desta suspeita, que elle tivera pera maior sua confusão, os quaes logo mandou matar. Peró não tardou muito, que o demonio buscou outro novo caminho; porque tornando-se o Principe a suas terras, como hia alumiado per Deos, e favorecido do pai, mandou lançar pregão, que qualquer pessoa a que fosse achado idolo em casa, que morresse por isso. O qual feito logo foi notificado a ElRey per os contrarios do Principe, aggravando tanto este caso, que lhe fizeram crer que andava o povo tão alvoroçado, que se a isso não acudisse, levantar-se-hia contra sua Real Pessoa. Chamado o Principe sobre este negocio á Corte, assentou elle ante perder a vida, que nesta parte obedecer a seu pai, e não leixou de proseguir na obra que era em louvor de Deos. E porque em sua companhia andava hum D. Gonçalo dos que

fo-

foram baptizados com elle, homem prudente, e Chriſtão per fé, e zelo da honra de Deos, trabalhava ElRey por o haver á mão. Mas elle com ſua prudencia, e o Principe com ſuas palavras, e Deos que os governava, aſſi ordenáram, e dilatáram ſua ida, fingindo ora huma couſa, ora outra, tudo applicando ao ſerviço delRey, e occupações do governo da terra, e arrecadação de ſuas rendas que lhe mandavam, té que Deos quiz tirar eſta perſeguição ao Principe, dando tal enfermidade a ſeu pai de que faleceo. A qual morte tambem deſcançou os noſſos, muitos dos quaes pola vida que ElRey tinha, e pouco fructo que com elle faziam, andavam lançados com o Principe, e per meio dos Religioſos tinha o Principe convertido, e baptizado grande parte do ſeu ſenhorio, a que chamam Iſundi, que era a cauſa de maior indignação a ElRey, e áquelles, que eram tornados a ſeu primeiro viver. Da qual indignação o Principe era ſabedor, e por iſſo em quanto o pai foi doente, poſto que foſſe chamado per alguns Fidalgos, que lhe davam conta como eſtava em termo de morte, e que ſeu irmão Panſo ſe vinha chegando pera a Cidade com propoſito de ſe apoderar della com a gente que trazia, nunca confiou neſtes recados, parecendo-lhe ſer eſta doença fin-

fingida pera o acolherem. Porém como foi certificado da morte delRey, em tres dias chegou á Cidade, porque já ſe vinha cercando a ella, depois que começáram enviar nova deſta ſua doença. E ante que entraſſe nella, foi aviſado pela Rainha ſua mãi, que eſta entrada foſſe de noite ſecretamente ſem eſtrondo de gente, e que quanta vieſſe em ſua companhia, foſſe pouca a pouca com ceſtos na cabeça, em que trouxeſſem ſuas armas, dizendo que era mantimento que vinha pera ella. Feita a entrada delle per eſte modo, ao outro dia ſahio o Principe ao grande terreiro dos paços, onde mandou ajuntar os Principaes da terra, que eram na Cidade, e lhes fez hum arrazoamento. No fim do qual, elles, ſegundo ſeu coſtume, primeiro que ſe dalli mudaſſem, o levantáram por Rey com grande feſta de tangeres, e gritas, de maneira, que eſte rumor foi ouvido nos alojamentos fóra da Cidade, onde eſtava ſeu irmão eſperando mais gente pera per força d'armas ſe fazer Rey. E quando foi certificado da cauſa daquelle eſtrondo, e a pouca gente que ſeu irmão comſigo tinha, ſem mais aguardar pela gente que eſperava, commetteo a entrada da Cidade. Eram a eſte tempo com ElRey D. Afonſo trinta e ſete Chriſtãos ſómente, e como homem induſtrioſo naquel-

le miſter da guerra, e mais governado per Deos, mandou aos ſeus que não buliſſem comſigo, mas que eſperaſſem a entrada do irmão naquelle grande curral, porque elle eſperava em a piedade de Deos, em que elle cria, que lhe daria victoria de ſeus imigos. A qual eſperança lhe não faleceo, porque vinda a batalha do irmão, que foi a primeira que entrou no curral, da qual choviam fréchas, foi couſa milagroſa, que com aquelles poucos que acompanhavam ElRey, chamando todos polo Apoſtolo Sant-Iago, e elle o nome de Jeſus por ajuda, nunca leixou de o invocar té que eſta batalha do irmão lhe virou as coſtas, a qual foi dar na ſegunda, e huma desbaratou a outra. E por Deos dar inteira victoria a eſte Catholico Rey, neſta fugida que o irmão levava por hum mato, foi cahir em hum cepo, que eſtava armado pera alguma fera, onde foi tomado per aquelles que o ſeguiam, e com elle hum ſeu principal Capitão. O qual Capitão deſconfiado de ſua vida, ante de chegar a ElRey, lhe mandou pedir que polo Deos em que elle cria, lhe aprouveſſe que foſſe baptizado ante de ſua morte, cá não queria perder alma, pois já tinha perdido o corpo, porque elle cria ſer aquelle o verdadeiro Deos, que os homens devem adorar; por quanto ao tempo de ſua peleja elle

le víra muita gente a cavallo armada, que ſeguia hum ſinal tal, como aquelle que adoravam os Chriſtãos, cauſa de todo ſeu eſtrago, por eſta ſer a gente que pelejava. ElRey ſabendo a penitencia deſte, e como pedia o Baptiſmo, não ſómente lho mandou dar, mas ainda lhe perdoou; e por memoria deſte feito, elle, e todolos de ſua linhagem ficáram obrigados de varrer, e alimpar a Igreja, e trazer agua pera ſe baptizarem todolos Pagãos. O qual penitenciado foi entregue áquelle honrado, e catholico barão D. Gonçalo, que muito ajudou a eſte Rey nas couſas da Fé; e porque ao tempo que ſe baptizou eſte Capitão, tomou o nome delle D. Gonçalo, elle o fez Capitão d'alguma parte das ſuas terras em o recolhimento de ſuas rendas. Panſo Aquitimo irmão delRey aſſi das feridas do cepo em que cahio, como de nojo do ſeu caſo, faleceo em ſua indignação. ElRey, aſſentadas ſuas couſas, ficou pacífico em ſeu Reyno, poſto que teve muito trabalho com alguns Principaes delle, que per muitas partes ſe rebelavam por razão da idolatria; mas Deos lhe deo ſempre victorias delles. Ao qual Noſſo Senhor deo tanta vida naquelle eſtado Real, que regnou ſincoenta e tantos annos, e faleceo em idade de oitenta e ſinco; e em todo o tempo, depois que recebeo

a Fé, té o ultimo dia de ſua vida, moſtrou não ſómente virtudes de Chriſtianiſſimo Principe, mas ainda exercitou officio d'Apoſtolo, prégando, e convertendo per ſi grande parte do ſeu povo, zelando tanto a honra de Deos, que neſte exercicio empregou o mais de ſua vida. E pera melhor exercitar eſte officio de prégador, apprehendeo a ler a noſſa linguagem, e eſtudava per a vida de Chriſto, e ſeus Evangelhos, vidas dos Sanctos, e outras doctrinas Catholicas, que elle com alguma enſinança dos noſſos Sacerdotes podia apprehender, declarando tudo áquelle ſeu barbaro povo. Mandou támbem a eſte Reyno de Portugal filhos, netos, ſobrinhos, e alguns moços nobres apprehender letras, não ſómente as noſſas, mas as Latinas, e Sagradas, de maneira, que de ſua linhagem houve já naquelle ſeu Reyno dous Biſpos, que exercitando ſeu officio, ſervíram a Deos, e deram contentamento aos Reys deſte Reyno de Portugal, a cujas deſpezas todas eſtas obras eram feitas. E por memoria deſta miraculoſa victoria, que Noſſo Senhor concedeo a eſte Rey D. Afonſo, em o qual os ſeus imigos víram o ſinal da Cruz, e a cavalleria celeſte dos Anjos em companhia do Apoſtolo Sant-Iago; e aſſi porque em dia da Invenção da Cruz ſeu Padre recebeo agua
de

de Baptiſmo ; e tambem porque mediante eſte ſinal, que lhe ElRey D. João mandou, (como atrás fica,) elle houve grandes victorias dos póvos Mundequetes, tomou por armas huma Cruz branca de prata florída em campo vermelho, e o chefe do eſcudo azul, e em cada canto do chefe duas vieiras d'ouro, por memoria do Apoſtolo Sant-Iago, e o pé de prata, com mais hum eſcudo dos ſinco de Portugal, que he azul, com ſinco viſantes de prata em aſpa, *& cetera.*

CAPITULO XI.

Como a eſte Reyno veio ter hum Chriſtovão Colom, o qual vinha de deſcubrir as Ilhas Occidentaes, a que agora chamamos Antilhas, por ſer lá ido per mandado del-Rey D. Fernando de Caſtella: e do que El-Rey D. João ſobre iſſo fez, e depois per o tempo em diante ſuccedeo ſobre eſte caſo.

PRocedendo per eſta maneira as couſas deſte deſcubrimento, eſtando ElRey o anno de quatrocentos noventa e tres a ſeis de Março em Val do Paraiſo junto do Moſteiro de Noſſa Senhora das Virtudes, Termo de Santarem, por razão da peſte, que andava per aquella Comarca, foi-lhe dito que ao porto de Lisboa era chegado hum Chriſtovão Colom, o qual dizia, que vi-

nha

nha da Ilha Cypango, e trazia muito ouro, e riquezas da terra. ElRey, porque conhecia este Colom, e sabia que per ElRey D. Fernando de Castella fora enviado a este descubrimento, mandou-lhe rogar que quizesse vir a elle pera saber o que achára naquella viagem; o que elle fez de boa vontade, não tanto por aprazer a ElRey, quanto por o magoar com sua vista. Porque primeiro que fosse a Castella, andou com elle mesmo Rey D. João, que o armasse pera este negocio, o que elle não quiz fazer por as razões que abaixo diremos. Chegado Colom ante ElRey, peró que o recebeo com gazalhado, ficou mui triste, quando vio a gente da terra, que com elle vinha, não ser negra, de cabello revolto, e do vulto como a de Guiné, mas conforme em aspecto, côr, e cabello, como lhe diziam ser a da India, sobre que elle tanto trabalhava. E porque Colom fallava maiores grandezas, e cousas da terra do que nella havia, e isto com huma soltura de palavras, accusando, e reprehendendo a ElRey em não acceptar sua offerta, indignou tanto esta maneira de fallar a alguns Fidalgos, que ajuntando este avorrecimento de sua soltura, com a mágoa que viam ter a ElRey de perder aquella empreza, offerecêram-se delles que o queriam matar, e

com

com iſto ſe evitaria ir eſte homem a Caſtella. Cá verdadeiramente lhe parecia que a vinda delle havia de prejudicar a eſte Reyno, e cauſar algum deſaſſocego a Sua Alteza, por razão da conquiſta que lhe era concedida pelos Summos Pontifices, da qual conquiſta parecia que eſte Colom trazia aquella gente. As quaes offertas ElRey não acceptou, ante as reprehendeo como Principe Catholico, poſto que deſte feito de ſi meſmo tiveſſe eſcandalo: e em lugar diſſo fez mercê a Colom, e mandou dar de veſtir de grã aos homens, que trazia daquelle novo deſcubrimento, e com iſto o eſpedio. E porque a vinda, e deſcubrimento deſte Chriſtovão Colom, (como então alguns prognoſticáram,) cauſou logo entre eſtes dous Reys, e depois a ſeus ſucceſſores algumas paixões, e contendas, com que de hum Reyno a outro houve embaixadas, aſſentos, e pactos, tudo ſobre o negocio da India, que he a materia deſta noſſa eſcritura; não parecerá eſtranho della tractar do princípio deſte deſcubrimento, e do que delle ao diante ſuccedeo. Segundo todos affirmam, Chriſtovão Colom era Genoez de nação, homem eſperto, eloquente, e bom Latino, e mui glorioſo em ſeus negocios. E como naquelle tempo huma das potencias de Italia, que mais navegava por razão de ſuas mercadó-

rias,

rias, e commercios, era a nação Genoez: este, seguindo o uso de sua patria, e mais sua propria inclinação, andou navegando per o mar de levante tanto tempo, té que veio a estas partes de Hespanha, e deo-se á navegação do mar Oceano, seguindo a ordem de vida que ante tinha. E vendo elle que ElRey D. João ordinariamente mandava descubrir a costa de Africa com intenção de per ella ir ter á India, como era homem Latino, e curioso em as cousas da Geografia, e lia per Marco Paulo, que fallava moderadamente das cousas Orientaes do Reyno Cathayo, e assi da grande Ilha Cypango, veio a fanteziar que per este mar Oceano Occidental se podia navegar tanto, té que fossem dar nesta Ilha Cypango, e em outras terras incognitas. Porque como em o tempo do Infante D. Henrique se descubríram as Ilhas terceiras, e tanta parte de terra de Africa nunca sabida, nem cuidada dos Hespanhoes, assi poderia mais ao Ponente haver outras Ilhas, e terras, porque a natureza não havia de ser tão desordenada na composição do orbe universal, que quizesse dar-lhe mais parte do elemento da agua, que da terra descuberta, pera vida, e creação dos animaes. Com as quaes imaginações, que lhe deo a continuação de navegar, e prática dos homens dis-

n

ta profiſsão, que havia neſte Reyno mui eſpertos com os deſcubrimentos paſſados, veio requerer a ElRey D. João que lhe déſſe alguns navios pera ir deſcubrir a Ilha Cypango per eſte mar Occidental; não confiado tanto em o que tinha ſabido, (ou por melhor dizer ſonhado,) d'algumas Ilhas Occidentaes, como querem dizer alguns Eſcritores de Caſtella, quanto na experiencia que tinha em eſtes negocios ſerem mui acreditados os Eſtrangeiros. Aſſi como Antonio de Nolle ſeu natural, o qual tinha deſcuberto a Ilha de Sant-Iago, de que ſeus ſucceſſores tinham parte da capitanía; e hum João Baptiſta Francez de nação, tinha a Ilha de Mayo, e Jos Dutra Framengo outra do Fayal. E per eſta maneira, ainda que mais não achaſſe que alguma Ilha herma, ſegundo logo eram mandadas povoar, ella baſtava pera ſatisfazer a deſpeza que com elle fizeſſem. Eſta he mais certa cauſa de ſua empreza, que algumas ficções, (que como diſſemos,) dizem Eſcritores de Caſtella, e aſſi Jeronymo Cardano Medico Milanez, barão certo, docto, e ingenioſo, mas em eſte negocio mal informado. Porque eſcreve em o livro, que compoz de Sapiencia, que a cauſa de Colom tomar eſta empreza, foi d'aquelle dito de Ariſtoteles, que no mar Oceano, além de Africa, havia

ter-

terra, pera a qual navegavam os Cartaginenſes; e por Decreto público foi defezo, que ninguem navegaſſe pera ella, porque com abaſtança, e mollicias della ſe não apartaſſem das couſas do exercicio de guerra. ElRey, porque via ſer eſte Chriſtovão Colom homem fallador, e glorioſo em moſtrar ſuas habilidades, e mais fantaſtico, e de imaginações com ſua Ilha Cypango, que certo no que dizia, dava-lhe pouco credito. Com tudo á força de ſuas importunações, mandou que eſtiveſſe com D. Diogo Ortiz Biſpo de Cepta, e com Meſtre Rodrigo, e Meſtre Joſepe, a quem elle commettia eſtas couſas da Coſmografia, e ſeus deſcubrimentos; e todos houveram por vaidade as palavras de Chriſtovão Colom, por tudo ſer fundado em imaginações, e couſas da Ilha Cypango de Marco Paulo, e não em o que Jeronymo Cardano diz. E com eſte deſengano eſpedido elle delRey, ſe foi pera Caſtella, onde tambem andou ladrando eſte requerimento em a Corte delRey D. Fernando, ſem o querer ouvir, té que per meio do Arcebiſpo de Toledo D. Pero Gonçalves de Mendoça, ElRey o ouvio. Finalmente, recebida ſua offerta, ElRey lhe mandou armar tres caravelas em Palos de Moguar, donde partio a tres dias de Agoſto do anno de mil quatrocentos noventa e dous: e deſ-

deſte dia a dous mezes e meio, que foram a onze de Octubro, víram a Ilha, a que os da terra chamam Guanahani, que he huma daquellas, a que ora os Caſtelhanos chamam as Ilhas Brancas dos Lucayos, e elle lhe poz nome as Princezas por ſerem as primeiras que ſe víram. E a eſta Guanahani chamou S. Salvador, e dalli ſe paſſou á Ilha Cuba, e della á que os da terra chamam Hayte, e os Caſtelhanos Heſpanhola. E porque elle perguntava aos moradores por Cypango, que era a Ilha do ſeu propoſito, e elles entendiam por Cibão, que he hum lugar das minas da Ilha Hayte, o leváram a ella, onde foi mui bem recebido do Rey da terra, a que elles chamam Cacique. E porque achåram nelle, e na gente muita facilidade, leixou alli trinta e oito homens em hum acolhimento de madeira em modo de fortaleza; e trazendo comſigo dez, ou doze naturaes daquella terra, fezſe na volta de Heſpanha, e chegou a Lisboa a ſeis de Março do anno ſeguinte, como diſſemos. ElRey D. João com a nova do ſitio, e lugar, que lhe Colom diſſe da terra deſte ſeu deſcubrimento, ficou mui confuſo: e creio verdadeiramente que eſta terra deſcuberta lhe pertencia, e aſſi lho davam a entender as peſſoas de ſeu conſelho. Principalmente áquelles, que eram officiaes deſ-

defte mifter da Geografia, por a pouca diftancia que havia das Ilhas terceiras , a eftas , que defcubríra Colom, fobre o qual negocio teve muitos confelhos, em que affentou de mandar logo a D. Francifco d'Almeida, filho do Conde de Abrantes D. Lopo , com huma Armada a efta parte. Da qual Armada fendo ElRey D. Fernando certificado per feus menfajeiros, e cartas, fe mandou queixar a ElRey , requerendo-lhe que a não enviaffe té fe determinar fe era da fua conquifta , e que pera prática do cafo podia mandar feus Embaixadores. ElRey como fua tenção nefta Armada que fazia era por lhe parecer que no defcuberto tinha juftiça, por comprazer a ElRey Dom Fernando, mandou ceffar della té primeiro fe determinar. E pera iffo mandou a Caftella logo no Junho feguinte defte mefmo anno ao Doctor Pero Dias , e Ruy de Pina Cavalleiro de fua cafa, eftando ElRey Dom Fernando em Barcelona, ao tempo que per ElRey Carlos de França fe fez a fegunda concordia, e entrega de Perpinhão, e Condado de Rufylhão. Com que ElRey Dom Fernando ficou tão profpero em feus negocios , que eftas peffoas , que ElRey tinha mandado a elle, fe vieram fem conclusão, fómente que elle lha enviaria per feus Embaixadores , os quaes eftando ElRey em

Lis-

Lisboa vieram: a hum chamavam Pero Dayala, e a outro D. Garcia de Carvajal, irmão do Cardeal Sancta Cruz. E como a tenção delRey D. Fernando era dilatar este caso té lhe virem outros navios, que tinha enviado a estas Ilhas, que descubríra Colom, pera que segundo a qualidade da cousa assi fazer a estima della; começáram os Embaixadores tratar em outras materias com tanta variedade, por se deter, que entendendo ElRey D. João o caso, disse que aquella embaixada delRey seu Primo não tinha pés, nem cabeça. Alludindo isto a Pero Dayala, que era manco de hum pé, e a D. Garcia por ser homem hum pouco enlevado, e vão, e sem outra conclusão se tornáram pera Castella. Pera o qual caso se acabar de concluir, enviou ElRey a Castella Ruy de Sousa, e seu filho D. João de Sousa, e Aires d'Almada Corregedor da sua Corte, e a Estevão Vaz, que depois foi Feitor da Casa da India, por Secretario da Embaixada; e vistas as razões, e justiça d'ambos os Reys, foi assentado, e determinado este descubrimento não pertencer a este Reyno, mas ser proprio de Castella. E por evitar escandalos, e debates, que ao diante podiam recrescer do que cada hum descubrisse, ou seus successores, demarcáram, e partíram todo o universo em duas

duas partes iguaes per dous meridianos, hum oppoſito ao outro, dentro dos quaes ficaſſe a demarcação de cada hum. O primeiro meridiano ſe lançou vinte e hum gráos ao Ponente das Ilhas do Cabo Verde, em que ſe embebeſſem trezentas ſeſſenta e tantas leguas pera Aloeſte; e deſte meridiano té o outro a elle oppoſito pera a parte do Ponente ao reſpecto daquelles que vivemos em Heſpanha, ficaſſe a terra, Ilhas, e mares, que ſe entre ambos contém da Coroa de Caſtella. E a outra parte, que eſtá ao Oriente della, tambem ao reſpecto da noſſa habitação, em que ſe inclue toda a India com o grande numero das Ilhas Orientaes, ficaſſe á Coroa de Portugal com todalas clauſulas, e condições, que ſe nos contractos contém. Os quaes foram jurados pelos ditos Reys, e os houveram por firmes, e válidos per ſi, e per ſeus ſucceſſores; e promettêram ſerem pera ſempre guardados ſem algum outro novo entendimento. Com o qual concerto eſte negocio ficou na vontade deſtes dous Principes por acabado, ſem de hum Reyno ao outro eſta materia ſer mais praticada té o anno de mil quinhentos vinte e ſinco, que entre El-Rey D. João o Terceiro Noſſo Senhor, e o Emperador Carlos Quinto Rey de Caſtella houve algumas differenças, por razão

de

de huma Armada, que per via de Castella levou ás Ilhas de Maluco, que eram deste Reyno, hum Fernão de Magalhães natural Portuguez em odio delRey D. Manuel, por se ir aggravado delle a Castella, como veremos em seu lugar.

CAPITULO XII.

Do que succedeo por causa da grande Armada, que ElRey mandou em ajuda do Principe D. João Bemoij, assi nas lianças, e amizades, que ElRey teve com alguns Senhores do Sertão d'aquelle Guiné, como no descubrimento que teve delle per alguns homens, que lá mandou té o Nosso Senhor levar desta vida.

AInda que a morte do Principe D. João Bemoij, (como atrás contámos,) mudou todolos fundamentos, que ElRey fazia com sua ida, e fortaleza que mandava fazer, não leixou de mandar que se continuassem os resgates do rio Çanagá, e Gambea, como ordinariamente antes deste caso em cada hum anno se fazia. E per os navios que de lá vieram soube, que a Armada, que enviou a Çanagá, não foi tão sem fructo como elle cuidava; cá senão servio á restituição de Bemoij, aproveitou a bem dos resgates, e a se melhor descubrir o sertão

tão daquella terra do que ante ſe podia fazer. Porque os Principes daquellas partes, como eram coſtumados ver ſómente hum, ou dous navios em ſeus portos, em que hia gente do mar pobre, e mal roupada, tinham pequena opinião do eſtado delRey, poſto que os linguas lhe diſſeſſem o que havia cá no Reyno. Porém quando elles víram tantos navios, tanta, e tão luzida gente, e tamanho apparato de guerra, como foi naquella Armada, aſſi os eſpantou, que de huns em outros per todo aquelle Guiné correo aquella fama, com que alevantáram mais a eſtima ácerca da amizade delRey. E como os mais delles andavam em grandes contendas, e guerras entre ſi, vendo que ElRey ſómente pera reſtituição de Bemoij mandava tão groſſa Armada, ſem da parte delle Bemoij haver mais meritos ante elle, que o bom deſpacho dos ſeus navios, quando vinham ao reſgate, movidos de ſeu intereſſe, com fundamento de poderem achar em ElRey outra tal ajuda, ſe lhe neceſſaria foſſe, ou com temor de o anojarem, começáram todos cada hum em ſeu modo a quem o faria melhor no deſpacho dos navios, e enviar preſentes, e recados a ElRey de grandes offertas. Donde procedeo haver tanta entrada naquella terra, que começou ElRey já mais ſeguramente

te per ſeus menſajeiros mandar recados aos maiores Principes della, e intervir em os negocios, e guerras, que huns com os outros traziam, como amigo conhecido, e eſtimado delles. Porque neſte tempo mandou Pero d'Evora, e Gonçaleanes a ElRey de Tucuról, e aſſi a ElRey de Tungubutu, e per outras vezes mandou a Mandi Manſa per via do rio Cantor, o qual Principe era dos mais poderoſos daquellas partes da Provincia Mandinga. Ao qual negocio foi hum Rodrigo Rabello eſcudeiro de ſua caſa, e Pero Reinel moço d'eſporas, e João Collaço béſteiro da camara, com outros homens de ſerviço, que faziam numero de oito peſſoas. E levâram-lhe de preſente cavallos, azemalas, e mulas com ſeus arreios, e algumas ſortes de couſas eſtimadas entrelles, por já lá ter mandado outra vez. E de todos eſtes eſcapou Pero Reinel por ſer homem coſtumado andar naquellas partes, e os mais falecêram de doença, vindo eſte Rey fazer guerra a outro Rey dos Fullos chamado Temalá. E aſſi ficou deſta, e doutras idas, que ElRey lá mandou, tanta amizade entre os noſſos, e eſte Rey Mandi Manſa, que enviando eu por razão do meu cargo de Feitor deſtas caſas de Guiné, e Indias, o anno de mil quinhentos trinta e quatro a hum Pero Fernandes a eſte Reyno

de Mandi Manſa, em nome delRey Dom João o Terceiro Noſſo Senhor, que ora reina, por razão do reſgate de Cantor, eſtimou o Rey muito eſte recado, que lhe foi dado da parte delRey; dizendo que havia em boa ventura ſer-lhe enviado eſte menſajeiro, porque a ſeu avô, que tinha o ſeu proprio nome, fora enviado outro menſajeiro doutro Rey D. João de Portugal. Tanta memoria ſem terem letras havia entre eſtes barbaros das couſas delRey D. João. E não ſómente per eſtes, e per Pero d'Evora, mas ainda per hum Mem Royz eſcudeiro de ſua caſa, e per Pero de Aſtuniga ſeu moço d'eſporas, que elle levava por companheiro, mandou ElRey algumas vezes recados a ElRey de Tungubutu, e ao meſmo Temalá, que ſe chamava Rey dos Fullos. O qual Temalá neſtes tempos foi naquellas partes hum incendio de guerra, levantando-ſe da parte do Sul em huma Comarca chamada Futa com tanto numero de gente, que ſeccavam hum rio, quando a elle chegavam; e aſſi era eſquivo, e barbaro eſte açoute d'aquella gente pagã, que aſſolava quanto ſe lhe punha diante. E como com eſta ferocidade tinha feito grande damno em os amigos, e ſervidores delRey, principalmente a ElRey de Tungubutu, Mandi Manſa, Uli Manſa, mandou-lhe per

al-

algumas vezes ſeus recados de amizade, e outros de rogo ſobre os negocios da guerra, que tinha com eſtes. Tambem neſte meſmo tempo eſcreveo per hum Abexij chamado Lucas, que foi per via de Jeruſalem a ElRey dos Móſes, nome mui celebrado entre os Negros deſtas partes de Guiné de que fallamos, o qual Principe naquelle tempo fazia guerra a ElRey Mandi Manſa. E ſegundo a noticia que ElRey D. João tinha deſte Rey dos Móſes, e de ſeus uſos, e coſtumes, havia preſumpção ſer algum vaſſallo, ou vizinho do Preſte João, ou a gente dos Nobis; por elle, e os ſeus terem modo de Chriſtandade, cá os mais delles ſe nomeavam per os nomes dos Apoſtolos de Chriſto, o qual elles confeſſavam. Tambem per via da fortaleza da Mina mandou a Mahamed, bem Manzugul, e neto de Muſſa Rey de Songo, que he huma Cidade das mais populoſas daquella grão Provincia, a que nós commummente chamamos Mandinga, a qual Cidade jaz no parallelo do Cabo das palmas, mettida dentro no ſertão per diſtancia de cento e quarenta leguas, ſegundo a ſituação das taboas da noſſa Geografia. O qual Rey Mouro, reſpondendo a eſte recado delRey, quaſi como eſpantado de tal novidade, (ſegundo vimos em as cartas deſtas menſajes que te-

 mos

mos em noſſo poder,) dizia, que nenhum dos quatro mil quatrocentos e quatro Reys de que elle deſcendia, ouvio recado, nem vio menſajeiro delRey Chriſtão, nem elle tinha noticia de mais Reys poderoſos que deſtes quatro: delRey de Alimaem, delRey de Baldac, delRey do Cairo, e delRey de Tucurol. Neſte meſmo tempo que ElRey D. João ſe viſitava, e carteava com eſtes Principes barbaros, mandou tambem per via do Caſtello de Arguim á Cidade Huádem, que eſtá ao Oriente delle obra de ſetenta leguas, aſſentar huma feitoria com os Mouros por alli concorrer algum reſgate de ouro, ao qual negocio foram Rodrigo Reinel por Feitor, Diogo Borges Eſcrivão, e Gonçalo d'Antes por homem da Feitoria, onde eſtiveram pouco tempo por a terra ſer mui deſerta, e ſómente virem a ella os meſmos Alarves, que ás vezes vinham ao Caſtello de Arguim, que são Azenegues, Ludaias, e Brabarijs, dos quaes não ſe podia haver informação do interior da terra, de que elle deſejava ter noticia, porque ſua tenção neſtas feitorias, que mandava fazer no ſertão, tanto era por ſaber as couſas delle, e poder penetrar as terras do Preſte João, e Oriente, como por o reſgate do ouro que a ellas concorria. As peſſoas de que ſe ElRey ſervia neſte miſter de recados, e deſcu-

cubrimento per dentro do sertão, eram os que nomeámos, e assi Rodrigo Rabello, João Lourenço seus criados, e Vicente Annes, e João Bispo linguas, aos quaes elle agalardoava de seus trabalhos, posto que não conseguissem o fim principal a que os mandava. E não sómente per estes seus naturaes, mas ainda per estrangeiros, assi como Abexijs, e alguns Alarves, que vinham ao Castello de Arguim, commettia este descubrimento do sertão, por lhe não ficar cousa alguma por tentar. Tão occupado, e solícito o trazia este negocio, principalmente depois que vio, e gostou de muitas cousas, de que os antigos Escritores não tiveram noticia, fallando desta parte de Africa, que não lhe repousava o espirito. E bem como hum lião faminto, a quem a caça se esconde com temor delle, em meio d'alguma grande, e espinhosa balsa, a qual elle rodea, e commette per muitas partes, e ferido, e espinhado das entradas, e sahidas, já cansado se lança com o sentido, e tento posto na prea escondida: assi ElRey commettendo per muitas partes, e vezes esta grão balsa de Guiné, que té hoje se não leixou penetrar, cansado desta continuação, e despeza de sua fazenda, e assi dos grandes cuidados que lhe deram os negocios do Reyno, principalmente no tempo das trai-

çoes,

ções, ſe leixou algum tanto repouſar deſte fervor que trazia. Não porém que leixaſſem os navios ordinarios de fazerem ſuas viagens, té que aprouve a Deos de o levar pera ſi, e lhe ſuccedeo no Reyno o Duque de Béja D. Manuel ſeu primo, que (como veremos) no ſegundo anno de ſeu reinado conſeguio na primeira viagem a eſperança de ſetenta e ſinco annos, em que ſeus anteceſſores tinham trabalhado. Parece que aſſi o ordena aquella Divina Prudencia, que huns prantem, e outros colhão o fructo da planta. E que iſto vejamos algumas vezes, não temos licença pera julgar eſtes juizos de Deos, ſómente podemos crer que ninguem perde o merito de ſuas boas obras, aqui per fama, e na outra vida per gloria. Por tanto pois lhe a elle aprouve que não per officio, mas per indignação, não por premio, mas de graça, e mais offerecido que convidado, eu tomaſſe cuidado de eſcrever as couſas que paſſáram neſte deſcubrimento, e conquiſta do Oriente; não permittirá que eu perca algum premio, ſe deſte trabalho o poſſo ter, trocando, ou negando os meritos de cada hum. A qual fé, e verdade guardando nós ao que ElRey D. João fez em todo o decurſo de ſua vida ácerca deſte deſcubrimento, poſto que particularmente atrás fica eſcrito, aqui em ſom-

ſomma queremos notar tres couſas, que lhe eſte Reyno deve: huma trata de louvor de Deos, outra da gloria, e honra da Coroa Real, e outra do accreſcentamento do ſeu patrimonio. Quanto ao louvor de Deos, que maior pode haver na ſua Igreja, que per induſtria deſte Principe, no mais remoto lugar da terra, e na gente mais çafára do nome de Chriſto, onde podemos crer que não chegou a prégação dos Apóſtolos, hoje em Sé Cathedral eſtarem Altares cheios de oblações, e ſacrificios, offerecidos a elle meſmo Deos em nome de Chriſto Jeſus noſſa redempção, e ſeu Filho. O qual Chriſto Jeſus crê, adora, e confeſſa hum Rey barbaro per ſangue, e Catholico per fé, com tão grande povo como tem o Reyno de Congo, que havendo ſeſſenta annos que eſtá mettido na Igreja de Deos per Fé, e Baptiſmo, em todo eſte tempo ſempre foi em accreſcentamento do que profeſſa, com termos delle Biſpos, Sacerdotes, Theologos, e Miniſtros da publicação Evangelica. A ſegunda couſa que leixou a eſte Reyno, que trata da honra, e gloria da ſua Coroa, são duas fortalezas: huma em Arguim acabada per ſua induſtria, peró que foſſe começada em vida delRey D. Afonſo ſeu Padre; e a outra a de S. Jorge da Mina, no meio da grande região da Ethiopia. Por razão

zão das quaes fortalezas, fundadas como posse real, e auctual do que tinha descuberto, e esperava descubrir per este caminho, accrescentou á Coroa deste Reyno o senhorio de Guiné que ora tem. Na qual posse como prudente barão, e animoso Principe, por não leixar dúvidas a seus successores com os Principes da Christandade, logo se determinou com ElRey D. Fernando de Castella, assinando termos, e demarcações do que cada hum podia conquistar, como atrás fica, e mais copiosamente se contém nos assentos, e pactos, que se fizeram entre elles. Quanto ao accrescentamento do patrimonio Real, eu não sei em este Reyno jugada, portage, dizima, siza, ou algum outro direito Real mais certo; nem que regularmente cada anno assi responda, sem rendeiros allegarem esterilidade, ou perda, do que he o rendimento do commercio de Guiné: e tal, que se o soubermos agricultar, e grangear, com pouca semente nos responderá com maior novidade que os reguengos do Reyno, e liziras do campo de Santarem. E mais he propriedade tão pacífica, mansa, e obediente, que sem termos huma mão em o murrão accezó sobre a escorva da bombarda, e a lança na outra, nos dá ouro, marfim, cera, courama, açucar, pimenta malagueta; e daria

mais

mais couſas, ſe tanto quizeſſemos della deſcubrír, como deſcubrimos além dos póvos Jopões, que paſsão ácerca de nós por Antipodes, e Antichthones. Finalmente dá muito, e bom povo, fiel, catholico, ſerviçal, e que nos ajuda em noſſas neceſſidades; e tão animoſo pera com elle conquiſtar as outras regiões, que conquiſtámos, e que iſto não dão, que ſe foſſe creado na doctrina militar, de melhor vontade iria fazer gente á terra de Guiné, que á terra dos Soiços; e ainda mal, porque os Mouros de Africa, e principalmente o Xerife de Marrocos neſte noſſo tempo em eſte uſo de guerra ſe ſervem mais delles que nós. E não fallando em as policias, ou molicias de Aſia, cuja gente he mui vicioſa neſte uſo dellas, de que Saluſtio já chamou por ſerem cauſa da corrupção da modeſtia, e temperança do povo Romano, culpa em que a maior parte da nação Portuguez ao preſente jaz; mas tractando dos fructos da natureza ſem humano artificio, que eſta terra da Ethiopia dá, bem lhe podemos chamar paraiſo de naturaes delicias. Porque não ſómente ella dá os neceſſarios, e proveitoſos á vida humana, mas ainda dá almas creadas na innocencia de ſeus primeiros padres, que com manſidão, e obediencia mettem o peſcoço per Fé, e Baptiſmo, debaixo do jugo Evan-

ge-

gelico. Mas parece que por noſſos peccados, ou per algum juizo de Deos occulto a nós nas entradas deſta grande Ethiopia, que nós navegamos, poz hum Anjo percuciente com huma eſpada de fogo de mortaes febres, que nos impede não poder penetrar ao interior das fontes deſte horto, de que procedem eſtes rios d'ouro, que per tantas partes da noſſa conquiſta ſahem ao mar. Quanto á mageſtade da conquiſta da India, e á fama, que temos alcançado de tão illuſtres victorias, como della houvemos, e os titulos que a Coroa deſte Reino por iſſo conſeguio, depois do falecimento deſte Rey D. João, nos livros ſeguintes o eſcrevemos.

DE-

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO IV.

Dos feitos que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém como a India foi descuberta per mandado delRey D. Manuel deste nome o Primeiro de Portugal.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Manuel no segundo anno do seu reinado mandou Vasco da Gama com quatro vélas ao descubrimento da India.

FALECIDO ElRey D. João sem legítimo filho, que o succedesse no Reyno, foi alevantado por Rey, (segundo elle leixava em seu testamento,) o Duque de Béja D. Manuel seu Primo com irmão, filho do Infante D. Fernando irmão delRey Dom Afonso, a quem per legítima successão era devida esta real herança. Da qual recebeo posse pelo sceptro della, que lhe foi entregue em Alcacer do sal a vinte e sete dias de Octubro do anno de nossa Redempção de mil

mil quatrocentos noventa e ſinco, ſendo em idade de vinte e ſeis annos, quatro mezes, e vinte ſinco dias, (como mais particularmente eſcrevemos em a outra noſſa Parte intitulada Europa, e aſſi em ſua propria Chronica.) E porque com eſtes Reynos, e Senhorios tambem herdava o proſeguimento de tão alta empreza, como ſeus anteceſſores tinham tomado, que era o deſcubrimento do Oriente per eſte noſſo mar Oceano, que tanta induſtria, tanto trabalho, e deſpeza, per diſcurſo de ſetenta e ſinco annos tinha cuſtado; quiz logo no primeiro anno de ſeu Reinado moſtrar quanto deſejo tinha de accreſcentar á Coroa deſte Reyno novos titulos ſobre o ſenhorio de Guiné, que por razão deſte deſcubrimento ElRey D. João ſeu Primo tomou, como poſſe da eſperança de outros maiores eſtados, que per eſta via eſtavam por deſcubrir. Sobre o qual caſo, no anno ſeguinte de noventa e ſeis, eſtando em Monte mór o novo, teve alguns geraes conſelhos, em que houve muitos, e differentes votos, e os mais foram que a India não ſe devia deſcubrir; porque além de trazer comſigo muitas obrigações por ſer eſtado mui remoto pera poder conquiſtar, e conſervar, debilitaria tanto as forças do Reyno, que ficaria elle ſem as neceſſarias pera ſua conſervação. Quanto mais, que ſen-

ſendo deſcuberta podia cobrar eſte Reyno novos competidores, do qual caſo já tinham experiencia, no que ſe moveo entre ElRey D. João, e ElRey D. Fernando de Caſtella ſobre o deſcubrimento das Antilhas: chegando a tanto, que vieram a repartir o Mundo em duas partes iguaes pera o poder deſcubrir, e conquiſtar. E pois deſejos de eſtados não ſabidos movia já eſta repartição, não tendo mais ante os olhos que eſperança delles, e algumas moſtras do que ſe tirava do barbaro Guiné, que ſería vindo a eſte Reyno quanto ſe dizia daquellas partes Orientaes. Porém a eſtas razões houve outras em contrario, que por ſerem conformes ao deſejo delRey, lhe foram mais acceptas. E as principaes que o movêram, foram herdar eſta obrigação com a herança do Reyno, e o Infante Dom Fernando ſeu Pai ter trabalhado neſte deſcubrimento, quando per ſeu mandado ſe deſcubríram as Ilhas do Cabo Verde; e mais por a ſingular affeição que tinha á memoria das couſas do Infante D. Henrique ſeu Tio, que fora o auctor do novo titulo do Senhorio de Guiné, que eſte Reyno houve, ſendo propriedade mui proveitoſa ſem cuſto de armas, e outras deſpezas, que tem muito menores eſtados do que elle era. Dando por razão final áquelles, que punham os inconvenien-

tes

tes a ſe a India deſcubrir : que Deos, em cujas mãos elle punha eſte caſo , daria os meios que convinham a bem do eſtado do Reyno. Finalmente ElRey aſſentou de proſeguir neſte deſcubrimento , e depois eſtando em Eſtremoz, declarou a Vaſco da Gama Fidalgo de ſua Caſa por Capitão mór das vélas, que havia de mandar a elle ; aſſi pola confiança que tinha de ſua peſſoa, como por ter aução neſta ida, cá, ſegundo ſe dizia, Eſtevão da Gama ſeu pai já defunto eſtava ordenado pera fazer eſta viagem em vida delRey D. João. O qual, depois que Bartholomeu Dias veio do deſcubrimento do Cabo de Boa Eſperança, tinha mandado cortar a madeira pera os navios deſta viagem , por a qual razão ElRey D. Manuel mandou ao meſmo Bartholomeu Dias que tiveſſe cuidado de os mandar acabar, ſegundo elle ſabia que convinham, pera ſoffrer a furia dos mares daquelle grão Cabo de Boa Eſperança, que na opinião dos mareantes começava crear outra fabula de perigos , como antigamente fora a do Cabo Bojador, de que no principio fallámos. E aſſi polo trabalho que Bartholomeu Dias levou no apercebimento deſtes navios , como pera ir acompanhando Vaſco da Gama té o pôr na paragem que lhe era neceſſaria a ſua derrota ; ElRey lhe deo a capitanía

de

de hum dos navios, que ordinariamente hiam á Cidade de S. Jorge da Mina. E ſendo já no anno de quatrocentos noventa e ſete, em que a frota pera eſta viagem eſtava de todo preſtes, mandou ElRey, eſtando em Monte mór o novo, chamar Vaſco da Gama, e aos outros Capitães, que haviam de ir em ſua companhia, os quaes eram Paulo da Gama ſeu irmão, e Nicoláo Coelho, ambos peſſoas de quem ElRey confiava eſte cargo. E poſto que per algumas vezes lhe tiveſſe dito ſua tenção ácerca deſta viagem, e diſſo lhe tinha mandado fazer ſua inſtrucção, pola novidade da empreza que levava, quiz uſar com elle da ſolemnidade que convem a taes caſos, fazendo eſta falla pública a elle, e aos outros Capitães, per ante algumas peſſoas notaveis que eram preſentes, e pera iſſo chamadas. *Depois que aprouve a Noſſo Senhor, que eu recebeſſe o ſceptro deſta real herança de Portugal, mediante a ſua graça, aſſi por haver a benção de meus avós, de quem a eu herdei, os quaes com glorioſos feitos, e victorias, que houveram de ſeus imigos, a tem accreſcentado per ajuda de tão leaes vaſſallos, e cavalleiros, como foram aquelles, donde vós vindes, como por cauſa de agalardoar a natural lealdade, e amor, com que todos me ſervís: a mais prin-*

principal cousa que trago na memoria, depois do cuidado de vos reger, e governar em paz, e justiça, he como poderei accrescentar o patrimonio deste meu Reyno, pera que mais liberalmente possa distribuir per cada hum o galardão de seus serviços. E considerando eu per muitas vezes qual sería a mais proveitosa, e honrada empreza, e digna de maior gloria, que podia tomar pera conseguir esta minha tenção, pois, louvado Deos, destas partes da Europa em as de Africa a poder de ferro temos lançados os Mouros, e lá tomando os principaes lugares dos portos do Reyno de Fés, que he da nossa conquista, achei que nenhuma outra he mais conveniente a este meu Reyno, (como algumas vezes comvosco tenho consultado,) que o descubrimento da India, e d'aquellas terras Orientaes. Em as quaes partes, peró que sejam mui remotas da Igreja Romana, espero na piedade de Deos que não sómente a Fé de Nosso Senhor Jesus Christo seu Filho seja per nossa administração publicada, e recebida, com que ganharemos galardão ante elle, fama, e louvos ácerca dos homens; mas ainda Reynos, e novos estados com muitas riquezas vendicadas per armas das mãos dos barbaros, dos quaes meus avós com ajuda, e serviço dos vossos, e vosso tem conquistado este

meu

meu Reyno de Portugal, e accrescentado á Coroa delle. Porque se da costa da Ethiopia, que quasi de caminho he descuberta, este meu Reyno tem adquirido novos titulos, novos proveitos, e rendas, que se póde esperar, indo mais adiante com este descubrimento, senão pudermos conseguir aquellas orientaes riquezas tão celebradas dos antigos Escritores, parte das quaes per commercio tem feito tamanhas potencias, como são Veneza, Génova, Florença, e outras mui grandes communidades de Italia. Assi que consideradas todas estas cousas, de que temos experiencia; e tambem como era ingratidão a Deos engeitar o que nos tão favoravelmente offerece, e injúria áquelles Principes de louvada memoria, de quem eu herdei este descubrimento, e offensa a vósoutros que nisso fostes, descuidar-me eu delle per muito tempo, mandei armar quatro vélas, que como sabeis, em Lisboa estam de todo prestes pera seguir esta viagem de Boa Esperança. E tendo eu na memoria como Vasco da Gama, que está presente em todalas cousas, que lhe de meu serviço foram entregues, e encommendadas, deo boa conta de si, eu o tenho escolhido pera esta ida, como leal vassallo, e esforçado cavalleiro, merecedor de tão honrada empreza. A qual espero que lhe Nosso Se-

nhor leixará acabar, e nella a elle, e a mim faça taes ſerviços, com que o ſeu galardão fique por memoria nelle, e naquelles, que o ajudàrem nos trabalhos deſta viagem; porque com eſta confiança, pela experiencia que tenho de todos, eu os eſcolhi por ſeus adjudadores pera em tudo o que tocar a meu ſerviço lhe obedecerem. E eu Vaſco da Gama vo-los encommendo, e a elles a vós, e juntamente a todos a paz, e concordia, a qual he tão poderoſa, que vence, e paſſa todolos perigos, e trabalhos, e os maiores da vida faz leves de ſoffrer, quanto mais os deſte caminho, que eſpero em Deos ſerem menores que os paſſados, e que per vós eſte meu Reyno conſiga o fructo delles. Acabando ElRey de propôr eſtas palavras, Vaſco da Gama, e todalas notaveis peſſoas lhe beijáram a mão; aſſi pola mercê que fazia a elle, como ao Reyno, em mandar a eſte deſcubrimento continuado per tantos annos, que já era feito herança delle. Tornada a caſa ao ſilencio que tinha ante deſte acto de gratificação, aſſentou-ſe Vaſco da Gama em giolhos ante ElRey, e foi trazida huma bandeira de ſeda com huma Cruz no meio das da Ordem da Cavalleria de Chriſto, de que ElRey era Governador, e perpétuo Adminiſtrador, a qual eſtendendo o Eſcrivão da Puridade entre os bra-

braços em modo de omenagem, diſſe Vaſco da Gama em alta voz eſtas palavras: *Eu Vaſco da Gama, que ora per mandado de vós mui Alto, e mui Poderoſo Rey meu Senhor vou deſcubrir os mares, e terras do Oriente da India, juro em o ſinal deſta Cruz, em que ponho as mãos, que por ſerviço de Deos, e voſſo, eu a ponha eſteada, e não dobrada, ante a viſta de Mouros, Gentios, e de todo genero de povo aonde eu for: e que per todolos perigos de agua, fogo, e ferro ſempre a guarde, e defenda até morte. E aſſi juro, que na execução, e obra deſte deſcubrimento, que vós meu Rey, e Senhor me mandais fazer, com toda fé, lealdade, vigia, e diligencia eu vos ſirva, guardando, e cumprindo voſſos regimentos, que pera iſſo me forem dados, até tornar onde ora eſtou ante a preſença de voſſa Real Alteza, mediante a graça de Deos, em cujo ſerviço me enviais.* Feita eſta menagem, foi-lhe entregue a meſma bandeira, e hum regimento, em que ſe continha o que havia de fazer na viagem, e algumas cartas pera os Principes, e Reys, a que propriamente era enviado; aſſi como ao Preſte João das Indias, tão nomeado neſte Reyno, e a ElRey de Calecut, com as mais informações, e aviſos, que ElRey D. João tinha havido daquellas partes, ſe-

gundo já dissemos: recebidas as quaes coussas, ElRey o espedio, e elle se veio a Lisboa com os outros Capitães.

CAPITULO II.

Como Vasco da Gama partio de Lisboa: e do que passou té chegar ao Padrão, que Bartholomeu Dias poz além do Cabo de Boa Esperança.

CHegado Vasco da Gama com os outros Capitães a Lisboa na entrada de Julho do anno de mil quatrocentos noventa e sete: tanto que os navios foram prestes, recolheo sua gente pera se partir, sem guardar a eleição dos mezes, de que ora usamos pera ir tomar os ventos geraes, que cursam naquellas partes; porque naquelle tempo tão escura era a noticia da terra que hia buscar, como os ventos que serviam pera boa navegação. Mas parece que como a manifestação deste novo Mundo, tantas centenas de annos encuberto, Deos a poz neste termo, quando ElRey D. Manuel houvesse a herança deste Reyno; assi permittio que sem a ordem dos mezes naturaes desta navegação fosse a partida de Vasco da Gama; porque entendamos que as cousas, que procedem do seu querer, elle que as ordena pera algum fim que nós não alcançamos, dá

dá os meios pera ſe virem effectuar no tempo pera que as elle guarda. E como Vaſco da Gama pera poder partir não eſperava mais que navios preſtes, e hum pouco de Norte, que naquelles mezes do verão he geral neſta coſta de Heſpanha; póſtos os navios em raſtello, lugar de ancoragem antiga, hum dia ante da ſua partida foi ter vigilia com os outros Capitães á Caſa de Noſſa Senhora da invocação de Bethelem, ſituada neſte lugar de raſtello, a qual naquelle tempo era huma Ermida, que o Infante D. Henrique mandou fundar, onde eſtavam alguns Freires do Convento de Thomar pera adminiſtrarem os Sacramentos aos mareantes. Ao ſeguinte dia, que era ſabbado oito de Julho, por ſer dedicado a Noſſa Senhora, e a Caſa de muita romagem; aſſi por eſta devoção, como por ſe irem eſpedir dos que hiam na Armada, concorreo grande numero de gente a ella. E quando foi ao embarcar de Vaſco da Gama, os Freires da caſa com alguns Sacerdotes, que da Cidade lá eram idos dizer Miſſa, ordenáram huma devota procisſão, com que o leváram ante ſi neſta ordem: elle, e os ſeus com cirios nas mãos, e toda a gente da Cidade ficava detrás reſpondendo a huma Ladainha, que os Sacerdotes diante hiam cantando, té os pôrem junto dos bateis, em

que

que ſe haviam de recolher. Onde feito ſilencio , e todos de giolhos , o Vigairo da Caſa fez em voz alta huma confiſsão geral , e no fim della os abſolveo na fórma das Bullas , que o Infante D. Henrique tinha havido pera aquelles , que neſte deſcubrimento , e conquiſta faleceſſem , (como atrás diſſemos.) No qual acto foi tanta a lagrima de todos , que neſte dia tomou aquella praia poſſe das muitas , que nella ſe derramam na partida das Armadas , que cada anno vam a eſtas partes , que Vaſco da Gama hia deſcubrir : donde com razão lhe podemos chamar praia de lagrimas pera os que vam , e terra de prazer aos que vem. E quando veio ao desfraldar das vélas , que os mareantes ſegundo ſeu uſo deram aquelle alegre principio de caminho , dizendo boa viagem , todolos que eſtavam promptos na viſta delles com huma piedoſa humanidade dobráram eſtas lagrimas , e começáram de os encommendar a Deos , e lançar juizos , ſegundo o que cada hum ſentia daquella partida. Os navegantes , dado que com o fervor da obra , e alvoroço daquella empreza embarcáram contentes , tambem paſſado o termo do desferir das vélas , vendo ficar em terra ſeus parentes , e amigos , e lembrando-lhes que ſua viagem eſtava poſta em eſperança , e não em tempo certo ,

nem

nem lugar ſabido, aſſi os acompanhàram em lagrimas, como em o penſamento das couſas, que em tão novos caſos ſe repreſentam na memoria dos homens. Aſſi que huns olhando pera a terra, e outros pera o mar, e juntamente todos occupados em lagrimas, e penſamento daquella incerta viagem, tanto eſtiveram promptos niſſo, té que os navios ſe alongáram do porto. Seria a companha deſta bem fortunada viagem, entre mareantes, e homens d'armas, até cento e ſetenta peſſoas; e os tres navios pouco mais, ou menos de cento até cento e vinte toneis cada hum. Do primeiro chamado S. Gabriel, em que hia Vaſco da Gama, erá Piloto Pero d'Alanquer, que fora no deſcubrimento do Cabo de Boa Eſperança; e Eſcrivão Diogo Dias irmão de Bartholomeu Dias. Do ſegundo per nome S. Rafael, Capitão Paulo da Gama, era Piloto João de Coimbra, e Eſcrivão João de Sá. Do terceiro, a que chamavam Berrio, Capitão Nicoláo Coelho, era Piloto Pero Eſcolar, e Eſcrivão Alvaro de Braga. E da náo era Capitão hum Gonçalo Nunes criado delle Vaſco da Gama, a qual hia ſómente amarinhada, pera depois que os mantimentos dos navios ſe foſſem gaſtando, tomarem os que ella levava ſobreſelentes, e a gente ſe paſſar a elles. Partidas eſtas quatro vélas, e

Bar-

Bartholomeu Dias em ſua companhia em o navio pera a Mina, como eſtava aſſentado, com bom tempo que tiveram em treze dias foram ter á Ilha de Sant-Iago, que he a principal das do Cabo Verde, onde tomáram algum refreſco. Depois da partida da qual Ilha, Bartholomeu Dias os acompanhou té ſe pôr no caminho da derrota pera a Mina, Vaſco da Gama na ſua. E a primeira terra que tomou, antes de chegar ao Cabo de Boa Eſperança, foi a baia, a que ora chamam de Sancta Helena, havendo ſinco mezes que era partido de Lisboa, onde ſahio em terra por fazer aguada, e aſſi tomar a altura do Sol; porque como do uſo do aſtrolabio pera aquelle miſter da navegação havia pouco tempo que os mareantes deſte Reyno ſe aproveitavam, e os navios eram pequenos, não confiava muito de a tomar dentro nelles por cauſa do ſeu arfar. Principalmente com hum aſtrolabio de páo de tres palmos de diametro, o qual armavam em tres páos á maneira de cabrea por melhor ſegurar a linha Solar, e mais verificada, e diſtinctamente poderem ſaber a verdadeira altura daquelle lugar; poſto que levaſſem outros de latão mais pequenos, tão ruſticamente começou eſta arte, que tanto fructo tem dado ao navegar. E porque em eſte Reyno de Portugal ſe achou o pri-

o primeiro uſo delle em a navegação, (peró que em a noſſa Geografia largamente tratamos deſta materia em os primeiros Livros della,) não ſerá eſtranho deſte lugar dizermos quando, e per quem foi achado, pois não he de menos louvor eſte ſeu trabalho, que o d'outros novos inventores, que acháram couſas proveitoſas pera uſo dos homens. No tempo que o Infante Dom Henrique começou o deſcubrimento de Guiné, toda a navegação dos mareantes era ao longo da coſta, levando-a ſempre por rumo, da qual tinham ſuas noticias per ſinaes de que faziam roteiros, como ainda ao preſente uſam em alguma maneira, e pera aquelle modo de deſcubrir iſto baſtava. Peró depois que elles quizeram navegar o deſcuberto, perdendo a viſta da coſta, e engolfando-ſe no pégo do mar, conhecêram quantos enganos recebiam na eſtimativa, e juizo das ſangraduras, que ſegundo ſeu modo em vinte e quatro horas davam de caminho ao navio, aſſi por razão das correntes, como d'outros ſegredos, que o mar tem, da qual verdade de caminho a altura he mui certo moſtrador. Peró como a neceſſidade he meſtra de todalas artes, em tempo delRey D. João o Segundo foi per elle encommendado eſte negocio a Meſtre Rodrigo, e a Meſtre Joſepe Judeo, ambos
ſeus

ſeus Medicos, e a hum Martim de Boemia natural daquellas partes, o qual ſe gloreava ſer diſcipulo de Joanne de Monte Regio, affamado Aſtronomo entre os Profeſſores deſta ſciencia, os quaes achάram eſta maneira de navegar per altura do Sol, de que fizeram ſuas taboadas pera declinação delle, como ſe ora uſa entre os navegantes, já mais apuradamente do que começou, em que ſerviam eſtes grandes aſtrolabios de páo. Pois eſtando Vaſco da Gama com os Pilotos prompto no tomar altura do Sol per eſte modo, deram-lhe aviſo que detrás de hum tezo víram andar dous Negros baixos á maneira de quem apanhava algumas hervas; e como iſto era o principal que elle deſejava, achar quem lhe déſſe alguma razão da terra, com muito prazer manſamente mandou rodear os Negros per huma encuberta pera ſerem tomados; os quaes como andavam curvos, e promptos em apanhar mel aos pés das moutas com hum tição de fogo na mão, nunca ſentíram a gente que os rodeava, ſenão quando remettêram a elles, dos quaes tomáram hum. Vaſco da Gama, porque não tinha lingua que o entendeſſe, e elle de aſſombrado daquella novidade não acudia aos acenos, que a natureza fez communs a todolos homens, mandou vir dous grumetes,

tes, hum dos quaes era Negro, que ſe aſſentáram junto delle a comer, e beber, apartando-ſe delles por o deſaſſombrar. O qual modo aproveitou muito, porque os grumetes o provocáram a comer; com que quando Vaſco da Gama tornou a elle já eſtava deſaſſombrado, e per acenos moſtrou humas ſerras, que ſeriam dalli duas leguas, dando a entender que ao pé dellas eſtava a povoação da ſua gente. Vaſco da Gama, porque não podia enviar melhor deſcubridor pera appellidar os outros, com alguns brincos de caſcaveis, e contas de cryſtallino, e hum barrete, mandou que o ſoltaſſem, acenando-lhe que foſſe, e tornaſſe com ſeus companheiros pera lhe darem outro tanto. O que elle fez logo, trazendo aquella tarde dez, ou doze, que vinham buſcar o que elle levou, que tambem lhe foi dado; e de quantas moſtras de ouro, prata, eſpeciaria lhe apreſentáram de nenhuma deram noticia. Quando veio a outro dia, já com eſtes vieram mais de quarenta, tão familiares, que pedio hum homem d'armas chamado Fernão Veloſo a Vaſco da Gama, que o leixaſſe ir com elles ver a povoação, que tinham, pera trazer alguma mais noticia da terra do que elles davam, o que lhe Vaſco da Gama concedeo quaſi a rogo de Paulo da Gama ſeu irmão.

CA-

CAPITULO III.

Como Vasco da Gama foi ferido em huma revolta, que os Negros da baia de Sancta Helena fizeram: e seguindo sua viagem, descubrio alguns rios notaveis té chegar a Moçambique.

PArtido Fernão Veloso com os Negros, e Vasco da Gama recolhido ao seu navio, ficou Nicoláo Coelho em terra a dar guarda á gente, em quanto apanhava lenha, e outros mariscavam lagostas por haver alli muitas. Paulo da Gama, por não estar ocioso, vendo que entre os navios andavam muitos baleatos trás o cardume do pexe miudo, ajuntou dous bateis pera andar com fisga, e arpões a elles, o qual passatempo lhe houvera de custar a vida. Porque foram os marinheiros do batel, em que elle andava, amarrar duas arpoeiras das fisgas, com que tiravam, nas tostes do batel, que estavam atochadas; e acertando de ferir hum baleato, assi barafustou com a furia da dor, que houvera de trebucar o batel, se a arpoeira não fora comprida, e o mar de pouco fundo, que causou dar o baleato em secco, sem mais poder nadar, o qual lhe servio de refresco. E sendo já sobre a tarde, querendo-se todos recolher aos na-

navios, víram vir Fernão Veloſo per hum Tezo abaixo mui apreſſado. Vaſco da Gama como tinha os olhos em ſua tornada, quando o vio com aquella preſſa, mandou bradar ao batel de Nicoláo Coelho, que vinha da terra, que tornaſſem a elle ao recolher. Os marinheiros do batel, porque Fernão Veloſo nunca leixava de fallar em valentias, quando o víram ſobre a praia deſcer com paſſos a meio chouto, á cinte detiveram-ſe em o recolher. A qual detença deo ſuſpeita aos Negros, que eſtavam em cilada eſperando a ſahida delles em terra, que o meſmo Fernão Veloſo fizera algum ſinal que não ſahiſſem. E em querendo entrar ao batel, remettêram dous Negros a elle polo entreter, da qual ouſadia ſahíram com os fucinhos lavados em ſangue, a que acudíram os outros; e foi tanta a pedrada, e fréchada ſobre o batel, que quando Vaſco da Gama chegou polos apaziguar, foi fréchado per huma perna, e Gonçalo Alvares Meſtre do navio S. Gabriel, e dous marinheiros leváram cada hum ſua. Vendo Vaſco da Gama que com elles não havia meio de paz, mandou remar pera os navios; e porém á eſpedida alguns béſteiros dos noſſos empregáram nelles ſeu almazem por não ficarem ſem caſtigo; e dahi a dous dias com tempo feito mandou Vaſ-

Vaſco da Gama dar á véla, ſem levar alguma informação da terra, como deſejava. Porque Fernão Veloſo não vio couſa que contar, ſenão o perigo que elle dizia paſſar entre aquelles Negros; os quaes tanto que ſe apartáram da praia, o fizeram tornár, quaſi como que o queriam ter nella por anagaça pera quando o foſſem recolher commetterem alguma maldade, da maneira que moſtráram. Seguindo Vaſco da Gama ſeu caminho na volta do mar, por ſe deſabrigar da terra, quando veio ao terceiro dia, que eram vinte de Novembro, paſſou aquelle grão Cabo de Boa Eſperança com menos tormenta, e perigo do que os marinheiros eſperavam, pela opinião que entre elles andava, donde lhe chamavam o Cabo das tormentas; e dia de Sancta Catharina chegáram onde ſe ora chama aguada de S. Braz, que he além delle ſeſſenta leguas. E poſto que alli acháram Negros de cabello revolto, como os paſſados, eſtes ſem receio chegáram aos bateis a receber qualquer couſa que lhe lançavam na praia, e per acenos começáram logo de ſe entender com os noſſos; de maneira, que houve entre elles commutação de darem carneiros a troco de couſas que lhe os noſſos davam. Porém de quanto gado vacum traziam, nunca pudéram haver delles huma

ſó

ſó cabeça, parece que o eſtimavam; porque alguns bois mochos, que os noſſos víram andavam gordos, e limpos, e vinham as mulheres ſobre elles com humas albardas da tabua. E em tres dias que Vaſco da Gama ſe deteve aqui, tiveram os noſſos muito prazer com elles, por ſer gente prazenteira dada a tanger, e bailar, entre os quaes havia alguns, que tangiam com huma maneira de frautas paſtoris, que em ſeu modo pareciam bem. Do qual lugar Vaſco da Gama ſe mudou pera outro porto perto daquelle, porque entre os Negros, e os noſſos começou haver alguma períia ſobre reſgate de gado, indo elles ſempre á viſta dos navios ao longo da praia té ancorarem. E porque quando chegáram hia já grande numero delles, mais em modo de guerra que de paz, mandou-lhes tirar com alguns berços, ſómente por os aſſombrar, ſem lhe fazer damno, e foi tomar outro pouſo dahi duas leguas, onde recolheo todolos mantimentos que levava em a náo, e ella ficou queimada. Partido deſte lugar dia de Noſſa Senhora da Conceição, quando veio ao quarto, que era veſpera de Sancta Luzia, ſaltou com elle tão grande temporal, que per outros tantos dias o fez correr arvore ſecca. E como eſta era a primeira tormenta, em que os mareantes ſe tinham viſto em

ma-

mares, e climas não ſabidos, andavam tão fóra de ſi, que não havia mais acordo entre elles que clamar por Deos, curando mais na penitencia de ſeus peccados, que na mareagem das vélas, porque tudo era ſombra da morte. Mas aprouve a piedade de Deos, que neſtes caſos conſola com bonança, que os tirou de tanta tribulação, e os levou aonde ora chamam os Ilheos chãos, ſinco leguas avante do da Cruz, onde Bartholomeu Dias poz o ſeu derradeiro Padrão, paſſando per elle, polo tempo lhe não dar lugar, té irem tomar os outros Ilheos. Na qual paragem por cauſa das grandes correntes andáram ora ganhando, ora perdendo caminho, té que dia de Natal paſſáram pela coſta do Natal, a que elles deram eſte nome; e dia dos Reys entráram no rio delles, e alguns lhe chamam do cobre por o reſgate delle em manilhas, e aſſi marfim, e mantimentos, que os Negros da terra com elle reſgatáram, tendo com os noſſos tanta communicação, por Vaſco da Gama os ſatisfez com dadivas, que foi hum Martim Afonſo marinheiro á aldea delles per licença do Capitão; o qual veio mais contente do gazalhado que lhe fizeram, do que Fernão Veloſo veio dos outros; porque não ſómente o ſenhor da aldea o recebeo com grande feſta, mas ainda quan-

do

do tornou ao navio polo honrar mandou com elle mais de duzentos homens. Depois este mesmo Senhor com outros mui acompanhados vieram ver os navios, e em seu tratamento mostravam habitar em terra fria, por virem alguns vestidos de pelles, e que tinham communicação com gente de boa razão; e por causa da muita familiaridade, que os nossos tiveram com elles em sinco dias, que Vasco da Gama se deteve neste lugar, lhe poz nome Aguada da boa paz. E daqui por diante começou de se affastar algum tanto da terra, com que de noite passou o Cabo, a que ora chamamos das correntes; porque começa a costa encurvarse tanto pera dentro passado elle, que sentindo Vasco da Gama que as aguas o apanhavam pera dentro, temeo ser alguma enseada penetrante, donde não pudesse sahir. O qual temor lhe fez dar tanto resguardo por fugir a terra, que passou sem haver vista da povoação de Çofala, tão celebrada naquellas partes por causa do muito ouro que os Mouros alli hão dos Negros da terra per via do commercio, segundo elle adiante soube; e foi entrar em hum rio mui grande abaixo della sincoenta leguas, vendo entrar per elle huns barcos com vélas de palma. A entrada do qual rio, depois que víram o Gentio que habitava á borda delle,

deo grande animo a toda a gente, pera quão quebrado o levava, tendo tanto navegado ſem achar mais que Negros barbaros, como os de Guiné, vizinhos de Portugal. E a gente deſte rio peró que tambem foſſe da côr, e cabello como elles eram, havia entre elles homens fulos, que pareciam meſtiços de Negros, e Mouros, e alguns entendiam palavras do Aravigo, que lhe fallava hum marinheiro per nome Fernão Martins, mas a outra lingua propria nenhum dos noſſos a entendia; donde Vaſco da Gama ſuſpeitava, que eſtes Negros aſſi na côr, como nas palavras do Arabio podiam ter communicação com os Mouros, da maneira que os Negros de Jalof tem com os Azenégues. E os mais delles traziam derredor de ſi huns pannos d'algodão tintos de azul, e os outros toucas, e pannos de ſeda, té carapuças de chamalote de cores. Com os quaes ſinaes, e outros que elles deram, dizendo, que contra o naſcimento do Sol havia gente branca, que navegavam em náos, como aquellas ſuas, as quaes elles viam paſſar pera baixo, e pera cima d'aquella coſta, poz Vaſco da Gama nome a eſte rio dos Bons ſinaes. Finalmente com eſtas novas, e ſegurança da gente na communicação que tinham com os noſſos per modo de commercio de mantimentos da

ter-

terra, quiz elle dar pendor aos navios por virem já mui çujos, no qual tempo com ajuda dos da terra poz hum Padrão per nome S. Rafael, dos que levava lavrados pera efte defcubrimento, da maneira dos outros, que ficáram poftos do tempo delRey D. João. E peró que nefte rio dos Bons finaes foi o maior final que té li tinham vifto, e que lhe deo grande efperança do que hiam defcubrir, por efte prazer não ir puro fem algum defconto de trabalhos, per efpaço de hum mez que alli eftiveram no corregimento dos navios, adoeceo muita gente, de que morreo alguma. A maior parte foi de herifipolas, e de lhes crefcer tanto a carne das gengivas, que quafi não cabia na boca aos homens, e affi como crefcia apodrecia, e cortavam nella como em carne morta; coufa mui piedofa de ver, a qual doença vieram depois conhecer que procedia das carnes, pefcado falgado, e bifcouto corrompido de tanto tempo. Tiveram mais fobre efte trabalho té fahirem defte rio dos Bons finaes dous grandes perigos: hum foi, que eftando Vafco da Gama a bordo do navio de feu irmão Paulo da Gama em huma bateira pequena, fómente com dous marinheiros que a remavam, e tendo as mãos pegadas nas cadeias da enxarcea, em quanto fallava com elle, defcia

 agua

agua tão teza, que lhe furtou a bateira per baixo, e elle, e os marinheiros não tiveram mais salvação que ficarem dependurados nas cadeias, té que lhes acudíram. O outro perigo aconteceo a este mesmo navio o dia de sua partida, que foi a vinte e quatro de Fevereiro: sahindo pela barra do rio, foi dar em secco em hum banco d'arêa, onde esteve em termo de ficar pera sempre; mas vindo a maré sahio do perigo, com que fez seu caminho sempre á vista da costa, té que dahi a sinco dias chegou a huma povoação chamada Moçambique, e foi pousar em huns ilheos apartados della pouco mais de legua ao mar. Surto nestes ilheos, os quaes ora se chamam de S. Jorge por causa de hum Padrão deste nome, que Vasco da Gama nelles poz, víram vir tres, ou quatro barcos, a que os da terra chamam zambucos, com suas vélas de palma, e a remo. A gente dos quaes vinha tangendo, e cantando, a mais della bem tratada, e entre elles homens brancos com toucas na cabeça, e vestido d'algodão a modo dos Mouros de Africa, que foi pera os nossos muito grande prazer. Chegados estes barcos ao navio de Vasco da Gama, levantou-se hum daquelles homens bem vestidos, e começou per Aravigo perguntar que gente era, e o que buscavam? Ao que Vasco da Ga-

Gama mandou reſponder per Fernão Martins lingua, que eram Portuguezes vaſſallos delRey de Portugal; e quanto ao que buſcavam, depois que ſoubeſſem cuja aquella povoação era, então reſponderiam a iſſo. O Mouro que fallava, (ſegundo ſe depois ſoube,) era natural do Reyno de Féz; e vendo que o trajo dos noſſos não era de Turcos, como elles cuidavam, creo que diziam verdade; e como homem ſagaz, ſimulando contentamento de ſua vinda, reſpondeo que aquella povoação ſe chamava Moçambique, da qual era Xeque hum Senhor chamado Çacoeja: cujo coſtume era, tanto que alli chegavam navios eſtrangeiros, mandar ſaber delles o que queriam; e ſe foſſem mercadores, tratariam na terra; e ſendo navegantes, que paſſavam pera outra parte, provellos do que houveſſe nella. Vaſco da Gama a eſtas palavras reſpondeo, que ſua vinda áquelle porto era paſſagem pera a India fazer alguns negocios, a que ElRey ſeu Senhor o enviava, principalmente com ElRey de Calecut; e por quanto elle não tinha feito aquelle caminho, lhe pedia, que diſſeſſe ao Xeque, que lhe mandaſſe dar algum Piloto daquellas partes, que elle o pagaria mui bem. E quanto ao negocio do tratar, elle não trazia mercadorias pera iſſo, ſómente algumas pera a tro-

troco dellas haver o que houveſſe miſter, e tudo o mais eram couſas pera dar aos Reys, e Senhores, de que recebeſſe bom gazalhado; e porque elle eſperava de o achar alli, ſegundo trazia por noticia, apreſentaſſe ao Xeque alguma fruita, que lhe queria mandar pera ſaber o que havia na terra, donde elle vinha. O Mouro como homem eſperto reſpondeo attentamente, dizendo, que todas aquellas couſas elle as diria a ſeu Senhor; e que ſe alguma queria mandar, elle lha preſentaria da ſua parte; e quanto ao Piloto que deſcançaſſe, porque alli havia muitos, que ſabiam a navegação da India. Vaſco da Gama com eſta facilidade que o Mouro moſtrou, e nova que deo, mandou logo tirar algumas conſervas da Ilha da Madeira pera o Xeque, e a elle deo hum capelhar de grã, e outras couſas deſta ſorte, com que ſe partio contente.

CAPITULO IV.

Como depois que Vaſco da Gama aſſentou paz com o Xeque de Moçambique, e elle lhe prometter Piloto pera o levar á India, ſe rompeo a paz: e do que ſobre iſſo ſuccedeo.

PArtido o Mouro mui alegre das peças que levava, mais que por ver os noſſos naquellas partes, começáram elles feſtejar a nova que deo, dando louvores a Deos, pois já tinha viſto gente que lhe fallava na India, e ſobre iſſo promettia Piloto pera os levar a ella. Vaſco da Gama peró que ſem comparação alguma dava eſtes louvores a Deos, e moſtrava maior prazer, aſſi polo haver nelle, como por animar a companha dos trabalhos que tinham paſſado, todavia como quem eſguardava as couſas com mais attenção, não ficou mui ſatisfeito dos modos, e cautelas, que ſentio no Mouro, fallando com elle, porque entendeo não ficar tão contente como moſtrou, quando ſoube que eram Portuguezes. E ſem ſaber que era do Reyno de Féz, eſcola militar delles, do ferro dos quaes podia elle, ou couſa ſua andar aſſinado; attribuio que a triſteza que lhe vio ſería por ſaber que eram Chriſtãos; e por não deſconſolar a

gen-

gente em tanto prazer como tinha, não quiz communicar isto que entendeo nelle com pessoa alguma. O Mouro tambem porque na diligencia de sua tornada mostrasse que lhe tinha boa vontade, veio logo, dizendo quão contente o Xeque estava com as novas que lhe deo de quem eram, e quanto estimára seu presente, trazendo em retorno algum refresco da terra. E assi lhe disse da parte do Xeque taes palavras sobre a estancia, que tinha mui longe da povoação pera se communicarem de mais perto, que moveo Vasco da Gama a entrar dentro no porto. E posto que nisso houve resguardo dos Pilotos do lugar, quando foi a entrada, levando diante o navio de Nicoláo Coelho, por ser mais pequeno, e elle a sonda na mão, deo em parte que lhe lançou o leme fóra, e com tudo salvo o banco surgíram diante da povoação hum pouco affastados della, a qual estava assentada em hum pedaço de terra torneado d'agua salgada com que fica em Ilha, tudo terra baixa, e alagadiça, donde se causa ser ella mui doentia, cujas casas eram palhaças, sómente huma mesquita, e as do Xeque, que eram de taipa com eirados per cima. Os povoadores da qual eram Mouros vindos de fóra, os quaes fizeram aquella povoação como escala da Cidade Quiloa, que estava dian-

diante, e da Mina Çofala que ficava atrás, porque a terra em si era de pouco trato, e os naturaes, que eram Negros de cabello revolto, como de Guiné, habitavam na terra firme. A qual povoação Moçambique daquelle dia tomou tanta posse de nós, que em nome he hoje a mais nomeada escala de todo o Mundo, e per frequentação a maior que tem os Portuguezes; e tanto, que poucas Cidades ha no Reyno que de sincoenta annos a esta parte enterrassem em si tanto defunto, como ella tem dos nossos. Cá, depois que nesta viagem a India foi descuberta té ora, poucos annos passáram que á ida, ou á vinda que não invernassem alli as nossas náos, e alguns invernou quasi toda huma Armada, onde ficou sepultada a maior parte da gente por causa da terra ser mui doentia; porque como o sitio della he hum cotovello á maneira de cabo, que está em altura de quatorze gráos e meio, do qual convem que as náos, que pera aquellas partes navegam hajam vista pera irem bem navegadas, quando os ventos lhes não servem pera passar adiante á ida, ou vinda, tomam aquelle remedio de invernar alli; e desta necessidade, e d'outras, (como adiante veremos na descripção de toda esta costa,) procedeo eleger-se pera escala de nossas náos hum lugar tão doentio,

tio , e barbaro , leixando na meſma coſta outros mais célebres , e nobres. Vaſco da Gama , depois que tomou o pouſo diante deſta povoação Moçambique , ao ſeguinte dia em companhia do Mouro do recado, que o veio viſitar, mandou o Eſcrivão do ſeu navio com algumas couſas ao Xeque; o qual preſente obrou tanto depois que o elle recebeo , que começáram logo de vir barcos aos navios a trazer mantimentos da terra , como gente que começava ter ſabor no retorno que haviam deſtas couſas. E per eſpaço de dez dias , em que ſe detiveram eſperando tempo, aſſentou Vaſco da Gama paz com o Xeque, e em ſinal della metteo na Ilha S. Jorge o Padrão deſte nome que diſſemos, e ao pé delle ſe poz hum Altar, onde ſe diſſe Miſſa, e tomáram todos o Sacramento , porque aqui fizeram o primeiro termo, e de maior eſperança do ſeu deſcubrimento , pera que convinha diſporem-ſe com as conſciencias em eſtado , que ſuas prezes foſſem acceptas a Deos, e mais por ſer tempo de Quareſma em que a Igreja obriga a iſſo. Neſte tempo , entre alguns Mouros , que vinham vender aos navios mantimentos , vieram tres Abexijs da terra do Preſte João; os quaes poſto que ſeguiſſem o error dos Mouros , como foram creados naquella maneira de Religião, e Fé de

Chri-

Chriſto, que ſeus padres tinham, ainda que não conforme a Igreja Romana; em vendo a Imagem do Anjo Gabriel pintada em o navio do ſeu nome, que era o de Vaſco da Gama, como couſa nota a elles por em ſua patria haver muitas Igrejas, que tem eſtas Imagens dos Anjos, e algumas do proprio nome, aſſentáram-ſe em giolhos, e fizeram ſua adoração. Quando o Capitão ſoube delles ſerem de nação Abexij, cujo Rey neſtas partes era celebrado por Preſte João das Indias, couſa a elle tão encommendada, começou de os inquerir per Fernão Martins lingua, os quaes poſto que entendiam o Arabigo, a muitas palavras não reſpondiam ao propoſito, como que differiam na lingua, e d'outras não davam razão, dizendo ſahirem de ſua terra de tão pequena idade, que não eram já lembrados. Os Mouros como entendêram que o Capitão folgava de fallar com elles, polo ſinal que lhe via da Chriſtandade, fizeram-ſe mui apreſſados pera ſe tornar a terra, e quaſi por força leváram os Abexijs, e aſſi os eſcondêram, que por muito que Vaſco da Gama trabalhou por tornar a fallar com elles, nunca mais os pode haver. Aſſi que por eſtes ſinaes, e outras cautelas que uſavam com elle, quiz ſaber ſe tinha certo os Pilotos que lhe promettêram, e mandou-os pedir

ao

ao Xeque; o qual como tinha aſſentado o que eſperava fazer, levemente lhe mandou dous Mouros, que ácerca da navegação a ſeu modo praticáram bem, dos quaes o Capitão ficou contente, e aſſentou com elles, que por premio de ſeu trabalho havia de dar a cada hum valia de trinta meticaes d'ouro, pezo da terra, que poderáõ ſer até quatorze mil reaes dos noſſos, e mais huma marlota de grã. As quaes couſas elles quizeram logo levar na mão, dizendo, que não podiam d'outra maneira partir, porquanto as haviam de leixar a ſuas mulheres pera ſua mantença. Vaſco da Gama peró que ſe não fiava delles polos ſinaes que já tinha viſto, levemente o fez, aſſentando, que quando hum foſſe em terra, ficaſſe outro em o navio, polo haver miſter pera a prática da navegação. Paſſados dous dias, que Vaſco da Gama tinha feito eſte concerto com elles, acertou mandar a manhã ſeguinte dous bateis buſcar lenha, e agua, que os Negros da terra ſoião a pôr na praia com premio que lhes davam; no recolher da qual de ſubito ſahíram a elles ſete zambucos cheios de gente armada a ſeu modo, e com huma grande grita começáram de os frechar, de que houveram ſeu retorno com béſtas, eſpingardas, que os noſſos levavam por reſguardo. Com o qual rompimento

de

de paz ficáram em tal eſtado , que nunca mais appareceo barco , e tudo ſe recolheo diante da viſta dos noſſos pera detrás da Ilha. Vaſco da Gama temendo que per algum modo lhe impediſſem ſeu caminho, havido conſelho com os Capitães , e Pilotos , hum Domingo onze de Março ſahio dante a povoação , e foi tomar o pouſo na Ilha de S. Jorge ; e depois que ouvio huma Miſſa , ſe fez á véla caminho da India , levando comſigo hum dos Pilotos , porque ao tempo do rompimento eſtava o outro em terra. E parece que os trabalhos , que alli haviam de paſſar , ainda não ſe acabavam com ſua partida ; porque como ella foi mais por evitar outro maior deſaſtre , que polo tempo ſer bom pera navegação , aos quatro dias de ſua partida achâram-ſe quatro , ou ſinco leguas áquem do Cabo de Moçambique , polas aguas correrem tão tezas a elle , que lhe abatêram todo aquelle caminho. E vendo Vaſco da Gama que lhe convinha eſperar vento de mais força pera romper eſta das correntes , a qual mudança ſería com a Lua nova , (ſegundo o Mouro Piloto lhe dizia,) foi ſurgir á Ilha de São Jorge, donde partíra, ſem querer ter communicação com os de Moçambique. Porém porque a agua ſe lhe hia gaſtando , e havia já ſeis, ou ſete dias que era chegado , per

con-

conſelho do Mouro Piloto, que prometteo levar de noite a gente a lugar onde fizeſſe aguada, mandou com elle dous bateis armados a iſſo. E ou que o Mouro queria dar muitas voltas pela terra per onde os levou, porque nellas tiveſſe algum modo de eſcapulir da mão de quem o levava, ou que verdadeiramente ſe embaraçou por ſer de noite, entre hum grande arvoredo de mangues, nunca pode dar com os poços que elle dizia, com que obrigou a Vaſco da Gama mandar de dia a iſſo dous bateis mui bem armados, que a pezar dos Negros que a vinham defender tomáram agua. E porque neſta ida fugio a nado o Mouro Piloto, e hum Negro Grumete, ao ſeguinte dia com mão armada foi demandar a povoação, onde os Mouros em hum grande eſcampado, que eſtava ante ella, e a praia, lhe deram moſtra de até dous mil homens, recolhendo-ſe logo detrás de hum repairo de madeira entulhado de terra, que fizeram naquelles dias. Vaſco da Gama vendo ſeu máo propoſito, mandou fazer ſinal de paz, como que queria eſtar á falla por ſaber o que tinha nelles; e acudindo a iſſo o Mouro dos recados, começou elle de ſe queixar do que lhe era feito, e da pouca verdade que lhe tratáram; tomando por conclusão, que não queria proceder no mais

que

que mereciam as taes obras; que lhe mandaſſe entregar hum Negro que lhe fugíra, e mais os Pilotos, que tinha pagos pera aquella navegação, e com iſto ficaria ſatisfeito. O Mouro ſem outra palavra diſſe, que elle tornaria logo com reſpoſta, a qual foi, que o Xeque eſtava muito mais eſcandalizado da ſua gente; porque querendo os ſeus folgar com ella em modo de feſta, ſegundo uſo da terra, ao tempo que hiam buſcar agua ſaltáram com elles, matando, e ferindo alguns, e mais mettêram-lhe hum zambuco no fundo com muita fazenda, das quaes couſas lhe havia de fazer emenda. E quanto aos Pilotos elle não ſabia parte delles por ſerem homens eſtrangeiros, que ſe lhe alguma couſa deviam, bem podia mandar a terra homens que os foſſem buſcar, que a elle baſtava-lhe tellos já enviados; e iſto em tempo, que lhe parecia ſer elle Capitão, e os ſeus gente ſegura, e que fallava verdade; mas ao preſente o que tinha entendido era ſerem homens vadios, que andavam roubando os portos do mar. No fim das quaes palavras ſem mais eſperar reſpoſta ſe recolheo pera o Xeque, donde ſahio huma grita, e trás ella começáram de chover ſettas, chegando-ſe aos bateis por fazerem melhor emprego, como quem ainda não tinha experimentado a furia da noſ-

noſſa artilheria. A qual dos primeiros tiros que lhe Vaſco da Gama mandou tirar aſſi os caſtigou, que per detrás da Ilha, onde tinham os zambucos, ſe paſſáram á terra firme. Na qual paſſagem rodeando hum dos noſſos bateis a Ilha pera lhe defender o paſſo, tomou hum zambuco carregado de fato; e de quanta gente hia nelle, sómente houveram á mão hum Mouro velho, e dous Negros da terra, porque toda a mais ſe ſalvou a nado. Deſamparado o lugar per eſta maneira, poſto que Vaſco da Gama lho pudera queimar, como ſua tenção era aſſombrallos pera haver os Pilotos, e Grumete que fugio, não quiz por aquella vez fazer mais damno, que ficarem ante os pés do Xeque quatro, ou ſinco homens mortos d'artilheria, que foi a cauſa de todos ſe pôrem em ſalvo. Tornado aos navios, fez logo per tormento perguntas ao Mouro, do qual ſoube a cauſa daquella fugida, e o trato da terra ouro de Çofala, eſpeçaria da India, e que d'alli a Calecut, ſegundo ouvíra dizer, ſería caminho de hum mez; e quanto aos poços pera fazerem aguada, aquelles dous Negros, que eram naturaes da terra, podiam mui bem encaminhar a gente que lá houveſſe de ir. Sabidas eſtas couſas, que foram pera Vaſco da Gama de grande contentamento, por ſerem as mais cer-
tas,

tas, que té então tinha ſabido, ante que o Xeque mandaſſe pôr guarda nos poços, mandou logo aquella noite os bateis apercebidos de todo o neceſſario, levando comſigo eſte Mouro pera fallar aos Negros, e elles pera encaminhar a gente ao lugar dos poços, onde chegáram com aſſás trabalho por ſer de noite, e per muitos alagadiços, de maneira, que quando tornáram era já alto dia.

CAPITULO V.

Como o Xeque veio em concerto com Vaſco da Gama, e lhe deo hum Piloto, que o levou té a Cidade Mombaça, donde fugio a tempo que os Mouros da meſma Cidade lhe tinham ordenado huma traição, de que eſcapou, e dahi foi ter a Melinde.

O Xeque temendo que ſe negaſſe o que lhe pediam, indignaria os noſſos a virem queimar a povoação, e navios, com que além da perda ficava elle entre os Negros da terra firme, que o podiam vir roubar, aconſelhado deſte temor, logo ao ſeguinte dia com algumas deſculpas mandou pedir a Vaſco da Gama paz, e concordia. E quanto aos Pilotos, que eſte fogo accendêram, hum delles era auſentado, e mettido pelo ſertão, temendo o caſtigo que por iſto lhe poderiam dar; e o outro eſtava já

caſtigado pera ſempre, por ſer morto com artilheria; que as marlotas, e o mais que houveram tudo fora tomado a ſuas mulheres, e alli o mandava; e em lugar delles outro Piloto, homem que o havia de ſervir melhor, por ſer mais exercitado naquelle caminho da India, e aſſi o Negro fugido. Vaſco da Gama vendo que o tempo não era pera muitas réplicas, e mais lhe convinha o Piloto que outra alguma emenda delles, com palavras conformes ao caſo acceptou o Piloto, e as marlotas com o mais mandou que ſe tornaſſem ao Xeque pera as dar a quem quizeſſe, e ſoltou o Mouro, e Negros da terra veſtidos a ſeu prazer. Acabando eſtas couſas, ao ſeguinte dia recolheo-ſe á Ilha de S. Jorge, onde ainda eſteve tres dias eſperando tempo té o primeiro de Abril que partio, levando comſigo mais verdadeiramente hum mortal imigo que Piloto. Porque aquelle que lhe foi dado, ou pelo odio que nos tinha, ou porque aſſi lho mandava o Xeque, deo com os navios entre humas Ilhas, affirmando-ſe que era huma ponta de terra firme. Por cauſa da qual mentira foi mui bem açoutado, donde ficou ás Ilhas nome *do açoutado*, que hoje tem entre os noſſos, que ſerão adiante de Moçambique ſeſſenta leguas. O Mouro como ſobre hum odio natural ſe

lhe

lhe accrefcentou eftoutro do caftigo, determinou metter os navios no porto da Cidade Quiloa, por fer povo groffo, que poderia por força d'armas desbaratar os noffos navios. Pera fazer a qual maldade mais a feu falvo, diffe a Vafco da Gama em modo de o querer comprazer, que adiante eftava huma Cidade per nome Quiloa, a qual era meia povoada de Chriftãos Abexijs, e d'outros da India, que fe mandaffe elle o levaria a ella. Mas aprouve a Deos, que pofto que Vafco da Gama lhe diffe que o levaffe a efta Cidade, não fuccedeo o negocio como o Mouro defejava, porque com as grandes correntes huma noite efcorreo o porto; e com tudo ainda os metteo em outro perigo, que foi dar com o navio S. Rafael em fecco em huns baixos, de que fahio com a maré, donde aquelle lugar fe chama os baixos de S. Rafael, não tanto por efta vez, quanto porque á vinda fe veio alli perder. Tornando a fua viagem aos fete dias de Abril, vefpera do Domingo de Ramos, chegáram ao porto de huma Cidade chamada Mombaça, em a qual o Mouro diffe, que havia Chriftãos Abexijs, e da India, por caufa de fer mui abaftada de todalas mercadorias. A fituação da qual Cidade eftava mettida per hum eftreito, que torneava a terra, faz endo dua

bocas, com que ficava em modo de Ilha tão encuberta aos noſſos, que não houveram viſta della ſenão quando amparáram com a garganta do porto. Deſcuberta a Cidade, como os ſeus edificios eram de pedra, e cal, com janellas, e eirados á maneira de Heſpanha, e ella ficava em huma chapa, que dava grão viſta ao mar, eſtava tão formoſa, que houveram os noſſos que entravam em algum porto deſte Reyno. E poſto que a viſta della enamoraſſe a todos, não conſentio Vaſco da Gama ao Piloto que metteſſe os navios dentro como elle quizera, por vir já ſuſpeitoſo contra elles, e ſurgio de fóra. Os da Cidade tanto que houveram viſta dos navios, mandáram logo a elles em hum barco quatro homens, que pareciam dos principaes, ſegundo vinham bem tratados: chegando a bordo, perguntáram, que gente era, e o que buſcavam? Ao que Vaſco da Gama mandou reſponder, dizendo quem eram, e o caminho que faziam, e a neceſſidade que tinham de alguns mantimentos. Os Mouros, depois que moſtráram em palavras o prazer que tinham, e teria ElRey de Mombaça de ſua chegada, e fazerem offertas de todo o neceſſario pera ſua viagem, eſpedíram-ſe delle, os quaes não tardáram muito com a reſpoſta, dizendo, que elles foram notificar

a El-

a ElRey quem eram, de que recebeo muito prazer com ſua vinda; e que quanto ás couſas, que haviam miſter, de boa vontade lhas mandaria dar, e aſſi carga de eſpeciaria pola muita que tinha. Porém conviinha pera eſtas couſas lhe ſerem dadas, entrarem dentro no porto, como era coſtume das náos, que alli chegavam por Ordenança da Cidade, quando alguma couſa queriam della; e os que o não faziam, eram havidos por gente ſuſpeitoſa, e de máo trato, como alguns que havia per aquella coſta. Aos quaes muitas vezes os ſeus com mão armada vinham lançar dalli, o que podiam tambem fazer a elles, não entrando pera dentro; que lhes mandava eſte aviſo como a gente eſtrangeira, que eſcolheſſem ou entrar no porto pera lhes ſer dado o que pediam, ou paſſaſſem avante. Vaſco da Gama por ſegurar a ſuſpeita que ſe delle podia ter, acceptou a entrada pera dentro ao ſeguinte dia; e pedio áquelles, que traziam eſte recado, que quando foſſe tempo lhe mandaſſem algum Piloto pera o metterem dentro. E poſto que ſe teve muito reſguardo que o Piloto de Moçambique não fallaſſe á parte com elles, ſenão per ante Fernão Martins lingua, per qualquer modo que foi, elle lhe diſſe o que tinha paſſado com os noſſos, a qual nova os Mouros diſſi-

ſimuláram ; e como gente contente do gazalhado , que lhe Vaſco da Gama mandou fazer , e dadivas que recebêram , ſe eſpedíram delle. Ao ſeguinte dia tornando hum batel a bordo com alguns Mouros honrados em modo de o viſitar , mandou com elles dous homens , que levaſſem hum preſente a ElRey , deſculpando-ſe de não poder entrar aquelles dous dias , porque ácerca dos Chriſtãos eram ſolemnes , em que não faziam obra alguma por ſerem da ſua Paſcoa ; mas a tenção ſua era mandar per eſtes homens eſpiar o eſtado da Cidade , e povo della , e que navios havia dentro. Os Mouros ou que entendêram o artificio , ou porque ſempre uſam de cautelas , poſto que leváram os homens , moſtrando contentamento de o fazer , ſempre foram trazidos per mão , e de paſſada notáram ſómente o que ſe lhes offereceo á viſta , que tudo foi a multidão do povo que concorreo polos ver , e a nobreza dos Paços delRey , e a maneira de como os recebeo. Vaſco da Gama paſſados dous dias , por não dar má ſuſpeita de ſi , quando veio ao terceiro , em que aſſentou ſua entrada , vieram da Cidade muitos barcos com gente veſtida de feſta , e tangeres , moſtrando que pelo honrar vinham naquelle acto de prazer repartindo-ſe pelos navios. E porque entre Vaſco da

Ga-

Gama, e os outros Capitães eſtava aſſentado, que não conſentiſſem entrar em os navios mais que dez, ou doze peſſoas, commettendo elles eſta entrada, foram á mão aos muitos, dizendo, que pejavam a mareagem, que depois na Cidade tempo lhes ficava pera os verem. No qual tempo feito hum ſinal, mandou Vaſco da Gama desferir a véla com grande prazer de todos: dos Mouros, parecendo-lhe levar a preza que deſejavam; e dos noſſos, cuidando que em achar tão luzida gente, e as novas, que lhe davam da India, tinham acabado o fim de ſeus trabalhos: eſtando elles áquella hora em perigo de perderem as vidas, ſegundo a tenção com que eram levados. Mas Deos, em cujo poder eſtava a guarda delles neſte caminho tanto de ſeu ſerviço, não permittio que a vontade dos Mouros foſſe poſta em obra, porque quaſi milagroſamente os livrou, deſcubrindo ſuas tenções per eſte modo. Não querendo o navio de Vaſco da Gama fazer cabeça por a véla tomar vento, começou de ir deſcahindo ſobre hum baixo; e vendo elle o perigo, a grandes brados mandou ſoltar huma ancora. E como iſto, ſegundo coſtume dos mareantes nos taes tempos, não ſe póde fazer ſem per todo o navio correr de huma parte a outra aos apparelhos, tanto que os Mouros, que eſ-

eſtavam per os outros navios , víram eſta revolta , parecendo-lhes que a traição que elles levavam no peito era deſcuberta , todos huns per ſima dos outros lançáram-ſe aos barcos. Os que eſtavam em o navio de Vaſco da Gama , vendo o que eſtes faziam , fizeram outro tanto : até o Piloto de Moçambique , que ſe lançou dos caſtellos de popa ao mar , tamanho foi o temor em todos. Quando Vaſco da Gama , e os outros Capitães víram tão ſubita novidade , abrio-lhes Deos o juizo pera entenderem a cauſa della ; e ſem mais demora aſſentáram logo de ſe partir ao longo daquella coſta por terem já ſabido ſer mui povoada , e que podiam achar per ella navios de Mouros , de que houveſſem algum Piloto. Os Mouros , porque entendêram o que elles haviam de fazer , logo aquella noite vieram a remo ſurdo pera cortar as amarras dos navios ; mas não houve effecto ſua maldade por ſerem ſentidos. Partido Vaſco da Gama daquelle lugar de perigo , ao ſeguinte dia achou dous zambucos , que vinham pera aquella Cidade , de que tomáram hum com treze Mouros , porque os mais ſe lançáram ao mar , e delles ſoube como adiante eſtava huma Villa chamada Melinde , cujo Rey era homem humano , per meio do qual podia haver Piloto pera a India. Vendo elle que

per-

perguntado cada hum deſtes á parte, todos concorriam na bondade delRey de Melinde, e que no ſeu porto ficavam tres, ou quatro navios de mercadores da India, per a pilotagem deſtes ſeguio a coſta, com tenção de chegar a Melinde pera haver hum Piloto, pois em todos aquelles treze Mouros não havia algum que ſe atreveſſe de o levar á India; porque ſe o achára, ſem mais experimentar os Mouros daquella coſta, rota batida houvera de atraveſſar a outra da India, que ſegundo lhe elles diziam, podia ſer dalli té ſetecentas leguas per ſua conta.

CAPITULO VI.

Como Vaſco da Gama chegou á Villa de Melinde, onde aſſentou paz com o Rey della, e poz hum Padrão; e havido Piloto, ſe partio pera a India, aonde chegou.

SEguindo Vaſco da Gama ſeu caminho com eſta preza de Mouros, ao outro dia, que era de Paſcoa da Reſurreição, indo com todolos navios embandeirados, e acompanha delles com grandes folias por ſolemnidade da feſta, chegou a Melinde, onde logo per hum degredado em companhia de hum dos Mouros mandou dizer a El-Rey quem era, e o caminho que fazia, e a ne-

a neceſſidade que tinha de Piloto, e que eſta fora a cauſa de tomar aquelles homens, pedindo que lhe mandaſſe dar hum. ElRey havido eſte recado, poſto que ao nome Chriſtão tiveſſe aquelle natural odio, que lhe tem todolos Mouros, como era homem bem inclinado, e ſezudo, ſabendo per eſte Mouro o modo de como os noſſos ſe houveram com elles, e que lhe pareciam homens de grande animo no feito da guerra, e na converſação brandos, e caridoſos, ſegundo o bom tratamento que lhe fizeram depois de os tomarem, não querendo perder amizade de tal gente com más obras, como perdêram os outros Principes per cujos portos paſſáram, aſſentou de levar outro modo com elles, em quanto não viſſe ſinal contrario do que lhe eſte Mouro contava. E logo per elle, e pelo degredado mandou dous homens ao Capitão, moſtrando em palavras o contentamento que tinha de ſua vinda; que deſcançaſſe, porque Pilotos, e amizade tudo acharia naquelle ſeu porto; e que em ſinal de ſeguridade lhe mandava aquelle annel d'ouro; e lhe pedia houveſſe por bem de ſahir em terra pera ſe ver com elle. Ao que Vaſco da Gama reſpondeo conforme á vontade delRey; peró quanto ao ſahir em terra a ſe ver com elle ao preſente não o podia fazer por El-

Rey

Rey ſeu Senhor lho defender, té levar ſeu recado a ElRey de Calecut, e a outros Principes da India. Que pera elles ambos aſſentarem paz, e amizade, por ſer a couſa que lhe ElRey ſeu Senhor mais encommendava, nenhum outro modo lhe parecia melhor, por não ſahir do ſeu regimento, que ir elle em ſeus bateis té junto da praia, e ſua Real Senhoria metter-ſe naquelles zambucos, com que ambos ſe podiam ver no mar; porque pera elle ganhar por amigo tão poderoſo Principe, como era ElRey de Portugal, cujo Capitão elle era, maiores couſas devia fazer. Eſpedidos eſtes dous Mouros contentes do que lhe Vaſco da Gama diſſe, e deo, com algumas peças, que tambem leváram pera ElRey, aſſi aproveitou ante elle o recado, e preſente, que concedeo nas viſtas da maneira que Vaſco da Gama pedia, a qual facilidade os noſſos atribuíram mais a obra de Deos que a outra couſa; porque ſegundo achavam os Mouros d'aquellas partes cioſos de ſuas terras, não podiam dar outra cauſa; pois hum Rey, ſem ter delles mais noticia, que a que lhe dera o Mouro, e ſem alguma neceſſidade, ſe vinha metter no mar tão confiadamente. E praticando todos ſobre eſte caſo, e do modo que teriam neſtas viſtas, aſſentou Vaſco da Gama que ſeu irmão, e Ni-

co-

coláo Coelho ficaſſem em os navios a bom recado, e tanto a pique, que pudeſſem acudir a qualquer neceſſidade; e elle com todolos bateis, e a mais limpa gente da frota veſtidos de feſta per fóra, e armas ſecretas, com grande aparato de bandeiras, e toldo no batel, foſſe ao lugar das viſtas; a qual ordem ſe teve, quando veio ao dia dellas, partindo Vaſco da Gama dos navios com grande eſtrondo de trombetas, o que tudo reſpondia com as vozes de gente, animando-ſe huns aos outros em prazer daquella feſta; porque como era na terceira octava da Paſcoa, tempo em que elles cá no Reyno eram coſtumados a feſtas, e prazer, parecia-lhes que eſtavam entre os ſeus. Vaſco da Gama indo aſſi neſte acto, a meio caminho mandou ſuſpender o remo, por ElRey não ſer ainda recolhido ao ſeu zambuco, o qual vinha ao longo da praia mettido em hum eſparavel de ſeda com as cortinas da parte do mar alevantadas, e elle lançado em hum andor ſobre os hombros de quatro homens, cercado de muita gente nobre, e a do povo diante, e detrás bem affaſtada pera darem viſta aos noſſos, todos com grande aparato de feſta; e tangeres a ſeu modo. Entrado ElRey no zambuco com algumas peſſoas principaes, e meneſtreis que tangiam, toda a mais gente que po-

podia ſe embarcou per outros barcos, cercando ElRey per todalas partes; ſómente leixáram huma aberta, que tinha a viſta pera os noſſos, em modo de cortezia. E o primeiro ſinal de paz, que lhe Vaſco da Gama mandou fazer, calando-ſe os inſtrumentos de feſta, foi mandar tirar os da guerra, que eram alguns berços eſpingardas, e no fim delles huma grande grita, ao que reſpondêram os noſſos navios com outra tal obra té tirarem as camaras da artilheria; a qual trovoada como era couſa nova nas orelhas daquella gente, foi pera elles tão grande eſpanto, que houve entre todos rumor de ſe acolher a terra. Peró ſentindo Vaſco da Gama a torvação delles, mandou fazer ſinal com que ceſſou aquelle tom, que os aſſombrava, e de ſi chegou-ſe ao zambuco delRey, o qual o recebeo como homem, em cujo peito não havia má tenção; e em toda a prática que ambos tiveram, que durou hum bom pedaço, tudo foi com tanta ſegurança d'ambalas partes, como ſe entre elles houvera conhecimento de mais dias. E deſta prática, e modo, que Vaſco da Gama teve com ElRey, ficou elle tão ſeguro, e contente de ſua amizade, que logo quiz ir ver os noſſos navios rodeando a todos; e por honra de ſua ida lhe mandou Vaſco da Gama entregar todolos

los Mouros , que tomou no zambuco, os quaes guardou pera dar naquelle dia das viſtas. O que ElRey muito eſtimou, e muito mais dizer-lhe Vaſco da Gama como ElRey ſeu Senhor tinha tanta artilheria, e tantas maiores náos que aquellas , que poderiam cubrir os mares da India , com as quaes o poderia ajudar contra ſeus imigos, porque fazia ElRey conta que a pouco cuſto per aquella via tinha ganhado hum Rey poderoſo pera ſuas neceſſidades. Eſpedido Vaſco da Gama delle, depois que o leixou deſembarcado, tornou-ſe aos navios, e os dias que alli eſteve ſempre foi viſitado delle com muitos refreſcos , que deo cauſa a ſer tambem viſitado de huns Mouros, que alli eſtavam do Reyno de Cambaia em as náos, que lhe tinham dito os Mouros que tomou no zambuco. Entre os quaes vieram certos homens , a que chamam Baneanes do meſmo Gentio do Reyno de Cambaia: gente tão religioſa na ſecta de Pythagoras, que até a immundicia que criam em ſi não matão, nem comem couſa viva, dos quaes copioſamente tratámos em a noſſa Geografia. Eſtes entrando em o navio de Vaſco da Gama, e vendo na ſua camara huma imagem de Noſſa Senhora em hum retavolo de pincel , e que os noſſos lhe faziam reverencia, fizeram elles adoração com mui-

to

to maior acatamento; e como gente que ſe deleitava na viſta daquella imagem, logo ao outro dia tornáram a ella, offerecendo-lhe cravo, pimenta, e outras moſtras de eſpeciarias das que vieram alli vender, e ſe foram contentes dos noſſos pelo gazalhado que recebêram, e maneira de ſua adoração: tambem elles ficáram ſatisfeitos do ſeu modo, parecendo-lhes ſer aquella gente moſtra de alguma Chriſtandade, que haveria na India do tempo de S. Thomé, entre os quaes vinha hum Mouro Guzarate de nação chamado Malemo Cana, o qual aſſi pelo contentamento que teve da converſação dos noſſos, como por comprazer a El-Rey, que buſcava Piloto pera lhe dar, acceptou querer ir com elles. Do ſaber do qual Vaſco da Gama, depois que praticou com elle, ficou muito contente, principalmente quando lhe moſtrou huma carta de toda a coſta da India arrumada ao modo dos Mouros, que era em meridianos, e parallelos mui miudos ſem outro rumo dos ventos; porque como o quadrado daquelles meridianos, e parallelos era mui pequeno, ficava a coſta per aquelles dous rumos de Norte Sul, e Leſte Oeſte mui certa, ſem ter aquella multiplicação de ventos, d'agulha commum da noſſa Carta, que ſerve de raiz das outras. E amoſtrando-lhe

Vaſ-

Vaſco da Gama o grande Aſtrolabio de páo que levava, e outros de metal, com que tomava a altura do Sol, não ſe eſpantou o Mouro diſſo, dizendo, que alguns Pilotos do mar Roxo uſavam de inſtrumentos de latão de figura triangular, e quadrantes, com que tomavam a altura do Sol, e principalmente da eſtrella, de que ſe mais ſerviam em a navegação. Mas que elle, e os mareantes de Cambaia, e de toda a India, peró que a ſua navegação era per certas eſtrellas, aſſi do Norte, como do Sul, e outras notaveis, que curſavam per meio do Ceo de Oriente a Ponente, não tomavam a ſua diſtancia per inſtrumentos ſemelhantes áquelles, mas per outro de que ſe elle ſervia, o qual inſtrumento lhe trouxe logo a moſtrar, que era de tres taboas. E porque da figura, e uſo dellas tratamos em a noſſa Geografia em o Capitulo dos inſtrumentos da navegação, baſte aqui ſaber que ſervem a elles naquella operação, que ora ácerca de nós ſerve o inſtrumento, a que os mareantes chamam balheſtilha, de que tambem no Capitulo que diſſemos ſe dará razão delle, e dos ſeus inventores. Vaſco da Gama com eſta, e outras práticas, que per vezes teve com eſte Piloto, parecia-lhe ter nelle hum grão theſouro, e por o não perder, o mais em breve que pode, depois que met-

metteo per consentimento delRey hum Padrão per nome Sancto Espirito na povoação, dizendo ser em testemunho da paz, e amizade, que com elle assentára, se fez á véla caminho da India a vinte e quatro dias de Abril. E atravessando aquelle grande golfo de setecentas leguas que ha de huma á outra costa, per espaço de vinte dous dias, sem achar cousa que o impedisse, a primeira terra que tomou foi abaixo da Cidade Calecut, obra de duas leguas; e daqui per pescadores da terra, que logo acudíram aos navios, foi levado a ella. A qual como era o termo de sua navegação, e na instrucção que levava nenhuma outra cousa lhe era mais encommendada, e pera o Rey della nomeadamente levava cartas, e embaixada, como ao mais poderoso Principe daquellas partes, e Senhor de todalas especiarias, segundo a noticia que naquelle tempo neste Reyno de Portugal tinhamos delle, pareceo aos nossos, vendo-se diante della, que tinham acabado o fim de seus trabalhos. E posto que adiante particularmente descrevemos o sitio desta Cidade Calecut, e da região Malavar em que ella está, a qual região he huma parte da Provincia da India, aqui, por ser a primeira entrada em que os nossos tomáram posse deste descubrimento per tantos annos continua-

do , e requerido , faremos huma univerſal relação da Provincia da India pera melhor entendimento deſta chegada de Vaſco da Gama.

CAPITULO VII.

Em que ſe deſcreve o ſitio da terra, a que propriamente chamamos India dentro do Gange , na qual ſe contém a Provincia chamada Malavar , hum dos Reynos da qual he o em que eſtá a Cidade Calecut , onde Vaſco da Gama aportou.

A Região , a que os Geografos propriamente chamam India , he a terra que jaz entre os dous illuſtres , e celebrados rios Indo , e Gange , do qual Indo ella tomou o nome ; e os póvos do antiquiſſimo Reyno Delij , cabeça per ſitio , e poder de toda eſta região , e aſſi a gente Parſea a ella vizinha , ao preſente per nome proprio lhe chamam Indoſtan. E ſegundo a diliniação da Taboa , que Ptholomeu faz della , e mais verdadeiramente pela noticia que ora com o noſſo deſcubrimento temos , per excellencia bem lhe podemos chamar a grão Meſopotamia. Porque ſe os Gregos deram eſte nome , que quer dizer , entre os rios , áquella pequena parte da região Babylonica , que abraçam os dous rios Eufrates , e Tigres ; aſſi pela ſituação deſta entre as corren-

rentes dos notaveis Indo , e Gange , que descarregam , e vasam suas aguas em o grande Oceano Oriental, por fazermos differença della mais notavel do que se faz em dizer India dentro do Gange , e India além do Gange , bem lhe podemos chamar a grão Mesopotamia, ou Indostan, que he o proprio nome que lhe dão os póvos que a habitam, e vizinham, por nos conformarmos com elles. A qual região as correntes destes dous rios per huma parte , e o grande Oceano Indico per outra, a cércão de maneira, que quasi fica huma Chersonezo entre terras de figura de lijonja , a que os Geometras chamam rhombos , que he de iguaes lados , e não de angulos rectos. Cujos angulos oppositos em maior distancia jazem Norte Sul: o do angulo desta parte do Sul faz o cabo Comorij , e o da parte do Norte as fontes dos mesmos rios. As quaes peró que sobre a terra arrebentem distinctas em os montes, a que Ptholomeu chama Imáo , e os habitadores delles Dalanguer , e Nangracot, são estes tão conjunctos huns aos outros , que quasi querem esconder as fontes destes dous rios. E segundo fama do gentio Comarcão , parece que ambos nascem de huma vea commum , donde nasce a fabula dos dous irmãos que anda entre elles , a qual recitamos em a nos-

 sa

ſa Geografia. A diſtancia deſtas fontes ao Cabo Comorij a elles oppoſitos ſerá pouco mais, ou menos per linha direita quatrocentas leguas; e os outros dous angulos, que per contraria linha jazem de Levante a Ponente per diſtancia de trezentas leguas, fazem as bocas dos meſmos rios Indo, e Gange, ambos mui ſoberbos com as aguas do grande numero dos outros que ſe nelles mettem. E quaſi tanta he a parte da terra que elles abraçam, quanta a que per os outros dous lados cérca o mar Oceano, que ambos ſe ajuntam no Cabo Comorij a fazer aquelle agudo canto que elle tem, com que fica a figura da lijonja que diſſemos. E poſto que toda eſta Provincia Indoſtan ſeja povoada de dous generos de povo em crença, hum Idólatra, e outro Machometa, e mui vária em ritos, e coſtumes, e todos entre ſi a tem repartida em muitos Reynos, e eſtados; aſſi como em os Reynos do Moltan, Delij, Coſpetir, Bemgala, em parte, Orixa, Mando, Chitor, Guzarate, a que commummente chamamos Cambaya. E no Reyno Dacani dividido em muitos ſenhorios, que tem eſtado de Reys com o de Pale, que jaz entre hum, e o outro. E no grande Reyno de Biſnaga, que tem debaixo de ſi alguns regulos, com toda a Provincia do Malabar repartida entre muitos

Reys,

Reys, e Principes de mui pequenos eſtados, em comparação dos outros maiores que calamos, parte dos quaes são izentos, e outros ſubditos deſtes nomeados. E ſegundo eſtes póvos entre ſi são bellicoſos, e de pouca fé, já toda eſta grande região fora ſubdita ao mais poderoſo, ſe a natureza não atalhára a cubiça dos homens com grandes, e notaveis rios, montes, lagos, matas, e deſertos, habitação de muitas, e diverſas alimarias, que impedem paſſar de hum Reyno ao outro. Principalmente alguns notaveis rios, parte dos quaes não entrando na madre do Indo, e Gange, mas regando as terras, que eſtes dous abraçam com muitas voltas, vem ſahir ao grande Oceano; e aſſi muitos eſteiros d'agua ſalgada tão penetrantes á terra, que retalham a maritima de maneira que ſe navega per dentro. E a mais notavel divisão, que a Natureza poz neſta terra, he huma corda de montes, a que os naturaes per nome commum, por o não terem proprio, chamam Gate, que quer dizer ſerra; os quaes montes tendo ſeu naſcimento na parte do Norte, vem correndo contra o Sul, aſſi como a coſta do mar vai á viſta delle, leixando entre as ſuas praias, e o ſertão da terra huma faixa della chã, e alagadiça, retalhada d'agua em modo de leziras em algumas partes,

tes,

tes, té irem fenecer no Cabo Comorij, o qual curſo de montes ſe eſtende perto de duzentas leguas. Peró começando no rio chamado Carnate vizinho ao cabo, e monte de Lij, mui notavel aos navegantes daquella coſta, em altura de doze gráos e meio da parte do Norte, entra huma faixa de terra, que jaz entre eſte Gate, e o mar, de largura de dez té ſeis leguas, ſegundo as enſeadas, e cotovelos ſe encolhem, ou bojam, a qual faixa de terra ſe chama Malabar, que terá de cumprimento obra de oitenta leguas, onde eſtá ſituada a Cidade Calecut. Neſte tempo que Vaſco da Gama chegou a ella, poſto que geralmente toda eſta terra Malabar foſſe habitada de Gentios, nos portos do mar viviam alguns Mouros, mais por razão da mercadoria, e trato, que por ter algum eſtado na terra, porque todolos Reys, e Principes della eram do genero Gentio, e da linhagem dos Brammanes, gente a mais docta, e religioſa em ſeu modo de crença de todas aquellas partes. E o mais poderoſo Principe daquelle Malabar era ElRey de Calecut, o qual por excellencia ſe chamava Çamorij, que ácerca delles he como entre nós o titulo de Emperador. Cuja metropoli de ſeu eſtado, da qual o Reyno tomou o nome, e a Cidade Calecut, ſituada em huma coſta brava,

va, não com grandes, e altos edificios, sómente tinha algumas casas nobres de mercadores Mouros da terra, e d'outros do Cairo, e Méca alli residentes, por causa do trato da especiaria, onde recolhiam sua fazenda com temor do fogo; toda a mais povoação era de madeira cuberta de hum genero de folha de palma, a que elles chamam ola. E como nesta Cidade havia grande concurso de varias nações, e o Gentio della mui supersticioso em se tocar com gente fóra de seu sangue, principalmente os que se chamavam Brammanes, e Naires; destes dous generos de gente, sendo a mais nobre da terra, viviam nella mui poucos, toda a outra povoação era de Mouros, e Gentio mecanico. Pola qual causa tambem ElRey estava fóra da Cidade em huns paços, que seríam della quasi meia legua, entre palmares, e a gente nobre apousentada per derredor ao modo que cá temos as quintas. E porque, (segundo dissemos,) adiante particularmente escrevemos as cousas deste Reyno Calecut, não procedemos aqui mais na relação dellas.

CA-

CAPITULO VIII.

Como Vaſco da Gama mandou recado a El-Rey de Calecut, que era chegado ao porto de ſua Cidade: e depois per ſua licença ſe vio com elle duas vezes.

AO tempo que Vaſco da Gama chegou a eſta Cidade Calecut, que era a vinte de Maio princípio do Inverno naquella coſta, não havia no porto o grão tráfego, e numero de náos, que nelle eſtão á carga nos mezes de Verão; porque as eſtrangeiras, que alli coſtumavam vir, eram tornadas a ſuas terras, e as do meſmo Reyno de Calecut per os rios, e eſteiros eſtavam mettidas em foſſas cubertas com folha de palma, ſegundo coſtumam per toda aquella coſta; e por eſta chegada ſer fóra do tempo da ſua navegação, tanto eſpanto fez aos da terra, como a feição, e mareagem dos navios, e logo lhe pareceo gente nova, e não coſtumada navegar aquelles mares. Vaſco da Gama, tanto que ancorou hum pouco largo do porto por cauſa de hum recife em que o mar quebrava, mandou em terra o Mouro Piloto, e hum degredado, notificando per elles a ElRey ſua chegada, e o recado que lhe trazia, pedin-

dindo que lhe mandasse dizer quando havia por bem que fosse a elle, porque sem sua licença não sahiria dos navios. O Mouro Malemo Caná, como quem sabia a terra, foi-se logo aos Paços delRey; e porque achou nova que era em hum lugar que sería dalli sinco leguas, sem tornar aos navios com recado, se foi a elle. Vasco da Gama por lhe este Caná ter dito quão pequena distancia havia da Cidade aos Paços delRey, vendo que não vinha aquelle dia, e que era passado a maior parte do outro, começou tomar má suspeita delle; e principalmente porque de quantos barcos sahiam a pescar, todos se affastavam dos navios, como gente temerosa, ou per qualquer outra causa que fosse. Porém quando veio ao outro dia á tarde, tirou toda esta suspeita com a vinda delles, e de hum Piloto do Çamorij, per o qual elle lhe fazia saber o contentamento que tinha de sua vinda; e que postos os navios em hum porto seguro, onde lhe elle mandava que os levassem por causa do Inverno, depois lhe mandaria dizer quando havia por bem que fosse a elle. Com o qual recado Vasco da Gama ficou mui satisfeito, principalmente na mudança dos navios daquella costa a lugar mais seguro, porque nisto mostrava ElRey per obra o que lhe mandava dizer per pala-

lavra ácerca do contentamento que tinha de ſua vinda ; e que de tal acolhimento do primeiro recado que lhe mandava podia eſperar ſer bem deſpachado. E por moſtrar maior confiança a eſte Piloto , que lhe El-Rey mandou , diſſe , que elle podia mandar naquelles navios o que quizeſſe , porque todos lhe obedeceriam , e aſſi ſe fez : cá pela ordenança do Piloto ſe paſſáram a hum porto chamado Capocate perto dalli , onde Vaſco da Gama eſteve eſperando dous dias recado delRey , ſem da terra virem aos navios , nem delles irem a ella. Ante que elle vieſſe com os navios a eſte porto , o dia que o Piloto delRey lhe trouxeſſe ſeu recado pera ſe mudar aqui , entre alguns Officiaes da arrecadação dos direitos delRey , que vieram com elle , foi hum Mouro per nome Monçaide , cujo officio era corrector de mercadorias ; o qual por ſer conhecente do Piloto Malemo Caná , elle o agazalhou em ſua caſa , e aſſi o degredado a noite que dormíram em terra. Eſte Monçaide , (ſegundo elle depois contou ,) era natural do Reyno de Tunez , e tivera já communicação com os Portuguezes em a Cidade Ourão , quando alli hiam as náos deſte Reyno per mandado delRey D. João o Segundo buſcar lambeis pera o reſgate do ouro da Mina ; e ou que a

lem-

lembrança destas partes do Occidente, onde nascêra, ou qualquer outra boa disposição, assi o demovêram, vendo, e praticando com os nossos per lingua Castelhana, que elle sabia, que da hora que entrou em os navios assi se fez familiar a Vasco da Gama, que se veio com elle pera este Reyno, onde morreo Christão. O qual como esperava acabar neste estado, era tão fiel a nossas cousas, que per meio delle foi Vasco da Gama avisado de muitas: e parece que Deos o trouxe áquellas partes pera proveito nosso, segundo o que passou, como veremos. E logo em dous dias, que Vasco da Gama esteve esperando por recado do Çamorij, este Monçaide o avisou de algumas cousas, por razão das quaes elle teve conselho com os Capitães do modo que teria em ir ao Çamorij, quando o mandasse chamar: e assentou que seu irmão, e Nicolao Coelho ficassem em os navios, dando-lhe regimento do que haviam de fazer. Vindo o recado do Çamorij que fosse, sahio Vasco da Gama com doze pessoas em terra, onde o recebeo hum homem nobre, a que elles chamam Catual, acompanhado de duzentos homens a pé delles pera levarem o fato dos nossos, e delles que serviam de espada, e adarga, como guarda de sua pessoa, e outros de o trazer aos

hom-

hombros em hum andor, porque em toda aquella terra Malabar não ſe ſervem de beſtas, hum dos quaes andores foi tambem apreſentado a Vaſco da Gama pera ir nelle. Poſto o Catual, e elle em caminho pera Calecut, que ſería dalli ſinco leguas, começáram os doze que levava ficar de dous em dous; porque além de o caminho ſer de arêa, e elles deſacoſtumados de caminhar, era tão grande o curſo dos que levavam o andor, que em todo o caminho foi Vaſco da Gama ſem elles, té á noite ſe ajuntarem em hum lugar, onde o Catual dormio. Quando veio ao outro dia, que tornáram caminhar, chegáram a hum grande templo do Gentio da terra, mui bem lavrado de cantaria com hum coruchéo cuberto de tijolo, á porta do qual eſtava hum Padrão grande de latão, e em ſima por remate hum gallo. E dentro no corpo do templo eſtava hum portal, cujas portas eram de metal, perque entravam a huma eſcada que ſubia ao coruchéo; ao pé do qual, onde ficava o redondo delle em modo de charola, eſtavam algumas imagens da ſua adoração. Os noſſos como hiam crentes ſer aquella gente dos convertidos pelo Apoſtolo S. Thomé, ſegundo a fama que cá neſtas partes havia, e elles achavam per dito dos Mouros, alguns ſe aſſentáram em gio-

lhos

lhos a fazer oração áquellas imagens, cuidando ſerem dignas de adoração. Do qual acto o Gentio da terra houve muito prazer, parecendo-lhe ſermos dados ao culto de adorar imagens, o que elles não viam fazer aos Mouros. Partidos deſte templo, chegáram a outro junto de huma povoação, onde eſtava apouſentado outro Catual, peſſoa mais notavel, que vinha per mandado do Çamorij receber Vaſco da Gama. O qual quando ſahio a elle era com muita gente de guerra, todos adargados a ſeu modo: tão poſtos em ordem com ſeus inſtrumentos de tanger pera os animar, que folgáram os noſſos em os ver naquella ordenança, e mais ſendo feita por honra de ſua vinda. Chegado o Catual a Vaſco da Gama, depois que ſegundo ſeu uſo o recebeo com muita cortezia, mandou-lhe dar outro andor que trazia adeſtro, melhor concertado que aquelle em que vinha; e ſem fazer mais detença, ſeguíram ſeu caminho aos Paços delRey, onde Vaſco da Gama eſperou polos ſeus, que não podiam aturar o curſo daquelles que levavam o andor; e o maior damno que recebiam era do grande povo, que quaſi os levava afogados polos ver. E ainda ſobre iſſo á entrada de hum grande terreiro cercado era tanta preza por entrarem na volta delles, que veio o negocio ás

pu-

punhadas, e dahi ao ferro, em que houve feridos, e hum morto, primeiro que os Officiaes delRey apagassem o arroido; e porém sempre tiveram tanto resguardo em as pessoas dos nossos, que em toda a revolta não lhe foi feito algum desacatamento. Passado aquelle terreiro, entráram em hum pateo de alpenderes, onde acháram Vasco da Gama, e o Catual com alguma gente mais limpa esperando por elles; e sem tomar algum repouso daquella affronta em que vinham, entráram todos em huma grão casa terrea, em que estava aquelle grande Çamorij da Provincia Malabar per elles tão desejado de ver. De junto do qual se alevantou hum homem de grande idade, que era o seu Brammane maior, vestido de humas vestiduras brancas, representando nellas, e em sua idade, e continencia ser homem religioso; e chegado ao meio da casa, tomou Vasco da Gama pela mão, e o foi apresentar ao Çamorij, o qual estava no cabo da casa lançado em huma camilha cuberta de pannos de seda, posto em hum leito, a que elles chamam catle, e elle vestido com hum panno d'algodão burnido com algumas rosas d'ouro batido semeadas per elle, e na cabeça huma carapuça de brocado alta á maneira de mitra cerrada, cheia de perlas, e pedraria, e per os braços, e pernas, que es-

eſtavam deſcubertos, tinha braceletes d'ouro, e pedraria. E a huma ilharga deſte leito, em que jazia com a cabeça poſta ſobre huma almofada de ſeda raſa com lavores d'ouro á maneira de broſſado, eſtava hum homem, que parecia em trajo, e officio dos mais principaes da terra, o qual tinha na mão hum prato d'ouro com folhas de betelle, que elles uſam remoer por lhes confortar o eſtomago. O Çamorij, poſto que no ar do roſtro recebeo Vaſco da Gama com graça, tinha tamanha mageſtade, e aſſi eſtava grave naquelle ſeu catle, que não fez mais movimento para elle quando lhe fallou, que levantar a cabeça d'almofada, e de ſi acenou ao Brammane, que o fizeſſe aſſentar em huns degráos do eſtrado, em que tinha o catle, e aos de ſua companhia em outra parte hum pedaço affaſtados, por ver que haviam miſter tomar algum repouſo, ſegundo vinham affrontados do caminho. E depois que per hum eſpaço grande eſteve notando as peſſoas, trajos, e actos delles, e praticando em palavras geraes com Vaſco da Gama, recebidas delle duas cartas, que lhe mandava ElRey D. Manuel, huma eſcrita em Aravigo, e outra em lingua Portuguez, que era da meſma ſubſtancia, diſſe-lhe, que elle as veria, e depois mais de vagar ouviria a elle, que por então

tão se fosse a repousar. Que quanto ao seu gazalhado visse com quem queria que fosse, se com Mouros, ou com os naturaes da terra, pois alli não havia gente da sua nação, segundo tinha sabido. Ao que Vasco da Gama respondeo, que entre os Mouros, e Christãos havia differença ácerca da lei que tinham, e outras paixões particulares; e que com os seus vassallos por elle, e os de sua companhia não saberem seus costumes, e temiam de os poder enojar, pedia a Sua Real Senhoria que os mandasse apousentar sem companhia alguma. O que approuve ao Çamorij, mandando ao Catual que o contentasse; e louvou Vasco da Gama de homem prudente, e cauteloso nas cousas da paz, segundo o Mouro Monçaide lhe veio contando pelo caminho té chegarem á Cidade Calecut já bem noite. E entre algumas cousas que o Catual fez, de que Vasco da Gama teve delle boa esperança pera seus negocios, foi mandar a este Monçaide que se não apartasse delle pera poder requerer o que houvesse mister, vendo que lhe era accepto por se entender em alguma maneira com elle; o que Monçaide acceptou de boa vontade, e quasi elle se offereceo a isso. Parece que o chamava Deos por alguma boa disposição que nelle havia pera se salvar, segundo logo mostrou

trou na verdade que tratava, e fieis confelhos que deo, hum dos quaes foi efte. Querendo Vafco da Gama ao feguinte dia ir ao Çamorij a lhe dar a embaixada que levava, o Catual o entreteve, dizendo, que os Embaixadores, que vinham ao Çamorij, e a todolos Principes daquellas partes da India, tinham per coftume não irem ante o Principe, fenão quando elle os mandava chamar, e mais que primeiro repoufavam alguns dias. No qual cafo aconfelhou Monçaide, pera efta ida fer mais preftes, dizendo, que o mais certo coftume dos Principes daquellas partes era não ouvirem alguem, fem lhe primeiro levar alguma coufa; e quanto o Embaixador era mais eftranho, tanto maior prefente efperavam; e que delle não ter ifto feito, ElRey o não ouvio logo: por tanto fe queria fer bem aviado, começaffe de ufar do coftume da terra, porque ante o Rey não póde ir alguem com as mãos vafias. E tambem os feus Officiaes, per cuja mão os negocios corriam, convinha per efte modo ferem contentes: cá d'outra maneira fería tarde ouvido, e fobre iffo mal defpachado. Vafco da Gama, pofto que não lhe efquecia fer efta a entrada, e fahida, com que fe acabam os negocios em toda parte, não lhe pareceo que tardava em hum dia; mas fabendo per Monçaide

quanto lhe importava, mandou logo a El-Rey algumas cousas, as quaes foram com este recado de desculpa; que quando partíra de Portugal, por não ter certo que podia passar á India, e ver sua Real Pessoa, não fora apercebido como devia; que aquellas cousas eram das que trazia pera seu uso, que lhas enviava, não tanto por sua valia, quanto por mostra das que havia em Portugal; e ainda aquellas escapáram da humidade do mar por haver muito tempo que andava nelle. Tanto que o Çamorij teve este presente, e os seus Officiaes foram satisfeitos, segundo o conselho de Monçaide, foi Vasco da Gama levado ante elle, ao qual recebeo já com mais honra em outra casa, e mandando-o assentar, lhe disse; que elle tinha visto huma das cartas, que lhe dera escrita em Aravigo, e nella se continha a boa vontade, e amor, que ElRey de Portugal seu Senhor lhe mostráva ter, e assi enviallo a elle pera algumas cousas, que faziam a bem de paz, e commercio d'antre ambos, que lhe elle diria, por tanto podia fallar nisso. Vasco da Gama havida esta licença, como já estava amoestado per Monçaide do uso daquelles Principes, que he serem mui taxados em ouvir, e responder, e terem as orelhas mais promptas no seu proveito, que

na

na eloquencia da embaixada, e mais quando he relatada per terceiro, os quaes interpretes geralmente dizem a ſubſtancia da cauſa, e não as vivas razões della, por ſe conformar com o modo da terra neſtas palavras, reſumio o que lhe era mandado: Que a cauſa principal, que movêra a El-Rey ſeu Senhor enviallo áquellas partes Orientaes tão remotas do ſeu eſtado, fora ſer ante elle mui celebrada a fama da Real Peſſoa delle Çamorij, e da grandeza do ſeu ſenhorio, e eſtarem em ſeu poder a maior parte das eſpeciarias, que per mãos dos Mouros ſe navegavam pera as partes da Chriſtandade: E porque elle tinha deſcuberto per ſeus Capitães novo caminho pera entre elles haver amor, preſtança, e communicação de commercio, com que o Reyno delle Çamorij foſſe mais riço por cauſa do muito ouro, prata, ſedas, e outra muita ſorte de precioſas mercadorias, de que o ſeu Reyno de Portugal era tão abaſtado, quanto o de Calecut de pimenta, elle Senhor Rey o enviava com aquelles tres navios a lhe notificar eſta ſua tenção; e ſendo-lhe accepta, armaria mui groſſas náos carregadas deſta fazenda; e a ordem, e modo do commercio, e preço das couſas ſería aquelle que foſſe em proveito d'ambos. O Çamorij a eſtas palavras reſpondeo com

outras muito mais breves, em que moſtrou ter contentamento da cauſa da vinda delle Vaſco da Gama, e acabou dizendo, que elle o deſpacharia mui cedo, e com iſto o eſpedio.

CAPITULO IX.

Da conſulta, que os principaes Mouros de Calecut tiveram ſobre a ida de Vaſco da Gama áquellas partes: e como o Çamorij por cauſa delles o eſpedio.

OS Mouros, aſſi naturaes da terra, como alguns eſtrangeiros, que eſtavam naquella Cidade Calecut por razão do trato da eſpeciaria, (do qual negocio elles eram ſenhores, navegando-a per o mar Roxo,) quando víram que a embaixada de Vaſco da Gama era a fim do commercio deſtas eſpeciarias, ficáram mui triſtes, principalmente ſabendo o contentamento que o Çamorij tinha de hum Rey de tão longe terra, como era o Ponente, lhe enviar embaixada, e que louvava os noſſos, dizendo, que lhe parecia gente de boa razão, e que ſería proveitoſa vindo áquelle ſeu Reyno, pois eram ſenhores de tantas mercadorias, como diziam. Sobre o qual caſo os principaes a que iſto mais tocava, tiveram conſulta; e entre muitas razões, que foram trazidas do grande damno, que todos receberiam,

ſe

ſe entraſſemos na India, foi o que contou hum delles, dizendo, que o anno paſſado ſobre duas náos de Méca que tardavam, em que lhe vinha fazenda, fizera pergunta a algumas peſſoas, que uſam do officio de Aſtrologia, e d'outras artes, que daqui dependem: huma das quaes peſſoas, que elle daria por teſtemunha, como actor da obra, em hum vaſo d'agua lhe moſtrára as náos perdidas, e mais outras á véla, que dizia partirem de mui longe pera vir á India, que a gente dellas sería total deſtruição dos Mouros daquellas partes. E porque em verdade ellas eram perdidas, como todos ſabiam, pois a todos tocára eſta perda, podia-ſe tomar ſuſpeita do mais na vinda daquelles navios alli chegados, pois a gente delles era Chriſtã, capital imiga de Mouros. Finalmente com eſta hiſtoria, ora foſſe fingida pera induzir os outros, (poſto que ſem ella elles eſtavam bem movidos contra os noſſos,) ora que o Demonio lhe quiz repreſentar aquelle ſeu futuro mal; a concluſão da conſulta acabou, que buſcaſſem todolos modos poſſiveis pera ſumir os noſſos navios no fundo do mar; e que as peſſoas como ficaſſem em terra, hum, e hum os iriam gaſtando, com que não houveſſe memoria delles, nem do que tinham deſcuberto. Porém temendo que o Çamorij ſe podia

dia eſcandalizar, ſe publicamente niſſo fizeſſem alguma couſa, pareceo-lhe mais ſeguro modo ſer eſte caſo commettido pelo executor de todalas más ſentenças, que he o dinheiro, ſubornando com elle ao Catual, que tinha cargo dos noſſos, pera que indinaſſe a ElRey contra elles com algumas razões apparentes, que lhe deram pera o caſo, affirmando ſerem verdadeiras, e que convinham ao bem, e paz da terra. O Catual, como lhe enchêram as mãos, e as orelhas, começou logo fazer ſeu officio, e a primeira obra foi não conſentir que os noſſos ſahiſſem da caſa em que eſtavam, por não verem a Cidade, nem o trato della, dando a entender a Vaſco da Gama, que em quanto não foſſe deſpachado, não tinham licença pera andar ſoltamente pela Cidade; e mais convinha a elle ſer iſto aſſi, por evitar algum eſcandalo, que podiam receber dos Mouros, pois entre todos havia paixões por razão do que cada hum cria ácerca das couſas de Deos. Com as quaes palavras, per que elle moſtrava ordenar tudo a bem de paz em obras, negava-lhe o neceſſario que haviam miſter, em que Vaſco da Gama entendia parte da ſua tenção, e começou logo requerer ſeu deſpacho ſem outra carga de eſpeciaria; porque tornando elle a eſte Reyno com nova do que tinha deſ-

descuberto, tempo ficava pera ElRey mandar frota, com que haveria quanta quizesse, sem temer as náos de Méca, com a vinda das quaes o assombrava o Mouro Monçaide, dizendo serem grandes, e poderosas, de que poderia receber damno, por tanto trabalhasse por se espedir daquella terra ante que ellas viessem. Vasco da Gama como per estes, e outros avisos que tinha dado, entendeo ser homem fiel, per elle escreveo a seu irmão Paulo da Gama, fazendo-lhe saber o que passava, e sentia dos Mouros, encommendando-lhe resguardo na communicação da gente da terra; que fossem a bordo dos navios, porque os Mouros tudo haviam de tentar pera os metter em odio com o Gentio da terra. O Catual tanto que vio tempo pera isso, disse ao Çamorij, que geralmente todolos homens do Ponente, que estavam naquella Cidade, diziam que aquelles, que alli eram vindos na sua propria terra, viviam mais deste officio de cossairos, que de trato, e mercadoria; e como homens perseguidos na terra de seus naturaes, se desterravam pera parte, onde não fossem conhecidos: Que as cartas, que lhe deram em nome de Embaixadores, que traziam, tudo era artificio pera encubrir a infamia de vagabundos; cá não estava em razão hum Rey de tão longe, como

era

era o Occidente da terra da Franquia, mandar-lhe embaixada, que não trazia mais fundamento, que desejo de sua amizade, e que a mesma cousa per si mostrava não poder ser; porque huma das razões da amizade, era a communicação das pessoas, e prestança nas obras, e que estas entre elles eram mui contrarias, assi por razão da crença differente que cada hum tinha, como por a grande distancia de seus estados. E mais, que hum Rey tão poderoso, e rico, como elles diziam ser o seu, mal mostrava este poder no presente que lhe mandára, pois eram peças, que qualquer mercador, que vinha do estreito, as dava melhores. Quanto a dizerem ser enviados por razão da especiaria, elles não traziam mercadorias que dessem final disso; e ainda que tudo fosse como elles diziam, não devia querer perder proveito tão certo, como tinha nos Mouros, pelo que promettiam homens, que habitavam nos fins da terra, os quaes haviam mister dous annos de navegação. Quanto mais, que vendo os Mouros como sua Real Senhoria favorecia homens novos, e de que se tanto mal dizia, e sobre tudo seus imigos, era causa de grande escandalo para elles, e não sería muito perdellos; cousa, que elle devia muito temer, pois perdendo a elles, perdia vassallos, e não virem

mais

mais a ſeu porto náos de Méca, Judá, Adem, Ormuz, e d'outras muitas partes, no commercio das quaes eſtava todo ſeu eſtado: Que elle em dizer iſto, comprazia com a obrigação que lhe devia, que era repreſentar-lhe as couſas de ſeu ſerviço; que além do ſeu, devia tomar parecer d'outras peſſoas, apontando-lhe logo em alguns ſeus officiaes, que elle Catual ſabia já eſtarem da parte dos Mouros, cá pelo teſtemunho deſtes ficavam ſuas palavras com maior fé. El-Rey, ainda que era homem prudente, e tinha tenteado quanto proveito podia receber neſte novo caminho, que os noſſos abríram pera dar maior ſahida ás ſuas eſpeciarias, tanto poder tiveram nelle eſtas palavras do Catual, que ſem mais examinar a verdade, com os outros teſtemunhos, que lhe o meſmo Catual nomeou, depois que lhe pedio ſeu parecer, ficou aſſi traſtornado, que teve os noſſos na conta que lhe elles pintáram, de maneira que faleceo pouco de lhe ordenarem couſa com que nunca cá vieram. Mas como as que Deos ordena não ſe podem contrariar pelos homens, ainda que em alguma maneira pareça que as impedem, o modo que eſtes Mouros buſcáram de os deſtruir, eſſa foi a cauſa de ſerem mais cedo deſpachados, ante que vieſſem as náos de Méca; porque tanto que o

Ca-

Çamorij concebeo o que lhe diziam, mandou chamar Vaſco da Gama, e diſſe, que lhe deſcubriſſe huma verdade, que elle promettia de lha perdoar, por ſer couſa natural aos homens buſcarem cautelas, e modos de ſua abonação pera fazerem ſeu proveito; e que ſe andavam deſterrados por algum caſo, elle os ajudaria em tudo; cá, ſegundo tinha ſabido d'alguns homens das partes da Franquia, donde diziam ſer, elles não tinham Rey; ou ſe o havia na ſua patria, o ſeu officio mais era andar pelo mar d'armada á maneira de coſſairos, que por razão do commercio. Vaſco da Gama quando ouvio taes palavras, ſem leixar ir ElRey mais avante com ellas, diſſe, que verdadeiramente elle não punha culpa cuidarem delles muitas couſas, porque grão novidade devia ſer a todolos ſeus vaſſallos verem naquellas partes nova gente em religião, e coſtumes; e mais vindos per caminho nunca navegado, com embaixada de hum poderoſo Rey, que não pertendia mais intereſſe que ſua amizade, e communicação de commercio, pera dar nova ſahida ás eſpeciarias daquelle ſeu Reyno Calecut; porque homens, armas, cavallos, ouro, prata, ſeda, e outras couſas á humana vida neceſſarias no ſeu Reyno as havia tão abaſtadamente, que não tinha neceſſidade de as

ir

ir buſcar aos alheios, e mais tão remotos como eram os da India; porém ſabendo elle Çamorij o que ElRey ſeu Senhor quiz de mil e ſeiscentas leguas de coſta, que elle, e ſeus anteceſſores mandáram deſcubrir, haveria não ſer nova couſa enviar mais avante per eſta meſma coſta té chegar a ſua Real Senhoria, cuja fama era mui celebrada nas partes da Chriſtandade. E neſtas mil e ſeiscentas leguas que mandou deſcubrir, achando-ſe muitos Reys, e Principes do genero Gentio, nenhuma couſa quiz delles, ſómente doctrinallos em a Fé de Chriſto Jeſus Redemptor do Mundo, Senhor do Ceo, e da terra, que elle confeſſava, e adorava por ſeu Deos, por louvor, e ſerviço do qual elle tomava eſta empreza de novos deſcubrimentos da terra. E com eſte beneficio da ſalvação das almas, que ElRey D. Manuel procurava áquelles Reys, e póvos, que novamente deſcubria, tambem lhes enviava navios carregados de couſas de que elles careciam, aſſi como cavallos, prata, ſeda, pannos, e outras mercadorias. Em retorno das quaes os ſeus Capitães traziam outras, que havia na terra, que era marfim, ouro, malagueta, pimenta, dous generos d'eſpeciaria de tanto proveito, e tão eſtimada nas partes da Chriſtandade, como a pimenta daquelle ſeu Reyno de Calecut. Com as

quaes

quaes commutações, os Reynos que ſua amizade acceptavam, de barbaros eram feitos politicos, de fracos poderoſos, e ricos de pobres, tudo á cuſta dos trabalhos, e induſtria dos Portuguezes. Nas quaes obras ElRey ſeu Senhor não buſcava mais que a gloria de acabar grandes couſas por ſerviço de ſeu Deos, e fama dos Portuguezes. Porém com os Mouros, por ſerem ſeus contrarios, contrariamente ſe havia, cá per força de armas nas partes de Africa, que elles habitam, lhe tinha tomado quatro principaes forças, e portos de mar do Reyno de Féz: por iſſo onde quer que ſe achavam, não ſómente infamavam de boca o nome Portuguez, mas ainda malicioſamente lhe procuravam a morte, e não roſtro a roſtro por terem experimentado o ſeu ferro. O teſtemunho da qual verdade ſe vio no que lhe fizeram em Moçambique, e Mombaça, como ſua Real Peſſoa já teria ſabido do Piloto Caná, o qual engano, e traição nunca achára per quantas terras de Gentios tinha deſcuberto; porque eſtes naturalmente eram amigos do povo Chriſtão por todos virem de huma geração, e ſerem mui conformes em alguns coſtumes, e no modo dos ſeus templos, ſegundo tinha viſto naquelle ſeu Reyno de Calecut. Té os ſeus Bramanes na religião que tinham da Trindade de tres

Peſ-

Peſſoas, e hum ſó Deos, que ácerca dos Chriſtãos era o fundamento de toda ſua fé, ſe conformavam com elles, (peró que per outro modo mui differente,) a qual couſa os Mouros contradizem. E delles ſaberem eſta conformidade d'antre o povo Gentio, e Chriſtão, trabalhavam que os Portuguezes ante elle Çamorij foſſem infamados, e avorrecidos, ſendo-lhe já tão obrigado aos defender; pois não precedendo mais cauſas pera ElRey ſeu Senhor deſejar ſua amizade, que huma fama da grandeza delle Çamorij, folgára de o enviar a elle polas cauſas que lhe tinha dito. E iſto não commettêra ſómente aquelle anno, mas era já tão continuado per tantos, e ElRey tão deſejoſo de ter deſcuberto eſte caminho de Portugal pera a India, que ainda que elle Vaſco da Gama per qualquer deſaſtre não tornaſſe a Portugal, ſoubeſſe certo que ElRey havia de continuar tanto eſte deſcubrimento, té lhe levarem recado delle Çamorij. Por tanto lhe pedia, como a Emperador de toda aquella região Malabar, pois Deos a elle Vaſco da Gama, e aos ſeus companheiros tinha feito tanta mercê, que foſſem os primeiros que vieram antelle, quizeſſe metter a mão de ſeu poder neſte odio, que lhe os Mouros tinham, e não conſentiſſe ſerem elles cauſa d'algum grande incen-

cen-

cendio de guerra naquellas partes, porque a gente Portuguez não dissimulava injurias, e principalmente a Mouros, dos quaes tinha havido grandes victorias. Mui attento esteve o Çamorij a todas estas palavras de Vasco da Gama, olhando muito a continencia com que as dizia, como homem, que do fervor, e constancia que lhe visse, queria conjecturar a verdade dellas. E que de seu natural fosse homem prudente, e nos sinaes que esguardou julgasse a verdade do caso, quiz comprazer em parte a tenção dos Mouros, que foi espedir Vasco da Gama, mandando-lhe que se tornasse aos navios, e que alli lhe mandaria o despacho de sua embaixada, dizendo, que por então isto lhe parecia convir a elle Vasco da Gama, pois confessava que entre elles, e os Mouros havia aquelles odios; porque ficando mais tempo na Cidade, per ventura huns com os outros travariam em palavras, que fosse causa delle receber contra sua vontade algum damno, de que elle Çamorij teria desprazer, e com isto o espedio.

CAPITULO X.

Como per induſtria dos Mouros Vaſco da Gama, e os que com elle eſtavam, foram reteudos; e depois de recolhido aos navios, e poſto em terra Diogo Dias, e Alvaro de Braga, tambem foram prezos, té que o Camorij mandou prover niſſò, e os eſpedio de todo.

OS Mouros quando ſouberam o que El-Rey mandava a Vaſco da Gama, não ficáram mui ſatisfeitos, porque todo ſeu trabalho era ordenar que os ſeus navios foſſem mettidos no fundo, com fundamento que ficando a gente em terra, poucos, e poucos os iriam gaſtando; e pera executar eſte propoſito, fizeram com o Catual que os retiveſſe, e obrigaſſe a tirar os navios em terra pera de noite lhe pôrem fogo. O Catual como em tudo queria comprazer aos Mouros, levou Vaſco da Gama fóra de Calecut, moſtrando que o acompanhava té o meio caminho de ſua embarcação, e ſecretamente tinha mandado aos Officiaes del-Rey, que eſtavam em Capocate, onde ſe eſpedio delle, que o retiveſſem, como homens que faziam aquillo por razão de ſeus officios. Quando elle vio que o retinham, bem lhe pareceo ſer mais induſtria dos Mouros,

ros, que mandado pelo Çamorij, e porque pudesse ir ter á sua noticia, começou de se queixar gravemente com os ministros do caso, os quaes respondêram, que elle se queixava mais sem causa, do que a elles tinham em o reter, como officiaes que eram del-Rey, obrigados a olhar o bem, e segurança da terra, porque a elle não o retinham com tenção de o querer anojar, mas com receio de elle fazer algum nojo á gente da terra, depois que se visse em os navios, segundo se dizia que elles fizeram nos portos per onde vinham; que se elle, e os seus eram gente pacifica, deviam usar o costume d'aquellas partes, principalmente naquelle tempo do inverno, varando seus navios em terra, e não estar sempre com a verga dalto, como gente que tinha animo de commetter algum mal. Ao que Vasco da Gama respondeo, que os seus navios eram de quilha, e não de feição dos da terra, e por isso era cousa impossivel poderem ser varados, por não haver alli os apparelhos que no Reyno de Portugal havia pera aquella necessidade. Finalmente tanto aperfiáram sobre o varar dos navios, ou que leixasse em terra alguns homens com mercadorias, e isto em modo de refens, em quanto o Çamorij o não despachava, dizendo, que a gente do mar lho requeria, pera poderem ir pescar seguramen-

mente delles: que conveio a Vaſco da Gama leixar em terra com alguma pouquidade diſſo que levavam pera compra de mantimentos a Diogo Dias por Feitor, Alvaro de Braga por Eſcrivão, Fernão Martins lingua, e quatro homens do ſeu ſerviço, té ver em que parava o deſpacho do Çamorij. Os miniſtros deſta obra tanto que per ella ficáram ſeguros, conſentíram que Vaſco da Gama ſe embarcaſſe; mas quanto a dar modo pera que Diogo Dias compraſſe alguma couſa, tudo eram artificios pera o não poderem fazer; de maneira, que per eſpaço de ſeis, ou ſete dias elles ſe haviam por prezos, e não por Feitores, té que á força de queixumes de Vaſco da Gama acudio o Catual, que era o auctor deſtas couſas, e mandou-ſe deſculpar a elle, fingindo não ſer diſſo ſabedor; e porém que os officiaes tinham razão, por quanto o Çamorij o não tinha de todo deſpachado. E que por haver pouco que comprar, ou vender naquelle lugar, elle mandava levar os ſeus Feitores a Calecut, onde havia cópia de tudo: por tanto lhe parecia bom conſelho que elle com os ſeus navios ſe foſſe ao porto da Cidade por ſer mais perto donde eſtava o Çamorij pera ſeus negocios ſerem mais em breve deſpachados. Vaſco da Gama, poſto que ſentiſſe, que todos eſtes arti-

ficios eram dilações pera o deter té a vinda das náos de Méca, ſegundo lhe tinha dito o Mouro Monçaide; (o qual já neſte tempo eſcondidamente vinha communicar com elle;) todavia, porque eſtando mais perto delRey, per meio do meſmo Monçaide lhe poderia mandar algum recado, e mais ſaber o que ſe fazia com Diogo Dias, e Alvaro de Braga, foi-ſe com os navios poer ante a Cidade de Calecut, onde ſoube per Monçaide, que ſe os Mouros não temêram poder com iſſo indignar o Çamorij, já os tiveram mortos. Vaſco da Gama vendo eſte negocio tão damnado, e que o Çamorij era mudado dos paços, donde lhe fallára, pera mais longe, ſem haver commemoração de ſeu deſpacho, e que elles não tinham outro meio pera o requerer ſenão Monçaide, que já não ouſava communicar com elles, ſenão dando a entender aos Mouros que era ſua eſpia, ajuntou-ſe com Paulo da Gama, Nicolao Coelho, e os principaes da companhia dos navios, e teve conſelho ſobre o que deviam fazer. E determinarem-ſe que não deviam eſperar mais reſpoſta delRey que os deſenganos, que lhe tinha dado em palavras, e no modo de os eſpedir, leixando-os em poder de ſeus imigos tanto tempo ſem lhe mandar reſpoſta. Aſſentado eſte conſelho, eſcreveo Vaſco da

Ga-

Gama per Monçaide a Diogo Dias, que o mais ſecreto que pudeſſem pera tal dia ante manhã ſe vieſſem á praia, porque alli achariam bateis pera os recolher; peró como os Mouros tinham vigia ſobre elles, tanto que os ſentíram, ſaltáram com elles, e os prendêram, tomando-lhes quanta fazenda levavam. Vaſco da Gama vendo que a maldade dos Mouros não ſe podia remediar com a paciencia, e ſoffrimento que com elles teve, nem tinha eſperança d'algum deſpacho delRey, houve á mão obra de vinte tantos peſcadores, que vinham peſcar ao mar, e com elles ſe fez á véla, que foi pera os Mouros grande prazer, vendo alvoroçado todo o Gentio com a grita, e brados das mulheres deſtes peſcadores. A nova do qual caſo tanto que foi ao Çamorij, poſto que os Mouros per ſeus meneos o queriam indignar contra os noſſos, dizendo, que per alli veria quem elles eram, todavia por ter ſentido o odio que lhe tinham, ante de ſe determinar em outra couſa, mandou dous homens principaes dos Gentios ſem ſuſpeita, que lhe vieſſem ſaber como aquelle negocio paſſava. Per os quaes ſendo informado, como aquillo parecia ſer mais repreſſaria por os ſeus homens, que lhe os Mouros prendêram, que por outra cauſa, e mais que elle Capitão

andava á véla huma volta ao mar, e outra á terra, como quem queria fazer razão de si, se a fizessem com elle, tornou logo a enviar estes mesmos homens, que levassem ante elle Diogo Dias, e os outros, que com elle estavam, com os quaes teve prática sobre o modo de seu despacho. E mandou-lhe que escrevessem a Vasco da Gama, que tratasse bem os homens que tomára, porque elle, e seus companheiros estavam mui bem tratados em poder delle Çamorij, e per elles, e lhe queria mandar o despacho. Vasco da Gama com esta carta ficou mui contente; peró temendo alguma malicia dos Mouros, duas, ou tres vezes se fez na volta do mar, e outras tantas surgio diante da Cidade, porque as partes a que tocava a liberdade da gente que tinha tomado, clamassem ao Çamorij sua liberdade a troco dos nossos. Finalmente pela informação que teve da verdade, despachou Diogo Dias, mandando per elle a Vasco da Gama huma carta, que escreveo a ElRey D. Manuel, em que lhe dizia como recebêra outra sua, e ouvíra seu Embaixador, e lhe respondêra; e que a causa de sua partida per aquelle modo, foram differenças antigas d'ante Christãos, e Mouros. Que elle teria muito contentamento de sua amizade, e do commercio das cousas

do

do ſeu Reyno , podendo ſer ſem aquelles eſcandalos, porque os Mouros elle os havia por naturaes do ſeu Reyno por ſer gente mui antiga naquelle acto do commercio. Com a qual carta , e algumas couſas, que deo a Diogo Dias , o eſpedio, mandando áquelles dous ſenhores Gentios que o entregaſſem a Vaſco da Gama com a fazenda que lhe era tomada, e houveſſem delle os peſcadores que tinha em repreſaria. O que elles fizeram com algumas cautelas no modo da entrega, querendo ainda os Mouros uſar de ſuas maldades ; mas com tudo recolhidos todolos noſſos , por cauſa d'alguma fazenda , que lhe não quizeram entregar, Vaſco da Gama reteve certos Indios, que trouxe comſigo, e aſſim o fiel Monçaide , partindo logo aquelle dia , que eram vinte e nove de Agoſto, havendo ſetenta e quatro dias que chegára áquella Cidade Calecut.

CA-

CAPITULO XI.

Como Vasco da Gama se partio do porto de Calecut, e foi ter á Ilha Anchediva, onde veio hum Judeo, o qual Vasco da Gama prendeo, e elle se fez Christão: e do mais que passou na sua viagem té chegar ao Reyno.

PArtido Vasco da Gama, não mui contente da espedida que houve em seu despacho, quando veio ao seguinte dia, andando em calma pouco mais de legua e meia de Calecut, vieram a elle obra de sessenta tonés, que são barcos pequenos atulhados de gente, parecendo-lhe que por ser muita tinham pouco que fazer com a nossa; peró como sentíram seu damno com a artilheria que ao longo os foi receber, e principalmente com huma trovoada que os derramou, elles tomáram por acolheita a terra, e os nossos o mar, seguindo seu caminho á vista da costa. E desejando Vasco da Gama metter nella hum dos Padrões que levava, porque outro que mandou ao Çamorij per Diogo Dias pera se poer na Cidade, segundo ficava na vontade dos Mouros, era certo que não havia de estar muitas horas em pé, tanto se chegou á terra pera escolher lugar notavel, onde o puzesse, que

veio

veio dar com elle hum toné de pescadores. Per o qual escreveo ao Çamorij per mão de Monçaide, em que se queixou dos enganos, que com elle usáram na entrega da gente, e fazenda que tinha em terra, onde lhe ficava boa parte. E que não houvesse por mal levar elle comsigo alguns dos seus naturaes, porque não era a fim de represaria da fazenda; mas pera ElRey seu Senhor per elles se poder informar de seu estado, e das cousas do seu Reyno, e elle Çamorij per o mesmo modo saber as de Portugal, quando elle Vasco da Gama, ou outro Capitão tornasse áquella sua Cidade, que sería o anno seguinte, como elle esperava em Deos, pera confusão dos Mouros. Espedido este barco, tornou seguir seu caminho com desejo de metter o Padrão que dissemos; e por não achar lugar mais á sua vontade, em huns ilheos pegados com a terra metteo hum per nome Sancta Maria, donde os ilheos se chamam ora de Sancta Maria, os quaes estam entre Bacanor, e Baticalá, dous lugares notaveis daquella costa, e no arvorar delle se achou algum Gentio da terra, que o fizeram com muito prazer, por o bom tratamento que lhe Vasco da Gama fazia, e cousas que dava. Assi que com este Padrão, que foi o derradeiro em tempo, leixou Vasco da Gama nesta viagem pos-

postos sinco Padrões, S. Rafael no rio dos Bons Sinaes, S. Jorge em Moçambique, Sancto Espirito em Melinde, Sancta Maria nestes ilheos, e o ultimo per sitio em Calecut chamado S. Gabriel. Os quaes peró que não sejam postos per nação tão gloriosa de escrever, como foi a gente Grega, nem o nosso estylo possa alevantar a gloria deste feito no gráo que elle merece, ao menos será recompensado com a pureza da verdade que em si contém. Não contando os fabulosos trabalhos de Hercules em poer suas columnas, nem pintando alguma Argonautica de Capitães Gregos em tão curta, e segura navegação, como he de Grecia ao rio Faso, sempre á vista da terra, jantando em hum porto, e ceando em outro, nem escrevendo os errores de Ulysses sem sahir de hum clima, nem os varios casos de Eneas em tão breve caminho, nem outras fabulas da gentilidade Grega, e Romana: que com grande engenho na sua escritura assi decantáram, e celebráram a empreza, que cada hum tomou, que não se contentáram com dar nome de illustres Capitães na terra aos auctores destas obras, mas ainda com nome de Deoses os quizeram collocar no Ceo. E a gente Portuguez Catholica per Fé, e verdadeira adoração do culto, que se deve a Deos, arvorando aquella Divina bandeira

de

de Chriſto, ſinal de noſſa Redempção, de que a Igreja canta *Vexilla Regis prodeunt*, não ſómente á viſta dos Mouros de Africa, Perſia, e India, perfidos a ella, mas diante de todo o paganiſmo deſtas partes, que della nunca tiveram noticia, e iſto navegando per tantas mil leguas, que vem a ſer antipodas de ſua propria patria, couſa tão nova, e maravilhoſa na opinião das gentes, que té doctos, e mui graves barões em ſuas eſcrituras puzeram em dúvida de os haver; nas quaes partes elles houveram victorias de todas eſtas nações, contentando com os perigos do mar trabalhos de fome, e ſede, dores de novas enfermidades, e finalmente com as malicias, traições, e enganos dos homens, que he mais duro de ſoffrer: Aſſi são proprias todas eſtas couſas em a Nação Portuguez, e as tem por tão natural mantimento, depois que naſcem, que os faz faſtientos no trabalho de as querer contar, e eſcrever, como ſe tiveſſe a ſeus proprios feitos odio pera os ouvir depois que os faz, como são appetitoſos pera os commetter, e apreſſados no acto de os fazer, e conſtantes em os ſegurar. Certo grave, e piedoſa couſa de ouvir, ver huma Nação, a que Deos deo tanto animo, que ſe tivera creado outros Mundos já lá tivera mettido outros Padrões de victorias: aſſi he deſcuida-

dada na posteridade de seu nome, como senão fosse tão grande louvor dilatallo per penna, como ganhallo pela lança. E tornando a Vasco da Gama auctor de tão illustre feito, que na distancia da terra, em que poz estes sinco Padrões per linha direita de Ponente a Levante, descubrio mil e duzentas leguas, começando do rio do Infante, onde acabou Bartholomeu Dias, té o porto da Cidade Calecut: tanto que leixou posto este Padrão Sancta Maria, foi ter per enculca do Gentio da terra, desejando de espalmar os navios em outros ilheos pegados com terra firme, aos quaes nós agora chamamos Angedivida, e os Canarijs Anchediva, *anche*, quer dizer sinco, *diva*, Ilhas, por elles serem sinco, posto que o notavel he hum, de que ao diante faremos maior relação, por causa de huma fortaleza, que ElRey D. Manuel nelle mandou fazer. Na qual parte estando Vasco da Gama em trabalho de espalmar seus navios, e fazendo aguada, por ser a melhor de toda aquella costa, onde geralmente todalas náos, que per alli navegam, a vem fazer, e o Gentio dalli mui satisfeito polas causas que lhe mandava dar, veio a elle hum cossario por nome Timoja, que depois, como adiante se verá, foi grande nosso amigo. Este tanto que teve noticia dos nossos navios, e que a gen-

gente delles era eſtrangeira, ſahio de hum lugar, onde elle vivia chamado Onor perto dalli; e como homem ſagaz, quiz commetter os noſſos per eſte artificio, ajuntando oito navios de remo pegados huns em outros, todos cubertos de rama, que pareciam huma grande balſa della. Vaſco da Gama quando vio que de terra eſta balſa vinha contra elle, perguntou aos Indios, que alli andavam familiares, que visão era aquella: ao que elles reſpondêram, que não ſe eſpantaſſe della, que eram invenções de hum fraco coſſairo, que coſtumava commetter alguns navios que per alli paſſavam. Todavia Vaſco da Gama, ante que Timoja ſe chegaſſe mais a elle, mandou a ſeu irmão Paulo da Gama, e a Nicoláo Coelho, que o foſſem ſalvar com a artilheria, como elles fizeram; e foi a ſalva de maneira, que os barcos enramados ſe derramáram logo, acolhendo-ſe a terra; na qual fugida Nicoláo Coelho tomou hum delles, em que acháram arroz, e outro mantimento da terra com alguma pobreza de ſuas provisões. Paſſado o dia deſte coſſairo Timoja, que per aquelle modo quizera commetter os noſſos navios, como a terra era já chea da eſtancia, que elles alli faziam, ſobreveio outro caſo, que ſe fora avante lhe houvera de dar muito trabalho, e foi eſte. Hum ſenhor

Mou-

Mouro chamado Sabayo , cuja era huma Cidade per nome Goa, que ora he a Metropoli, que efte Reyno tem naquellas partes , daquella Ilha de Anchediva té doze leguas, como era homem, que tinha comfigo Arabios , Parfeos , Turcos, e alguns Levantifcos arrenegados, com ajuda, e induftria dos quaes tinha naquellas partes adquirido grande eftado, tanto que foube como os noffos navios eram de gente deftas partes da Chriftandade, defejando haver informação della , chamou hum Judeo natural de Polonia , que lhe fervia de Xabandar , e perguntou-lhe fe tinha fabido de que nação era a gente , que vinha naquelles navios: ao que efte Judeo refpondeo ter fabido que fe chamavam Portuguezes , que habitavam nos fins da terra da Chriftandade , a qual gente fempre ouvíra nomear por guerreira, foffredora de trabalho , e mui leal ao Senhor que ferviam; que fe ella era a que lhe diziam devia trabalhar pola haver a feu ferviço , porque com os taes homens fe podiam fazer grandes conquiftas. O Sabayo ouvindo efte louvor dos noffos, como procurava haver em feu ferviço gente de guerra, mandou a efte Judeo que foffe a elles, e os commetteffe da fua parte com algum partido favoravel; e quando o não acceptaffem, elle mandaria tres, ou quatro navios

ar-

armados, que eſtiveſſem em ſeu reſguardo, pera que dando-lhe aviſo, os vieſſem commetter, que ſe partiſſe elle, porque os navios iriam logo nas ſuas coſtas. Partido o Judeo com eſte fundamento, veio ter em hum pequeno barco junto de huma ponta da terra firme, que eſtava ſobre os noſſos navios; e poſto ſobre aquelle tezo, começou em altas vozes bradar que queria fallar ao Capitão, e que o ſeguraſſem per aquelle ſinal, moſtrando huma Cruz de páo. Vaſco da Gama quando vio a Cruz, fez-lhe em ſeu coração reverencia, dizendo, que debaixo daquelle ſinal de ſua Redempção elle não eſperava engano, ou mal, que lhe foſſe feito; e convertendo-ſe aos Gentios, que alli andavam familiares com elle, perguntou-lhes ſe conheciam aquelle homem que bradava; os quaes como andavam contentes do bem que lhe elle mandava fazer, diſſeram: *Senhor, não te fies deſte, porque he ſoldado do ſenhor de huma Cidade chamada Goa, que eſtá perto daqui; e como he Mouro, gente com que vós-outros eſtais em odio, per ventura virá com algum engano.* Vaſco da Gama como teve eſta noticia delle, mandou-lhe reſponder, que ſe queria alguma couſa, e elle era homem ſeguro, que o ſegurava. Ao que o Judeo reſpondeo, que elle vinha com muita verdade,

de , e que na confiança della ſe entregava em ſeu poder: com as quaes palavras deſceo do lugar onde eſtava , e ſe veio a elle , moſtrando huma ſeguridade , como quem não trazia no peito outra couſa ; mas Vaſco da Gama de boa entrada lha deſcubrio logo , querendo-o metter a tormento. Quando o Judeo ſe vio naquelle eſtado , começou de pedir que por amor de Deos o não mandaſſe atormentar , que elle diria toda a verdade a que era vindo ; e que primeiro de vir a eſte caſo lhe queria contar o principio de ſeu naſcimento , e vida , per a qual , e pelo que ao preſente ſentia della , e da vinda delles naquellas partes , lhe parecia que não era ſómente por ſalvação delle , mas ainda pola de tantas mil almas , como havia no Gentio daquellas partes ; porque não eſtava em razão homens tão occidentaes , como era a gente Portuguez , os quaes viviam nos fins da terra , virem ás partes do Oriente per tanta diſtancia de mares , e caminhos não ſabidos , ſenão pera algum grande myſterio , que Deos queria obrar per elles. Então começou a contar o principio de ſua vida , dizendo , que no anno de Chriſto de mil quatrocentos e ſincoenta , ElRey de Polonia mandára lançar hum pregão per todo ſeu Reyno , que quantos Judeos nelle houveſſe , dentro de trinta dias

dias ſe fizeſſem Chriſtãos , ou ſe ſahiſſem do ſeu Reyno ; e paſſado eſte termo de tempo, os que achaſſem foſſem queimados. Donde ſe cauſou que a maior parte dos Judeos ſe ſahíram fóra do Reyno pera diverſas partes, e neſta ſahida fora ſeu pai, e ſua mãi, que eram moradores em huma Cidade chamada Boſna, os quaes vieram ter a Jeruſalem, e dahi ſe paſſáram á Cidade Alexandria, onde elle naſceo ; e depois que chegou a perfecta idade, diſcorrendo per muitas partes, fora ter áquellas da India ao ſerviço do Sabayo Senhor de Goa, per cujo mandado era alli vindo provocar a elle, e aos ſeus, que o quizeſſem ir ſervir a ſoldo, da maneira que com elle lá andavam alguns Levantiſcos. E que eſte deſejo tomára ao Sabayo de os querer em ſua ajuda, por lhe elle gabar a gente Portuguez; e que verdadeiramente eſta era a cauſa de ſua vinda: que lhe pedia não recebeſſe mal delle, e houveſſe por bem de o receber, como a gente Chriſtã coſtuma áquelles, que ſe chegam ao Baptiſmo, por quanto elle o queria acceptar, e morrer na Fé de Chriſto. Vaſco da Gama como vio neſta prática, e em outras, que com elle teve, ſer homem experto, e que mui particularmente dava razão das couſas daquellas partes, começou de o conſolar : e que quanto ao filho,

lho, e fazenda, que dizia ficar-lhe em Goa, que se não agastasse; porque ElRey seu senhor, tanto que elle chegasse com ajuda de Deos ao Reyno de Portugal, logo havia de mandar huma grossa Armada áquellas partes, em que elle tornaria, na qual viagem poderia cobrar seu filho, e muito mais fazenda nas mercês que lhe ElRey faria, que quanta leixava em Goa. Finalmente elle foi baptizado, e houve nome Gaspar, tomando por appellido Gama por causa de Vasco da Gama, que o trouxe áquelle estado; e per aviso delle logo ao seguinte dia, ante que viessem os navios, que o Sabayo havia de mandar, Vasco da Gama, por estar já prestes, se fez á véla via deste Reyno, atravessando aquelle grande golfão, que ha da costa da India a estoutra de Melinde na terra de Africa, em que lhe adoeceo, e morreo muita gente das enfermidades passadas por razão de grandes calmarias que teve. E a primeira terra que tomou, foi abaixo da Cidade Magadaxo situada na costa brava, per a qual passou sem fazer mais detença que salvalla com artilheria, por ver no apparato de seus edificios ser tão grande cousa, que não quiz fazer mais experiencia da verdade dos Mouros daquella costa. Peró não se pode espedir sem algum encontro delles, cá sendo

tan-

tanto avante, como outra chamada Paté, lhe sahíram ao caminho sete, ou oito zambucos da terra mui bem armados, com fundamento de o commetter, aos quaes elle salvou de maneira com artilheria, que não o quizeram mais seguir. Chegado a Melinde, onde elle levava posta a proa, foi recebido pelo Rey nosso amigo com muito prazer; e a gente enferma que trazia recebeo refeição com os refrescos da terra, posto que alguns ficáram alli enterrados em sinco dias que se deteve; em tal estado vinham. E tornando a seu caminho, no lugar dos baixos, onde o navio S. Rafael tocou, (como atrás dissemos,) deo outro toque, com que ficou alli pera sempre: que não deo muita paixão a Vasco da Gama por vir já tão falecido de gente pera marear tres navios, que pera dous ainda toda a deste era pouca. A qual repartida per elles, chegáram aos ilheos de S. Jorge defronte de Moçambique, onde ao pé do Padrão chamado S. Jorge, que deo nome ao ilheo, dia da Purificação de Nossa Senhora, em seu louvor ouvíram huma Missa, e outra na aguada de S. Braz, e a vinte de Março dobráram o grão Cabo de Boa Esperança, na qual paragem a gente começou a convalescer pera poderem todos servir em a navegação. Chegados com assás trabalho junto

das Ilhas do Cabo Verde com hum temporal forte que alli tiveram, Nicoláo Coelho ſe apartou de Vaſco da Gama ; e cuidando elle que o trazia ante ſi, veio ter á barra de Lisboa a dez de Julho daquelle anno de quatrocentos noventa e nove, havendo dous annos que ſahíra per ella ; e quando ſoube que Vaſco da Gama não era ainda chegado, quizera fazer volta ao mar em ſua buſca. Peró ſabendo ElRey, que então eſtava na Cidade, da ſua chegada, e como queria tornar em buſca de ſeu Capitão, mandou que entraſſe pera dentro. Vaſco da Gama com aquelle temporal foi ter á Ilha de Sant-Iago ; e por trazer ſeu irmão Paulo da Gama mui doente, leixou por Capitão em o ſeu navio a João de Sá, que ſe vieſſe a Lisboa ; e elle por remediar a ſaude de ſeu irmão, em huma caravela que fretou, paſſou-ſe á Ilha terceira, onde o veio enterrar no Moſteiro de S. Franciſco por vir já mui debilitado. A morte do qual deo muita dor a Vaſco da Gama, porque além de perder irmão, tinha Paulo da Gama qualidades pera ſentir ſua morte quem delle tiveſſe conhecimento, e mais por falecer ás portas do galardão de ſeus trabalhos. Partido Vaſco da Gama daquella Ilha terceira, a vinte e nove d'Agoſto chegou ao porto de Lisboa, e ſem entrar na Cidade, teve hu-

humas novenas em a Caſa de Noſſa Senhora de Bethlem, donde elle partio a eſte deſcubrimento. E aqui foi viſitado de todolos Senhores da Corte té o dia de ſua entrada, que ſe fez com grande ſolemnidade; e por ſe mais celebrar ſua vinda, houve touros, canas, mommos, e outras feſtas, em que ElRey quiz moſtrar o grande contentamento que tinha de tão illuſtre ſerviço, como lhe Vaſco da Gama fez: que foi hum dos maiores que ſe vio feito per vaſſallo, em tão breve tempo, e com tão pouco cuſto. Por cauſa do qual, como adiante ſe dirá, ElRey accreſcentou á ſua Coroa os titulos que ora tem de Senhor da conquiſta, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Perſia, e India. E na ſatisfação deſte grande ſerviço moſtrou ElRey quanto o eſtimava, fazendo logo, e depois mercê a Vaſco da Gama deſtas couſas: Que elle, e ſeus irmãos ſe chamaſſem de Dom, e que no eſcudo das Armas de ſua linhagem accreſcentaſſe huma peça das Armas Reaes deſte Reyno, e o officio de Almirante dos mares da India, e mais trezentos mil reaes de renda: e que em cada hum anno pudeſſe empregar na India duzentos cruzados em mercadorias, os quaes regularmente na eſpeciaria, que lhe vem do emprego delles, reſpondem cá no Reyno dous contos e oi-

tocentos mil reaes, e tudo iſto de juro, e aſſi Conde da Vidigueira, correndo depois o tempo, em que as couſas da India moſtráram ſer a grandeza dellas maior do que parecia nos primeiros annos. E ſe Vaſco da Gama fora de nação tão glorioſa, como eram os Romanos, per ventura accreſcentára ao appellido da ſua linhagem, poſto que foſſe tão nobre como he, eſta alcunha, *da India*, pois ſabemos ſer mais glorioſa couſa pera inſignias de honra o adquirido, que o herdado, e que Scipião mais ſe gloriava do feito que lhe deo por alcunha, *Africano*, que do appellido de Cornelio, que era da ſua linhagem.

CAPITULO XII.

Como ElRey D. Manuel em louvor de Noſſa Senhora fundou na ſua Ermida de Bethlem, que eſtava em Raſtello, hum ſumptuoſo Templo, que depois tomou por jazigo de ſua ſepultura.

O Infante D. Henrique, (como atrás eſcrevemos,) por razão deſta empreza, que tomou de mandar deſcubrir novas terras em as partes, donde as ſuas Armadas partiam a eſte deſcubrimento, por louvor de Noſſa Senhora, mandava-lhe fazer huma Caſa, huma das quaes foi a de Raſtello em Lis-

Lisboa da invocação de Bethlem, na qual tinha certos Freires da Ordem da Milicia de Chrifto, de que elle era Governador, e Adminiftrador, á qual Ordem elle tinha dado efta cafa com todalas terras, pumares, e aguas, que para elle comprára. Ifto com encargo, que o Capellão obrigado a ella cada fabbado diffeffe por elle Infante huma Miffa a Noffa Senhora; e quando foffe ao lavar das mãos, fe volveffe ao povo, e em alta voz lhe pediffe quizeffem dizer hum Pater nofter, e huma Ave Maria pola alma delle Infante por mandar fazer aquella Igreja; e affi polos Cavalleiros da Ordem de Chrifto, e por aquelles a que elle era obrigado. O fundamento das quaes cafas, e principalmente defta de Bethlem, era pera que os Sacerdotes, que alli refidiffem, miniftraffem os Sacramentos da Confifsão, e Communhão aos mareantes que partiam pera fóra; e em quanto efperavam tempo, (por fer quafi huma legua da Cidade,) tiveffem onde ouvir Miffa. ElRey D. Manuel, como imitador defte fancto, e catholico avoengo, vendo que fuccedêra a efte Infante em fer Governador, e perpétuo Adminiftrador da Ordem da Milicia de Chrifto, e affi em profeguir efte defcubrimento, tanto que veio Vafco da Gama, em que fe terminou a efperança de tantos annos, que era

era o deſcubrimento da India, quiz, como premicias deſta mercê, que recebia de Deos em louvor de ſua Madre, (a quem o Infante tinha tomado por ſua Protectora pera eſta obra,) fundar hum ſumptuoſo Templo na ſua Ermida da vocação de Bethlem. E acceptou ante eſte, que outro lugar, por ſer o primeiro poſto, donde haviam de partir todalas Armadas a eſte deſcubrimento, e conquiſta; e tambem porque como a cauſa que elle teve de fazer tamanha deſpeza, como ſe neſte Templo tem feito, procedeo da mais notavel, e maravilhoſa obra, que os homens víram, pois per ella o Mundo foi eſtimado em mais do que ſe delle cuidava, ante que deſcubriſſemos eſta ſua tão grande parte, convinha que huma tal memoria de gratificação foſſe feita em lugar, onde as nações de tão varias gentes, como o meſmo Mundo tem, quando entraſſem neſte Reyno, a primeira couſa que viſſem, foſſe aquelle ſumptuoſo edificio fundado das victorias de toda a redondeza delle. E como o lugar de Raſtello he o mais célebre, e illuſtre, que eſte Reyno de Portugal tem, por ſer nos arrabaldes de Lisboa Monarca deſta oriental conquiſta, e porta per onde haviam de entrar neſte Reyno os triunfos della, neſta entrada convinha ſer feito não hum portico de pompa humana, nenhum

tem-

templo a Jupiter protector, como os Romanos tinham em Roma no tempo de seu imperio, a que offereciam as insignias de suas victorias; mas hum Templo dedicado áquelle vivo, e divino Templo, que he a Madre de Deos da vocação de Bethlem; porque como neste acto de ser Madre, e Virgem triunfou do principe das trévas, dando espiritual victoria a todo Genero humano, assi era cousa mui justa que os triunfos das temporaes victorias, que per suas intercessões os Portuguezes haviam de haver dos principes, e reys das trévas da infidelidade de todo o Paganismo, e Mouros daquellas partes do Oriente, quando entrassem pela barra de Rastello com as náos carregadas delles, achassem casa sua tão grande pera os recolher, como ella fora liberal em conceder as petições delles nos actos de suas necessidades, a qual casa ElRey deo aos Religiosos da Ordem de S. Jeronymo pola singular devoção que tinha neste Sancto: e por a mesma causa a elegeo por jazigo de sua sepultura. E porque a Ermida com todalas propriedades da casa, (como dissemos,) era da Ordem de Christo, por a ter dotada o Infante ao Convento delle, que está em a Villa de Thomar, per auctoridade Apostolica deo ElRey por ella ao mesmo Convento a Igreja de Nossa Senhora

da

da Conceição de Lisboa, a qual elle fez de esnoga, que era dos Judeos, onde ora residem Freires da mesma Ordem de Christo, e lhe applicou renda não sómente pera os Freires, mas ainda pera huma Commenda que fez daquella casa. E foi ainda ElRey D. Manuel tão magnanimo na gloria da edificação deste Templo de Bethlem, que tomou pera o lugar de sua Imagem, e da Rainha D. Maria sua mulher a porta mais pequena fronteira ao Altar mór: e mandou pôr a imagem daquelle excellente Principe Infante D. Henrique na porta travessa por ser mais principal em vista, armado como hoje apparece sobre a columna do meio. E mais por se não perder a memoria do que elle Infante mandava, que á sua Missa o Sacerdote pedisse ao povo que o encommendassem a Deos: per este mesmo modo são obrigados os Religiosos a outra Missa, que ElRey ordenou que se dissesse per elle; que o Sacerdote peça tambem ao povo, que roguem a Deos pola alma do Infante D. Henrique primeiro Fundador daquella Casa, e assi por ElRey, e por seus successores, com a qual obra fica o Infante D. Henrique louvado no que fez por louvor de Nossa Senhora, e ElRey D. Manuel com muito maior, porque então se consegue elle dobrado ante Deos per glo-

ria,

ria, e ácerca dos homens per fama, quando das nossas obras por razão d'alguma pequena parte que nellas outrem poz, lhe queremos dar o todo; e o contrario, quando queremos esconder o todo pola parte que nella puzemos.

DE-

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO V.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento dos mares, e terras do Oriente, no qual se contém o que Pedralvares Cabral fez no anno de quinhentos, que deste Reyno partio com huma grossa Armada: e o que fez João da Nova no anno seguinte de quinhentos e hum com outra de quatro náos.

CAPITULO I.

Como ElRey por razão da nova, que Dom Vasco da Gama trouxe da India, mandou fazer huma Armada de treze vélas, da qual foi por Capitão mór Pedralvares Cabral.

ELrey D. Manuel, como era Principe Catholico, e que todas suas cousas offerecia a Deos, por esta mercê que delle tinha recebido, dava-lhe muitos louvores, pois lhe aprouvera ser elle o instrumento per quem quizera conceder hum bem tão universal, como era abrir as portas d'outro novo Mundo de infieis, onde o seu no-

me

me podia ser conhecido, e louvado, e as chagas de seu precioso Filho Christo Jesus recebidas per Fé, e Baptismo pera redempção de tantas mil almas, como o demonio naquellas partes da infidelidade imperava. Pera gratificação da qual mercê que tinha recebida de Deos, e porque o seu povo se gloriasse nella, escreveo a todalas Cidades, e Villas notaveis do Reyno, notificando-lhes a chegada de D. Vasco da Gama, e os grandes trabalhos que tinha passado, e o que aprouve a Nosso Senhor que no fim delles descubrisse, encommendando-lhes que solemnizassem tamanha mercê, como este Reyno tinha recebido de Deos, com muitas procissões, e festas espirituaes em seu louvor. E como nos taes ajuntamentos sempre concorrem diversos pareceres em tão novos casos, leixando aquelles que perdêram pai, irmão, filho, ou parente nesta viagem, cuja dor não leixava julgar a verdade do caso, toda a outra gente a huma voz era no louvor deste descubrimento. Quando viam neste Reyno pimenta, cravo, canela, aljofre, e pedraria, que os nossos trouxeram, como mostra das riquezas daquella Oriental parte que descubríram, lembrando-lhes quão espantados os fazia alguma destas cousas, que as galés de Veneza traziam a este Reyno. As quaes práticas todas se convertiam

tiam em louvores delRey, dizendo, que elle era o mais bem afortunado Rey da Christandade, pois nos primeiros dous annos de seu reynado descubríra maior estado á Coroa deste Reyno, do que era o patrimonio que herdára; cousa que Deos não concedêra a nenhum Principe de Hespanha, nem a seus antecessores, que nisso bem trabalhá-ram per discurso de tantos annos, nem se achava escritura de Gregos, Romanos, ou d'alguma outra nação, que contasse tamanho feito, como era tres navios com obra de cento e sessenta homens, quasi todos doentes de novas doenças, de que muitos falecêram, com a mudança de tão varios climas per que passáram, differença dos mantimentos que comiam, mares perigosos que navegavam, e com fome, sede, frio, e temor, que mais atormenta, que todalas outras necessidades, obrar nelles tanto a virtude da constancia, e precepto de seu Rey, que pospostas todas estas cousas, navegáram tres mil e tantas leguas, e contendêram com tres, ou quatro Reys tão differentes em lei, costumes, e linguagem, sempre com victoria de todalas industrias, e enganos da guerra que lhe fizeram. Por razão das quaes cousas, posto que muito se devesse ao esforço de tal Capitão, e vassallos, como ElRey mandára, mais se havia de attribuir á boa for-

fortuna deste seu Rey, porque não era em poder, ou saber de homens, tão grande, e tão nova cousa como elles acabáram. ElRey de todas estas práticas, e louvores do caso era sabedor, porque naquelles dias não se fallava em outra cousa, que era para elle dobrado contentamento, saber quão prompta estava a vontade de seu povo pera proseguir esta conquista. E porque pela informação que tinha da navegação d'aquellas partes, o principal tempo era partir daqui em Março, e por ser já muito curto pera no seguinte do anno de mil e quinhentos se fazer prestes a Armada, teve logo conselho no modo que se teria nesta conquista: cá, segundo o negocio, ficava suspeitoso polas cousas que D. Vasco da Gama passára, parecia que mais havia de obrar nelles temor de armas, que amor de boas obras. Finalmente assentou ElRey, que em quanto o negocio de si não dava outro conselho, o mais seguro, e melhor era ir logo poder de náos, e gente, porque nesta primeira vista que sua Armada désse áquellas partes, que já ao tempo de sua chegada toda a terra havia de estar posta em armas contra ella, convinha mostrar-se mui poderosa em armas, e em gente luzida. Das quaes duas cousas, os moradores d'aquellas partes podiam conjecturar, que o Reyno

de

de Portugal era mui poderoſo pera proſeguir eſta empreza; e a outra, vendo gente luzida, a riqueza delle, e quão proveitoſo lhe sería terem ſua amizade. E não ſómente ſe aſſentou no Conſelho o numero das náos, e gente d'armas, que havia de ir neſta Armada, mas ainda o Capitão mór della, que por as qualidades de ſua peſſoa foi eſcolhido Pedralvares Cabral filho de Fernão Cabral. Chegado o tempo que as náos eſtavam preſtes pera poderem partir, foi ElRey, que então eſtava em Lisboa, hum Domingo oito dias de Março do anno de mil e quinhentos com toda a Corte ouvir Miſſa a Noſſa Senhora de Bethlem, que he em Raſtello, onde já as náos eſtavam com ſeu alardo da gente d'armas feito. Na qual Miſſa ouve Sermão, que fez D. Diogo Ortiz Biſpo de Cepta, que depois foi de Viſeu, todo fundado ſobre o argumento deſta empreza. Eſtando no Altar, em quanto ſe diſſe a Miſſa, arvorada huma bandeira da Cruz da Ordem da Cavalleria de Chriſto, que no fim da Miſſa o meſmo Biſpo benzeo, e de ſi ElRey a entregou a Pedralvares Cabral, com aquella ſolemnidade de palavras, que os taes actos requerem, ao qual, em quanto ſe diſſe a Miſſa, ElRey por honra do cargo que levava, teve comſigo dentro na cortina. Acabado eſte acto, aſſi como eſta-

tava arvorada, com huma ſolemne Procisſão de Reliquias, e Cruzes, foi levada aquella bandeira, ſinal de noſſas eſpirituaes, e temporaes victorias, a qual ElRey acompanhou, té Pedralvares com ſeus Capitães na praia lhe beijarem a mão, e eſpedirem delle. A qual eſpedida geralmente a todos foi de grande contemplação, porque a maior parte do povo de Lisboa, por ſer dia de feſta, e mais tão celebrado por ElRey, cubria aquellas praias, e campos de Bethlem, e muitos em bateis que rodeavam as náos, levando huns, trazendo outros, aſſi ſerviam todos com ſuas librés, e bandeiras de cores diviſas, que não parecia mar, mas hum campo de flores, com a flor d'aquella mancebia juvenil que embarcava. E o que mais levantava o eſpirito deſtas couſas, eram as trombetas, atabaques, ſeſtros, tambores, frautas, pandeiros, e té gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apaſcentar dos gados, naquelle dia tomáram poſſe de ir ſobre as aguas ſalgadas do mar, neſta, e outras Armadas que depois a ſeguíram, porque pera viagem de tanto tempo tudo os homens buſcavam pera tirar a triſteza do mar. Com as quaes differenças, que a viſta, e ouvidos ſentiam, o coração de todos eſtava entre prazer, e lagrimas, por eſta ſer a mais formoſa, e poderoſa Armada, que

té

té aquelle tempo pera tão longe deste Reyno partíra. A qual Armada era de treze vélas, entre náos, navios, e caravelas, cujos Capitães eram estes: Pedralvares Cabral Capitão mór, Sancho de Toar filho de Martim Fernandes de Toar, Simão de Miranda filho de Diogo de Azevedo, Aires Gomes da Silva filho de Pero da Silva, Vasco de Taíde, e Pero de Taíde d'alcunha Inferno, Nicoláo Coelho que fora com Vasco da Gama, Bartholomeu Dias o que descubrio o Cabo de Boa Esperança, e seu irmão Pero Dias, Nuno Leitão, Gaspar de Lemos, Luiz Pires, e Simão de Pina. Sería o numero da gente que hia nesta frota, entre mareantes, e homens d'armas, té mil e duzentas pessoas, toda gente escolhida, limpa, bem armada, e provída pera tão comprida viagem. E além das armas materiaes, que cada hum levava pera seu uso, mandava ElRey outras espirituaes, que eram oito Frades da Ordem de S. Francisco, de que era Guardião Fr. Henrique, que depois foi Bispo de Cepta, e Confessor delRey, barão de vida mui religiosa, e de grão prudencia, com mais oito Capellães, e hum Vigairo pera administrar em terra os Sacramentos na fortaleza que ElRey mandava fazer, todos barões escolhidos pera aquella obra Evangelica. E a principal cousa do

re-

regimento que Pedralvares levava, era primeiro que commetteſſe os Mouros, e gente idólatra daquellas partes com o gladio material, e ſecular, leixaſſe a eſtes Sacerdotes, e Religioſos uſar do ſeu eſpiritual, que era denunciar-lhes o Evangelho com amoeſtações, e requerimentos da parte da Igreja Romana, pedindo-lhes que leixaſſem ſuas idolatrias, diabolicos ritos, e coſtumes, e ſe converteſſem á Fé de Chriſto, pera todos ſermos unidos, e adjuntados em caridade de lei, e amor, pois todos eramos obra de hum Creador, e remidos per hum Redemptor, que era eſte Chriſto Jeſus, promettido per Profetas, e eſperado per Patriarcas tantos mil annos ante que vieſſe. Pera o qual caſo lhe trouxeſſem todalas razões naturaes, e legaes, uſando daquellas ceremonias, que o Direito Canonico diſpõe. E quando foſſem tão contumazes, que não acceptaſſem eſta lei de Fé, e negaſſem a lei de paz, que ſe deve ter entre os homens, pera conſervação da eſpecia humana, e defendeſſem o commercio, e commutação, que he o meio per que ſe concilia, e trata a paz, e amor entre todolos homens, por eſte commercio ſer o fundamento de toda a humana policia, peró que os contratantes differam em lei, e crença de verdade, que cada hum he obrigado ter,

e crer de Deos, em tal caſo lhe puzeſſem ferro, e fogo, e lhe fizeſſem crua guerra; e de todas eſtas couſas levava mui copioſos regimentos.

CAPITULO II.

Como partido Pedralvares teve hum temporal na paragem do Cabo Verde; e ſeguindo ſua derrota, deſcubrio a grande terra, a que communmente chamamos Brazil, á qual elle poz nome Sancta Cruz: *e como ante de chegar a Moçambique, paſſou hum temporal, em que perdeo quatro vélas.*

AO ſeguinte dia, que eram nove do mez de Março, differindo ſuas vélas, que eſtavam a pique, ſahio Pedralvares com toda a frota, fazendo ſua viagem ás Ilhas do Cabo Verde, pera ahi fazer aguada, onde chegou em treze dias. Peró ante de tomar eſte Cabo, ſendo entre eſtas Ilhas, lhe deo hum tempo, que lhe fez perder de ſua companha o navio, de que era Capitão Luiz Pires, o qual ſe tornou a Lisboa. Junta a frota, depois que paſſou o temporal, por fugir da terra de Guiné, onde as calmarias lhe podiam impedir ſeu caminho, empégou-ſe muito no mar, por lhe ficar ſeguro poder dobrar o Cabo de Boa Eſperança.

E

E havendo já hum mez que hia naquella grão volta, quando veio a ſegunda oitava da Paſcoa, que eram vinte e quatro de Abril, foi dar em outra coſta de terra firme, a qual, ſegundo a eſtimação dos Pilotos, lhe pareceo que podia diſtar pera Aloeſte da coſta de Guiné quatrocentas ſincoenta leguas, e em altura do pólo Antartico da parte do Sul dez gráos. A qual terra eſtavam os homens táo crentes em não haver alguma firme occidental a toda a coſta de Africa, que os mais dos Pilotos ſe affirmavam ſer alguma grande Ilha, aſſi como as Terceiras, e as que ſe acháram per Chriſtovão Colom, que eram de Caſtella, a que os Caſtelhanos commummente chamam Antilhas. E por ſe affirmar no certo ſe era Ilha, ou terra firme, foi cortando ao longo della todo hum dia, e onde lhe pareceo mais azada pera poder ancorar, mandou lançar hum batel fóra. O qual tanto que foi com terra, víram ao longo da praia muita gente nua, não preta, e de cabello torcido como a de Guiné, mas toda de côr báça, e de cabello comprido, e corrido, e a figura do roſtro couſa mui nova, porque era tão amaçado, e ſem a commum ſemelhança da outra gente que tinham viſto, que ſe tornáram logo os do batel a dar razão do que víram, e que o porto lhe parecia bom

 ſur-

ſurgidouro. Pedralvares, por haver noticia da terra, encaminhou ao porto com toda a frota, mandou ao batel que ſe chegaſſe bem a terra, e trabalhaſſe por haver á mão alguma peſſoa das que víram, ſem os amedrentar com algum tiro que os fizeſſe acolher; mas elles não eſperáram por iſſo, porque como víram que a frota ſe vinha contra elles, e que o batel tornava outra vez á praia, fugíram della, e puzeram-ſe em hum tezo ſoberbo, todos apinhoados, a ver o que os noſſos faziam. Os do batel, em quanto Pedralvares ſurgia hum pouco largo do porto, por não amedrentar aquella nova gente mais do que o moſtrava em ſe acolher ao tezo, puzeram-ſe debaixo no meſmo batel, e começou hum Negro Grumete fallar a lingua de Guiné, e outros que ſabiam algumas palavras do Aravigo; mas elles nem á lingua, nem aos acenos, em que a natureza foi commum a todalas gentes, nunca acudíram. Vendo os do batel, que nem aos acenos, nem ás couſas que lhe lançáram na praia acudiam, canſados de eſperar algum ſinal de entendimento delles, tornáram-ſe a Pedralvares, contando o que víram. Tendo elle determinado ao outro dia de mandar lançar mais bateis, e gente fóra, ſaltou aquella noite tanto tempo com elles, que lhe conveio levar as ancoras, e

cor-

corrêram contra o Sul, ſempre ao longo da coſta, por lhes ſer per aquelle rumo o vento largo, té que chegáram a hum porto de mui bom ſurgidouro, que os ſegurou do tempo que levavam, ao qual por eſta razão Pedralvares poz o nome, que ora tem, que he Porto ſeguro. Ao outro dia, como a gente da terra houve viſta da frota, poſto que toda aquella foſſe huma, parece que permittio Deos não ſer eſta tão eſquiva como a primeira, ſegundo logo veremos. E porque em a quarta Parte da eſcritura da noſſa conquiſta, a qual, como no principio diſſemos, ſe chama *Sancta Cruz*, e o principio della começa neſte deſcubrimento, lá fazemos mais particular menção deſta chegada de Pedralvares, e aſſi do ſitio, e couſas da terra: Ao preſente baſta ſaber, que ao ſegundo dia da chegada, que era Domingo da Paſcoa, elle Pedralvares ſahio em terra com a maior parte da gente, e ao pé de huma grande arvore ſe armou hum Altar, em o qual diſſe Miſſa Fr. Henrique Guardião dos Religioſos, e houve prégação. E naquella barbara terra nunca trilhada de povo Chriſtão, aprouve a Noſſo Senhor per os meritos daquelle Sancto Sacrificio, memoria de noſſa Redempção, ſer louvado, e glorificado, não ſómente daquelle povo fiel d'Armada, mas

ain-

ainda do pagão da terra, o qual podemos crer eſtar ainda na lei da natureza, com o qual logo Deos obrou ſuas miſericordias, dando-lhe noticia de ſi naquelle Sanctiſſimo Sacramento, porque todos ſe punham em giolhos, uſando dos actos que viam fazer aos noſſos, como ſe tiveram noticia da Divindade a que ſe humildavam, e ao Sermão eſtiveram mui promptos, moſtrando terem contentamento na paciencia, e quietação que tinham, por ſeguir o que viam fazer aos noſſos, que foi cauſa de maior contemplação, e devoção, vendo quão offerecido eſtava aquelle povo pagão a receber doctrina de ſua ſalvação, ſe alli houvera peſſoa que os pudéra entender. Pedralvares vendo que por razão de ſua viagem outra couſa não podia fazer, dalli eſpedio hum navio, Capitão Gaſpar de Lemos, com nova pera ElRey D. Manuel do que tinha deſcuberto; o qual navio com ſua chegada deo muito prazer a ElRey, e a todo o Reyno, aſſi por ſaber da boa viagem que a frota levava, como pola terra que deſcubríra. Paſſados alguns dias, em quanto o tempo não ſervia, e fizeram ſua aguada, quando veio a tres de Maio, que Pedralvares ſe quiz partir, por dar nóme áquella terra per elle novamente achada, mandou arvorar huma Cruz mui grande no mais alto lugar de hu-

ma

ma arvore, e ao pé della ſe diſſe Miſſa, a qual foi poſta com ſolemnidade de benções dos Sacerdotes, dando eſte nome á terra *Sancta Cruz*, quaſi como que por reverencia do Sacrificio, que ſe celebrou ao pé daquella arvore, e ſinal que ſe nella arvorou com tantas bençóes, e orações, ficava toda aquella terra dedicada a Deos, onde elle por ſua miſericordia haveria por bem ſer adorado per culto de Catholico povo, poſto que ao preſente tão çafaro delle eſtiveſſe aquelle Gentio. E como primicias deſta eſperança, d'alguns degredados que hiam n'Armada, leixou Pedralvares alli dous, hum dos quaes veio depois a eſte Reyno, e ſervia de lingua naquellas partes, como veremos em ſeu lugar: per o qual nome *Sancta Cruz* foi aquella terra nomeada os primeiros annos, e a Cruz arvorada alguns durou naquelle lugar. Porém como o demonio per o ſinal da Cruz perdeo o dominio que tinha ſobre nós, mediante a Paixão de Chriſto Jeſus conſummada nella; tanto que daquella terra começou de vir o páo vermelho chamado Brazil, trabalhou que eſte nome ficaſſe na boca do povo, e que ſe perdeſſe o de *Sancta Cruz*, como que importava mais o nome de hum páo que tinge pannos, que daquelle páo, que deo tintura a todolos Sacramentos per que ſo-

ſomos ſalvos, por o ſangue de Chriſto Jeſus, que nelle foi derramado: e pois em outra couſa neſta parte me não poſſo vingar do Demonio, amoeſto da parte da Cruz de Chriſto Jeſus a todolos que eſte lugar lerem, que dem a eſta terra o nome que com tanta ſolemnidade lhe foi poſto, ſob pena de a meſma Cruz, que nos ha de ſer moſtrada no dia final, os accuſar de mais devotos do páo Brazil, que della; e por honra de tão grande terra chamamos-lhe Provincia, e digamos a Provincia de *Sancta Cruz*, que ſoa melhor entre prudentes, que Brazil poſto per vulgo, ſem conſideração, e não habilitado pera dar nome ás propriedades da Real Coroa. Tornando a Pedralvares, que ſe partio do porto ſeguro daquella Provincia *Sancta Cruz*, ſendo elle na grande travéſſa que ha entre aquella terra de Sancta Cruz ao Cabo de Boa Eſperança, aos doze dias do mez de Maio appareceo no ar hum grande Cometa com hum raio, que demorava contra o Cabo de Boa Eſperança, a qual foi viſta per todolos d'Armada per eſpaço de oito dias, ſem ſe mover daquelle lugar: parece que prognoſticava o triſte caſo que logo víram, porque como deſappareceo, ao ſeguinte dia que foram vinte e tres de Maio, depois do meio dia, indo a frota já do dia paſſado com hum mar

groſ-

groſſo empolado, como que vinha feito de longe, armou-ſe contra o Norte hum negrume no ar, a que os marinheiros de Guiné chamam bulcão, com o qual acalmou o vento, como que aquelle negrume o ſorvêra todo em ſi pera depois lançar o folego mais furioſo. A qual couſa logo ſe vio, rompendo em hum inſtante tão furioſamente, que ſem dar tempo a que ſe mareaſſem as vélas, ſoçobrou quatro, de que eſtes eram os Capitães, Aires Gomes da Silva, Simão de Pina, Vaſco de Taíde, e Bartholomeu Dias, o qual tendo paſſado tantos perigos de mar nos deſcubrimentos que fez, e principalmente no Cabo de Boa Eſperança, (como atrás contámos,) eſta furia de vento deo fim a elle, e aos outros, mettendo-os no abyſmo da grandeza daquelle mar Oceano, que naquelle dia encetou em nós, dando ceva de corpos humanos aos peixes daquelles mares, os quaes corpos podemos crer ſerem os primeiros, pois o foram em aquella incognita navegação, poſto que o acto deſte impeto do vento foi a todos a couſa mais eſpantoſa, que quantas tinham viſto, por ſe verem huns aos outros, junta, e tão miſeravelmente perder, muito mais temeroſo lhe pareceo verem ſobre ſi huma eſcuriſſima noite, que a negridão do tempo derramou ſobre aquella região do ar, de manei-

neira, que huns aos outros não ſe podiam ver, e com o aſſoprar do vento muito menos ouvir, ſómente ſentiam que o impeto dos mares ás vezes punha as náos tanto no cume das ondas, que parecia que as lançava fóra de ſi na região do ar, e logo ſubitamente as queria ſorver, e ir enterrar no abyſmo da terrá. Finalmente aſſi cortou o temor deſtas couſas o animo de todos, que no geral da gente não havia mais que o nome de Jeſus, e de ſua Madre, pedindo perdão de ſeus peccados, que he a ultima palavra daquelles, que tem a morte preſente. E como as náos com a furia do mar, e fraqueza dos mareantes andavam á vontade das ondas, ſem acudir a leme, as quaes com aquelles impetos muitas vezes pareciam cortarem pelo ar, e não pela agua, ajuntou-ſe a náo de Simão de Miranda com a de Pedralvares, e quiz a piedade de Deos que a meſma furia dos mares que as ajuntava, quando veio ao ſeguinte movimento, furtou-ſe cada huma pera ſua parte, com que ficáram livres daquelle grande perigo. Peró nem por iſſo ellas, e as outras eſcapáram de muita fortuna, em que cada dia ſe lhe repreſentava a morte, per eſpaço de vinte dias, que corrêram á arvore ſecca, ſem neſte tempo darem mais véla que ſinco vezes commetterem metter algum bolſo pequeno,

mas

mas o vento não consentia ante si cousa que o impedisse. E porque cada hum per si passou tanto trabalho, que daria muito a nós em o escrever, e muito maior a quem o houvesse de ouvir, se particularizassemos os passos delle, basta saber que de toda esta frota Pedralvares se achou a dezeseis dias de Julho no parcel de Çofala com seis vélas tão desapparelhadas de mostos, vergas, vélas, e enxarcea, que mais estavam pera se tornar a este Reyno, se fora perto delle, que ir avante a conquistar os alheios. E ainda que a gente Portuguez naturalmente he soffredora, e mui pacienta em trabalhos, e nos casos de tanto perigo, e necessidade se sabe bem animar, como nesta primeira mostra da boa ventura que á India hiam buscar, á vista de seus olhos perdêram parentes, e amigos, era tamanha confusão em toda a gente não costumada a navegar, que per toda a náo de Pedralvares se apartavam os homens huns com outros, principalmente a gente commum, tratando de dúvida, e inconvenientes de proseguir aquelle caminho. A qual cousa sentindo Pedralvares, com palavra, e favor no que podia, animava, e conformava a todos, té que o tempo cessou, e lhe trouxe cousa ante os olhos que os alvoraçou, perdendo da memoria o temor passado; porque sendo tanto avante como

as

as Ilhas, a que ora chamam as Primeiras, houveram vifta de duas náos, que lhe ficavam entre ellas, e a terra, as quaes vendo tamanha frota, começáram de fe cozer com terra pera tomar algum porto. Pedralvares quando entendeo que o temor lhe fazia tomar aquelle caminho, mandou a ellas, e não pudéram os noffos navios fazer ifto tão preftes, que quando chegáram, já huma tinha dado comfigo em terra, e a gente eftava pofta em falvo, e a outra foi tomada; na qual acháram hum Mouro, que deo razão a Pedralvares, que o temor delle os fizera varar em fecco, e que daquellas duas náos vinha por Capitão hum Mouro principal chamado Xeque Foteima, que era tio d'ElRey de Melinde, o qual viera a Çofala fazer refgate com fazenda, que trouxera naquellas duas náos, e que fe tornava pera Melinde. Sabendo Pedralvares vir alli peffoa tão principal, o mandou fegurar, e veio a elle Xeque Foteima, homem de idade, e que em fua prefença reprefentava quem elle diffe fer, ao qual Pedralvares fez honra, e gazalhado por fer tio delRey de Melinde, de quem D. Vafco da Gama, quando per alli paffou, tinha recebido o gazalhado que atrás vimos, e peró que elle confeffaffe vir da Mina de Çofala, como todos eram ciofos della, não defcubrio o que fe depois
fou-

ſoube per outros , nem menos Pedralvares lhe quiz ſobre iſſo fazer muitas perguntas, por lhe não dar mais ſuſpeita , antes dando-lhe algumas couſas, o eſpedio de ſi com palavras de que foi contente, e muito mais eſpantado, vendo quão bom tratamento lhe fizeram os noſſos , tendo per aquella coſta entre os Mouros fama de mui crueis, e que não perdoavam á fazenda, nem ás peſſoas. Tornado Xeque Foteima á ſua náo a ſe adjuntar com a outra , ſeguio Pedralvares ſeu caminho té chegar a Moçambique a vinte dias de Julho, onde foi mui bem recebido da gente da terra, por quanto damno que tinham feito a D. Vaſco da Gama, e aſſi do que delle recebêram eſtavam tão temorizados de lhe ſobrevir outro maior, que moſtráram grande prazer com ſua chegada, e em ſeis dias que Pedralvares alli eſteve, ſe repairou do damno que lhe a tormenta fez nas couſas da mareagem , e houve Piloto mais facilmente do que ſe deo a D. Vaſco da Gama , quando per alli paſſou.

CAPITULO III.

Como Pedralvares Cabral se vio com ElRey de Quiloa, e do pouco que acabou com elle, e depois foi ter a Melinde, onde ElRey o recebeo com muito prazer, e dahi se partio pera a India.

PArtido Pedralvares de Moçambique com as seis vélas que lhe ficáram, veio sempre ao longo da costa com resguardo de não escorrer á Cidade Quiloa, onde chegou a vinte e seis de Julho, na qual reinava hum Mouro per nome Habrahemo, que per aquella costa era homem mui estimado, e a Cidade huma das mais antigas que se alli fundáram, (da qual ao diante faremos maior relação,) o qual polo trato de Çofala estar muito tempo debaixo de sua mão, se tinha feito rico, e poderoso, e com elle mandava ElRey a Pedralvares que se visse, e assentasse paz, e sobre isso lhe trazia cartas. Surto elle diante da Cidade, mandou em hum batel Affonso Furtado, que hia por Escrivão da Feitoria que se havia de fazer em Çofala, com recado a ElRey, fazendo-lhe saber como ElRey de Portugal seu Senhor lhe mandava que chegasse áquelle seu porto, e lhe désse certos recados, que lhe pedia houvesse por bem que se vissem

ſem ambos, ao que ElRey reſpondeo com palavras de contentamento de ſua chegada, e quanto a ſe verem ambos, elle era contente, e pera iſſo podia ſahir em terra quando mandaſſe, e com eſte recado lhe enviou refreſco de carneiros, e outros mantimentos da terra, pedindo-lhe perdão por o tomar em tempo que ella eſtava hum pouco ſecca, e mal provída pera tal peſſoa. Pedralvares com os agradecimentos do preſente, e retorno d'algumas couſas do Reyno, lhe mandou dizer, que quanto a elle ſahir em terra pera ſe verem, o regimento del-Rey ſeu Senhor lho defendia, e ſómente lhe era concedido ſahir em terra pera dar huma batalha a quem não acceptaſſe ſua amizade; porém por honra de hum tal Principe como elle era, o mais que faria naquelle caſo de ſe verem ambos, ſería elle Pedralvares ſahir da ſua náo em algum navio, ou batel, e que elle ſe podia metter em hum zambuco, e que defronte da Cidade no mar ſe veriam. ElRey vendo eſte recado, per eſpaço de dous dias andou pairando com cautelas, e modos pera eſcuſar eſta viſta; mas porque os recados, e réplicas de Pedralvares o apertáram muito, concedeo niſſo, mais com temor, que com boa vontade, e o dia que havia de ſer, quiz elle moſtrar o apparato de ſeu eſtado, vindo em

em dous zambucos junto hum ao outro com a principal gente, e o outro povo commum nos outros zambucos o acompanhavam, mas não que elle se affastasse da terra. Pedralvares tambem em seus bateis embandeirados, e gente vestida de louçainha, e ao longo das tostes dos bateis resguardo d'armas, chegou a ElRey, onde cessou o estrondo das trombetas, e atabales, e começáram entrar na prática, depois que se tratáram as cortezias, e ceremonias da primeira vista. E porque Pedralvares gastou muitas razões ácerca de contentamento que ElRey seu Senhor teria em elle acceptar as cousas da nossa Fé, leixou ElRey de responder ás em que lhe apontou ácerca do trato de Çofala, e tomou argumento pera se espedir dellas, dizendo, que estas cousas por serem novas, e fóra do costume, e crença em que elle, e todolos seus naturaes se creáram, compria pera poder responder a ellas ter mais tempo do que ambos alli tinham, e mais sendo de qualidade pera se haverem de communicar com os principaes de seu conselho, a maior parte dos quaes não era presente; que lhe pedia, que por aquelle dia houvesse por bem ser gastado em se ambos verem, e elle poder dizer per si o contentamento que tinha de ElRey de Portugal folgar de o ter por servidor. E

com

com eſtas palavras, concertando que dahi a dous dias daria reſpoſta do mais, ſe eſpedíram. ElRey quando veio ao outro dia, por moſtrar que eſtava contente da prática, mandou muito mais refreſco da terra, e ſoltou que alguns Mouros vieſſem vender ás náos mantimentos, e iſto mais em modo de eſpiar o numero da noſſa gente, e poder que traziam, que a outro algum fim. Pedralvares como entendeo nelles ao que vinham, mandou a todolos Capitães que tiveſſem ſuas náos como homens que eſtavam a ponto de ſahir em terra cada hora que lho mandaſſem, e que aquelles Mouros tudo viſſem armas; porém que foſſem bem tratados, e no modo de comprar, e vender ſe houveſſem liberalmente com elles, porque eſta maneira tinha com aquelles, que vinham á ſua náo; e ainda pera os mais ſegurar, ſe entre os que vinham vender mantimentos acertava de virem alguns, que pareciam homens honrados, dava-lhes algumas peças com que hiam contentes, mas não convertidos de ſeu máo propoſito, porque mais podia o odio que nos tinham, que os dons que lhes davam. Finalmente em tres dias, que Pedralvares alli eſteve depois das viſtas, nunca pode haver d'ElRey concluſão alguma, e tudo eram eſcuſas, que os principaes homens de ſeu conſelho eram

idos a huma guerra, que tinha com os Cafres, que como vieſſem, tomaria determinação nas couſas em que praticáram: que lhe pedia, e rogava muito que ſe não agaſtaſſe, porque não podiam tardar por os ter já mandados vir. Porém neſtes dias todo ſeu cuidado era metter muita gente dos Cafres dentro comſigo, e repairar a Cidade, como quem eſperava de a defender, e que eſte havia de ſer o fim de ſua reſpoſta, das quaes couſas Pedralvares era aviſado, porque acertou d'eſtar alli com huma náo, fazendo mercadoria, hum Mouro chamado Xeque Homar irmão d'ElRey de Melinde, o qual era preſente ás amizades, que Dom Vaſco da Gama aſſentou com ſeu irmão, quando paſſou por Melinde, e daqui ficou tanto noſſo amigo, e mais vendo o poder da noſſa Armada, que foi Pedralvares aviſado per elle do que paſſava dentro, e mais houve-lhe ſecretamente alguma agua, a qual ElRey tinha promettido, e depois indo os noſſos por ella, acháram os calões, que são huns vaſos de barro, em que os da terra a traziam, todos quebrados, e agua vertida á borda da praia, dizendo ſer iſto feito per hum Mouro chamado Abrahemo meio ſandeu. Pedralvares quando per derradeiro vio que eſte negocio não ſe podia determinar ſenão com ſahir em terra, poſto o caſo em

con-

conſelho, aſſentou-ſe nelle ſer grande inconveniente, por caſtigar a maldade daquelle Mouro, aventurar gente em tão baixo emprego, e que era mais ſerviço d'ElRey ſeguirem ſua viagem, e leixar eſte caſtigo pera outro tempo. Poſto que a Pedralvares foſſe grande tormento leixar aquelle Mouro ſem caſtigo, teve mais conta com ſeguir o principal intento, a que era mandado áquellas partes, que a ſua paixão, e ſem lhe mais mandar algum recado, ao terceiro dia das viſtas partio-ſe pera Melinde, onde chegou a dous dias de Agoſto, e foi mui bem recebido, e feſtejado d'ElRey; porque além da amizade que comnoſco tinha, dobrou eſta boa vontade a nova, que lhe deo Xeque Foteima da honra, que lhe Pedralvares fizera, e a razão porque: e mais com a noſſa Armada ficou mui favorecido, porque polo gazalhado que fizera a D. Vaſco da Gama, ElRey de Mombaça eſtava com elle em guerra de fogo, e ſangue, em que elle tinha perdido muita gente, e fazenda, por ElRey de Mombaça ſer mais poderoſo do que elle era. E ainda por não publicar tanto a amizade que tinha comnoſco, eſcondeo o Padrão de marmor, que D. Vaſco da Gama alli leixára mettido, (como atrás fica,) porque indo João de Sá com hum recado a elle de Pedralvares no primeiro dia da

 che-

chegada, como homem, que fora alli com D. Vaſco da Gama, a primeira couſa porque lhe perguntou foi polo Padrão, dizendo que o não via onde elle o ajudára metter. Ao que ElRey reſpondeo, que elle o tinha mui bem guardado em huma caſa; e tomando João de Sá pela mão, o levou á caſa, onde o tinha almagradas as armas de freſco, como que havia algum dia que fora feito, pera quando lhe fora pedido conta delle o moſtrar aſſi, como couſa tida em veneração; dando-lhe por deſculpa, que em quanto o tivera no lugar público, onde ſe elle metteo, foi tão perſeguido d'ElRey de Mombaça, fazendo-lhe crua guerra, que lhe conveio mandallo eſconder naquella caſa per conſelho de ſeus vaſſallos, com eſperança de vir aquella Armada d'ElRey de Portugal, e lhe fazer queixume daquelle máo vizinho, que tanto damno lhe tinha feito, tudo por ſer leal amigo aos Portuguezes. Tornado João de Sá com recado a Pedralvares, e ſobre elle enviados per ElRey dous homens principaes com preſente de refreſco, ao ſeguinte dia mandou Pedralvares ao Feitor Aires Correa bem acompanhado com as couſas que levava pera eſte Rey, levando diante do preſente muitas trombetas; o qual preſente ElRey mandou receber com grão ſolemnidade, porque ao batel donde

Ai-

Aires Correa desembarcou, vieram dos mais principaes homens que ElRey tinha, e com muita honra, e festa o foram acompanhando té o presentarem ante ElRey: e em todalas ruas per onde hia, estavam ás portas perfumes cheirosos, mostrando todo o povo em seu modo tanto contentamento, como se aquella festa fosse feita ao proprio Senhor da terra: tanto estimou ElRey aquella lembrança, e conta que se com elle tivera. E foi tamanho o seu contentamento, depois que leo a Carta que lhe ElRey escrevia, (a qual era em Aravigo,) que não consentio que Aires Correa se tornasse á náo, e mandou dizer a Pedralvares, que lhe pedia houvesse por bem que Aires Correa ficasse lá aquella noite, e ao dia seguinte pera praticar nas cousas d'ElRey de Portugal. Que pera segurança da pessoa de Aires Correa lá ficar, elle mandava a sua mercê o annel do seu sinete, onde estava toda a verdade Real, posto que bem tinha mostrado sua fé nos trabalhos da guerra, que ElRey de Mombaça lhe fazia, por ser leal amigo, e servidor d'ElRey de Portugal, o qual rogo lhe Pedralvares concedeo polo comprazer, e tambem porque na prática, que Aires Correa com elle tivesse, pois havia de ser comprida, o confirmasse mais no amor, e lealdade, que mostrava ter ao serviço d'ElRey

seu

ſeu Senhor, e aſſi foi, porque logo aſſentou como ſe ambos viſſem no mar ao modo que ſe víra com ElRey de Quiloa, o que elle fez ſem as cautelas que o outro teve. Na qual viſta houve grandes confirmações de paz, e offertas delRey, dizendo elle, que todo ſeu eſtado, e peſſoa daquelle dia pera ſempre elle o ſobmettia á vontade d'ElRey de Portugal, como do mais poderoſo Principe da terra. E per eſpaço de dous dias, que depois deſta viſitação Pedralvares alli eſteve, ſempre de huma, e outra parte houve recados, e obras de grande amizade. Neſte lugar leixou Pedralvares dous degredados dos que levava, e a cauſa de os aqui lançar, era, porque lhe mandava ElRey D. Manuel, que como foſſe neſta coſta, leixaſſe nella alguns dos degredados que levava, pera irem per terra deſcubrir o Preſte João, por ter já ſabido que per eſta coſta podiam ir ao interior da terra daquelle ſertão, onde elle tinha ſeu eſtado; iſto com grandes promeſſas de mercê ſe deſcubriſſem eſte Principe tão deſejado: hum havia nome João Machado, e o outro Luiz de Moura; mas elles tomáram outro caminho, como veremos em ſeu lugar. E o que João Machado fez foi de mais ſerviço d'ElRey naquelle tempo, que eſte do Preſte que lhe mandavam fazer. Pedralvares lei-

leixando a eſtes dous homens a Proviſão pera ſua deſpeza, e Cartas d'ElRey D. Manuel pera o Preſte, eſpedio-ſe d'ElRey de Melinde, o qual lhe deo dous Pilotos Guzarates pera o levarem á India, pera onde partio a ſete d'Agoſto.

CAPITULO IV.

Como Pedralvares chegou á Ilha de Anchediva, onde eſteve alguns dias repairando-ſe do neceſſario, e dahi chegou a Calecut, onde per recados que teve com ElRey, concertáram ambos que ſe viſſem.

ATraveſſando Pedralvares Cabral aquelle grande golfão de mar de ſetecentas leguas, que póde haver de Melinde, que he na coſta da terra de Africa, á coſta da India, chegou a vinte e tres dias d'Agoſto veſpera de S. Bartholomeu á Ilha Anchediva, de que atrás fizemos menção, onde eſteve quinze dias repairando as náos, e provendo-ſe d'agua, e lenha, principalmente tambem por eſperar a paſſagem d'algumas náos de Méca, que com a meſma neceſſidade, e por melhor navegação, ſempre hiam demandar aquella Ilha, das quaes náos muitas eram já paſſadas, e algumas eſtavam em Calecut, onde Pedralvares as achou, e outras per eſſes portos de Malabar, fazendo ſeus

ſeus proveitos. E os dias que eſteve neſta Ilha, os Gentios da terra lhe traziam mantimento, e fruta da terra, folgando ter a communicação dos noſſos, porque como era gente pobre, e por qualquer couſa que traziam lhe davam muito, acudiam tantos que os haviam já por importunos. Muitos dos quaes, quando os noſſos ouviam Miſſa, e recebêram o Sacramento da Communhão, eſtavam a eſtes Officios com attenção; mas como os Religioſos, e Sacerdotes d'Armada, a quem pertencia a conversão delles, não ſabiam a lingua da terra, que era o principal inſtrumento pera vir a effeito a boa diſpoſição que nelles eſtava, não ſe pode por então mais fazer que preparallos com boas obras pera quando a opportunidade do tempo déſſe a iſſo lugar. Pedralvares partido dalli via de Calecut, chegou ao ſeu porto a treze de Setembro, onde logo ante de ſurgir foram derredor delle muitos barcos da terra, todos como gente que moſtrava contentamento de ſua chegada, e ſobre elles veio hum zambuco, em que vinha hum mercador Guzarate, homem em ſeu trajo, e preſença de auctoridade, que da parte d'El-Rey viſitou Pedralvares, o qual elle recebeo, e eſpedio com gazalhado, mandando a ElRey as graças de ſua viſitação, e ao Mouro ſatisfez com algumas peças, por ſer coſ-

coſtume da terra partirem os menſajeiros contentes da peſſoa a que levam os taes recados. E como eſta viſitação foi ante de elle Pedralvares mandar ſalvar a Cidade, além de as náos chegarem muito embandeiradas, e per ſeu coſtume na chegada de tal porto tiravam alguma artilheria, aqui mandou dobrar a furia della, moſtrando-ſe tudo por feſta da viſitação d'ElRey. A trovoada da qual não ſómente avorreceo ao Mouro, que foi com a viſitação, por a levar toda nas coſtas, aſtrogindo-lhe as orelhas, mas ainda na Cidade fez tamanho eſpanto, que eſtando a praia cuberta do povo na viſta das náos, deſampararáram tudo, recolhendo-ſe muitos delles a ſuas caſas. Paſſado aquelle dia, que todo ſe deſpendeo em amarrar as náos, e aperceber pera a ſegurança dellas, quando veio ao outro dia, mandou Pedralvares recado a ElRey per João de Sá, que ſabia a terra, por ſer hum daquelles, que foram com D. Vaſco da Gama, e com elle huma lingua do Aravigo, pedindo-lhe dia pera lhe mandar certos recados, que trazia d'ElRey de Portugal ſeu Senhor, e iſto té ſe ambos verem. Ao que ElRey reſpondeo com boas palavras; e quanto ao dia pera ouvir novas d'ElRey de Portugal, não podia mandar eſte recado tão cedo, que não foſſe tarde pera elle, ſegundo o deſejo que ti-

tinha de ouvir novas de ſua diſpoſição. Pedralvares ſem cautela alguma de refens, por não moſtrar deſconfiança d'ElRey, ao outro dia enviou a elle Aires Correa, e Affonſo Furtado, e João de Sá, que o acompanhavam, e por lingua Gaſpar da India. Per o qual Aires Correa lhe enviou dizer, que a principal couſa, que o trazia áquelle ſeu porto mais que a outra d'algum Rey, ou Principe da India, era o que já per outro Capitão d'ElRey ſeu Senhor tinha ſabido, ſer o ſeu nome tão celebrado nas partes Occidentaes da Chriſtandade: que deſejando ElRey de Portugal ſeu Senhor ter com elle amizade, e communicação per tracto de commercio, mandára a elle hum Capitão ſeu chamado Vaſco da Gama, ao qual elle agalardoou com honra, e mercê, ſómente por lhe levar tão boa nova, como era ter achado caminho pera ſe communicar com elle Çamorij. Da qual nova procedêra mandar logo fazer huma Armada de treze náos, com que elle Pedralvares partíra de Portugal, das quaes no caminho tinha perdido ſinco com hum grande temporal que lhe dera. E pois elle, louvado Deos, com aquellas poucas era chegado ante aquella ſua Real Cidade, que era o lugar, onde ElRey ſeu Senhor o enviava ſobre eſta amizade, e commercio que dizia, e iſto eram

cou-

coufas de qualidade, que requeriam veremfe ambos, pedia a fua Real Senhoria ordenaffe como, e quando podia fer. As quaes viftas foffem de maneira, que pudeffe elle cumprir o que lhe ElRey feu Senhor mandava, que era em nenhum modo fahir em terra; e quando fe não pudeffe al fazer, foffe em parte tão pegada no mar, e com tantos refens, que não dizia a peffoa delle proprio Capitão, mas o mais pequeno homem, que vieffe naquella Armada, eftiveffe mui feguro, e ifto em Calecut, onde fabia haver Mouros, que procuravam traições aos feus. Porém pera caftigar aos mefmos Mouros, quando cumpriffe, não dizia elle pôr os pés em terra, mas que per todalas partes os perfeguiffe á força de ferro. ElRey a efte recado, que lhe levou Aires Correa, toda a conclusão delle foi refponder com palavras do contentamento da chegada delle Capitão; e que como elle eftiveffe em difpofição pera fe verem, tudo fe faria no melhor modo que pudeffe fer. Peró Pedralvares como já fabia que a maneira de negociar d'ElRey daquellas coufas, que elle não fazia de boa vontade, tudo eram dilações, começou logo com outros recados apertar que fe viffem. O qual pofto que não podia foffrer dar os refens, que lhe Pedralvares pedia, e toda fua efcufa era ferem homens

ve-

velhos, e da geração dos Brammanes, os quaes por razão de ſua religião não podiam comer, nem dormir ſenão em ſua propria caſa, e quando ſe tocavam com gente fóra de ſua geração, tinham ſuas purificações, e ceremonias, de que não podiam uſar eſtando no mar, todavia houve de conceder em os dar, e aſſi no modo das viſtas como Pedralvares quiz, porque o temor da gente, náos, e artilheria, que via ante ſi, lhe fizeram cumprir o que negava per vontade. E eſte modo, e lugar foi em hum cerame, que eſtava ſobre o mar, que como hum eirado cuberto, armado ſobre madeira muito bem lavrada, onde os Reys por ſeu paſſatempo, e recreação ás vezes vinham dar huma viſta ao mar. O qual cerame ElRey mandou aparamentar de pannos de ſeda, ſegundo o uſo, que elles tem neſtes actos de viſtas com peſſoas de eſtado, e tudo mandou fazer de maneira, que pareceſſe vir elle áquelle lugar mais por ſeu prazer, e por folgar de ouvir aquella embaixada, que por outro algum temor. Pedralvares tambem por mais ſegurar ElRey, e não ſerem aquellas viſtas com tanta deſconfiança, que pera conciliar, e adquirir amizade era couſa perjudicial, não quiz que tudo foſſem cautelas, e mais porque nellas moſtrava temor. E como neſta ſegurança de que elle quiz uſar,

o ma-

o maior riſco era ſua fazenda , e não em couſas de que pudeſſe dar conta, que tivera pouco reſguardo em ſe confiar, no tempo que andáram eſtes recados de ſuas viſtas, depois que aſſentou com ElRey onde haviam de ſer, mandou-lhe pedir huma caſa junto daquelle ſeu cerame, onde mandaſſe levar algum fato ſeu pera eſtar ahi eſſes dias que a prática dentre elles duraſſe, por não ir, e vir tantas vezes ao mar. A qual caſa lhe foi dada , e a primeira couſa que Pedralvares mandou levar a ella, foi a ſua prata , e couſas do ſerviço de ſua peſſoa, quaſi á viſta de todos, porque ſoubeſſe ElRey, que como homem confiado mandava aquellas couſas , e tambem que eram ſinal que fazia tanto fundamento da terra, como do mar, poſto que no modo de ſe verem , e refens que pedio , moſtrava alguma deſconfiança. Vindo o dia deſtas viſtas , eſcolheo Pedralvares pera levar comſigo os Capitães , e peſſoas notaveis, leixando porém alguns com cuidado do que havia de fazer, quando algum caſo não eſperado ſobrevieſſe; e eſtava aſſi ordenado, que em Pedralvares abalando das náos pera terra , de lá haviam de vir os arrefens, de maneira, que quando elles entraſſem em as náos, elle chegaſſe ao cerame, os quaes em numero eram ſeis, todos apontados per Aires Correa per rol,

rol, que de cá do Reyno levava per induſtria de Monçaide, por eſtes ſerem dos principaes da terra, ſegundo tambem confirmáram os Gentios, que D. Vaſco da Gama comſigo trouxe, os quaes Pedralvares levou pera lá darem nova da grandeza de Lisboa, e tráfego das mercadorias, e náos, que a ella concorriam, e hum deſtes arrefens era o Catual, que tanto trabalho deo a D. Vaſco da Gama, (como diſſemos atrás;) e os dous mais principaes, ambos Officiaes da fazenda d'ElRey, haviam nome Peringóra Raxemenoca, todos homens já de dias, e mui religioſos na ſua gentilidade.

CAPITULO V.

Como paſſáram as viſtas entre ElRey, e Pedralvares Cabral: e a repreſaria, que per fim dellas houve de huma parte a outra por razão de huns arrefens: e per derradeiro concertados, ſahio Aires Correa em terra a fazer negocio.

COmo eſtas viſtas, que Pedralvares tinha aſſentado com o Çamorij eram huma moſtra, per que ſe podia julgar a policia, e riqueza deſte Reyno, mandou aos que eſtavam apontados pera ſahir em terra com elle, que ſe veſtiſſem, e atabiaſſem do ſeu, e do empreſtado o melhor que pudeſſem.

ſem. O que todos fizeram á competencia de quem levaria mais ſeda, mais joias, e nos bateis cada Capitão mais bandeiras, com todolos inſtrumentos de tanger, ſem tiro algum d'artilheria, por não aſſombrar aquella gente no acto de tanta feſta. E elle Pedralvares hia veſtido com huma opa de brocado, e o mais que dizia com ella, trajo que naquelle tempo era mui uſado neſte Reyno. Chegado com eſta pompa á praia, porque não podia ſahir a pé enxuto, foi levado em cóllos de homens em hum andor dos da terra, té o metterem entre os Principaes do Gentio, que o Çamorij mandou que o vieſſem receber á praia, o qual Çamorij eſtava já no cerame em viſta delle, eſperando que vieſſe. E poſto que elle Çamorij não tinha tanto panno, ſeda, ouro, e opa de brocado, como os noſſos levavam, e hum panno de algodão bornido com humas roſas de ouro de pão ſemeadas por elle, a que chamam purava, (trajo de Brammanes,) cubria ſeus couros entre baços, e pretos, a pedraria das orelhas, barrete da cabeça, patcca cingida, e bracelletes dos braços, e pernas, eram eſtas couſas de tão grande eſtima, que não haviam inveja ás joias dos noſſos. Finalmente naquelle eſtado em que elle eſtava, aſſi em couros, e deſcalço, e fóra daquellas oparlandas de

mui-

muito panno que cá uſamos, em ſeu modo cercado daquelles ſeus vaſſallos, elle repreſentava bem a dignidade Real que tinha. Ao qual chegando Pedralvares, elle ſe levantou em pé de huma cadeira, em que eſtava chapada de ouro com alguma pedraria, e o veio receber, fazendo-lhe muito acatamento té o lugar onde ſe aſſentáram. E paſſadas as ceremonias da primeira viſta, deo-lhe Pedralvares a Carta, que levava d'El-Rey D. Manuel. O Çamorij, depois que lha interpretáram do Aravigo em que hia eſcrita, diſſe a Pedralvares, que por aquella Carta d'ElRey de Portugal tinha entendido ſua boa vontade; e como elle Capitão era enviado áquelle ſeu porto pera tratar couſas de paz, e amizade com elle, e aſſi do commercio das eſpeciarias; e que ácerca deſtas, e outras couſas, que elle Capitão trazia em ſua memoria, lhe podia dar fé, e por todas ſerem da vontade delle meſmo Rey ſeu Senhor, elle podia praticar em algumas, ou ficaſſem pera outro dia, ſe lhe a elle bem pareceſſe. Pedralvares por eſtar aviſado que todo eſte Gentio he ſubjecto a muitos agouros, e ſe atraveſſa huma gralha, ou qualquer couſa que ſe lhe antolha, leixa tudo, dizendo, que não he boa hora pera negocio, principalmente quando lhe a elles não contenta, e ſobre iſſo são mui taxados na prá-

prática, receando que lhe podia isto acontecer, em breves palavras disse, que a causa de sua vinda, e com quantas náos partíra deste Reyno, e as que perdêra, e a mercê que ElRey fizera a D. Vasco da Gama por descubrir aquelle caminho. Finalmente, que aquellas náos vinham alli a dous fins: o primeiro, pera que se elle Çamorij tivesse alguma necessidade de gente, ou armas pera defensão de seu Reyno, que ElRey seu Senhor mandava que lhas offerecesse: o segundo fim era pera as carregar de especiaria, pera compra da qual trazia ouro, prata, e muitas mercadorias de toda a sorte que naquellas partes serviam. E porque elle Pedralvares tinha sabido que sua Real Senhoria estava em paz com seus vizinhos, cessava a primeira causa da vinda das náos, e elle Çamorij ficava na obrigação da segunda, pois já lhe era manifesto por duas Armadas, que ElRey D. Manuel tinha mandado áquelle seu porto, quanto nisso podia despender, tudo a fim de querer ter amizade, e commercio com elle. Portanto lhe pedia por mercê, que ordenasse como lhe fossem dadas as casas, que lhe já dissera Aires Correa, pera elle Feitor se vir a ellas com os Officiaes da fazenda delRey, e trazerem as mercadorias, que vinham em as náos pera aquelle mister, do qual nego-

cio Aires Correa, depois que esteve em terra, daria razão aos seus Officiaes pera elles sobre isso fazerem conta das especiarias, que haveriam mister pera a carga: que quanto ao preço, elle não queria novidade, sómente dar, e receber segundo costume da terra, conformando-se com os mercadores de Méca, que alli eram mais continuos. ElRey a estas palavras respondeo com outras mais ao proposito do que elle desejava, que á conclusão do que Pedralvares lhe requeria, resomindo-se nisto, que a casa que pedia, elle a tinha mandado despejar; e por já ser tarde, e os homens, que lhe mandára á náo em refens, eram velhos, e debilitados, e não podiam comer segundo sua lei, e costume, té serem limpos do tocamento que tiveram com gente fóra de sua geração, por esta ser huma das principaes partes de sua religião, lhe rogava que os mandasse logo vir. Acerca dos quaes refens, porque Pedralvares dilatava sua vinda, insistio ElRey tanto que viessem, que lhe não valeo dizer que em nenhuma maneira podiam vir, senão indo elle mesmo Pedralvares a isso, porque os Capitães tinham consagrado em sua lei, ainda que fossem recados seus, não os darem senão depois que vissem a sua pessoa dentro em as náos. Da qual porfia conveio a Pedralvares, por ver ElRey meio ar-

ru-

rufado, e se espedir sem alguma conclusão, recolher-se em os bateis em que veio, dizendo, que elle os mandava logo, parecendo-lhe que todo este apertar d'ElRey era mais por razão das ceremonias gentilicas, de que elles são mui religiosos, que por outra alguma maldade. Mas segundo se logo vio, elles pertendiam mais engano que religião; e parece que assi o tinham os refens ordenado com ElRey, que quasi per fim da prática, tempo em que os das náos algum tanto se podiam descuidar delles, se lançassem ao mar, e se salvassem em os barcos da terra, os quaes pera isso andariam de redor das náos. E desta feita ainda que lhe não ficasse em terra mais preza que a fazenda do Capitão que lá estava, e os homens da guarda della, bastava pera fazerem suas cousas mais á sua vontade; tudo isto eram industrias dos Mouros. O qual negocio como o tinham assentado, assi foi; porque quasi no tempo que ElRey se espedia de Pedralvares, os refens se lançáram todos ao mar, de que tres se salváram, e outros tres foram tomados, o que Pedralvares muito sentio quando chegou á náo, e o soube, porque já aquelle modo de paz eram começos de guerra. E temendo que fizessem os tres que ficavam outro tanto, por os ter mais seguros, e menos mimosos, foram mettidos

no baixo da bomba, com homens que eſtiveſſem com elles, té ElRey fazer razão de ſi dos homens, e fazenda que elle Pedralvares mandára a terra. E como elle a eſte tempo andava quartanario, com eſtes deſconcertos delRey, vinham-lhe dobradas as ſezões, lembrando-lhe os trabalhos que paſſára no mar, e quanto maiores tinha por diante na terra, ſobre o qual negocio por ficar daquella maneira deſatado com ElRey, teve conſelho com os Capitães d'Armada. No qual conſelho aſſentáram, que per eſpaço de dous dias não ſe moveſſem, nem mandaſſem recado algum a ElRey, porque niſto lhe davam mais em que cuidar, e entre tanto ſe ordenaſſem como ſe ao outro dia houveſſem de ſahir em terra a deſtruir a Cidade, porque as couſas que o odio nega, o temor as concede. Parece que ou eſte modo de conſelho aproveitou, ou que ElRey ſe arrependeo do que fez; e tambem podia ter outro conſelho com os Gentios, que deſejavam tanto noſſa amizade, quanto a eſtrovavam os Mouros; porque quando veio, ao ſegundo dia mandou dizer a Pedralvares, que elle eſtava hum pouco deſcontente do dia em que ſe víram paſſarem algumas couſas, de que lhe parecia elle Capitão poder ter algum deſprazer: por tanto lhe pedia que ambos ſe tornaſſem a ver naquelle lugar, e

que

que não houvesse cautelas de refens por não haver azo de paixões, que procediam de homens fracos, e temerosos de se ver subjectos, sendo livres. Assentada esta vista, foi naquelle lugar do Cerame, entre o Çamorij, e Pedralvares jurada a paz, e disso se passáram seus pactos, e fizeram contratos da especiaria, com a qual paz, e concerto, Pedralvares mandou logo a Aires Correa, que se fosse aposentar nas casas, que ElRey mandou dar junto da praia, levando comsigo não sómente os Officiaes da Feitoria, e sessenta homens, que lhe Pedralvares ordenou pera lá estarem com elle, mas ainda Fr. Henrique com os seus Religiosos pera entenderem na prática, e conversão da gente, attentando este negocio com grande prudencia, por não mover algum escandalo entre gente tão çafara do nome de Christo, e tão costumada a seus ritos, e diabolicos usos, e sobre tudo induzidos contra nós per todolos Mouros. E como todos estiveram em terra, que huns, e outros vinham á casa da Feitoria, Aires Correa tinha cuidado do que pertencia a seu officio; e Fr. Henrique, como carecia do principal instrumento, que era lingua Malabar, não podia usar do seu tão liberalmente como quizera, posto que á casa concorria muita gente. Porém todo este concurso de ir, e vir á Feitoria,

mais

mais era a ver, que a comprar, nem receber doctrina, de maneira que se Fr. Henrique tinha pouco que fazer, Aires Correa menos; nem os nossos, que tinham licença pera andarem pela Cidade tão cautelosamente, se haviam com elles, que não achavam quem lhe quizesse vender mais pimenta publicamente, que pera comer hum pouco de pescado; e se alguma cousa haviam, era do Gentio, que o não vissem os Mouros. Os quaes Mouros, (principalmente os estrangeiros de Méca,) assi tinham tecido as cousas contra nós, que começando Aires Correa a praticar com os Officiaes, que lhe o Çamorij ordenou pera darem a especiaria, com que se haviam de carregar as náos, começáram elles mais descubertamente mostrar quanto engano nelles havia, buscando escusas por dilatar a carga, e gastar o tempo da partida dos nossos. Pedralvares como cada hora lhe vinham recados de Aires Correa, destes modos, e escusas que tinham com elle, as quaes sabia procederem mais dos Officiaes delRey, por serem peitados dos Mouros, que da vontade delle Çamorij, (como aconteceo a D. Vasco da Gama,) determinou de lho mandar dizer per o mesmo Aires Correa, pera melhor relatar o que faziam com elle. Entre os quaes queixumes era, que seus Officiaes por compra-

prazer aos Mouros, lhe não davam carga, e secretamente de noite a davam ás náos de Méca, que alli estavam, a qual cousa elle não podia crer ser mandado por elle Camorij, porque as palavras de hum tal Principe não podiam desfalecer, e mais quando estavam obrigadas a juramento, como elle tinha obrigado as suas a dar carga ás suas náos, e não ás de Méca. ElRey como já tinha facilidade com Aires Correa por as vezes que foi a elle, por meio de Gaspar da India, que era o interprete, se começou a desculpar, dizendo, que os mercadores da pimenta não a tinham ainda recolhida da mão dos lavradores, por ser hum pouco cedo; cá eram costumados andar neste recolhimento com a monção das náos de Méca, e não com as nossas; e alguma pouca, com que elle Aires Correa tinha já quasi carregado duas náos, (segundo lhe os seus Officiaes disseram,) esta era pimenta velha, que ficára do anno passado, e não se podia mais fazer, segundo lhe diziam os Officiaes seus, a que tinha encommendado este seu despacho. Aires Correa como todalas palavras delRey eram desculpas, e a somma, e conclusão dellas acabava, dizendo, que se não podia mais fazer, desta, e d'outras vezes, que lá foi sobre o mesmo caso, não vinha contente delle; e quem lhe fazia ter maior es-

efcandalo delRey, e o mais indignava fobre efte cafo, eram paixões, e competencias, que entre fi traziam dous Mouros, que fe moftravam grandes amigos delle Aires Correa; e o cafo era efte.

CAPITULO VI.

Das paixões, e competencias, que havia entre dous Mouros principaes de Calecut, donde fe caufou os noffos irem tomar huma náo carregada de Elefantes, que vinham de Cochij, e do que niffo paffou.

HAvia nefta Cidade de Calecut dous Mouros, homens mui principaes, a hum chamavam Coge Bequij, e a outro Coge Cemecerij, efte tinha o governo das coufas do mar, e o outro das da terra. E como entre os Governadores de huma mefma Cidade pela maior parte fe acham invejas, e paixões de jurifdicção, entre eftes dous, peró que fe fallaffem, e trataffem por razão dos officios, havia no peito de cada hum odio mortal, e com a vinda dos noffos fe accrefcentou mais. Porque Aires Correa, depois que efteve em terra, por achar em Coge Bequij, em cujas cafas elle poufava, mais verdade que no outro, folgava de o favorecer, o que Coge Comecerij fofria mui mal, porque fentia que com efta amizade

feu

ſeu imigo recebia mais honra, e algum proveito que o mais magoava, a qual dor o fazia trabalhar que não ſe déſſe carga ás noſſas náos, e ainda ſobreveio couſa com que lhe pareceo que o ſeu deſejo haveria melhor effeito; e o caſo foi eſte. Soube elle que de Cochij, huma Cidade obra de vinte leguas dalli, era ſahida huma náo, a qual vinha da Ilha Ceilão, e trazia ſete Elefantes, que levava por mercadoria ao Reyno de Cambaya, e era de dous mercadores do meſmo Cochij, a que chamavam Mammale Mercar, e Cherina Mercar. Eſta náo como havia de paſſar á viſta das noſſas, pareceo-lhe que com ella podia executar ſeu odio á noſſa cuſta; porque per qualquer via que travaſſem com ella, por ſer náo mui poderoſa de até ſeiscentos toneis, receberiam os noſſos muito damno; e quando o ella recebeſſe, ficavam em odio com os mercadores de Cochij, e de toda aquella coſta, com que não achaſſem acolheita em porto algum. Com a qual tenção foi-ſe a Aires Correa, e ſimulando que lhe fazia niſto ſerviço, diſſe-lhe como elle tinha recado, que do porto de Ceilão partíra huma náo, a qual vinha carregada de toda ſorte de eſpeciaria, que bem poderia carregar duas das noſſas, e hia pera Méca, e de caminho havia de tomar algum gengivre em Cananor. E por quan-

qnanto a maior parte desta fazenda era de mercadores de Méca, de quem elle tinha recebido certas offensas, e o Çamorij deserviços, lhe confessava que teria contentamento de a tomarem, e o Çamorij folgaria muito com isso, principalmente por nella ir hum Elefante, que o mesmo Çamorij muito desejava, o qual lhe não quizeram vender, e o levavam pera baldear em Cambaya. E como isto eram appetites de Principes, e tambem haviam por affronta das terras de sua jurisdicção, levarem pera outras alguma cousa em seu desprazer, e mais desejando-a elle, verdadeiramente podia elle Aires Correa crer, se ordenasse como o Çamorij houvesse aquelle Elefante, daria por elle carga de pimenta a duas náos. E que deste aviso, que lhe dava, huma só mercê queria delle, que lhe mantivesse segredo, porque naquella Cidade de Calecut havia alguns mercadores, que tinham trato com estes de Méca; e sabendo como sua mercê era sabedor desta náo, lhe mandariam aviso com que se salvasse. E tambem não os queria ter por imigos, sabendo ser elle o auctor disso; e que desta verdade que lhe descubria, não dava mais penhor de ser assi, senão a mesma náo, que sería alli ante de dous dias, como veria se a mandasse vigiar; e ainda teve tal modo, que fez com o Çamo-

morij, que mandaſſe hum recado a elle Aires Correa ſobre eſte Elefante, dizendo quanto contentamento teria de o haver. Aires Correa, porque eſte Mouro deſejava de ſe metter com elle, e ſentia que as paixões d'antre elle, e Coge Bequij era grande parte favorecer mais ao outro que a elle, creo verdadeiramente que deſcubrir-lhe a vinda deſta náo tirava a duas couſas, a ſe vingar dos mercadores de Méca, com que tinha paixões, e a ſe congraçar com elle pera fazer ſeus negocios, e com o Çamorij por cauſa do Elefante. Do qual caſo foi logo dar conta a Pedralvares, dando-lhe aviſo que o guardaſſe em ſegredo té o dia que o Mouro dizia que a náo ſeria alli. Pedralvares por as razões que lhe Aires Correa deo, bem lhe pareceo que o Mouro tirava aquelles dous fins, a ſe vingar de ſeus imigos, e a lhe darem por eſte aviſo alguma couſa, e mais haver mercê do Çamorij, tomando-ſe o Elefante, couſa que elle tanto deſejava; do qual Çamorij ſobre o meſmo Elefante teve outro recado, que fez acreditar mais as palavras de Coge Cemecerij. Vindo eſte dia, em que ſe a náo eſperava, mandou Pedralvares ter vigia no mar, parecendo-lhe que ſe ella ſoubeſſe eſtarem alli, per ventura paſſaria tanto ao mar da noſſa Armada, que não foſſe viſta. Mas como

mo elle era innocente desta trama, que tinha ordido Coge Cemecerij, e tambem confiado em sua grandeza, e na gente que trazia, ou per qualquer causa outra que fosse, não quiz perder seu caminho, e começou a parecer, vindo ao longo da costa, de maneira, que amparando com a nossa frota, ficasse entre ella, e a terra. Pedralvares, porque tinha já dado o cuidado de a ir demandar a Pero de Taíde, Capitão do navio São Pedro, tanto que foi vista, mettêram-se com elle Vasco da Silveira, Duarte Pacheco Pereira, João de Sá, que fora com D. Vasco da Gama, e outras pessoas de qualidade que Pedralvares escolheo, e foram-se a ella. A náo como entendeo que a hiam demandar, porque vinha já emparando quasi com as nossas, começou de se metter mais na terra na volta de Cananor, porque tinha aviso de Coge Cemecerij, que tecia este negocio, que indo alguns nossos navios demandalla, se mettesse em Cananor; cá elle por amor de Mammale Mercar, e Cherina Mercar, que eram seus amigos, mandaria recado a Cananor que se mettesse alguma gente dentro pera a defenderem. E como tinha enviado este aviso á náo, assi mandou recado a certos Mouros estantes em Cananor, que lhe pedia em toda maneira, chegando a náo áquelle porto, de noite secreta-

ta-

tamente lhe metteſſem a mais gente que pudeſſem, que elle pagaria a deſpeza que niſſo fizeſſe, porque mais devia a Mammale Mercar, e a Cherina Mercar, cuja ella era. A náo vendo que ſómente hum navio a hia demandar, fez tão pouca conta delle, que mais ſe alvoroçou pera o metter no fundo, que temeo poder receber damno delle, e toda hia em cantares, e tangeres, ſem dar por Pero de Taíde, que lhe mandava que amainaſſe, quaſi como quem o não tinha em conta. Porém depois que o navio a ſalvou com huma bombarda groſſa ao lume d'agua, e per cima a varejou com artilheria miuda, não ſómente os pelouros lhe fizeram muito damno, mas ainda as rachas, que leváram em ſua paſſagem, feriam muitos homens, com que ella começou de ſe acolher ao abrigo da terra. Leixando ella tambem em o noſſo navio per paſſando per elle, huma groſſa chuva de ſettas, e alguns pelouros de humas bombardas de ferro, que feríram, e encraváram dos noſſos. Pero de Taíde quando vio que tão cedo lhe não convinha a chegar-ſe muito a ella, dahi té Cananor, onde ſe foi metter quaſi ſobre a noite, ſempre a foi ſervindo já com mais furia polo damno, que recebeo della. A qual mettida dentro em a concha de Cananor, entre quatro náos que ahi eſtavam,

não

não a quiz Pero de Taíde mais affrontar, té ſaber de Pedralvares ſe havia por bem que a tomaſſe dentro naquelle porto, por ſer d'ElRey de Cananor, do qual tinham ſabido deſejar noſſa amizade, e per ventura haveria por injúria ſer tomada no ſeu porto. Pedralvares como de noite houve eſte recado per hum tone da terra, que Pero de Taíde a grão preſſa mandou, reſpondeolhe que não leixaſſem de a tomar, porque depois de a terem em poder, ahi lhe ficava lugar pera fazerem qualquer cumprimento com ElRey de Cananor. Pero de Taíde como teve eſte recado de noite, ordenou-ſe pera o outro dia pelejar com ella; mas teve niſſo pouco que fazer, porque como do dia d'antes muita gente da que ella trazia, foi ferida, e morta, de noite todolos feridos, e parte dos sãos ſe acolhêram a terra. E os que Coge Cemecerij mandava metter nella, vendo como eſtes ſahiam bem feridos, não quizeram ir tomar experiencia doutro tal damno, e per eſte modo os noſſos foram ſenhores da náo ſem affronta, porque ainda alguns poucos que ficavam ſe rendêram ſem ella. Tirada eſta náo do porto de Cananor, foi levada a Pedralvares, que a recebeo com muito prazer, por não ſer tão cuſtoſa de ſangue como eſperava. E o que deo maior prazer á gente commum, foi hum

hum novo mantimento que alli comêram, que foi carne de Elefante, porque com artilheria, hum dos ſete que a náo levava foi morto; e como a gente eſtava deſejoſa de carne freſca, eſta ſe repartio per todalas náos. Pedralvares vendo como era falſo a náo levar eſpeciaria, e tudo ſe converteo naquelles ſete Elefantes, ficou muito deſcontente, e mais quando ſoube não ſer fazenda dos Mouros de Méca, ſenão de dous mercadores de Cochij, como atrás diſſemos. E porque não reſpondia a carga da náo com as informações, que Aires Correa tinha per Coge Cemecerij, e em ſeus modos o tinham por homem falſo, ſentio que tudo iſto eram induſtrias ſuas, a fim que toda a terra eſtiveſſe mal comnoſco, poſto que não ſoubeſſe os artificios que pera iſto teve, e aviſou a Aires Correa, que não confiaſſe mais de ſuas palavras. E ſe a tomada deſta náo não ſervio á malicia de Coge Cemecerij, ſervio pera temorizar aos Mouros de Calecut, e ao Çamorij, o qual com eſſes mais principaes, quando víram a grandeza da náo, e ſouberam a gente que trazia, comparando iſto ao navio S. Pedro, que ſería de até cem toneis, ficáram mui aſſombrados, e ſem eſperança de nos poderem offender per guerra. E ſervio tambem pera ſe ganhar amizade com ElRey de Cochij, ordenando elle

le Coge Cemecerij de metter em odio os nossos per toda aquella costa ; porque sabendo Pedralvares ser a náo daquelles mercadores de Cochij , mandou chamar o Capitão della , pedindo-lhe perdão do damno que era feito , porque sua tenção , quando mandára ir sobre ella , foi por lhe dizerem algumas pessoas de Calecut que era náo dos Mouros de Méca , com os quaes os Portuguezes tinham guerra ; que em ser feito aquelle damno , elle Capitão tinha a culpa , porque se dissera donde , e cuja era a náo , quando lhe foi perguntado , não recebêra algum mal ; mas pois o caso era feito , ahi não havia mais que tornar-lhe a entregar sua náo pera fazer embora sua viagem , porque as cousas d'ElRey de Cochij , onde quer que as achasse , sempre delle receberiam boas obras , por a fama que tinha ser o mais verdadeiro Principe daquella terra. E que se lhe cumprisse alguma cousa pera sua viagem , elle folgaria de o favorecer : com as quaes palavras o Capitão se lançou a seus pés , e confessou elle ser o culpado , e com mercê , que lhe Pedralvares fez de algumas cousas , se espedio contente delle.

CAPITULO VII.

Como por cauſa de huma náo dos Mouros, que os noſſos tomáram, a qual eſtava no porto de Calecut, cuidando eſtar carregada de pimenta, ſaltou todo o Gentio da Cidade com o favor dos Mouros, e matáram Aires Correa na caſa da Feitoria com a maior parte dos que eſtavam com elle: e do que Pedralvares fez ſobre iſſo.

PEdralvares, porque eram já paſſados tres mezes de ſua chegada áquelle porto, e não tinha havido carga mais que pera duas náos, e cada quintal de eſpeciaria lhe cuſtava huma quartã dobrada, por os vagares, e artificio com que ſe havia das mãos daquelles Officiaes, a que o Çamorij tinha mandado que o deſpachaſſem, e ſentia claramente que tudo iſto faziam os Mouros, principalmente Coge Cemecerij, mandou-ſe gravemente a queixar a ElRey per Aires Correa. E porque deſta vez, que Aires Correa lá foi, repetio muitas vezes que os Mouros davam carga de noite ás náos de Méca, que eſtavam naquelle porto, vio-ſe o Çamorij tão apertado delle, que lhe diſſe, que ſe elle tinha por certo que os Mouros davam de noite carga ás náos de Méca, que a mandaſſe o Capitão mór tomar,

porque elle dava pera iſſo licença, e que per aqui cumpria com o Capitão mór nos queixumes, que lhe mandava fazer de ſeus Officiaes. Porque ſe aſſi era que elles davam azo a que os Mouros carregaſſem de noite, os Mouros perderiam a pimenta que tinham carregada, e ſeus Officiaes haveriam bom caſtigo, e com iſto eſpedio Aires Correa; o qual como andava deſta preſumpção que as náos de Méca, que eſtavam no porto, tinham carga de pimenta, não cuidou que na licença que levava d'ElRey tinha pouco deſpacho. Do qual caſo foi logo dar conta a Pedralvares, e aſſentou com elle, que ao ſeguinte dia, que eram dezeſeis de Novembro, deſſem em rompendo alva os bateis em huma náo, que havia ſuſpeita eſtar carregada; e achando-lhe pimenta, a tiraſſem do porto, e levaſſem a bordo das náos pera a baldear nellas, com fundamento de a pagarem a cuja foſſe, ſem embargo de lhe ElRey dizer que a tomaſſem, por pena de elle ter mandado que ante das noſſas náos haverem carga, nenhuma náo a tomaſſe; o qual negocio ſuccedeo mui mal, porque a náo eſtava carregada de mantimentos, e tudo foi induſtria dos Mouros por indignarem a gente da terra contra nós, como fizeram, cá não houve mais detença, que entrados os noſſos em a náo, como hiam

com

com aquelle alvoroço de gente de guerra, e mais com odio que tinham aos Mouros, peró que não achassem pimenta, começáram de revolver a náo, da qual fugindo os Mouros, que nella estavam, deram rebate em terra, fazendo tamanho alvoroço na Cidade, que começáram matar alguns dos que estavam com Aires Correa, os quaes andavam seguros per ella. Aires Correa quando sentio a revolta, e vio vir hum tropel de gente sobre alguns, que se vinham amparando, acudio aos recolher já mui feridos da multidão dos Mouros, e Gentio, que os perseguiam; mas pouco aproveitou a elles, e a elle, antes foi causa de o matarem mais cedo, e a muitos dos que estavam com elle dentro das casas, porque entráram todos de volta, sem lhe darem tempo de se poder entreter com as portas fechadas, té que das náos lhe acudissem, posto que no alto da casa foi per hum dos nossos arvorada huma bandeira, que era sinal de haverem mister soccorro. Pedralvares a este tempo estava com a sezão das quartans; e quando lhe disseram que nas casas da Feitoria era arvorada bandeira, e que havia gente derredor della, pareceo-lhe que sería algum arroido dos nossos, e como a cousa particular, mandou dous bateis que acudissem. Peró depois que lhe disseram que as casas es-

 ta-

tavam todas cercadas, e que isto parecia furor do povo, a grão pressa mandou os Capitães com todolos bateis, e a mais gente que pudessem levar. Mas foi a tempo que já nas casas não havia vivo nenhum dos nossos; e alguns, que se quizeram acolher ao mar, vinham os Mouros, e Gentios ás fréchadas, e lançadas pola praia, sem lhes darem tempo pera embarcar. E ainda pera se melhor vingarem delles, os Mouros, que ordenáram esta maldade, a noite passada tiveram esta industria: mandáram fazer a praia em montes de area, e covas, donde tiráram os montes; porque querendo-se os nossos acolher aos bateis, quando viessem trás elles, isto lhe fosse impedimento pera se não recolher tão prestes, e entre tanto os matariam ás fréchadas. Neste recolhimento de tanto trabalho escapou Fr. Henrique com algumas feridas polas costas, o qual como purissimo Religioso que era, as recebeo em lugar de martyrio, e assi escapáram quatro Frades dos seus. Nuno Leitão Capitão do navio Annunciada, vendo vir Antonio Correa filho de Aires Correa moço de até doze annos, do qual por sua pouca idade os Mouros não faziam conta, metteo-se em meio delles, e polo salvar ás costas, foi primeiro mui bem ferido. E posto que este Cavalleiro Nuno Leitão, (que depois al-

guns

guns tempos ſervio d'Almoxarife do armazem das Armas,) per ſi não vingaſſe eſte damno que aqui recebeo, Antonio Correa o fez em mui honrados feitos neſtas partes, em que tambem vingou a morte de ſeu pai. E certo que ſe o impeto, com que os Mouros, e toda gente da Cidade commetteo a caſa, elles ſeguíram alguns dos noſſos, que tiveram lugar pera vir buſcar a praia, não eſcapáram obra de vinte peſſoas de ſeſſenta que eram em terra. Mas como toda a furia parou em furtar a fazenda, que Aires Correa lá tinha, tiveram eſpaço pera eſcapulir da caſa os que vieram demandar a praia, dos quaes ainda alguns ficáram alli mortos, e os outros mui mal feridos, e quatro, ou ſinco ſe eſcondêram em caſa de Coge Bequij noſſo amigo. Quando Pedralvares vio ante ſi aquella gente tão mal ferida, e ſoube que tudo procedêra da tomada da náo per conſelho de Coge Cemecerij, e que elle accendêra aquelle fogo, havendo-ſe por aggravado de Aires Correa por algumas palavras, que lhe diſſe ſobre o engano da náo dos Elefantes, diſſe áquelles Capitães, que eram preſentes: *Louvado ſeja Deos! pois he mais poderoſo pera vos deſtruir hum amigo ſimulado, que hum imigo deſcuberto.* Aires Correa tinha por amigo aquelle Mouro Cemecerij, e confiava

em

em ſuas palavras, e eu deſcançava nas ſuas, e aſſi elle morreo deſenganado já delle, e eu morro, porque enganei a muitos, parecendo-me que acertava em ſeguir ſeu parecer. Verdadeiramente ainda que elle morreo como Cavalleiro, e os outros que com elle vam, e todos por ſervir ElRey Noſſo Senhor acabáram em bom lugar, e eu lhe tenho mais inveja á ſua morte, do que ſe póde ter a eſtas minhas quartans: todavia dera por huma hora de vida de Aires Correa dez annos da minha, ſómente pera o poder arguir em algumas couſas deſtas que eu adivinhei, e me elle não cria. Porém, pois aprouve a Noſſo Senhor que vieſſemos a eſtar com eſte Çamorij em peior eſtado do que eſtavamos ao tempo de noſſa chegada, tomemos eſte deſaſtre á conta dos mortos, pois acabáram nelle, e á noſſa por principio de bom deſpacho, pois nos dá cauſa a não diſſimular quantos enganos ha tres mezes que ſoffremos. Finalmente praticando Pedralvares com os Capitães o modo, que haviam de ter pera tomarem conclusão com o Çamorij, depois que ſe trouxeram muitos inconvenientes de huma, e d'outra parte, aſſentáram que nenhum outro conſelho era mais proveitoſo que as armas, cá diſſimular enganos ainda que fizeram mal, não era tão manifeſta injuria, como morte de tan-

ta

ta gente. E vendo ElRey, e os da terra que não acudiam a isso com grande impeto de vingança, ante que arrefecesse o sangue daquelles, que alli perecêram, haveriam serem elles homens, que por injúrias faziam pouco, e por cubiça muito. Porém aquelle dia não podia ser, e era mais proveitoso ser ao outro, por duas causas: a primeira, por lhe darem azo a que se mettesse alguma gente em guarda das náos, e quanta mais fosse, mais culpados haveriam castigo; e a segunda, por lhe ficar o dia todo inteiro pera depois de queimadas as náos esbombardearem a Cidade. Posto este conselho em obra, foram queimadas mais de quinze vélas, que estavam juntas no porto, em que entravam oito náos grossas, a maior parte das quaes estavam carregadas de mantimentos daquella costa Malabar, em cuja entrada morreo muita gente, que estava em guarda dellas. Acabado este incendio das náos, começou outro da nossa artilheria, que foi varejar a Cidade, não fazendo aquelle dia, e o seguinte outra cousa, com que muita parte della ficou damnificada, e segundo se depois soube em Cochij, assi desta artilheria, como em as náos, morrêram mais de quinhentas pessoas.

CA-

CAPITULO VIII.

Como Pedralvares Cabral foi ter a Cochij, onde o Rey da terra lhe deo carga de especiaria; e estando já no fim della, veio sobre ella huma grossa Armada do Çamorij de Calecut, e o que nisso fez.

FEito este estrago naquelles dous dias, quando veio o terceiro, mandou Pedralvares que se não fizesse mais damno, dando aquelle dia por tregoa, parecendolhe que enviasse ElRey algum recado; mas quando vio que estava mais indignado que arrependido do feito da morte de Aires Correa, e dos que com elle morrêram, fez-se á véla caminho de Cochij. O qual lugar he cabeça de hum Reyno assi chamado, que está abaixo de Calecut contra o Sul pela mesma costa trinta leguas, e nelle, segundo Gaspar da India affirmava a Pedralvares, havia mais pimenta que em Calecut, posto que o Rey fosse menos poderoso, e não tão rico como elle. E a causa era, por em Cochij naquelle tempo haver pouco trato, e poucos Mouros, que eram os que Pedralvares mais receava, por damnarem todas nossas cousas, do qual Reyno, e assi dos outros desta costa Malabar, onde pelo tempo em diante fizemos fortalezas, e tivemos

com-

commercio, em outra parte mais propria desta relação escrevemos particularmente. Posto Pedralvares em caminho via de Cochij, por esta informação, que lhe Gaspar da India deo, topou duas náos, que, segundo parecia, e se depois soube, vinham do mesmo Cochij, e dando-lhe caça pera saber se eram de Calecut, foram-se metter no rio de Panane doze leguas de Calecut entre outras náos, que ahi estavam surtas, as quaes elle leixou, temendo ser já aquelle lugar d'ElRey de Cochij, e fazendo-lhe algum damno, podia fazer outro segundo escandalo, como fez na tomada da náo dos Elefantes, que Coge Cemecerij maliciosamente fez tomar. Com a qual cousa elle hia temeroso, parecendo-lhe ter nisso offendido a ElRey de Cochij, e tomando estoutras, achallo-hia mais em termos de guerra que de paz. E se leixou estas, mais adiante na paragem de Cranganor tomou duas, que vinham com mantimentos pera Calecut; e por saber per os Mouros que as navegavam, serem d'outros da mesma Cidade, com a qual ficavam em odio, as queimou. Chegado ao porto de Cochij, que sería dalli sinco leguas, porque soube que ElRey estava em huma povoação mettida pelo rio assima, mandou a elle hum Bramane dos daquella costa Malabar, o qual

era

era de huns, que tomam por religião andarem em penitencia por todo o Mundo, nús, com humas cadeias derredor de si, cheios de bosta de vacas por mais desprezo de suas pessoas; e geralmente os que tomam esta vida, se são do genero Gentio, chamam-lhes Jogues; e se são Mouros, Calandares, do qual modo de religião escreveremos adiante, e principalmente em os livros da nossa Geografia. Este, ou que o costume da vida de peregrinar per terras estranhas, ou que verdadeiramente o seu zelo era desejar salvação, estando Pedralvares em Calecut, no tempo que Fr. Henrique procurava a conversão de alguns Gentios, veiose a elle, dizendo, que queria ser Christão, e vir com elle pera este Reyno, ao qual deram Baptismo, e houve nome Miguel. ElRey de Cochij, posto que já tivesse sabido muita parte das cousas, que os nossos passáram em Calecut, e tambem estivesse informado per os dous irmãos, cuja era a náo dos Elefantes, do que Pedralvares fez, e disse ao seu Capitão; além desta informação, obrou tanto o que Miguel disse, que houve ElRey de Cochij que os Mouros de Calecut, e o Çamorij em lho consentir tinham feito grande traição contra os nossos, e muito damno a si, por ser gente, que se ganhava mais em os ter por amigos, que ano-

anojados. Finalmente por esta razão, e outras de paixões, e differenças, que entre elle, e o Çamorij havia, e principalmente por causa de seu proveito, que elle tenteou, houve que nenhuma cousa fazia mais a seu proposito, que dar carga de especiaria ás nossas náos, e estimou em muito irem ter a seu porto, porque com isto fazia duas cousas, ganhar nossa amizade pera nos ter contra o Çamorij, quando lhe cumprisse, e a segunda, que haveria das nossas mãos muitas, e boas mercadorias, e dinheiro em ouro, (segundo lhe contava Miguel,) que he o nervo, que sustem os estados no tempo de sua necessidade. Consultado o qual negocio entre os seus, não sómente este foi o parecer dos Gentios, mas ainda de alguns Mouros, principalmente dos dous irmãos, que tinham recebido aquella náo de Pedralvares, que foi huma obra, que muito ajudou a nosso despacho. Porque ElRey grande parte della poz á sua conta, sabendo que Pedralvares por sua causa a soltára, sendo tomada de boa guerra, e mais entre os Mouros irmãos, havia já presumpção dos artificios, que sobre esta náo tivera Coge Cemecerij, quando souberam como em Cananor á sua propria custa mandára metter dentro gente nella pera a defender, não estando elles muito correntes na amizade. E con-

conforme a esta determinação, trouxe Miguel resposta d'ElRey a Pedralvares, dizendo, que sua vinda fosse mui boa, e que lhe pezava muito dos damnos, e trabalhos, que tinha recebido em Calecut; que verdadeiramente se elle não fora informado per pessoas dignas de fé, que a culpa destas cousas procedêra do Çamorij, elle puzera muita dúvida em lhe dar acolheita naquelle seu porto, quanto mais carga de especiaria, por esta ser a lei de boa vizinhança, acudir ás injúrias dos vizinhos, e mais sendo feito per pessoas tão estranhas em religião, costumes, e patria, como eram os Portuguezes á gente Malabar. Mas como elle Rey ficava desobrigado deste adjutorio ao Çamorij, por ser em causas contra a lei, e verdade, que se deve aos estrangeiros, que trazem bem, e proveito ao proprio Reyno, elle Pedralvares podia seguramente esperar delle tudo em que o pudesse ajudar. Pedralvares, porque esta entrada de boas palavras sempre a ouvio naquelles Reys com que tiveram prática, ensinado do fim que com elles teve, usou com este de alguns resguardos sobre o negocio da carga da especiaria. Porém não quiz tratar com elle que se vissem, porque o tempo era mui breve pera se partir via deste Reyno, e elles nestas vistas serem mui supersticiosos ácerca da elei-

ção

ção dos dias, em que devem contratar, assi que per evitar estes inconvenientes, com que podia perder muito tempo, veio logo com elle a conclusão de dar carga da especiaria que promettia. Finalmente, sem haver entre elles mais cautelas, mandou ElRey quatro pessoas honradas da linhagem dos Bramanes por arrefens de nove pessoas, que Pedralvares mandou a terra pera refeitorizar a carga, Gonçalo Gil Barbosa pera Feitor, Lourenço Moreno, e Bastião Alvares por seus Escrivães, e Gonçalo Madeira de Tangere por lingua, e os outros eram degredados, e homens da Feitoria; porque era aquella gente Malabar tão suspeitosa, que houve Pedralvares por mais seguro mandar menos gente que mais: e aprouve a Deos que assi se contentáram elles dos nossos, que geralmente todos, assi os Officiaes d'ElRey, que eram Gentios, como os mercadores Mouros, andavam a quem daria melhor aviamento á carga. A qual cousa dava muito contentamento a Pedralvares, posto que em alguma maneira os arrefens lha entretinham por causa de sua religião, que não haviam de comer em a náo, onde Pedralvares os tinha, té virem a terra a se lavar do tocamento que tiveram com os nossos; e em quanto hiam comer huns, vinham outros em seu lugar, cousa, que atormentava

mui-

muito a Pedralvares ver os vagares com que isto faziam. Com tudo, em espaço de vinte dias aqui, em Cochij, e no rio Cranganor, que será dalli sinco leguas mais assima contra o Norte, carregáram todalas náos muita pimenta, e algumas drogas, sómente gengivre, que depois foram tomar a Cananor. E neste porto de Cranganor achávram os nossos, que alli foram carregar, muitos Christãos de S. Thomé, por elle leixar naquelle lugar algumas Igrejas feitas no tempo que alli prégou o Evangelho, da qual denunciação, e gente, que converteo alli, e em Choromandel, onde foi a principal habitação sua, adiante faremos relação, e principalmente em a nossa Geografia. Dos quaes Christãos de Cranganor, dous chamados Mathias, e Josepe irmãos, segundo elles diziam, doctrinados per Bispos Armenios, que alli residiam, quizeram vir com Pedralvares a este Reyno pera passarem a Roma, e dahi a Jerusalem, e Armenia a ver o seu Patriarca. Porém o Mathias depois de ser neste Reyno, faleceo, e Josepe foi ter a Roma, e a Veneza, e do que lá disse da sua christandade, e costumes, os Italianos, que nisto são mais curiosos que nós, fizeram hum summario, que está incorporado em hum volume Latino, intitulado *Novus orbis*, onde andam algumas das nos-

noſſas navegações, eſcritas não como ellas merecem, e o caſo paſſou. Tornando á carga da eſpeciaria, que os noſſos faziam per modo tão pacifico, neſte tempo correo por toda aquella coſta Malabar nova da noſſa Armada, e das couſas que paſſáram em Calecut, a qual nova parece que não foi tanto em louvor do Çamorij, como noſſo, havendo todos que uſára de traição em mandar matar homens, que debaixo da fé delle eſtavam em terra tratando em couſas do commercio, e não de guerra, dizendo todos, que não mandára fazer tal inſulto mais por lhe roubar a fazenda, que por outra alguma culpa. E porque, (ſegundo diſſemos,) eſte Çamorij era como Emperador naquella região Malabar, (de que ao diante mais particularmente diremos a cauſa,) e os outros Reys vizinhos ſoffriam mui mal eſta ſua potencia, principalmente ElRey de Cochij, que demarcava com elle pela parte debaixo contra o Sul, e ElRey de Cananor pela de ſima do Norte, deſejavam todos ſua deſtruição, e haver ahi cauſa pera iſſo. A potencia do qual Çamorij, como procedia do commercio das eſpeciarias, que ſe faziam no ſeu porto de Calecut, e elle tinha modos de avocar a ſi todalas náos dos Mouros, que vinham áquelle trato, do qual commercio eſtoutros Reys goſtavam pouco,

por

por iſſo vendo as noſſas náos na India, com a informação que tinha do proveito que dellas podiam receber, e odio, em que os noſſos eſtavam com o Çamorij, cada hum deſejava de os recolher pera ſi. Donde ſe cauſou, que ElRey de Cananor, e os Governadores de Coulão, Reyno que confina com Cochij pela parte de baixo contra o Sul, mandáram ſeus menſajeiros a Pedralvares Cabral, pedindo-lhe, que quizeſſe ir a ſeus portos, porque elles lhe dariam toda a carga de eſpeciaria que houveſſe miſter. Aos quaes elle reſpondeo, dando-lhes agradecimento daquella offerta, e boa vontade, que moſtravam ter ás couſas d'ElRey de Portugal ſeu Senhor; e podiam ſer certos, que vindo elle a Portugal como eſperava, o dito Senhor lhes gratificaria aquelle ſeu deſejo, como elles veriam na primeira Armada que alli tornaſſe. Que ao preſente elle não podia tomar carga pola ter já recebido d'ElRey de Cochij, no qual achára muito gazalhado, muita verdade, e poucas cautelas, o que não achára em Calecut, vindo elle primeiro áquelle porto, que a outro algum da India. Pola qual razão, e aſſi pelo proveito que elle trazia, o Çamorij não devêra tratar tanta traição como com elle uſou, aconſelhado da ſua cubiça, e da maldade dos Mouros, as quaes couſas por ſe-

ſerem mui publicamente feitas, ſeriam notorias per toda a India, e por iſſo lhe não fazia relação do caſo como paſſára. Sómente elle Capitão mór tomava por teſtemunha da ſua innocencia, ácerca do que paſſáram em Calecut, o agazalhado que achára em ElRey de Cochij, e as offertas que elles Principes lhe mandavam fazer, porque neſtes claros, e verdadeiros ſinaes ſe moſtrava que as Armadas d'ElRey D. Manuel ſeu Senhor entráram naquella região da India com titulo de paz, e commercio, e não de guerra ácerca dos Principes, e povo Gentio daquellas partes Orientaes; porque vendo-ſe ao diante outras Armadas d'ElRey ſeu Senhor naquellas partes a tomar emenda da maldade, que ElRey de Calecut commetteo, que ſe ſoubeſſe ſer elle a cauſa diſſo. Pedralvares poſto que geralmente eſpedio eſtes menſajeiros que a elle vieram, eſcuſando-ſe de ir tomar a eſpeciaria, que lhe vinham offerecer, todavia em particular mandou dizer a ElRey de Cananor, que de caminho elle paſſaria pelo ſeu porto, e tomaria algum gengivre, que entre tanto lho mandaſſe ter preſtes. Partidos eſtes menſajeiros, e Pedralvares tambem em veſperas da ſua partida, mandou-lhe ElRey de Cochij dizer, que elle tinha nova certa como de Calecut era partida huma groſſa Arma-

da, que lho fazia ſaber pelo não tomar deſcuidado, e tambem pera que tiveſſe tempo de recolher alguma gente da que elle offerecia; porque os ſeus naturaes eſtavam tão ſatisfeitos, e contentes do tratamento, e modo dos Portuguezes, que com amor levemente ſe offereciam á morte pelos defender de ſeus imigos. O que Pedralvares lhe mandou muito agradecer, dizendo mais, que os Portuguezes eram tão coſtumados a pelejar com Mouros, e haver victorias delles, e dos infieis ácerca de Deos, e dos homens, que os não tinham em conta, ante ſe deleitavam na milicia delles. Por tanto elle não tinha neceſſidade dos ſeus vaſſallos, e pola offerta delles, beijava as mãos a ſua Real Senhoria, como a hum Principe tão conjunto a ElRey ſeu Senhor per razão de paz, e amor, como são aquelles, que nas partes da Europa elle accepta por ſeus irmãos em armas, que he ſer amigo dos amigos, e imigo dos contrarios. E quanto aos ſeus naturaes eſtarem promptos neſta ajuda, que queriam dar aos Portuguezes pelo contentamento que tinham de ſuas peſſoas, elle ſe não eſpantava diſſo, porque a Lei de Deos era permittir que o coração leal, e verdadeiro foſſe pago com outro tal coração; quanto mais que toda eſta boa vontade dos ſeus procedia da que elles

les viam ter a ſua Real Senhoria ás couſas d'ElRey ſeu Senhor. Que eſtas taes obras, elle Pedralvares ao preſente não era poderoſo pera as poder pagar, ſómente em as levar na memoria em mais eſtima que todas as riquezas da India, pera as repreſentar a ElRey ſeu Senhor, de quem elle podia eſperar, tanto que em Portugal foſſe, vir logo huma Armada em ſeu favor contra o Çamorij, e todolos ſeus imigos, por ElRey ſeu Senhor ſer hum Principe mui agradecido de beneficios, e muito temeroſo, quando era offendido. Enviada eſta reſpoſta, quando veio ao ſeguinte dia a nove de Janeiro do anno de quinhentos e hum, em o Sol pondo, eis-aqui começa de apparecer eſta Armada, que ElRey de Cochij, dizia mais medonha em numero de vélas, que poderoſa no animo de quem nella vinha, porque ſeríam até ſeſſenta vélas de que vinte ſinco eram náos groſſas. A qual Armada não vinha a fim de pelejar, ſómente moſtrar-ſe, parecendo-lhe que por ſer grande numero de vélas, tanto que foſſe viſta dos noſſos, faria deſpejarem elles o porto, e vir-ſe caminho do Reyno ſem carga de eſpeciaria, que era todo o intento dos Mouros. Porque além de tomarem o pouſo tanto ao mar das noſſas náos, que ſería huma legua, quando veio de noite, que Pedralvares ſe fa-

zia preſtes pera ante manhã com o terrenho ir ſobre elles per vigia que elles tinham, tiveram tal modo que ficáram pegados com terra, onde Pedralvares não podia ir, por lhe ſervir o vento mais ao mar, que pera a terra. E ou que o terrenho o fez, ou eſtarem já com a carga, que haviam miſter, ainda que Pedralvares quizera ir aos imigos, elle o não pudéra fazer, porque a náo de Sancho de Toar hia muito na volta do mar, e como era das mais poderoſas, e as outras tambem a ſeguiam, e fez a Pedralvares pôr a proa nellas, apanhando huma, e huma té ſe fazer em hum corpo na volta de Cananor, ficando os imigos muito ſatisfeitos com os verem partir, em que moſtráram não irem a outro effeito. Na qual partida quiz Pedralvares uſar antes da prudencia, e cautelas de Capitão, que do officio de Cavalleiro que elle era, temendo que ſe commettêra os imigos, pudéra ſucceder couſa que lhe fizera perder a ſua vinda, que importava mais ao ſerviço d'ElRey, e a bem de todo o Reyno, que deſtruir aquella Armada, poſto que com aquellas náos tão carregadas fora poſſivel poder-ſe fazer.

CAPITULO IX.

Como Pedralvares foi ter a Cananor, onde ElRey lhe mandou dar a mais eſpeciaria, que havia miſter; e partido dalli, fez ſua viagem pera Portugal: e do que paſſou no caminho té chegar a elle.

PArtido Pedralvares Cabral per eſte modo do porto de Cochij via de Cananor, paſſou á viſta de Calecut; e a principal cauſa, que o moveo a fazer eſte caminho, foi ter mandado dizer a ElRey de Cananor, que havia de paſſar pela ſua Cidade a tomar gengivre, e ſe o não fizera, ficava infamado ante elle de duas couſas, que não cumpria ſua palavra; e mais que de aſſombrado d'Armada d'ElRey de Calecut, não ouſára de vir áquelle ſeu porto; a qual preſumpção tirava não ſómente indo a cumprir o que lhe mandava dizer, mas com a moſtra, que deo de ſi a Calecut. Tambem teve Pedralvares reſpeito a outra couſa, que lhe ficava por fazer, que muito importava a eſtima, e opinião em que eramos tidos ante ElRey de Cochij; e ſe com elle não fizera algum cumprimento, pelo modo de como ſe elle Pedralvares partio, ſem ſe delle eſpedir, ficavamos ante elle mui infamados; e porque de Cananor eſperava de o fa-

fazer, por razão de todas eſtas couſas, conveio ir tomar aquelle porto, como tomou. Onde a primeira couſa que fez, foi per homens da terra, que lhe o Governador da Cidade deo, per duas, ou tres vias eſcrever a Gonçalo Gil Barboſa, e aos Officiaes, que com elle ficavam, dizendo, que como elles ſabiam, leixallos em Cochij não fora per accidente, e acaſo, mas por ordenança d'El-Rey ſeu Senhor. O qual, pelo Regimento que lhe dera de fazer Feitoria em Calecut, ou em qualquer outra parte, onde o Senhor da terra acceptaſſe ſua amizade, mandava que ficaſſem elles por Officiaes, pera terem cargo de comprar as eſpeciarias de ſeu vagar, e as terem preſtes, quando as náos do Reyno lá chegaſſem, ſegundo ſe continha no Regimento, que lhe elle leixára. Sómente hia elle Pedralvares deſcontente pelo modo apreſſado de ſua partida, o qual tolheo não lhe dar os derradeiros abraços, que ſe coſtumam entre os amigos nas taes eſpedidas, couſa mui racional, e que a meſma natureza obrigou aos homens, pera moſtrarem hum ſinal de paz, e amor, que entre elles havia. O qual ſinal a elle Pedralvares convinha mais, que a outra peſſoa alguma; porque como elle por razão do ſeu cargo era obrigado dar conta da vida, ſaude, e eſtado de cada hum daquelles, que levava debai-

baixo da bandeira, que lhe ElRey ſeu Senhor entregára em Lisboa, na caſa de Noſſa Senhora de Bethlem, muito mais lhe convinha dar eſta conta de ſuas peſſoas, aſſi por razão dos cargos em que ficavam, que muito importava ao ſerviço d'ElRey, como por elle particularmente lhe ter muito amor. Porém como o ſerviço d'ElRey ſeu Senhor precedia a todolos effectos humanos, e por cauſa delle ſeus vaſſallos eram obrigados deſpir a natureza, e a vida ſe cumpriſſe, como elles ſempre fizeram, conveio que elle ſe partiſſe per aquelle modo, quanto mais que a elles não foi couſa nova, nem eſcondida, pois com todos tinha conſultado que aſſi ſe devia fazer por evitar os inconvenientes, e impedimentos, que lhe a Armada do Çamorij podia dar em ſua partida. Que quanto pera com elles, elle Pedralvares não levava nenhum eſcrupulo, ſómente ante ElRey de Cochij lhe parecia mui neceſſario fazer todo cumprimento, e por iſſo lhe eſcrevia aquella carta, que com a ſua lhe enviava, e por ſer de crença em que ſe elle reportava a elles, da ſua parte lhe podiam dizer tudo o que convinha pera deſculpa de ſua partida, e a bem da honra dos Portuguezes. Tornando ao que ElRey de Cananor fez, quando Pedralvares appareceo á véla, como homem temeroſo
que

que elle paſſaſſe de largo obra de duas leguas antes de chegar ao porto, mandou a elle dous zambucos. Em hum dos quaes hia hum homem principal, per que lhe mandou pedir que não paſſaſſe ſem tomar aquelle ſeu porto, porque elle deſejava tanto amizade delRey de Portugal, que eſtimaria muito, primeiro que ſe foſſe daquella terra, querer levar alguma couſa ſua. E tambem pois elle Capitão mór o tomava por teſtemunha da paz, com que os Portuguezes entráram na India, e aſſi do que lhe nella era feito, ſegundo lhe mandou dizer de Cochij, elle Rey de Cananor pelo meſmo modo o queria tomar por teſtemunha com obras mui differentes das que lhe foram feito em Calecut. Porque não queria que ſe diſſeſſe nas partes da Chriſtandade, que os Reys, e Principes da India, não eram dignos da amizade, e commercio dos Reys, e Principes della. Por tanto, tambem proteſtava ter elle Capitão mór naquella ſua Cidade Cananor toda a eſpeciaria, que houveſſe miſter, onde acharia gazalhado, amor, e verdade, como achou em ElRey de Cochij. Ao qual Pedralvares reſpondeo, que os Portuguezes de nenhuma couſa eram mais lembrados que dos beneficios que recebiam, e de cumprir ſua palavra, por tanto ſua Real Senhoria eſperaſſe delle que ambas eſtas couſas

ſas iria cumprir , porque elle não paſſava , mas vinha , como lhe mandára dizer. Chegado Pedralvares logo nas coſtas deſte menſajeiro , aſſi tinha ElRey provído pera lhe dar carga de eſpeciaria , que ainda elle não ſurgia fóra do porto , quando derredor das náos eram muitos paráos , e barcos carregados de gengivre , e canella , parecendo-lhe que ſe logo o não aviſaſſem , que faria ſeu caminho. E porque Pedralvares hia já tão carregado , que não pode tomar tanta eſpeciaria , quanta os Officiaes d'ElRey quizeram , e ſómente tomou huma ſomma de gengivre , e huma pouca de canella , mandou-lhe dizer ElRey , que elle tinha ſabido como em Calecut lhe roubáram muita fazenda , que ſe por ventura á mingua de não ter cabedal leixava de tomar mais eſpeciaria , não leixaſſe de a tomar , porque elle confiava tanto na verdade dos Portuguezes , que eſta baſtava pera elle ſer pago de quanto lhe alli deſſem na outra vez que tornaſſe. Pedralvares por não leixar a ElRey com eſta preſumpção , que á mingua de cabedal não tomava mais carga , mandou moſtrar aos ſeus Officiaes , que andavam neſte negocio , dous , ou tres cofres cheios de dinheiro em ouro , dizendo , que elle tinha ainda tanto dinheiro , que bem pudéra carregar ſinco , ou ſeis náos , que lhe o mar comêra ,

por-

porque pera todas levava cabedal; mas como aquellas que alli trazia hiam já abarrotadas com a carga que lhe dera ElRey de Cochij, não podia levar mais, nem sua vinda áquelle porto fora por razão de carga, sómente por servir ElRey. Que quanto á confiança, que ElRey tinha na verdade dos Portuguezes, sua Real Senhoria no anno seguinte veria quanto ElRey de Portugal seu Senhor estimava esta confiança, porque em retribuição della mandaria huma grossa Armada com muito ouro, prata, e mercadorias de grão preço, e corações mui esforçados, e leaes pera ajudarem a ElRey de Cananor contra seus imigos, se lhe necessario fosse; e bem assi pera tratarem, e commutarem suas mercadorias, com que fizessem aquella Cidade Cananor muito mais rica, nobre, e poderosa, do que era Calecut. Finalmente com este, e outros recados, que, per espaço de hum dia que Pedralvares se alli teve, passáram entre elle, e ElRey, assi ficou este Gentio confiado em nós, que sabendo como Pedralvares levava dous Embaixadores d'ElRey de Cochij, mandou tambem outro com elle com alguns presentes pera ElRey D. Manuel, a substancia da qual embaixada eram offerecimentos de sua pessoa, e do seu Reyno, e quanto desejava sua amizade, e commercio das cousas, que

em

em Portugal havia per commutação das que tinha o ſeu Reyno. Pedralvares leixando eſtes dous Reys de Cochij, e Cananor em tanta paz, e concordia, fez-ſe á véla caminho deſte Reyno a dezeſeis dias de Janeiro, dando louvores a Deos, pois partíra da India mais contente do que chegára a ella, attribuindo a perda das náos a ſeus peccados, e as deſavenças d'antre elle, e ElRey de Calecut a bem, e proſperidade das couſas delRey D. Manuel. Porque ſegundo aquelle Gentio Çamorij eſtava damnado com a communicação dos Mouros, que tinha em ſeu Reyno, parece que não merecia a Deos eſtar em noſſa amizade, e permittíra a morte de Aires Correa, e dos outros que com elle perecêram, pera elle Pedralvares ir buſcar ElRey de Cochij, e depois ElRey de Cananor. Os quaes com eſtes Embaixadores, que enviáram a eſte Reyno, e depois per muito contentamento, que tiveram das obras d'ElRey D. Manuel, aſſi ficáram eſtes dous Principes os maiores do Malabar, (depois do Çamorij,) tão fieis, e leaes amigos a ſeu ſerviço, quanto no decurſo deſta hiſtoria ſe verá. Seguindo Pedralvares ſua derrota via deſte Reyno, não mui longe da coſta de Melinde, topou huma náo mui groſſa carregada de muita fazenda, a qual vinha do meſmo lugar de Melinde, e hia pe-

pera Cambaya; e por ſer de hum Mouro, ſegundo elle dizia, dos principaes daquelle Reyno, que ſe chamava Milicupij ſenhor de Baroche, elle a leixou ir em paz, dizendo-lhe que ſe fora de Calecut, ou dos Mouros de Méca, houvera de tomar nella emenda dos damnos, que delles tinha recebido; porém como não era delles, todalas outras nações da India ſempre achariam nos Portuguezes paz, e amizade, e com iſto a eſpedio, ſómente lhe tomou hum Piloto Guzarate de nação, por delle ter neceſſidade pera aquella coſta de Çofala. Tornando a ſeu caminho, e ſendo já mui perto da coſta de Melinde, ſaltou com elle hum tempo traveſsão, que deo com a náo de Sancho de Toar em hum baixo, onde ſe perdeo, ſalvando-ſe porém toda a gente; e porque ficava hum pouco deſcuberta da agua, mandou-lhe Pedralvares pôr fogo, porque os Mouros daquella coſta não vieſſem a ella, e ſe aproveitaſſem d'alguma couſa. Mas com todas eſtas cautelas de Pedralvares, ElRey de Mombaça mandou depois a lhe tirar toda a artilheria de mergulho, e com ella nos fez guerra, como adiante veremos. E correndo com eſte tempo a povoação de Melinde, fez Pedralvares ſeu caminho a Moçambique, onde repairou as náos d'algum damno que levavam. E porque quando deſ-

te

te Reyno partio, ElRey D. Manuel ordenou que Bartholomeu Dias, e Diogo Dias seu irmão fossem á Mina de Çofala descubrir, e assentar aquelle resgate, o qual negocio não houve effecto por se perder Bartholomeu Dias no dia, que se perdêram outras tres vélas, e Diogo Dias era desapparecido, mandou Pedralvares a este negocio Sancho de Toar em hum dos navios pequenos, dando-lhe regimento do que devia fazer. Espedido Sancho de Toar, partio-se Pedralvares pera este Reyno, e a primeira terra que tomou foi a Ilha do Cabo Verde, onde achou Pero Dias, que era desapparecido, como assima dissemos. O qual entre muitas cousas, que contou a Pedralvares dos trabalhos, que teve em sua navegação, foi ir ter ao porto da Cidade Magadaxo contra o Cabo de Gadrafu, onde achou duas náos carregadas de especiaria, que alli eram vindas de Cambaya. Os Mouros das quaes, e assi os da Cidade, temendo que podiam receber algum damno delle pola artilheria, que lhe ouvíram, quando os salvou, foi de todos mui bem recebido, dando-lhe muitos mantimentos, e refrescos da terra. Porém depois que tiveram as náos descarregadas da fazenda que tinham, ordenáram de o tomar; e pera o poderem fazer mais a seu salvo, dilatáram isto, pera

hum

hum certo dia, em que elle Pero Dias quiz fazer aguada. Dizendo os Mouros da Cidade que a agua vinha de longe pela terra dentro, que pera isto se fazer mais em breve, mandasse tal dia o batel com as mais vasilhas que pudesse, e assi gente pera as encher, e chegando ao qual lugar com a confiança do bom gazalhado, que lhe tinha feito nos dias passados, não tiveram resguardo em si, com que o batel, e elles ficáram em poder dos Mouros. Os quaes Mouros logo incontinente, mui armados em alguns zambucos da terra, vieram sobre elle, na qual chegada elle Pero Dias se vio em tanta pressa, por não ter comsigo mais de sete pessoas, que lhe conveio cortar as amarras, e fazer-se á véla via deste Reyno a Deos misericordia, sem Piloto, nem pessoa, que soubesse per onde vinham, té Deos o trazer áquelle lugar, onde o achára. Pedralvares, porque havia este navio por tão perdido, como os que soçobráram no dia da grão tormenta que teve, ouve que Deos lhe resuscitava todos aquelles homens. E pera maior seu contentamento, depois de ser chegado a Portugal, que foi vespera de S. João Baptista, chegáram outros dous navios, que ainda lá leixava: hum era de Pero de Taíde, que se delle apartou antes de chegar ao Cabo das Correntes com hum

tem-

temporal que alli teve; e o outro foi Sancho de Toar com nova do descubrimento de Çofala.

CAPITULO X.

Como ante que Pedralvares chegasse a Portugal o Março daquelle anno, tinha El-Rey enviado huma Armada de quatro náos: e o que passáram nesta viagem, e na India, onde carregáram de especiaria.

ELRey D. Manuel antes da vinda de Pedralvares, posto que não tivesse recado do que lhe succedeo na viagem, (porque sua tenção era em cada hum anno fazer huma Armada pera este descubrimento, e commercio da India no mez de Março, pera ir tomar os temporaes, com que se naquellas partes navega,) neste anno de quinhentos e hum mandou armar quatro vélas. A capitanía mór das quaes deo a João da Nova Alcaide pequeno da Cidade de Lisboa, Gallego de nação, e de nobre linhagem, por ser homem, que entendia bem os negocios do mar, e ter gastado muito tempo em Armadas, que se neste Reyno fizeram pera os lugares dalém, onde sempre andou em honrados cargos. Por razão dos quaes serviços, quasi em satisfação lhe foi dada Alcaidaria de Lisboa, que naquelle tempo era

era hum dos principaes cargos della, e andarem em homens Fidalgos, por ſer huma ſó vara de toda a Cidade. Os Capitães dos outros navios eram Diogo Barboſa criado de D. Alvaro, irmão do Duque de Bragança, polo navio ſer ſeu, e Franciſco de Novaes criado d'ElRey, e o outro era Fernão Vinet, Florentim de nação, polo navio em que elle hia ſer de Bartholomeu Marchioni tambem Florentim, o qual era morador em Lisboa, e o mais principal em ſubſtancia de fazenda, que ella naquelle tempo tinha feito. Cá ordenou ElRey, pera que os homens deſte Reyno, cujo negocio era commercio, tiveſſem em que poder tratar, darlhes licença que armaſſem náos pera eſtas partes, dellas a certos partidos, e outras a frete; o qual modo de trazer a eſpeciaria a frete ainda hoje ſe uſa. E porque as peſſoas, a que ElRey concedia eſta mercê, tinham per condição de ſeus contratos, que elles haviam de apreſentar os Capitães das náos, ou navios que armaſſem, os quaes El-Rey confirmava, muitas vezes apreſentavam peſſoas mais ſufficientes pera o negocio da viagem, e carga, que haviam de fazer, do que eram nobres per ſangue. Fizemos aqui eſta declaração, porque ſe ſaiba, quando ſe acharem Capitães em todo o decurſo deſta noſſa hiſtoria, que não ſejam homens

mens Fidalgos, ferão daquelles, que os armadores das náos apreſentavam, ou homens, que per ſua propria peſſoa, ainda que não tinham muita nobreza de ſangue, havia nelles qualidades pera iſſo, e tambem por darmos noticia do modo, que levamos em nomear os homens, que he eſte. Quando nomeamos algum Capitão, ſe he homem Fidalgo, e tão conhecido per ſua nobreza, e creação na caſa d'ElRey, logo em fallando nelle a primeira vez, dizemos cujo filho he, ſem mais tornar a repetir ſeu pai; e ſe he homem Fidalgo, de muitos que ha no Reyno, deſtes taes não podemos dar tanta noticia, porque não vieram ao lugar onde ſe os homens habilitam em honra, e nome, que he na caſa d'ElRey, por iſſo podem-nos perdoar; e tambem a dizer verdade, os eſcritores dos individos não podem dar conta; e quem muito procura por elles, quebra o nervo da hiſtoria, parte onde eſtá toda a força della. Todavia neſta digreſsão duas couſas pertendemos: notificar a todos que noſſa tenção he dar a cada hum, não ſómente o nome de ſuas obras, mas ainda o de ſeu avoengo, ſe ambas eſtas duas vierem á noſſa noticia; e a ſegunda, que quando fizermos algum grande catalogo de Capitães, (porque eſtes ſempre hão de ſer nomeados,) ora ſejam de náos, ou navios,

ſempre devem entender que as peſſoas mais principaes per ſangue, e feitos, andavam nas melhores peças d'Armada. E tornando a João da Nova, e aos Capitães de ſua conſerva, por cauſa da qualidade dos quaes, pera maior declaração deſta noſſa hiſtoria, fizemos eſta, tanto que foram preſtes, ſe fizeram á véla do porto de Bethlem a ſinco dias de Março do anno de quinhentos e hum. Na qual viagem paſſados oito gráos além da linha Equinocial contra o Sul, acháram huma Ilha, a que puzeram nome da *Concepção*, e a ſete de Julho foram ſurgir da aguada de S. Braz, que he além do Cabo de Boa Eſperança, onde Pero de Taíde foi ter, quando com o temporal, que naquella paragem deo a Pedralvares Cabral, ſe apartou delle. O qual Pero de Taíde mettida em hum çapato no lugar da aguada, leixou huma carta eſcrita, em a qual dizia como elle paſſára per alli, e a cauſa porque; e tambem aviſava a todolos Capitães que foſſem pera a India, do que Pedralvares lá paſſára, e que em Mombaça achariam cartas ſuas em mão de hum Antonio Fernandes degredado, que alli eſtava, e que a Feitoria de Çofala não ſe aſſentára, e a cauſa porque. João da Nova, e os outros Capitães, com as couſas que acháram neſta carta, foi para elles hum no-

vo

vo eſpirito , ſabendo que na India tinham já dous portos tão pacíficos , e tão ſeguros , onde podiam tomar carga , como eram o de Cochij , e de Cananor , e mais tendo lá Feitoria com Officiaes pera iſſo ordenados. Porque como da India não tinham mais nova , que a que trouxera D. Vaſco da Gama , e a navegação daquellas partes não era ſabida , antes de toparem eſta carta , hiam ás eſcuras , e mui confuſos em ſua viagem. Feita ſua aguada , e reſgate de gado com alguns Negros , que alli vieram ter , fizeramſe á véla caminho de Moçambique , onde chegáram na entrada de Agoſto , e dahi foram ter á Cidade Quiloa , aos quaes o Rey da terra com palavras mais que com obras recebeo , e alli acháram Antonio Fernandes Carpinteiro de náos degredado , que Pedralvares leixou , e huma carta ſua , que lhe enviou de Moçambique per hum zambuco de Mouros , quando per alli paſſou , vindo pera eſte Reyno , e aſſi outra carta pera qualquer Capitão , que per alli paſſaſſe , do teor da de Pero de Taíde. E entre algumas couſas , de que lhe Antonio Fernandes deo conta do que paſſava entre aquella barbara , e infiel gente , foi , que alli eſtava hum Mouro chamado Mafamede Anconij , que lhe tinha feito muita honra , e tanta , que ſe por elle não fora , alguns Mouros o matá-

ram. Porém como elle era Efcrivão da fazenda d'ElRey de Quiloa, homem poderofo na terra por amor delle, e tambem receando ElRey que por iffo os poderia caftigar, a gente civil não oufára de o commetter, por efta fer a que o mais perfeguia. E que além defte beneficio, que recebia de Mafamede Anconij, fentia delle fer homem fiel a noffas coufas, por muitas de que lhe dava conta que faziam ao bem, e favor dellas, e que ifto fentia delle Pedralvares Cabral os dias que alli eftivera. João da Nova por tomar experiencia do que lhe Antonio Fernandes dizia defte Mafamede, começou de lançar mão delle, o qual achou tão fiel, que fegundo as traições, que lhe ElRey armava pelo acolher, fe per elle não fora avifado, fempre lhe houvera de acontecer algum defaftre. E por não moftrar que defconfiava delle, com a maior cautela que João da Nova pode, fe efpedio delle, e foi ter a Melinde, e dahi á India, e a primeira terra que vio della, foram os ilheos de Sancta Maria. Donde começou ir correndo a cofta, té que tanto avante como o monte de Lij, topou duas náos, huma das quaes por fer melhor de véla, e já fobre a noite fe poz em falvo, e a outra tomou elle; na entrada da qual lhe matou feffenta homens, e depois de esbulhada, lhe pu-

ze-

zeram fogo. Acabada a preza desta náo, na entrada da qual alguns dos nossos ficáram fréchados, e feridos, foi-se pera Cananor, onde o Rey o recebeo com muito gazalhado; e como homem que temia o que João da Nova logo havia de fazer, que era ir tomar primeiro carga a Cochij por razão dos nossos, que lá ficáram pera este effeito de a feitorizar, quizeram deter alli em lhe dar primeiro as suas especiarias. Porém João da Nova com boas palavras se escusou, dizendo, que trazia por Regimento d'ElRey seu Senhor, que primeiro tomasse carga de especiaria no lugar, onde estivessem seus Feitores, que em outra parte alguma, por muitas cousas no Regimento apontadas. E que Pedralvares Cabral, (á capitanía do qual elle vinha sobmettido pelo Regimento, se o ainda achasse na India,) per cartas, e recados seus, que achou em Moçambique, Quiloa, e Melinde, lhe mandava da parte d'ElRey que se fosse a Cochij, onde acharia o Feitor Gonçalo Gil Barbosa, a quem ficára fazenda, e cuidado pera ter feito parte da carga ás náos, que sobreviessem do Reyno; e depois quando tornasse, viesse áquelle porto de Cananor, onde sua Real Senhoria lhe mandaria dar gengivre, e outras sortes de especiaria, que havia naquelle seu Reyno. Por tanto houves-

se

ſe por bem que cumpriſſe o Regimento d'El-Rey ſeu Senhor ; e em quanto hia a Cochij, lhe mandaſſe ter preſtes gengivre, canella, e algumas outras drogas té huma tanta quantia, porque eſtas veria alli receber pelo ſervir, as quaes tomaria menos em Cochij, poſto que as lá houveſſe. ElRey, ainda que eſtas razões de João da Nova lhe parecêram de Capitão obediente aos Regimentos de ſeu Rey, todavia aperfiou com elle, como quem queria que fizeſſe mais o que elle deſejava, (que era tomar alli primeiro as eſpeciarias, que em Cochij,) que ſe conformaſſe elle João da Nova com o Regimento que levava. E ainda quando per eſta via vio que o não podia obrigar, em tres, ou quatro dias, que ſe elle João da Nova alli deteve, mandou-lhe dizer, que lhe requeria polo amor que tinha ás couſas d'El-Rey de Portugal, que elle ſe não partiſſe pera Cochij: Por quanto tinha por nova mui certa, que em Calecut ſe fazia huma grande Armada de mais de quarenta náos groſſas pera o aguardarem no caminho, que ſeu voto era elle ſe leixaſſe eſtar naquelle porto, onde ſe podia defender com gente, que lhe mandaria dar pera ſua ajuda. Á qual Armada, ſegundo lhe era dito, os Mouros davam grão preſſa, por razão de huma náo, que lhe levou nova, que hia fugindo delle, e

que

que outra ſua companhia lhe ficava nas
mãos. João da Nova, ſendo certificado ſer
verdade o que ElRey dizia, depois que
com os Capitães que levava teve conſelho,
reſumio-ſe neſta determinação, que por hon-
ra do nome Portuguez não convinha moſ-
trar aos Mouros de Cananor, que temiam
a Armada do Çamorij, porque elles, e os
de Calecut não queriam outra couſa pera ſe
gloriar per toda a India, e que deſta glo-
ria tomariam ouſadia pera os vir commet-
ter dentro naquelle porto. Quanto mais, que
tomando o conſelho d'ElRey de Cananor,
ſe a Armada de Calecut tiveſſe animo ſo-
bre ancora, e mais em lugar tão eſtreito, co-
mo era aquella concha de Cananor, a juizo
de homens, mais tomados eſtavam que em
outra parte. Mas eſte poder lhe não daria
Deos, pois lho não concedeo em tão gran-
de frota, como leváram contra Pedralvares,
ante, ſegundo moſtravam, todo ſeu poder
eſtava mais em grande numero de vélas, que
em animo de gente, nem em furia da ar-
tilheria. As quaes couſas, louvado Deos, nel-
les era por contrario; porque ſenão tinham
muitas vélas, tinham muita, e mui boa ar-
tilheria, e mais todos eram coſtumados a
pelejar com Mouros, e não temer ſeus alar-
dos. E porque quanto ſe mais detiveſſem,
mais tempo davam aos imigos pera ſe me-
lhor

lhor aperceber, logo deviam partir pera Cochij; porque se quando fossem achassem a Armada dos Mouros, e os viessem commetter, indo boiantes, hiam mais lestes pera se revolver com elles, que á tornada vindo carregadas. Finalmente assentado João da Nova nesta partida pera Cochij, mandou dizer a ElRey de Cananor, que lhe tinha em mercê a vontade, e amor, que mostrava ás cousas d'ElRey de Portugal seu Senhor com todolos offerecimentos de sua ajuda, e que elle os estimava tanto, como se os recebesse; porém como os Portuguezes eram costumados áquelles grandes apparatos, e mostras, com que os Mouros faziam a guerra mais que com forças de animo, já nelles não faziam emprezas de temor algum, e por isso elle não leixaria seu caminho de Cochij pera ir fazer o que lhe ElRey seu Senhor mandava. Ante esperava em Deos, que quando embora tornasse, tão carregadas havia de trazer as náos da victoria daquella Armada de Calecut, como da pimenta de Cochij; que entre tanto pedia a sua Real pessoa, que lhe mandasse fazer prestes a carga, que havia de tomar, quando embora tornasse de Cochij, pera penhor da qual vinda queria alli leixar quatro, ou sinco homens com alguma fazenda, pera que em quanto elle fosse, poderem comprar al-

gu-

gumas cousas. Com o qual recado ElRey ficou mui satisfeito, e muito mais contente, depois que vio que João da Nova lhe leixava sinco homens com nome de Feitores ao modo de como estavam em Cochij, que elle houve por grande honra, porque assi lho deo a entender João da Nova. Os quaes ainda que não eram Officiaes delRey, Feitores eram de partes, hum delles leixava Diogo Barbosa Capitão de hum navio de D. Alvaro, irmão do Duque de Bragança, ao qual chamavam Payo Rodrigues, com fazenda, que havia de feitorizar do mesmo D. Alvaro. E outro era hum Feitor de Bartholomeu Florentim, que o Capitão Fernão Vinet do seu navio pelo mesmo modo leixava alli feitorizando; e os tres, dous eram homens de serviço, e hum degredado, ficando todos debaixo da governança de Payo Rodrigues, a quem elle João da Nova deo poderes, e Regimento em nome d'ElRey pera aquelle caso. Feita a entrega destes homens a ElRey de Cananor, que elle com muitas palavras recebeo em sua guarda, e amparo, fez-se João da Nova á véla via de Cochij hum pouco affastado da costa, porque vindo a Armada d'ElRey de Calecut a elles, melhor se ajudassem della andando ás voltas, porque quatro vélas com obra de trezentos e sincoenta homens que elles

eram,

eram, não lhes convinha investir nenhuma náo dos imigos, nem menos chegar-se muito á terra, pois não tinham mais abrigo, nem defensão que a artilheria, com a qual havia de ser toda a sua peleja. O qual conselho aproveitou muito, porque indo ao mar hum pouco largo da costa, sendo na paragem de Calecut, como a Armada que se fazia prestes houve vista delles, assi os serviram os nossos com pilouros de sua furiosa artilheria aquelle dia té noite, e parte do seguinte, sem nunca perderem tiro, que mettêram no fundo sinco náos grossas, e nove paráos, em que morreo muita gente. As outras, vendo esta destruição, e damno que tinha recebido de muita gente, que lhes era morta, e ferida, seguíram os nossos até Cranganor, onde se leixáram ficar, e dahi se foram pera Calecut. João da Nova, e os outros Capitães, vendo a mercê, que lhe Nosso Senhor fez em os salvar de tanta nuvem de fréchas, e assi de alguma artilheria fraca, davam-lhe muitos louvores em ficarem livres de tanto perigo, posto que per alguns dias muitos tiveram que curar nas fréchadas que alli houveram. Chegados a Cochij, foram recebidos de Gonçalo Gil, e dos outros, que com elle estavam, com muito prazer, tanto polos verem, como pola victoria que houveram, da qual

El-

ElRey de Cochij tambem teve grande contentamento por razão do odio, que lhe já o Çamorij tinha, e das noſſas victorias dependia a ſegurança de ſeu eſtado. E porque a dilação da carga, que ſe devia de dar ás náos, daria cauſa a que o Çamorij apercebeſſe maior frota, mandou ElRey de Cochij com muita diligencia dar deſpacho a João da Nova. O qual tanto que ſe fez preſtes, leixando com Golçalo Gil mais ſeis, ou ſete homens, tornou-ſe a Cananor, no qual caminho tomou huma náo, que depois de esbulhada a queimou por ſer de Calecut. ElRey de Cananor, quando vio João da Nova em tão poucos dias tornar com as náos, como elle dizia, tão carregadas de victorias, como de eſpeciaria, tambem o quiz feſtejar com bom deſpacho, acabando de lhe dar toda a carga, que havia miſter; e ainda pera o mais contentar, mandoulhe dizer que não cuidaſſe que tinha feito pouco damno ao Çamorij: cá, ſegundo tinha nova, naquella peleja lhe matára per conta quatrocentas e dezeſete peſſoas, por cauſa das quaes todo Calecut era poſto em pranto. A qual nova certificou hum Gonçalo Pexoto, que era dos que ſe acolhêram a caſa de Coge Bequij, quando matáram Aires Correa, per o qual o Çamorij mandou dizer a João da Nova quão deſcontente eſta-

tava daquelle commettimento, que os Mouros fizeram, porque o ſeu animo ſempre eſtivera puro pera os Portuguezes, e mui deſejoſo da amizade d'ElRey de Portugal; mas que o Demonio imigo de toda paz ordena, que entre os Portuguezes, e os Mouros houveſſe odios antigos, donde procedêram as couſas paſſadas. E porque elle Çamorij tinha caſtigado os principaes, que foram cauſa de algumas couſas accidentaes, em que os Portuguezes tiveram culpa em lhe tomarem ſuas náos, lhe rogava que, eſquecidas todas eſtas couſas, quizeſſe levar comſigo dous Embaixadores, que queria enviar a ElRey de Portugal pera aſſentar paz com elle. Porque eſperava que eſta paz, que nunca pudéra aſſentar com ſeus Capitães, eſtes Embaixadores que mandaſſe a aſſentariam com ElRey; e que ſe per ventura tiveſſe algum eſcrupulo por razão de algumas couſas, que foram tomadas na caſa, em que eſtava o Feitor Aires Correa, elle as queria pagar, e pera iſſo podia ir ao porto de Calecut, onde lhe entregaria tanta eſpeciaria, quanta ellas valeſſem. João da Nova informado per Gonçalo Pexoto do que lhe mandava dizer Coge Bequij, que não confiaſſe neſtas palavras do Çamorij, porque tudo eram induſtrias, e artificios dos Mouros, não lhe quiz reſponder,

por-

porque tambem Gonçalo Pexoto, vendo-ſe livre, diſſe, que não queria tornar ao cativeiro onde eſtava. Finalmente leixando João da Nova mais alguns homens a Payo Rodrigues a requerimento d'ElRey, partio-ſe de Cananor com a mais carga, que alli recebeo, e de caminho tanto avante com o monte de Lij, tomou huma náo de Mouros, que era de Calecut. Eſpedido João da Nova da coſta da India com tantas victorias, e boas venturas, que lhe Deos deo, fez ſua viagem caminho deſte Reyno; e ainda neſte caminho, paſſado o Cabo de Boa Eſperança, teve outra boa fortuna, que lhe deparou Deos huma Ilha mui pequena, a que elle poz nome *Sancta Helena*, em que fez ſua aguada, poſto que da India té alli tinha feito duas, huma em Melinde, outra em Moçambique. A qual Ilha parece que a creou Deos naquelle lugar pera dar vida a quantos homens vem da India; porque depois que foi achada té hoje, todos trabalham de a tomar por terem melhor aguada de toda eſta carreira, ao menos a mais neceſſaria que ſe toma, quando vem da India. E tanto que as náos, que alli vem ter, ſe hão por ſalvas, e navegadas, pola neceſidade, que ellas trazem, polo muito refreſco que nella acham, como adiante veremos, dando razão de quem foi cauſa diſ-

ſo.

ſo. Partido da qual, João da Nova chegou a eſte Reyno a onze de Setembro de quinhentos e dous, onde o ElRey recebeo com grande honra pola muita que elle ganhou como Cavalleiro, e como prudente em os negocios que fez, e acabou.

FIM DO LIVRO V. DA DECADA I.

AÇORES
I do Corvo
I das Flores
Graciosa
I Terceira
I do Pico
I de S. Miguel
I S. Maria
Porto Santo
I da Madeira
CANARIAS
Palma
I do Ferro
C. Bojador
C. Finisterre
Porto
LISBOA
C. de S. Vicente
PORTUGAL
ESPANHA
Madrid
FRANÇA
Genova
ITALIA
Roma
Napoles
TURQUIA EUROPEA
MAR NEGRO
Constantinopla
MAR MEDITERRANEO
Majorca
Sardenha
Sicilia
Malta
Morea
Candia
Chipre
Tunes
Argel
Oran
Tanjer
Salé
Massagaõ
Mogador
Tripoli
Alexandria
Cairo
EGYPTO
SIRIA
TERRA SANTA
PERSIA
ARABIA DESERTA
MAR PERSICO
Ormus
Medina
Meka
Mascate
Calaiate
Rosalgate
ARABIA FELIS
MAR ROXO
Zabid
Moka
Adem
Curiamuria
Dofar
C. Fartaque
I. Socotorá
I. Bedalcuria
Babelmandel
C. Guardafu
Enseada Bella
Zeila
C. delgado
R.no DE MARROCO
TROPICO DE CANCER
ZARA
R. do Ouro
C. Branco
ILHAS DE CABO VERDE
I. de S. Antão
I. de S. Nicolao
I. de S. Luzia
I. do Sal
I. da Boavista
I. Santiago
I. Brava
Fogo
C. Verde
NUBIA
NIGRITIA ou ETHIOPIA INFERIOR
AFRICA
REINO DE MANDINGA
Bissao
Costa da Malagueta
GUINEA
C. S. Anna
R.no DE BENIN
ABISSINIA
ETHIOPIA SUPERIOR
S. Jorge da Mina
C. das Palmas
C. das 3 Pontas
C. Formoso
I. de Fernaõ do Pó
I. do Principe
I. de S. Thomé
LINHA EQUINOCTIAL
MERIDIANO PRIMEIRO
Mogadaxo
Brava
Juba
C. de Lopo Gonçalves
I. do Anno bom
C. S. Catharina
I. de S. Matheus
I. de Ferno. de Noronha
Melinde
Mombaça
Pemba
Zanguebar
Monfia
Quiloa
ZANGUEBAR
CONGO
LOANDA
R.no DE ANGOLA
BENGUELA
CAFRARIA
I. da Asceçaõ Maior
C. Delgado
Ilhas de Comora
C. de Natal
Mozambique
Jaga Caconda
I. de S. Elena
C. Negro
Golfo frio
I.as de Martim Vas
I. da Ascençaõ Menor
Golfo de Sofala
MONOMOTAPA
C. de S. Sebastiaõ
I. MADAGASCAR
I. de Bourbon
I. de França
TROPICO DE CAPRICORNIO
I. dos Picos
Angra do Ilheo
C. Rostro da Pedra
Golfo de S. Thomé
Angra pequena
C. das Voltas
C. das Correntes
Bahia de S. Agost.o
B. de S. Louro.
C. de S. Romaõ
Banco da Estrella
C. da Pescaria
Porto de S. Luzia
I. de Saxemburg
Bahia de S. Elena
B. de Saldanha
C. da Boa Esperança
R. do Infante
Penedo das Fontes
Bahia Formoza
Banco das Agulhas
I.as de Tristaõ da Cunha
Barros No Fim do T. I. P. I